

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Melissa Noal da Silveira

**UMA TESE-FORMAÇÃO? MÍSTICA, FRATERNURAS E UTOPIAS DA
HUMANA DOCÊNCIA FREIREANA**

**Santa Maria, RS
2021**

Melissa Noal da Silveira

**UMA TESE-FORMAÇÃO? MÍSTICA, FRATERNURAS E UTOPIAS DA HUMANA
DOCÊNCIA FREIREANA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Educação.**

Orientador: Prof. Dr. Celso Ilgo Henz
Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Dóris Pires Vargas Bolzan

Santa Maria, RS
2021

Silveira, Melissa Noal da
Uma tese-formação? mística, fraternuras e utopias da
humana docência freireana / Melissa Noal da Silveira.-
2021.
216 p.; 30 cm

Orientador: Celso Ilgo Henz
Coorientadora: Dóris Pires Vargas Bolzan
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2021

1. Mística 2. Utopia 3. Fraternura 4.
Coauto(trans)formação com professores 5. Humana Docência
Freireana. Círculos Dialógicos Investigativo
auto(trans)formativos I. Henz, Celso Ilgo II. Bolzan,
Dóris Pires Vargas III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

© 2021

Todos os direitos autorais reservados a Melissa Noal da Silveira. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: melissa@ufsm.br

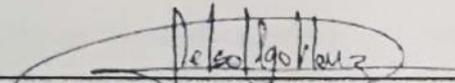
Declaro, MELISSA NOAL DA SILVEIRA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Melissa Noal da Silveira

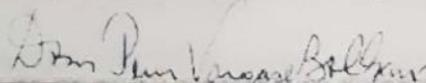
**UMA TESE-FORMAÇÃO? MÍSTICA, FRATERNURAS E UTOPIAS DA
HUMANA DOCÊNCIA FREIREANA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Educação.**

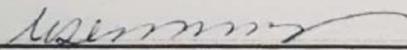
Aprovada em 15 de outubro de 2021:



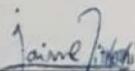
Celso Ilgo Henz, Prof. Dr. (UFSM) – (Videoconferência)
(Presidente/Orientador)



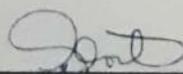
Dóris Pires Vargas Bolzan, Profª. Drª. (UFSM) – (Videoconferência)
(Coorientadora)



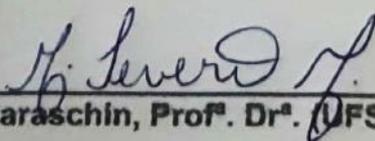
Maria Helena Menna Barreto Abrahão, Profª. Drª. (UFPel)
(Videoconferência)



Jaime José Zitkoski, Prof. Dr. (UFRGS) – (Videoconferência)



Marilene Gabriel Dalla Corte, Profª. Drª. (UFSM) – (Videoconferência)



Mariglei Severo Maraschin, Profª. Drª. (UFSM) – (Videoconferência)

Santa Maria, RS
2021

*Dedico esta tese a
maior força humanizadora de
minha existência, a minha querida filha
Amábil,
contigo, diuturnamente, aprendo
a ser mais humana e, amabilíssimamente,
compreender, contigo, as bonitezas do humano.*

GRATITUDE: UMA ATITUDE DE GRATIDÃO

*Canto a Universidade Pública, gratuita e de qualidade.
Entoo um cântico de gratidão às forças cósmicas que possibilitaram o meu ser estar
aqui nesta tese-formação.*

*Eu canto, louvando à Maria Medianeira de todas as graças, meu eterno obrigada eu
direi.*

*Aos orientamigos Celso e Dóris por cantarem a boa nova comigo.
Um abreijo a Balduino, o homem-menino instaurador da revolução do amor.
Aos amigos Gomercindo, Felipe, Humberto, Celso e Baldô, pela solidária
coparticipação como pessoas da e na pesquisa; coautores em fraternuras.
Graças dou ao Marcos e a Amábile, presenças humanas intensamente amorosas
que me fizeram-fazem ser mais, mais no amor e na genteidade.
Ao Sérgio e à Lizete, meus pais, grata pela vida e pela intensa presença até sempre.
Gratidão à banca, rigorosa e humanizadora: Maria Helena, Jaime, Marilene, Mariglei,
Valeska e Ana Carla.*

*À Larissa amiga-irmã que acendeu em mim a chama da busca.
Grata por essa tese-formação ter escolhido a mim para dialogar em comunhão.*

*Canto, sonho e luto em sinfonia com Paulo Freire, vivo.
Gratidão aos milhares de professores e professoras por continuarem lutando, e
pelas pessoas que anseiam um mundo em que seja menos difícil amar.*

Com carinho... Melissa

RESUMO

UMA TESE-FORMAÇÃO? MÍSTICA, FRATERNURAS E UTOPIAS DA HUMANA DOCÊNCIA FREIREANA

AUTORA: Melissa Noal da Silveira
ORIENTADOR: Prof. Dr. Celso Ilgo Henz
COORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Dóris Pires Vargas Bolzan

Esta tese de doutorado insere-se na Linha de Pesquisa-Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Através e com esta investigação, buscamos compreender e re-significar com os professores de outros professores, coauto(trans)formação, suas práxis e memórias tendo a mística, as utopias e as fraternuras como possíveis potencializadoras para ação-reflexão-ação. Assim, tensionamos responder ao seguinte problema de pesquisa: quais as manifestações dos professores coauto(trans)formadores ao reconhecerem a mística, as utopias e as fraternuras da humana docência freireana com uma tese-formação? Metodologicamente, este estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-auto(trans)formação, em que os coautores são as pessoas da e na pesquisa, constituindo-se, assim, a ruptura da dicotomia sujeito-objeto. A abordagem político-metodológica estará inserida em três perspectivas, a primeira a “não coisificação” tanto da pesquisa como das pessoas; a segunda confere a palavra como promotora de possibilidades e a terceira perspectiva, a interpretação hermenêutica em que o diálogo-problematizador instaura novas constituições interpretativas. O constructo da pesquisa se deu por meio dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos realizados de forma virtual. Realizamos oito (8) encontros em que os coautores, o professor Balduino Antonio Andreola, três (3) de seus ex-orientandos de doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos idos dos anos 2000-2002 e, ainda, o orientador-participante e a pesquisadora-coordenadora foram as pessoas de e na pesquisa. Os coautores, atualmente, ou estão aposentados ou orientaram-orientam outros professores nos programas de pós-graduação nas instituições em que atuam-atuavam. Os encontros se deram a fim de dialogar acerca de suas trajetórias formativas e a possível influência da mística e da utopia nas fraternuras da humana docência freireana, tendo a própria participação na pesquisa e, portanto, na tese como processualidades formativas. Os Círculos de Cultura (FREIRE, 2017) e a Pesquisa-formação (JOSSO 2004, 2010) são os inspiradores dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos, proposta em que o grupo *Dialogus: educação, formação e humanização com Paulo Freire* (UFSM), busca uma reinvenção político-metodológica. As epistemologias desta pesquisa tiveram como aporte central as reflexões de Paulo Freire em diálogo com outros autores, a fim de se aprofundar nas temáticas de educação, docência, práxis, mística, utopia e fraternura. O resgate conceitual se deu com autores e autoras cujos diálogos se fizeram não só possíveis como profícuos; Boal (2014), Gadamer (2000, 2015), Josso (2004, 2010, 2016), Henz e Freitas (2015), Santos (2019, 2021), Andreola (2005, 2014, 2019), Boff (1999), Jesus (1992), Silveira (2017) e outros. A relevância acadêmica desta pesquisa se insere na perspectiva do diálogo que problematiza a práxis, a memória, os fenômenos que atuam na formação docente de professores coauto(trans)formadores e as influências da utopia e da mística nesta construção fraterna e carregada de ternura. Assim, dá-se a ação-reflexão-ação nas práxis de e para uma nova educação e um novo mundo possíveis em que as pessoas se reconhecem e se constituem em permanente processo de humanização. Os constructos de pesquisa possibilitaram a compreensão e interpretação dos fenômenos na perspectiva em que dez dimensões dialogaram na constituição tese-formação: bola de sabão, *qualquerquasequando*, grão de areia e equinócio, janela, jardim, amigadas atuantes, a alegria e o riso, várzea, consciência planetária e *ultimeiro*. O *Construturário* dialogado desta tese-formação desvelou que a humana docência freireana é feita com pessoas em engajamento sócio-afetivo-político com as fraternuras, reconhecendo-se na mística da com-gregação humana e em lutas encharcadas de utopias para um mundo, pela docência... em que “seja menos difícil amar” (FREIRE, 2017).

Palavras-chave: Mística. Utopia. Fraternura. Coauto(trans)formação com professores. Humana Docência Freireana. Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos.

ABSTRACT

FORMATION THESIS? MYSTIC, FRATERNITY, AND HUMAN UTOPIAS OF FREIREAN TEACHING

AUTHOR: MELISSA NOAL DA SILVEIRA
ADVISOR: PROF. DR. CELSO ILGO HENZ
COADVISOR: PROF. DR. DÓRIS PIRES VARGAS BOLZAN

This Ph.D. thesis is in the line of Research and Teaching, Knowledge and Development of the Federal University of Santa Maria/RS. By and with this investigation, we aim to understand and resignify with professors of other professors' and teachers' co-self(trans)formation, its praxis, and memories, considering mystiques, utopias, and fraternity as possible boosting to the action-reflection-action. Thus, we tension to answer the following research problem: what are the manifestations of co-self(trans)formative professors when they recognize the mystique, the utopias, and the fraternity of the human Freirean teaching with a formation thesis? Methodologically, this study is based on a qualitative approach as a self (trans)formation research in which the coauthors are the subjects in the research, which constitutes a rupture of the dichotomy subject/object. The political methodological approach is inserted in three perspectives, the first is the "non-objectification", regarding both research and people, the second confers the word as a promoter of possibilities and the third perspective is the hermeneutical interpretation in which the problematizing-dialogue establishes new interpretative constitutions. The construct of the research was created by Investigative Self (trans) Formative Dialogical Circles carried out online. We held eight (8) meetings in which the coauthors, professor Balduino Antonio Andreola, three (3) of his Ph.D. co-advisees during 2000-2002 at the Federal University of Rio Grande do Sul, the participant-advisor and the researcher-coordinator were the people of and in the research. Nowadays, the coauthors are retired or advise(d) other professors in the post-graduation programs in the institutions they act(ed). The meetings were held to talk about their formation's paths and the possible influence of the mystique and the utopia in the fraternity of the Freirean human teaching, having their participation in the research and, therefore, in the thesis as formative procedures. The Circles of Culture (FREIRE, 2017) and the Formation-Research (JOSSO 2004, 2010) are the inspiration of the Investigative Self (trans) Formative Dialogical Circles, a propose in which the group *Dialogus: education, formation, and humanization with Paulo Freire* (UFSM), seeks for a political-methodological reinvention. The epistemology of this research had as central approach the reflections of Paulo Freire in dialogue with other authors to deepen in the education, teaching, praxis, mystique, and fraternity themes. The conceptual rescue was organized by authors whose dialogues were not only possible but also fruitful; Boal (2014), Gadamer (2000, 2015), Josso (2004, 2010, 2016), Henz and Freitas (2015), Santos (2019, 2021), Andreola (2005, 2014, 2019), Boff (1999), Jesus (1992), Silveira (2017) and others. The academic relevance of this research was inserted in the perspective of the dialogue that problematizes the praxis, the memory, and the phenomena that act in teaching formation of co-self(trans)formatives professors and the influences of utopia and mystique in this fraternal construction and full of tenderness. Thus, it was noticed the action-reflection-action in the praxis of and for a possible new education and a possible new world where people recognize and constitute themselves in a permanent process of humanization. The research constructors enabled the comprehension and interpretation of the phenomena in the perspective in which ten dimensions dialogued in the constitution of the thesis-formation: soap bubble, *anyalmostwhen*, grain of sand and equinox, window, garden, acting friendships, happiness and laugh, meadow, planetary awareness, and *lastness*. The dialogued *Constructuary* of this thesis-formation exhibit that Freirean human teaching is performed by people in social-affective-political engagement with fraternity, recognizing themselves in the mystiques of the human congregation and in fights soaked of utopias for a world, for teaching... in where "it is less difficult to love" (FREIRE, 2017).

Keywords: Mystique. Utopia. Fraternity. Co/self(trans)formation with teachers. Human. Freirean Teaching. Investigative self (trans) Formative Dialogical Circles.

LISTA DE SIGLAS

ABDTD	Banco de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEB's	Comunidades Eclesiais de Base
CMI	Conselho Mundial de Igrejas
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
IDAC	Instituto de Ação Cultural
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional à Educação de Jovens e Adultos
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1	RE-DES-CONSTRUINDO CAMINHOS: UMA TESE-FORMAÇÃO	17
1.1	INSERÇÃO TEMÁTICA: O ESTADO DO CONHECIMENTO E A BUSCA PELO INÉDITO-VIÁVEL INVESTIGATIVO	23
1.2	ESPAÇOS-TEMPO TEXTUAIS... EM FORMAÇÃO.....	31
2	VIVÊNCIAS AUTO(TRANS)FORMATIVAS – UMA NARRATIVA MISTIÇA DE MIM MESMA	33
3	DES-RE-VELANDO TRAJETÓRIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS: SULEANDO A PESQUISA	53
3.1	BALDUÍNO ANTONIO ANDREOLA: UMA AMIZADE PROFUNDA DE ESPERANÇA	55
3.2	UTOPIA UR-GENTE	59
3.3	DE <i>NENHURES</i> PARA <i>ALGURES</i> POSSÍVEIS.....	62
3.4	O HUMANO DA HUMANA DOCÊNCIA: UM REENCONTRO OU UMA INVENÇÃO?.....	70
3.5	OUTRA EDUCAÇÃO E OUTRO MUNDO POSSÍVEIS.....	73
3.6	A FORMAÇÃO DE PROFESSORES OU COAUTO(TRANS)FORMAÇÃO COM PROFESSORES?	77
3.7	SOBRE A MÍSTICA: COMPROMISSO CÓSMICO FRATERO.....	80
4	CABE A VOCÊS INVENTAREM NOVAS METODOLOGIAS	89
4.1	CÍRCULOS DIALÓGICOS INVESTIGATIVO-AUTO(TRANS)FORMATIVOS: RE-INVENÇÕES ENTRE OS <i>CÍRCULOS DE CULTURA</i> E A <i>PESQUISA-FORMAÇÃO</i>	98
4.2	CÍRCULOS DIALÓGICOS: AMBIÊNCIA DE PESQUISA COAUTO(TRANS)FORMAÇÃO EM MOVIMENTO.....	104
4.2.1	Escuta Sensível e Olhar Aguçado	107
4.2.2	Descoberta do Inacabamento	108
4.2.3	Conscientização	110
4.2.4	Emersão-imersão das/nas temáticas	111
4.2.5	Auto(trans)formação	112
4.2.6	Registro re-criativo	113
4.2.7	Distanciamento-desvelamento da realidade	114
4.3	PESSOAS DA PESQUISA NA PERSPECTIVA DA FRATERNIDADE-TERNURA DA CONGREGAÇÃO SOLIDÁRIA.....	116
4.4	CÍRCULOS DIALÓGICOS E TESE-FORMAÇÃO: DIALOGIAS PARA ALÉM DO MÉTODO	123
5	CONSTRUCTURÁRIOS DIALOGADOS DE UMA TESE-FORMAÇÃO	135
5.1	CÍRCULOS DIALÓGICOS: DIMENSÃO BOLA DE SABÃO	137
5.2	<i>QUALQUERQUASEQUANDO</i> : A DIMENSÃO DA POESIA INTERPRETATIVA.....	141
5.3	GRÃO DE AREIA E EQUINÓCIO: DIMENSÕES DEMOCRÁTICAS DE HUMANIZAÇÃO	146
5.4	DIMENSÃO JANELA: A UTOPIA DA COMUNHÃO COMO ABERTURA DE LUZ.....	155
5.5	DIMENSÕES CÓSMICAS: O JARDIM DA MÍSTICA NO RE-LIGAR DO SER	161

5.6	COAUTO(TRANS)FORMAÇÃO: DIMENSÃO DOS LAÇOS NA CONGREGAÇÃO DE AMIZADES ATUANTES.....	165
5.7	FRATERNURAS: A DIMENSÃO DA ALEGRIA E DO RISO COMO RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS.....	174
5.8	TESE-FORMAÇÃO: DIMENSÃO VÁRZEA	179
5.9	DIMENSÃO CONSCIÊNCIA HISTÓRICA PLANETÁRIA: AS (DES)ESPERANÇAS E AS (DES)HUMANIDADES	183
5.10	DIMENSÃO DO <i>ULTIMEIRO</i> : TESTEMUNHA DO DEVIR E DO ESPERANÇAR	190
6	RETICÊNCIAS... BORBOLETRAS.....	195
	REFERÊNCIAS	203
	APÊNDICE	211
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	213

1 RE-DES-CONSTRUINDO CAMINHOS: UMA TESE-FORMAÇÃO

Sentindo que a violência não dobraria o operário, um dia tentou o patrão dobrá-lo de modo vário. De sorte que o foi levando ao alto da construção, e num momento de tempo mostrou-lhe toda a região. E apontando-a ao operário fez-lhe esta declaração:

– Dar-te-ei todo esse poder e a sua satisfação porque a mim me foi entregue e dou-o a quem bem quiser [...] Portanto, tudo o que vês será teu se me adorares e, ainda mais, se abandonares o que te faz dizer não [...].

Um silêncio de torturas e gritos de maldição, um silêncio de fraturas a se arrastarem no chão. E o operário ouviu a voz de todos os seus irmãos, os seus irmãos que morreram por outros que viverão. Uma esperança sincera cresceu no seu coração e dentro da tarde mansa agigantou-se a razão de um homem pobre e esquecido, razão, porém que fizera em operário construído, o operário em construção.

Vinícius de Moraes

Ao apresentar esta tese-formação¹ faço uma tentativa de distanciar-me da efervescência das minhas experiências impregnada nesta metalinguagem em que memórias e vivências se constituem pesquisa. E reconheço como as aprendizagens nos transformam e que ao trazer a memória de si/nós, cores mais nítidas emergem naquilo que me/nos auto(trans)forma(m) em comunhão com nós mesmos, com os outros, com o mundo e com o cosmos. Perspectivas que unidos a Paulo Freire, comungamos junto às reflexões acerca do humano, da(s) narrativa(s) e da consciência crítica da realidade e que, eu/nós², agora rememoro/rememoramos como processo reflexivo para uma tese. A pesquisa com professores coauto(trans)formadores é o tecido que o fio do diálogo constrói, por vezes se faz na mágica relação com bolas de sabão, n'outras no entendimento do coletivo do grão de areia que nós somos, ou as janelas que abrimos ao outro, sejam pessoas ou

¹ A perspectiva de realizar uma tese-formação se dá na constituição em que a própria tese, sua leitura, sua viabilização no campo educacional se filia ao conceito de que a formação humana é um permanente vir a ser, quer dizer inacabada, em movimento. Assim esta tese também se insere neste lugar de ciranda, de círculo em processualidade de e para a coauto(trans)formação com intenção de sempre novas re-descobertas.

² Haverá variação entre primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural quando se fizer pertinente. O uso de linguagem impessoal não é uma pretensão desta tese uma vez que ela se oporia justamente as ideias aqui defendidas.

perspectivas epistemológicas. E, ainda, o jardim místico do conhecimento ou a várzea, como o futebol em um campo possível que não nos impede de seguir jogando, e, interrompendo o diálogo para seguirmos em muitas e várias dimensões, o próprio último como possibilidade de vir. Assim, esta tese-formação se une ao cosmos em suas infinitas relações denúncia-luta anúncio-poesia.

Ao iniciar esta construção explicitamos uma urgente e necessária condição que é o *não* como opção, *nãos* que justificam o porquê de se pensar e, logo, de se viver, a constituição como possibilidade de outros *sins...*, assim, o que pretendemos com esta tese-formação, é que ela permaneça como “fermento e sal” para futuras pesquisas. E que as questões aqui problematizadas sejam, em um tempo breve, superadas vislumbrando o esperar que subverte o destino fatal e que de algum modo ela possa nos fazer refletir sobre como nós, mulheres e homens, ou humanizamos ou desumanizamos o mundo. Ou melhor... gostaríamos mesmo que acontecesse com esta tese aquilo que aconteceu com o quadro do rosto do Betinho³, feito por Siron Franco com grãos de sementes e que foi doado ao Ibase⁴ (SOUZA, 2001). Depois de algum tempo o quadro começou a germinar. Talvez eu/nós também queira/queiramos, nesta linda e extraordinária analogia, brotar, florescer. E, junto a autores e autoras, o eu pesquisadora-coordenadora, os coautores desta pesquisa, ao orientador-participante e à coorientadora, frutificar naquilo que semeamos.

Em um primeiro momento, pode parecer uma redundância pensar em humanização e docência, ou como será-é tratado ao longo desta tese: “humana docência”, visto que apenas os seres humanos são dotados de possibilidades de conhecer, aprender e saber. E se só seres humanos são capazes de processos de ensino-aprendizagem como eu/nós poderia/poderíamos problematizar algo justamente tão óbvio (ARROYO, 2013). Talvez assim o fosse, mas o fato de tornarmos este diálogo uma hermenêutica freireana, cujo compromisso reside justamente no anúncio da possibilidade de se pensar a pessoa desde “o problema de sua humanização” (FREIRE, 2017, p. 39).

Assim, também, como afirma John Dewey (1959) que apenas o ser humano é capaz de transmitir a seus descendentes o patrimônio cultural acumulado

³ Herbert de Souza, sociólogo brasileiro, conhecido como Betinho, lutou contra as mazelas da fome no Brasil, viveu os infortúnios do exílio.

⁴ Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas – Ibase.

coletivamente ao longo de gerações, sendo, portanto, a educação um recurso eminentemente humano.

Inclusive as obviedades são relativas, quando falamos entre “iguais” infere-se um entendimento comum, mas ocorre que não estamos propondo um diálogo entre iguais, mas entre diferentes, não antagônicos, entre entes que historicamente foram esquecidos, silenciados, sejam eles coautores, autores, conceitos, metodologias, chegando ao ponto de questionamento daquilo que conhecemos. Ou sobre o que é luz de conhecimento cujas sombras (sombria), muitas vezes, são as mais intencionais.

Dessa forma, propomos a multiversidade contrapondo a universidade, a polifonia que borra as fronteiras de monocultura, o pluriverso que não admite apenas universo ou monoverso. E que vai além de dicotomias e insere um terceiro lugar... o lugar que ainda não existe, mas que está em formação-construção, que não é estático, que não vislumbra um fim em si mesmo; seria este o conceito de utopia? Ao invés de um não lugar ou um destino ideal, a própria utopia não seria uma possibilidade de reinvenção? E, talvez, também, a mística não seria um modo de ver o que ocultamos dia a dia, como possível? A fraternidade e a ternura, fraternura⁵, não seria o próprio lugar do humano?

Dessa forma, reconhecemos a existência de um terceiro lugar que rompe com o instituído tanto teórico como metodológico, que sai da região eurocêntrica do saber e se desloca para além do geográfico e questiona as próprias fronteiras do pensar, do conhecer-saber e, portanto, do ser. O próprio diálogo se constitui como viabilidade de ruptura entre a condição opressor-oprimido e se faz outro, outro possível com comprometimento com e pelo o humano.

Guimarães Rosa (1994), no conto *A terceira Margem do Rio*, que é considerado uma de suas obras mais conhecidas e importantes, convida seus

⁵ A primeira vez que aparece a palavra fraternura, na literatura em língua portuguesa, é no livro *Tutaméia* (1967), de Guimarães Rosa, último livro do autor. A própria palavra *tutaméia* (tudo a meia, quase nada) é um neologismo. A construção se constitui no composto chamado amálgama ou aglutinação em que as palavras se juntam para formar outras e carregar consigo, em soma, ambas as significações. A construção linguística por meio de neologismo na ideia da invenção pitoresca, reflexiva e intencional de fazer re-pensar a própria língua. Assim, a palavra *fraternura* se faz; porém nesta tese-formação vamos empregar a palavra *fraternura* muito naquilo que avança na relação da libertação e da transcendência do ser, constituição em que Leonardo Boff e Eduardo Galeano fazem referência ao compromisso cósmico entre todos os entes do universo como engajamento político. No entanto, nenhum dos autores citados tece um conceito explícito do neologismo. Portanto, nesta tese-formação a soma dos significados de fraternidade e ternura serão os entendidos na perspectiva *fraternura*. Outro autor que se utiliza deste neologismo é Hugo Assmann.

leitores a uma grande reflexão acerca da incompletude humana⁶. A tríade promove a ruptura com as margens conhecidas de um rio, direita e esquerda, ao estabelecer o terceiro elemento, insere a ideia do símbolo que rompe com a perspectiva dual que pressupõe a desobjetificação do próprio objeto. Ou seja, a terceira margem é o próprio homem, que pode ser o próprio rio ou ainda as suas margens refletidas em si, o homem que para além de corpo e alma é, também, devaneio, sonho e utopia. Assim que para existir o céu e a terra há que existir o que, ou quem experencie céu e terra.

Esta tese-formação tem urgência, tem ânsia de existir, não necessariamente pressa, mas um comprometimento com a denúncia e anúncio (FREIRE, 1997, 2017). Nasce de inquietações sobre (in)justiça econômico-social, humana docência, saberes, sensibilidades, mística e auto(trans)formação que utopicamente pensam um outro mundo possível que aqui terá como contexto investigativo a educação, e especificamente o diálogo com professores coauto(trans)formadores⁷.

A ambiência político-epistemológica⁸ desta tese-formação, assim como os Círculos de Cultura com Paulo Freire (2017) e as Rodas de Conversa de Pesquisa-Formação com Marie Christine Josso (2010), propõe não somente o contestatório, mas também o propositivo auto(trans)formativo. Com isso, buscamos reconhecer um movimento cooperativo em que o vínculo entre as pessoas supere as dicotomias e a perversa condição em que mulheres e homens são coisificados-objetificados, reduzindo sua condição humana (FANON, 1961; FREIRE, 2017). O esforço em comungar perspectivas pelo diálogo para que sejamos capazes de um movimento rumo à auto(trans)formação através de redes solidárias, participativas e, portanto, horizontais foi o intuito dos Círculos Dialógicos investigativo-auto(trans)formativos desta tese-formação

⁶ Essa perspectiva será retomada e aprofundada no capítulo 3.

⁷ Partindo do reconhecimento de que “ninguém educa ninguém, mas os homens se educam em comunhão mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2017), entendemos, também, que ninguém forma a ninguém. Professores que trabalham como docentes com outros, futuros e atuais professores, não estão em uma práxis de formação sobre eles; são, tanto de graduandos como de pós-graduandos, seus **coauto(trans)formadores**, reconhecendo que a constituição da professoralidade sempre é um conjunto de processos em que a autoria e autonomia residem em cada pessoa, cuja perspectiva encontra na dialogicidade e intersubjetividade seu aporte, também acadêmico.

⁸ A ambiência político-metodológica é o espaço-tempo em que a investigação se torna ação nos Círculos Dialógicos. O meio ambiente, ou ambiência, que promove ação-reflexão-ação são espaços forjados na luta para reinventar possibilidades e construir novas perspectivas no campo da educação.

Neste panorama, buscamos, ainda, o diálogo com outros conceitos, outros autores que não necessariamente tenham rompido com o norte colonial, mas que inserem novas possibilidades de, também, ser-pensar-agir, “apesar de recorrerem à dicotomia norte-sul, as epistemologias do Sul não são simetricamente opostas às epistemologias do norte no sentido de oporem um conhecimento válido exclusivo a um outro” (SANTOS, 2019, p. 11).

Nas histórias da filosofia e da pedagogia, em geral, absolutizaram-se as origens greco-romanas do pensamento ocidental, esquecendo-se, ou oportunamente silenciando as tantas outras origens e dimensões vivas e pungentes. Sejam elas africanas, árabes, latino-americanas, ameríndias, orientais e tantas ou mais que sequer sabemos nomeá-las tamanho nosso desconhecimento epistemológico frente a outras ou novas ou diferentes crenças, valores e concepções que compõem a vida humana, e, por conseguinte, a própria ciência.

Dessa forma, instaurar novas possibilidades se faz como compromisso político que o conhecimento tem, ou deveria ter. A exemplo das Epistemologias do Sul uma vez que “a política dominante torna-se epistemológica quando é capaz de defender ativamente que o único conhecimento válido que existe é aquele que ratifica a sua própria supremacia” (SANTOS, 2019, p. 7).

O desafio que se apresenta como inédito e relevante nos leva a pensarmos a educação e a pedagogia a partir de outros olhares, outros horizontes de utopia, de esperança, de sonho e mística em um mundo que evoluiu para caminhos sombrios de uma anti-civilização da barbárie (ANDREOLA, 2019; SANTOS, 2019). Assim, esta tese-formação intenciona a pesquisa social em educação comprometida com um novo projeto de sociedade e solidariedade humana, na mística, nas utopias e nas fraternuras ativas das *Amizades Atuantes* (MOUNIER, 2004).

Assim, esta tese que é uma atividade narrativo-argumentativa acadêmica que se diz, também, uma tese-formação, em que ao fazer-se se faz a si e os que dela participam. E vai além, na busca que se expande, ao convidar o leitor a deslocar-se da leitura passiva de consumo de um possível conhecimento e é convidado a pensar em comunhão e, talvez, reinventar suas práticas que, por serem humanas, também podem ser docentes. Sendo assim, a tese-formação nasce das inquietações e das percepções que entendemos com e na práxis do nosso ser humano que se reconhece em suas várias e infinitas dimensões, inclusive, docente. Cujos temas são:

Professores coauto(trans)formadores que reconhecem a mística, as utopias e as fraternuras da humana docência freireana.

Esta pesquisa se adere a três campos de pertinência como contribuição científica quer seja: social-pessoal, profissional e acadêmica.

A pertinência social-pessoal se dá pelo fato de que na trajetória da minha vida tanto na escola confessional de ensino fundamental, disciplinadora, como na escola pública de ensino médio, plural (em vários sentidos), pude vivenciar como estudante as bonitezas de se estar na escola bem como os condicionamentos de silenciamento e invisibilidade, próprias de cada uma a seu tempo. Essas vivências viriam a marcar profundamente meu ser no mundo⁹, até o momento de eu querer dizer a minha palavra na Pastoral da Juventude, nas Comunidades Eclesiais de Base, na Universidade, na Escola; como professora; e na Pós-graduação como doutoranda. Como se dá (ou não) a humana docência ou como a docência muitas vezes está a serviço das desumanizações em um mundo comandado pela lógica do capital. Nessa perspectiva, a presença do professor Balduino Antonio Andreola nos mobiliza a seguir ao seu lado e com ele buscarmos novas trilhas de humanização. Eis o que me/nos mobiliza na inteireza do meu/nosso sentir-pensar-agir nesta investigação.

No âmbito profissional esta tese se insere na problematização daquilo que se faz em nome da educação. Como nos desafia Paulo Freire quando conceitua a educação bancária em que se espera que a escola deposite saberes sobre os alunos¹⁰, e no dia da prova, da avaliação esse saber seja devolvido e que o professor dê uma nota, um valor. E, assim, tudo passa pelo crivo da mercadoria, quer seja o aluno, quer seja o professor e, conseqüentemente, a escola e a sociedade.

No campo acadêmico-científico, esta pesquisa busca dialogar com professores coauto(trans)formadores que são contra-hegemônicos e que lutam por uma educação diversa, plural e que no e pelo diálogo não só se faz pesquisa, mas, antes, propõe-se ao exercício da própria humanidade refletida na ação docente. Dessa forma, a investigação está inserida na Linha de Pesquisa Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS.

⁹ Aprofundarei no memorial, capítulo 2, as vivências que me levam a constituir esta tese- formação.

¹⁰ Assim é considerado o educando na educação bancária “aluno”, ser sem lume, sem luz.

PROBLEMA: quais as manifestações dos professores coauto(trans)formadores ao reconhecerem a mística, as utopias e as fraternuras da humana docência freireana com uma tese-formação?

OBJETIVO GERAL: compreender as manifestações dos professores coauto(trans)formadores ao reconhecerem a mística, as utopias, e as fraternuras da/na humana docência freireana com uma tese-formação.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

1º Dialogar crítico-epistemologicamente com professores coauto(trans)formadores sobre sua auto(trans)formação permanente na mística, nas fraternuras e nas utopias da humana docência freireana.

2º Re-ad-mirar testemunhos de experiências da humana docência freireana nas suas auto(trans)formações permanentes em uma tese-formação.

3º Interpretar narrativas dos professores coauto(trans)formadores sobre a mística, as fraternuras e as utopias que se entrelaçam nas práxis de humana docência nos processos de uma pesquisa-auto(trans)formação.

Com isso, é necessário buscar outras vozes que entoaram cantos em que melodias muito se aproximaram ou se afastaram desta tese-formação. O Estado do Conhecimento mobiliza perspectivas de se re-conhecer os caminhos já andados e, portanto, importantes para sulear novas trajetórias investigativas.

1.1 INSERÇÃO TEMÁTICA: O ESTADO DO CONHECIMENTO E A BUSCA PELO INÉDITO-VIÁVEL INVESTIGATIVO

Toda a tese antes de ser um trabalho acadêmico é uma atividade humana.

Emmanuel Mounier

Como a pesquisa está inserida no contexto do conhecimento acadêmico, o lugar que ocupa o problema de investigação no *zeitgeist*¹¹ contemporâneo é o papel

¹¹ Zeitgeist é um termo alemão que significa espírito da época.

do Estado do Conhecimento. O entendimento de como se estabelece a pertinência e o ineditismo da pesquisa se dá, também, pelo conhecimento daquilo que já foi investigado, como foi abordado e quais constructos estabeleceu para o avanço científico.

Dessa forma, buscamos, no repositório de teses, BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações; pelos descritores da pesquisa, que são as palavras-chave, entre aspas para que a construção conceitual estivesse estabelecida antes de palavra por palavra. Assim, a busca se deu com os seguintes descritores: “mística”; “utopia”; “coauto(trans)formação com professores”; “humana docência”, “círculos dialógicos investigativo-auto(trans)formativos” e “fraternura”. Elegemos a busca em teses de língua portuguesa entre os anos 2015 a 2021.

Para o conceito “**mística**”; foram encontrados 107 resultados. As teses cujo conceito de mística se aproxima ao desta tese-formação, no sentido de uma mística cósmico-fraterno-espiritual, são as que seguem:

- **Religiosidade e mística no movimento de mulheres agricultoras de Santo Cristo/RS: um processo de constituição de identidades por meio da educação popular** de autoria de Líri Angela Andrioli. A proposta investigativa propõe “aprofundar os estudos acerca das mulheres na sociedade, ao mesmo tempo em que remete a uma realidade particular” (ANDRIOLI, 2016, p. 15). Esta pesquisa se aproxima ao referendar a mística na perspectiva religiosa-transcendental bem como a utilização de referenciais teóricos muito próximos como Leonardo Boff e Paulo Freire; e se distancia no sentido de trazer como foco investigativo o papel da religiosidade para o que vai chamar de “empoderamento” feminino com mulheres agricultoras.

- **Comissão pastoral da terra: agroecologia e simbologia político-religiosa no norte de Minas Gerais e no Rio Grande do Sul** de autoria de Silvana Maria Ferreira, Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (2005), vai tratar das questões entre religiosidade e mística. “A mística na igreja dos pobres” (p. 33). A pesquisa se localiza na perspectiva de se pensar a fraternidade entre as pessoas e sua relação com o meio ambiente, as estruturas político-religiosas que existem na agroecologia.

Este estudo se aproxima desta tese no sentido de se pensar a mística como fraternidade global e se distancia pela inserção da temática no campo teológico-agroecológico.

- **Ciência do sagrado na Amazônia. Encontros entre a tradição e modernidade nas práticas de pajelanças e religiões afro-brasileiras** de autoria de Ana Lídia Cardoso do Nascimento, 2018, faz parte do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, da Universidade Federal do Pará. “O objetivo instalado com esta tese é no sentido de estudar a viabilidade da existência da ciência do sagrado, em práticas religiosas como as religiões afrobrasileira, umbanda e tambor de mina, pajelança indígena e cabocla” (NASCIMENTO, 2018, p. 20). A aproximação de ambos os estudos está na perspectiva de se considerar a mística como viabilidade humana, com abertura de vivência cósmica. A construção da re-significação da religiosidade em que a mística e a ciência do sagrado se tornam contraponto ao que se convencionou chamar religião. O distanciamento está na relação entre mística e religiosidade em um panorama de se investigar o sobrenatural no sagrado amazônico e nesta tese-formação, a ideia é de uma mística fraterno-cósmica refletida também no processo educacional.

- **O sujeito da educação: possibilidades formativas da racionalidade (auto)biográfica.** Tese de autoria de Júlia Guimarães Neves, no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Pelotas, 2019. Que tem com problema de pesquisa: “qual a contribuição do método (auto)biográfico à compreensão de sujeito da educação para além da racionalidade moderna?” A aproximação com este nosso estudo se dá na perspectiva de se pensar a dialogicidade nos processos formativos “que transitam entre o científico e o místico”, e se distancia por tratar da racionalidade moderna e racionalidade (auto)biográfica.

Para o conceito de “**utopia**” foram encontrados 182 resultados.

Destes, oito (8) se aproximam desta tese-formação, a perspectiva da utopia como construtora de possibilidades e esperanças, como possibilidades viáveis.

- **A competitividade na docência do ensino superior: o trabalho coletivo em utopia?** Autoria de Ilciane Maria Sganzerla Breitenbach do Programa de

Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2015. A questão de pesquisa que se instaurou foi: “como os processos competitivos se instalam entre docentes de ensino superior e quais suas repercussões em suas práticas pedagógicas e na sua produtividade?” A pesquisa se aproxima em reconhecer a docência no sentido de ruptura com o modelo dominante na educação superior. Distancia-se na perspectiva de pensar a utopia no sentido de focalizar na competitividade da ação docente no sistema educacional; considera a utopia algo fora de possibilidades alcançáveis.

- **Educação para paz na formação em saúde: diálogos e utopias em Paulo Freire**, o autor Claudio Claudino Silva Filho, do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina (2017), propõe-se a “compreender como os graduandos(as) em saúde, ao longo de seus itinerários formativos, significam/ressignificam¹² a violência, reconhecem/compartilham experiências de aprendizagem para o enfrentamento da violência como prioridade de saúde, por meio de um processo dialógico” (SILVA FILHO, 2017). A formação do profissional em saúde e as violências nesta processualidade é o que difere ambas pesquisas. A aproximação se dá na investigação do reconhecimento da humanização em diálogos e utopias freireanas.

- **Relato etnográfico sobre o Buen Vivir do Equador e do Slow Movement na Itália: “movimentos de resistência” e “utopias concretas” como alternativas ao desenvolvimento** de Carlos Eduardo Panosso, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional da Universidade de Brasília, 2018. O conceito de utopia na perspectiva de novas constituições como forma de inventar possibilidades, ambas as pesquisas estabelecem. Distanciam-se no que se refere ao campo da pedagogia, pois o autor vai desenvolver a pesquisa a partir do que vai chamar de “economia criativa”.

- **Educação artística como possibilidade de experimentação utópica: o caso da Mindelo Escola Internacional de Arte em Cabo Verde**, Denise Perdigão Pereira; Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-graduação em Educação (2016); defende a busca de outras formas do que vai chamar de “ethos do

¹² Grafia da autora.

capitalismo tardio”. Em que a educação artística; na contra-hegemônica pode instaurar novas possibilidades, a utopia na esfera política, social, educativa e cultural. Dessa forma, a pesquisa da investigadora se aproxima da perspectiva de se pensar a utopia como horizonte viável de busca e possibilidades.

- **Caminantes y caminos que se hacen al andar: trajetórias de professoras/es de ensino médio em Cuba.** Esta pesquisa se desenvolve no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Em que Alexander Armando Cordovés Santiesteban, busca “compreender como professoras/es de uma escola de ensino secundário do município de Holguín, província de Holguín - Cuba, constroem as suas trajetórias profissionais, articulando-as com as maneiras em que se tem configurado o Sistema Nacional de Educação cubano”. Dessa forma, a tese se aproxima a nossa investigação ao reconhecer a perspectiva da utopia em que sujeitos “e suas relações com suas próprias utopias [...] a partir das quais se produzem os principais sentidos que organizam as suas trajetórias profissionais”. E se distancia naquilo que a pesquisa com docentes de ensino médio de Cuba, sobretudo, com a metodologia etnográfica, instaurou. Em que ao investigar o contexto social e o comportamento humano em suas significações, o próprio pesquisador está imerso no contexto pesquisado.

- **A luta pela terra em contexto de injustiça agrária: pedagogia de emancipação humana? Experiências de luta da CPT e do MST,** autoria de Gilvander Luis Moreira. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (2017). “A pesquisa aborda a luta pela terra em duas experiências com contextos bem específicos de lutas na relação com os sujeitos coletivos que os acompanham [...] na sua perspectiva de luta pela terra, como luta profética e ocupação” (MOREIRA, 2017). Assim, a perspectiva da utopia, como esperança e sonho na constituição da dignidade humana é o que aproxima ambas as pesquisas. O distanciamento se dá no foco de investigação uma vez que a pesquisa se deu no contexto agrário.

- **Movimentos de (trans)formação na Amazônia legal: a educação em ciências e matemática,** autora Maria da Conceição Gemaque de Matos, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, da Universidade

Federal do Pará, 2015. Este estudo se aproxima com a perspectiva de se pensar a utopia desde a percepção de incompletude humana capaz de promover mudanças e de tornar capaz o ousar e instituir novos significados para a educação. O que distancia é o foco nos sujeitos egressos dos cursos em ciências e matemática. “O objetivo de analisar para compreender em que termos se configuram e se expressam as atitudes, ações e utopias de formadores de professores, egressos dos Programas de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas na Amazônia Legal, que trabalham de forma direta ou indireta no processo de formação de docente” (MATOS, 2015).

- A práxis do viver como epistemologia: o saber sentido da/na escola como forma de emancipação da condição humana no viver na terra, Cláudia Moraes da Costa Vieira vai pesquisar a vida de catadores de material reciclável, destacando que a ecologia humana é reconhecida em diversos contextos. A busca por utopias pela autoeducação, autoconsciência no sentido de reconectar a educação escolar a vida das pessoas, “a importância da escuta dos estudantes pela escola para a constituição de utopias baseadas em superação” (VIEIRA, 2016), é o que aproxima a perspectiva de utopia defendida na nossa pesquisa. O distanciamento se dá na escuta de sujeitos que na tese de Vieira será de discentes e nossa pesquisa se deu com pessoas coauto(trans)formadoras. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, programa de pós-graduação em Educação, 2016.

- Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda, de autoria de João Colares de Mota Neto. Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Educação (2015). Estuda a decolonialidade como epistemologia latino-americana, em uma perspectiva terceiro-mundista. A pedagogia e a ciência dominante se opõem a dialogicidade que a educação popular propõe considerando suas utopias rebeldes, subversoras e insurgentes, esta perspectiva aproxima ambas as pesquisas naquilo que conceitua “utopia”. O distanciamento se revela no sentido de se buscar a influência epistemológica do pensamento decolonial e suas interferências, comparando as ideias de dois autores.

Para a construção conceitual de **“coauto(trans)formação com professores”** encontrou-se um (1) resultado de integrante do Grupo Dialogus sob orientação do professor Celso Ilgo Henz.

- Por uma docência institucional: professores(as)- formadores(as) dos cursos de licenciatura do Instituto Federal Farroupilha e seus processos auto(trans)formativos, de Joze Medianeira dos Santos Andrade, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria (2019). A pesquisa de Andrade buscou o diálogo com docentes do IFFar no sentido de problematizar os processos auto(trans)formativos. A aproximação se dá no que concerne a coauto(trans)formação no sentido de se pensar o professor-formador como professor de outros professores, bem como a processualidade auto(trans)formativa advinda dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos. A pesquisa se distancia no sentido que estabeleceu o diálogo entre docentes dos cursos de licenciatura do Instituto Federal Farroupilha e, nesta investigação, as pessoas são professores de cursos de pós-graduação em universidades públicas ou comunitárias, professores de outros professores.

Na construção **“humana docência freireana”**, não foi obtido nenhum registro, ao inserir **“humana docência”** foi encontrado um (1) resultado.

- Poéticas de vidas e mortes: metáforas e cartografias bordadas no contorno de um currículo em curso, tese de autoria de Marta Corrêa de Moraes, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. O estudo aborda “poéticas de vidas e mortes que rondam a efetivação da tarefa político-pedagógica da formação de professoras e professores” nas quais “o destino anunciado é tornar-se educadoras e educadores de escolas públicas, configuradas por um currículo em curso que deseja ver ali a arte de uma humana docência, tecida e impressa nos escritos e aprendizagens” (MORAES, 2015). Assim, esta tese-formação se aproxima da pesquisa de Moraes no sentido de refletir a humana docência como possibilidade e forjada para inéditos-viáveis. Distancia-se ao constituir a temática investigativa no sentido de se pensar a docência a partir e com o currículo.

Para o descritor “**círculos dialógicos investigativo-auto(trans)formativos**” foram obtidos três (3) resultados, sendo que o achado se deu na construção “círculos dialógicos investigativo-formativos”¹³, dois deles de integrantes do grupo Diálogos, o primeiro de Maria Rosângela Silveira Ramos e o segundo de Joze Medianeira dos Santos Andrade¹⁴.

- **O PIBID de química e biologia do IFFar: entre-lugar de auto(trans)formação permanente com professores.** A pesquisa de Maria Rosângela Silveira Ramos; integrante do grupo Dialogus, da Universidade Federal de Santa Maria, no Programa de Pós-graduação em Educação (2017); aproxima-se a esta tese-formação naquilo que metodologicamente a pesquisa com os círculos insere que é o diálogo problematizador e a pesquisa auto(trans)formação. O distanciamento se dá no foco investigado em que os diálogos se deram com docentes do Instituto Federal Farroupilha, que atuavam no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência –PIBID.

- **Processos de aprendizagem e auto(trans)formação docente em ambiente digital imersivo (ADI): convergência e novas coreografias no ensino superior** de autoria de Marcelo Pedrozo da Rosa (2018). Também integrante do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. A pesquisa com os Círculos Dialógicos se deu na perspectiva de encontros por via remota, com uso das tecnologias digitais, em que subsídios de ambiência pedagógica virtual se fizeram presente. A pesquisa se distancia da presente *tese-formação* no que se refere a metodologia como a própria processualidade a ser pesquisada. Quer dizer, nesta tese-formação os círculos dialógicos investigativo-auto(trans)formativos não são apenas um recurso metodológico, ou considerado uma ferramenta para coletar dados. Antes, a própria processualidade dos círculos interfere nos constructos de pesquisa. A aproximação entre ambas as pesquisas se dá na constituição do diálogo como possibilidade e re-invenção.

Para o último descritor “**fraternura**”, não foi encontrado nenhum registro.

¹³ A pesquisa com os Círculos Dialógicos é dinâmica e em constante movimento, até o ano de 2019 utilizávamos “Círculos dialógicos investigativo-formativos”, a partir do reconhecimento dos prefixos “auto” e “trans” como potencializadores a própria nomenclatura foi construindo possibilidades.

¹⁴ Conceito explicitado no descritor *coauto(trans)formação com professores* no qual contempla os *círculos* na pesquisa referida.

A partir do conjunto de estudos apresentados é possível afirmar que estes pesquisadores e pesquisadoras, cujas teses iluminam o caminho investigativo, podem contribuir para a compreensão acerca do lugar epistemológico da pesquisa que buscamos constituir. Marcadamente é possível compreender a polifonia possível entre pessoas, investigações e áreas do conhecimento. As vozes que encontramos no caminho possibilitam a construção de possibilidades multiversas, com conceitos que, aprofundados, revelam aproximações e distanciamentos que autorizam a tessitura desta investigação.

Reconhecemos neste percurso produzido com o Estado do Conhecimento que a busca pelo inédito-viável investigativo-auto(trans)formativo torna possível, relevante e viável esta tese-formação.

1.2 ESPAÇOS-TEMPO TEXTUAIS... EM FORMAÇÃO

Ser é amar.

Emmanuel Mounier

Esta tese-formação está constituída em seis capítulos. No primeiro, que é este, apresento a perspectiva a que se propõe este estudo. No capítulo seguinte rememoro e re-significo vivências que me fazem/fizeram questionar o que hoje proponho como questão de pesquisa, cenas que mobilizam/mobilizaram meu sentir-pensar-agir. Paulo Freire, Augusto Boal e Rubem Alves fazem o caminho comigo nesta construção-formação polifônica e multiversa em que os textos de ambos se entrelaçam às cenas de minha vida, e assim, seguem caminho nas andarilhagens em uma narrativa solidária.

No terceiro capítulo dimensiona o lugar teórico-conceitual que a tese-formação se insere. Em que autores e autoras se sentam à mesa epistemológica e, também, estabelecem o diálogo para uma reflexão que os convida a uma amizade comprometida com o dizer nossas palavras.

O capítulo quarto, *Cabe a vocês inventarem novas metodologias*, coaduna com a perspectiva da autoria em que Paulo Freire diz que não pretende colecionar seguidores; quando questionado sobre a existência ou não de um método freireano como modelo. Mobiliza a ação-reflexão-ação para que, a partir ou com ele e com as pessoas e o mundo, possam inspirar-se umas às outras tendo como compromisso político ético e estético romper com as amarras da opressão. As metodologias que

fazem possível a coerência desta tese-formação, em uma perspectiva dialógica, em que os professores coauto(trans)formadores são coautores (JOSSO, 2004, 2010) da pesquisa buscamos romper os preceitos de uma caricatura acadêmica com a relação sujeito-objeto. Assim se insere a relação, agora, não mais submissa e instaura-se como relação indissociável a solidariedade de interlocução sujeito-sujeito, ou melhor, pessoa-pessoa, que tem na hermenêutica a possibilidade de subsídio de leitura, compreensão e interpretação dos constructos.

O constructo de pesquisa configura o quinto capítulo em que a compreensão e interpretação dos fenômenos se constituem em verdadeiras dimensões, em que as corporeidades textuais se dão por meio de metáforas, analogias, neologismos e re-invenções. As narrativas dos professores coauto(trans)formadores não se expressam em excertos problematizados, antes constituem-se em processualidades dialógicas.

No último capítulo constitui o *borboletar-me-nos* constante entre elementos teórico-metodológicos vislumbrando uma rede de solidariedade e interlocuções em que se reconheçam as presenças e as ausências próprias do diálogo problematizador. As reticências se fazem presentes... Minha inquietude, às vezes angústia, com algumas certezas, questionamentos e indagações na solidária partilha das amizades atuantes cujas presenças presentes fizeram-se na esperança de que forjamos um espaço-tempo que nos mobilizou ao diálogo problematizador. Seguimos na busca, que nos aflige, por alternativas a altura dos desafios cada vez maiores que estes tempos estranhos nos apresentam.

A ventania

Assovia o vento dentro de mim. Estou despido.
Dono de nada, dono de ninguém, nem mesmo
dono de minhas certezas, sou minha cara contra o
vento, a contravento, e sou o vento que bate em
minha cara.

Eduardo Galeano

2 VIVÊNCIAS AUTO(TRANS)FORMATIVAS – UMA NARRATIVA MISTIÇA DE MIM MESMA

Uma criança como eu

Uma criança de uns cinco anos se perdeu de sua
mãe na multidão de uma feira,

Então, se aproxima de um policial e lhe pergunta:
“O senhor não viu uma senhora que anda sem
uma criança como eu?”

Gabriel Garcia Márquez

Notadamente este memorial, que configura o segundo capítulo desta tese-formação é uma mestiçagem das várias vivências que agora ao re-significá-las, revivo-as novamente e as transformo nos matizes que me colorem de novas nuances. Rememorar o sentido destas vivências me faz perceber o quanto a minha infância influenciou o meu ser no mundo, minhas significações, minhas razões e minhas emoções. E, dessa forma, reconheço que não fui, mas que sigo na processualidade de ser; “e eu digo não como alguém que “já foi”, eu digo como alguém que está sendo” (FREIRE, 2009, p. 37).

Nasci em um tempo-espço que me permitiu ser, de certa forma, livre (ou o que naquele momento eu poderia entender sobre ser livre). Liberdade do questionamento para a conscientização, liberdade de mobilização para romper com padrão patriarcal e dialogar sobre os papéis sociais, liberdade de ser criança, ser jovem, liberdade de escolha profissional e, principalmente, liberdade de ser.

Diante disso, reconheço que tive a oportunidade de criar possibilidades, de inventar pensamentos, ensaiar a vida vivendo. Gabriel Garcia Márquez traduz um sentimento muito próprio em mim que é o sentimento de pertencimento que primeiro encontrei na família, depois na escola de Ensino Médio e nas Comunidades Eclesiais de Base, mais recentemente na docência e, logo, na Universidade. Buscar a pertença, encontrar em espaços-tempo o que nos é próprio e que, nisso, se configura a experiência que forma, transforma e, portanto, auto(trans)forma. Não obstante também existem espaços-tempo de exclusão de não pertencimento, de invisibilidade, chegando a momentos dolorosos que negam nossa capacidade de ser no mundo, que inviabilizam o humano do humano.

Portanto, trazer as minhas vozes através de cenas da minha vida configura um ato político, uma vez que a palavra instaura meu mundo (FIORI, 2017). Mundo

que esperançam possibilidades, mas que também instauram “momentos capazes de desencadear rupturas” (BOAL, 2019, p. 223).

Ao revisitar minhas memórias e trazê-las em pauta para encontrar como se vai construindo e reconhecendo como nascem as problematizações que vislumbram uma provável questão de pesquisa, e, conseqüentemente, uma possível tese, é um exercício de re-significação no qual me coloco em escuta sensível¹⁵ com aquilo que vivi e experienciei. Ao ler-me viabilizo a leitura de mundo e a leitura da(s) palavra(s) em que me coloco como ser aprendente e inacabada e assim torno consciente minha condição humana que é temporária, em movimento, marcadamente histórica (FREIRE, 2017).

As memórias se constituem como imagens, sentimentos, experiências que me afetaram e afetam e posso expressar de que modo essas constituições me trazem para o encontro da densidade de uma pesquisa com comprometimento, sobretudo com o humano. Esta perspectiva me remete ao que Lutgardes Costa Freire (filho de Paulo Freire) diz sobre as circunstâncias da vida, as possíveis escolhas e o amor empregado naquilo que se sonha: “eu nunca me esqueço: quando estávamos exilados em Genebra, na Suíça, eu tinha a vontade de seguir a carreira de músico, e perguntei ao meu pai se poderia”. Ele então respondeu: “Eu só faço uma exigência, que você seja músico com amor” (FREIRE, 2016, p. 176-177).

Dessa forma desvelo minhas experiências que se darão a partir de quatorze cenas da minha existência, que significam e possibilitam a construção de conhecimento, de empatia e de amor pela vida e pelos outros. Momentos que ao revê-los pela memória transcendem a imagem puramente mental e se transportam para um conjunto de sentimentos ora bons e carregados de saudade, ora de tristeza, mas que precisam estar presentes a ponto de serem superados. As cenas se misturam, não necessariamente em ordem cronológica, e re-criam a possibilidade de conscientização crítica em que memórias se constituem experiência de vida.

¹⁵ A Escuta Sensível é um dos movimentos dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos cujo conceito será apresentado no quarto capítulo.

Sobre reconhecer o ser filosófico que somos - Cena 1:

Estou me olhando no espelho do banheiro, sou criança de aproximadamente sete anos, estou na ponta dos pés e arrumo o cabelo para ir à escola, é de manhã.

Nesse momento estou calada, mas dentro de mim converso comigo mesma:

- Franja... nunca está do jeito que eu quero... vou assim mesmo.

Pego minha mochila me despeço das pessoas da minha família e fecho a porta. Vou a pé para escola, é próximo de casa.

Continuo a conversa interna:

- Mas porque eu estou conversando dentro de mim... faz tempo que estou fazendo isso... como é possível? Sem voz... isso me dá dor de cabeça... será que acontece com as outras pessoas? Esqueci de trazer o lanche... vou chegar e logo vou no banheiro... porque eu nunca me calo? Eu sou duas? Uma de dentro e outra de fora?

Este dia ficou marcado em minha memória e ao relembra-lo abraço com tanto carinho aquela menina que fui. Gosto quando Rubem Alves (2012), em *A Alegria de Ensinar* nos diz que “no mundo das crianças todos os absurdos são permitidos” (p.28), filosofar seria um destes absurdos meus? Então, depois deste dia vi que os pensamentos são aquelas coisas que conversam conosco quer queiramos ou não; a pessoa interna, a de dentro, que é e que produz outra narrativa para que a pessoa externa, de fora, possa viver no mundo, ou ambas narrativas se entrecruzam dialogicamente?¹⁶ Não tinha esta resposta, talvez tampouco agora a tenha. Muito deste entendimento veio da forma como eu vivenciava a família, pai e mãe, único espaço em que a pessoa de dentro e a de fora puderam, de fato, se confundir uma vez que na minha infância, principalmente, pude ser franca e questionar sem repreensão as coisas do mundo.

Nessa cena, hoje no distanciamento de décadas, percebo que a filosofia não é algo fora de nós, de alguém que postula o pensamento humano. A filosofia é o próprio pensar pensando, refletindo, re-criando, re-significando a processualidade complexa como conceito, compreensão e interpretação, minha processualidade hermenêutica. Augusto Boal vai dizer que “as coisas não são, mas estão sendo. Nada é tudo está sendo. E, para isso, devem-se criar dúvidas, incertezas, porque estas são alternativas potenciais” (BOAL, 2019, p. 222).

¹⁶ Sobre esse reconhecer-se filosófico aprofundamos dialogicamente no capítulo 5.

Mas isso entra em choque na Cena 2:

Escola lugar de ser a pessoa de fora, jamais a de dentro

Estou na sala de aula, alfabetização, estamos aprendendo a letra "f". Folha de caligrafia para contornar cursivamente a feitura do "f". Eu conseguia fazer a parte de cima que deveria voltar para baixo e fazer um laço como que um fechamento, e assim, apareceria o desenho de um "f" cursivo. O que eu não entendia, na pessoa de dentro de mim, era porque apenas essa letra tinha que ir para baixo das linhas (no caderno de caligrafia)... porque só essa fazia isso? Todas as outras letras, até então, ficavam entre a linha alta, de cima e a estreita do meio. Porque o "f" descia? Por não entender isso eu não conseguia executar o movimento, a pessoa de dentro de mim precisava de mais respostas. Empacada entre a linha de cima e a de baixo, sinto a mão da professora segurar a minha. Era uma freira muito alta, magra, seca (em muitos e vários sentidos) e aquela mão sobre a minha tem efeitos que até agora, no momento que escrevo estas palavras, me causam uma sensação de invasão, de vergonha.

- Melissa! Quero caprichada essa letra, menina!

Neste momento a mão pequena da pessoa de fora de mim, como que se desconecta do meu corpo e faz aquele "f" sem que eu, de fato na inteireza do meu ser, estivesse ali.

- Por favor, não! Respondi dentro de mim, mas já era tarde a pessoa de fora de mim não disse nada e nessa rapidez, entre gesto, pensamento e tristeza se foram poucos segundos.

A partir deste momento entendi que nem sempre haverá o que hoje sei que é a escuta sensível, e pude perceber que a escola não necessariamente ensina e que em muitos momentos a reflexão, a problematização não haveria de ter lugar. Eu queria era aprender a corporificar aquele 'f', mas faltava-me a intimidade própria dos amigos. Em diversas ocasiões, inclusive em minha vida adulta na academia, senti a "mão da freira" querer segurar a minha para escrever o que não era meu. Porém, aí, a pessoa de fora já tinha entrado em diálogo problematizador com a pessoa de dentro, em uma construção contínua. Então "poderá haver sofrimento maior para uma criança ou um adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que não conseguem compreender, e que nenhuma relação parece ter com a vida?" (ALVES, 2012, p. 18). Na processualidade da minha auto(trans)formação vou desautorizando-me as dicotomias e assumindo minhas inteirezas. Isso leva tempo, às vezes, nos contradizemos e aí nos damos conta de que a formação humana não é em uma linha reta, rígida, de antes e depois, mas um

constante estar sendo em que as situações limite são postas e superadas ao longo da própria caminhada.

A cena três traz outro momento ainda na perspectiva “Escola lugar de ser a pessoa de fora, jamais a de dentro”, que influenciaria meu “sucesso” escolar.

Ainda alfabetização. Cena 3:

Meu nome começa com “m”, então sempre estive entre os números 22 e 24 da chamada. Éramos chamados por estes números, logo eu que amava ser chamada por Melissa. Chegava o momento de expressar nossas aprendizagens e uma delas era ir ao quadro e escrever, copiar, uma frase correspondente ao seu número da chamada em uma lista que a professora havia previamente entregue. Nesta fase já era uma frase inteira, um desafio e tanto destes de perder o sono antes do desempenho na frente da turma inteira. A minha maior alegria foi que minha frase começava com “o”. Passei todo o dia, desde a entrega da atividade até a ida ao quadro, pensando em como eu poderia escrever criativamente minha frase.

Chega o momento, eu bem faceira, confiante e tentando criar naquilo que foi solicitado resolvi, a pessoa de dentro resolveu, que a pessoa de fora escreveria o “o” como que se esta letra fosse um caracol. Ou seja, ao invés de começar o “o” cursivo e maiúsculo por fora mais ao alto descendo e dando como um pequeno nó para entrelaçar as linhas, decidi que começaria pelo centro de um círculo e faria mais ou menos uma volta e meia ao redor deste ponto central, imitando um caracol. Coração acelerado de felicidade, nervosismo destes que treme a mão. Executo minha obra no quadro, mal termino e a professora rindo fala alto para a turma:

- Mas a essas alturas tu ainda não sabes fazer o “o” Melissa?

E eu respondi em voz bem baixinha:

- Sei sim, mas eu queria fazer diferente.

Apaguei com a manga da blusa meu “o” de caracol e fiz o “certo”.

A pessoa de fora quis chorar, mas a de dentro chorou mais.

Deste dia em diante tive “sucesso” na escola, aprendi que fazer o certo é fazer o que nos mandam. Mas nunca perdi a intenção *caracolaria* daquele ‘O’, muito embora, havia aprendido que é preciso ter boas notas e quanto menos lhe notarem melhor será seu ‘desenvolvimento’ escolar. E assim eu fiz, muito embora tivesse uns resvalos, como não entender porque eu deveria ficar sentada tanto tempo e vez ou outra, melhor dizendo... muitas vezes; eu queria ficar em pé ao lado da classe, mesmo sem importunar, mas pelo fato de não estar sentada fui repreendida tantas vezes que não cabem em apenas uma cena. “Ela havia aprendido que há uma

maneira certa de fazer as coisas, e que caminhos diferentes só podem estar errados. A conversa era sempre encerrada com a afirmação: “Não é assim que a professora ensina”... (ALVES, 2012, p. 30). A criatividade foi podada, tinha angústia da escola, sim eu uma criança com sentimento de tristeza de ser obrigada de estar ali, carecia um sentido, uma certa magia. Eu sonhava em aprender em biologia, física e química mais do que fórmulas, como que se existem cores de onde elas vieram? Ou como é a composição de uma bola de sabão ou o quanto de água existe em um grão de areia, eu sempre quis saber estas coisas, ainda quero. Muito daquilo que Drummond de Andrade em *A Educação do ser poético*, reflete eu já queria:

O que eu pediria à escola, se não me faltasse luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética (ANDRADE, 2016, p. 01).

Após a alfabetização fui uma aluna tranquila, séria, sentei direito e fiz tudo certo. A pessoa de dentro de mim começou a só aparecer quando eu estava brincando ou em casa, ela desapareceu dos meus momentos em sala de aula, e eu preferia assim. Galeano (2010), Freire (2017), Boff (1999) e Boal (2010) vão dizer que os silêncios não são todos iguais, o meu era um silêncio de fora, jamais de dentro.

Quando a pessoa de dentro gritou e a pessoa de fora também. Cena 4:

Ensino Médio escola pública.

Primeiro dia de aula na escola.

Cartaz do grêmio estudantil, música, muito burburinho, muitas vozes, gritos, corpos que caminham diferentes de mim, se abraçam, se tocam e gritam novamente. Senti um “despertar escolar” da pessoa de dentro, ela não só fala, mas agora se expressa diferente. A cena é essa: eu chegando à escola olhando, sentindo, sorrio (muito), encontro alguns amigos que serão meus colegas é um cumprimento aos gritos. Eu gostei de gritar.

Essa etapa da minha vida escolar torna-se um marco, uma vez que me descubro questionadora também em outro espaço que não só em minha casa. Encontro o lugar do diverso, do múltiplo, da carência, lugar de comigo inteira dizer

minhas palavras. E essas palavras foram, de todo modo, hermenêuticas¹⁷, em uma constante linguagem em que eu pude me representar. Muito embora eu participasse desde criança nas Comunidades Eclesiais de Base cujos conceitos de luta social, classe, fome, miséria, solidariedade, comunhão fossem temas que estavam postos em constante debate, fazia-me falta um cotidiano em que eu me sentisse pertencente, no dia a dia, na processualidade da minha juventude, o ensino médio trouxe consigo esta perspectiva. Aí começa o meu querer bem pela e com a escola o que mais tarde me faria ser não somente docente, mas, sobretudo a defender a escola pública como lugar de multiversos e que pode sim romper com o instituído e re-criar possibilidades de vida para um outro mundo possível. A partir daqui a coragem em ser sendo começa a mobilizar minhas vivências.

Sobre o poder... quando eu descobri que o poder do amor é maior que qualquer outro poder – Cena 5:

Meu pai e minha mãe ajudaram a pensar um centro comunitário muito próximo da nossa casa, anos 80, e isso moveu muitas instâncias, inclusive eclesiais visto que as lutas sociais daquele tempo encontravam simpatia pelas questões próprias da vida de Cristo. A Teologia da Libertação na América Latina estava se mostrando cada vez mais a própria igreja de Cristo, desta vez descido do altar, junto das gentes do povo. Muito embora houvesse a institucionalização da fé na igreja católica.

Assim haveria um encontro entre meu pai, representante do grupo da comunidade, e o bispo da nossa diocese para tratar de questões próprias deste centro comunitário; que seria feito em forma de mutirão. Em reunião para planejar o referido encontro havia padres e freiras de todo lado, lideranças comunitárias e políticas várias, e em um dado momento alguém fala com tom bastante reflexivo para meu pai:

- Que honra este encontro... um bispo em sua casa! Falou algum dos presentes.

E o meu pai respondeu (também bastante reflexivo):

- Certamente... será uma grande honra para um bispo sentar à mesa com uma família como a minha.

No exato momento que o pai proferia estas palavras nos fitou, a mim e a mãe, profundamente nos olhos... nós lhe sorrimos com tanta alegria e admiração.

¹⁷ Para Freire, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2008, p. 11), assim a compreensão de que a palavra instaura as possibilidades do dizer, portanto, em constante dialocidade entre mundo, pessoa, meio, cosmos.

Em uma sociedade que deu ao clero a possibilidade de exercício de um poder cujo seu grande trunfo foi ser interlocutor de ninguém menos que Deus, combater esse tipo de poder de um imaginário místico e político, por si só é revolucionário. Por isso, Freire (2017) vai dizer que é necessário livrar-se das relações de poder de mando, subordinação e medo, assim no momento que meu pai rompe com essa idolatria clerical, desfaz as amarras historicamente mantidas. Talvez estivesse nesta conduta o grande conceito da teologia da libertação, cujo principal legado foi justamente tirar Deus do altar e encontrá-lo nas pessoas.

Neste dia entendi que absolutamente nada nem ninguém... nada nem ninguém tem mais poder, em qualquer lugar que seja, que o amor. Nem mesmo o bispo.

Ainda sobre o amor, a Amábile, o Marcos, a coragem, o chimarrão e a varanda da nossa casa – Cena 6:

Às vezes pensamos que podemos prever o tempo e seus desdobramentos, quer dizer, fiz o ensino médio, a graduação e tornei-me professora. E pensando, eu, que poderia seguir em um caminho um tanto linear, vem a vida e diz que ela tem propósitos que fogem, inclusive, a um entendimento racional, apenas. Neste ano de 2021, eu e meu companheiro Marcos completamos vinte e um anos do nosso “estar juntos”, e percebemos que só foi o tempo de servir um chimarrão e o tempo passou, estranho isso do tempo. Olhamo-nos e ainda nos vimos com o rosto de pessoas do ensino médio, ou nem percebemos que nossa idade de quarenta e poucos anos está já aqui. E isso é muito bonito, pois, ainda, nesta atmosfera no ano de 2012 decidimos ficar “grávidos” e lindamente nossa Amábile ganhava vida. Tudo isso um tanto quanto óbvio: um casal que se ama e quer ter um filho, uma filha. No dia 30 de abril de 2013, nossa pequena veio ao mundo e esta é a cena que me transformaria para além das possibilidades de significação, outras humanidades nasceriam em mim:

Estou na mesa do bloco cirúrgico, emoção, medo, alegria, cesariana ocorrendo bem. Um bebê, uma menina, nasce e chora... alegria, foto de nós três “recém nascidos”. O Marcos acompanha nossa filha para os primeiros cuidados e eu vou para a sala de recuperação, são oito horas da manhã. Passa-se quinze minutos, trinta minutos, uma hora. Ninguém vem falar nada comigo e eu em conversa íntima com meu coração comecei a chorar. Mas o meu choro não era de preocupação, de nervosismo, era um choro de profunda, profunda,

profunda dor... eu sabia que algo de muito errado estava acontecendo. Jamais o Marcos não voltaria para me dar uma explicação, ou voltaria para dizer como a Amábile parecia comigo só para me adular. De todos os dias da minha vida este foi de um choro único, só neste dia chorei assim. Passou mais um tempo e o Marcos vem ao meu encontro quieto, olho no fundo de seus olhos e pergunto: - ela morreu? E ele me respondeu: - não, mas não está bem... está na CTI, teve uma convulsão. Nisso a anestesia já tinha perdido o efeito e eu não sentia dor nenhuma no corpo, que seria a dor previsível. O que sangrava sem controle era meu coração, mas não me desesperei, nunca me desesperei, tinha e tem uma coisa dentro de mim de acreditar na vida, fé. Pedi para a obstetra autorizar minha entrada na CTI, precisava ter uma conversa séria com a Amábile. Entrei, vi aquele pequeno ser e lhe disse: - Amábile bem-vinda aqui está o pai e a mãe, coragem menina, força, tudo vai dar certo... nós te amamos.(Ao dizer isso a ela eu dizia isto para mim e o Marcos também). Depois de 12 dias de investigação descobriu-se que foi um Acidente Vascular Cerebral neonatal. Fomos para casa e tivemos que andar em mares não imaginados, em terapias que nem sequer o nome eu sabia... e fomos... e seguimos. Hoje no ano de 2020 Amábile ainda não oraliza as palavras nas suas inteirezas, mas 'fala' tudo' de seu jeito, caminha, vai à escola, come, ri, dança, tem uma cachorrinha de estimação, faz birra. Uma hermenêutica menina. Tivemos depois de seu nascimento oito graves internações e a nossa pequena guardou bem o que eu lhe disse lá no primeiro dia. Sempre foi corajosa, linda, feliz e alegre. Muito embora as pessoas a vejam em suas fragilidades nós a vimos gigantesca nas suas relações com o mundo. Os prognósticos são muito otimistas visto que a nossa pequena sempre recebeu aporte de todos os lados. As (d)eficiências na e da vida nos fazem ver como nossa pretensa normalidade é empobrecida por uma base homogenia de ações e interlocuções no mundo. Hoje ao escrever esta memória não choro mais, faço um chimarrão, vou para a varanda, o Marcos e a Amábile me acompanham. Porque esta... esta é a nossa rota de viagem aqui na terra e que eu, minuto a minuto, agradeço ao universo por ter dado a oportunidade de sabermos agradecer, inclusive, o rumo dos ventos, que muda dia a dia... com amor digo estas palavras, que talvez só agora pudessem ter sido ditas. Depois de ver como a Amábile acolheu sua própria vida, como ela sempre foi receptiva a tudo que sua condição impôs é que eu, sua mãe, volto para a Universidade na pós-graduação. Foi a vez de ela me dizer: - vai mãe, coragem!

Sobre o livro de capa amarela – Cena 7

Alguns dias antes de me preparar para a qualificação do que seria esta tese que tu lês, estava revisando as referências bibliográficas todas. No momento que verifico a referência ao livro “Epistemologias do sul”, um livro de capa amarela, e não o encontro de nenhum modo. Eu sentada, tendo a mesa de

almoço-jantar-estudo-confraternização da nossa casa como escritório perfeito, pergunto, já levantando, se alguém havia visto um livro de capa amarela. A Amábile está na sua lúdica tarefa do brincar, o Marcos está na cozinha e ele vem me ajudar a encontrar o tal livro. Não encontro, fico mexendo em todos aqueles livros que compõem o cardápio epistemológico, e nada. Eu continuo dizendo que preciso encontrar o livro, um de capa amarela. Nesse mesmo instante surge a Amábile com um pequenino livrinho, (destes que se leva para o banho de borracha todo amarelo a história era de um pintinho que era amarelo, mas caiu em um balde de tinta vermelha por isso precisava tomar banho para voltar a ser amarelo). Ela vem e me entrega o livrinho e eu digo já a abraçando, “que maravilha... o livro... esse era exatamente o que a mãe precisava, obrigada Amábile querida”. No mesmo momento com os olhos em lágrimas tive vontade de falar com Baldo e lhe dizer da poesia que acabara de acontecer. Enviei um e-mail a ele que me respondeu lindamente sobre as constituições amabilíssimas do mundo. A cena que segue foi justamente a fala de Balduíno na qualificação sobre tudo isso:

- Melissa, quero que tu faças uma correção. Cometeste um grave erro nas tuas Referências Bibliográficas. Fui buscar e não encontrei o livrinho amarelo¹⁸ da Amábile (emocionado).

Concordei, chorei. É! Balduíno, sendo Balduíno, valorando uma das mais importantes constituições desta construção tese-formação que é o que Mounier diz: “Toda a tese é antes de um trabalho acadêmico, uma ação humana”. Fui lá às referências e não me contive. Esta cena muito me emocionou, Amábile e Balduíno poesias do caminho.

Sobre a domesticação da educação – Cena 8:

Durante a faculdade de Letras realizada entre 1996 e 2000 pude ver várias formas de domesticação, que eu naturalizava, as compreendia como “normais”, portanto pouco questionáveis. Muito embora pensando ser, eu, uma jovem livre, vi que essa liberdade é condicionada e que é necessário romper com o que está posto

¹⁸ - Agora interrompo a leitura, e vou ver nas “Referências”, se supriste a lacuna bibliográfica... Fui, e voltei de mãos abertas, em sinal de dúvida! Realmente, não supriste a omissão. Mas não é a mim que deves explicação. Justifica a omissão perante a Banca (Balduíno, 8º Círculo).

- Sigo esperando a referência ao livrinho de capa amarela, para mim o mais importante de todas as tuas referências (Balduíno (emocionado), defesa desta tese).

como única forma de sentir-pensar-agir. É necessário re-criar formas libertárias em todos os espaços, em todas as instâncias, em todas as manifestações que interagem com e no mundo. Logo após a formação inicial começo a ser docente em uma escola pública de ensino médio e, de certa forma, sentia-me confortável com aquilo que fazia. Até que passados alguns anos, melhor dizendo passada uma década, doía-me reproduzir conteúdos, insultava-me não conhecer meus educandos, indignava-me não poder haver diálogo entre nós, ao invés de só conteúdos programáticos; o diálogo entre colegas professoras e professores era quase inexistente. Até o ponto que o sentimento de não ser “competente” no meu fazer pedagógico me fez questionar abandonar a docência. Sofri neste momento, percebia que eu era repetidora, exercendo a concepção bancária “enchendo os educandos” (FREIRE, 2017, p. 100) de conteúdos impostos e vazios de sentido, não problematizados, domesticadora de sonhos e talvez castradora de inéditos-viáveis dos estudantes, e porque não dos meus também.

Cena 8:

Estou escorada no batente da porta da sala da vice-direção no turno da noite, os alunos estão em alguma atividade em que o período da minha disciplina foi disponibilizado. Vou ao banheiro lágrimas escorrem. Volto para o batente da porta olho para o nada. Estou inquieta. Triste. Volto para o banheiro, as lágrimas já são choro, sinto-me envergonhada em estar assim justamente na escola. Lavo o rosto, respiro. Volto para o batente da porta. Chega uma colega e me pergunta:

- O que houve Melissa, está tudo bem?

Eu respondo:

Não... não está. Estou pensando em me exonerar, eu não sei mais ser professora. O que eu faço não pode estar certo.

E ela continua:

- O que está acontecendo? Ela me pergunta.

- Isso não pode estar certo, eu só repito conteúdo, com uma aula por semana eu estou presa nisso e não consigo sair. Acho que vou me exonerar... Respondo tristemente

E ela diz:

Tu tens que voltar para a universidade, entrar em um grupo de pesquisa e problematizar isso. Vai te fazer bem. Vou falar com o professor Celso para tu ires nos nossos encontros, o que tu achas?

- Eu estou tão alheia a tudo de lá que eu nem sei como chegar... a universidade está muito distante de mim.

Da descoberta... a dor da conscientização – Cena 9:

Vou à universidade para conhecer o grupo de pesquisa *Dialogus: educação, formação e humanização com Paulo Freire*, naquela noite o grupo estava lendo a obra, *Professora sim, Tia não!* (2015). E parecia que haviam constituído a temática para me afrontar. Absolutamente tudo o que ouvi neste primeiro encontro e na leitura com Paulo Freire, eu me vi. Foi um momento doloroso. O que me faltava era a conscientização do que é que fazemos com o conhecimento, com a escola, com os movimentos sociais que nos rodeiam, com a cultura que produzimos? Carecia-me entender que eu não era professora... eu estava sendo, constituindo-me diariamente com os estudantes, com as mudanças políticas, com reflexões sobre tudo e todos em um ambiente democrático do conhecimento.

A cena sou eu, os integrantes do grupo Dialogus, a minha colega que me convidou para estar no grupo, a leitura do texto de Paulo Freire.

Chegaram naquela noite à reflexão da Sétima Carta.

E a passagem que me marcou e marca até hoje é essa:

Os educadores e as educadoras progressistas precisam convencer-se de que não são puros ensinantes - isso não existe -, puros especialistas da docência. Nós somos militantes políticos porque somos professores e professoras. Nossa tarefa não se esgota no ensino da matemática, da geografia, da sintaxe e história nossa tarefa exige de nós o nosso compromisso, o nosso engajamento em favor das injustiças sociais (FREIRE, 2015, p.141).

E isso era muito desafiador, vi que até aquele momento eu era sim... ensinante. Nos próximos momentos junto ao grupo foram muito intensos no repensar minha prática docente.

O comprometimento que a conscientização instaura – Cena 10:

A partir da cena anterior começa a emergir outro ser dentro de mim, um desvelar pela auto(trans)formação, talvez, como que aquela de dentro conseguindo

ser, visto que estava silenciada pela acomodação, pela grade curricular, pela demanda de uma hora da disciplina por turma, pelo ínfimo salário, até o momento da apropriação de uma docência que culmina na especialização em PROEJA-UFRGS, seguido pelo mestrado em Políticas Públicas e Gestão Educacional-UFSM, chegando, até o presente momento doutoral. A cena que marca esta caminhada é o momento da qualificação do projeto de dissertação, em 2016, quando o professor Balduíno Antonio Andreola diz: “vejo em ti uma grande pesquisadora comprometida com a educação, considero teu projeto de dissertação a altura de um projeto de doutorado podendo, inclusive, ter ascensão direta ao doutorado”¹⁹.

Ao ouvir estas palavras minha vida mudaria para sempre, ao ouvir o grande Baldô proferi-las, foram de todo modo como que uma força extraordinária em que eu precisaria, ao longo das andarilhagens, ser merecedora de tal declaração. A partir deste dia, todas as vezes que eu me encontrei com quaisquer questões antro-po-epistemológicas sempre tive o compromisso de lembrar o quê, quem e como eu defendo a educação. Nesta mesma direção, Rubem Alves parece falar deste momento em que a Palavra ecoou profícuas possibilidades:

Diferentemente dos corpos de animais, que nascem prontos ao fim de um processo biológico, os nossos corpos, ao nascer, são um caos grávidos de possibilidades à esperada Palavra que fará emergir, do seu silêncio, aquilo que ela invocou. Um infinito e silencioso teclado que poderá tocar dissonâncias sem sentido, sambas de uma nota só, ou sonatas e suas incontáveis variações... A este processo mágico pelo qual a Palavra desperta os mundos adormecidos se dá o nome de educação. Educadores são todos aqueles que têm esse poder (ALVES, 2012, p. 54).

Assim me vejo nesta caminhada, nesta re-significação do caminho, sendo eu mesma, sou outra, outra de mim ao ouvir as vozes que comungam comigo. E posso reconhecer que isso é a auto(trans)formação, quando apesar de continuarmos sendo nós mesmos seguimos podendo ser mais.

Sobre o doutoramento - Cena 11:

Quando meu coração decidiu fazer o curso de Letras eu queria era poder encontrar na profissão a possibilidade de construir uma relação entre ver o mundo, senti-lo e com a literatura poder, ao usar as metáforas literárias, abrir as janelas para

¹⁹ Parecer dissertação.

outras invenções. Portanto, realizei a graduação com um grande amor e dedicação, sempre gostei de poesia, de contos, era conhecida como a “contista” da turma. A poesia sempre me aguçou os sentidos.

Assim, quando ouvi o professor Balduino dizer que Drummond de Andrade era o maior filósofo de língua portuguesa²⁰ isso me afetou deveras. Lembro deste momento como se o estivesse escutado neste exato momento. E afeta de um modo muito profundo porque, muitas vezes, não damos à poesia o lugar que ela merece; aos poetas não os reconhecemos como grandes e extraordinários pensadores. Depois deste dia nasceu em mim uma coragem, uma ânsia de querer dizer-me como pessoa, pesquisadora, mas talvez antes eu não me permitisse justamente por me entender, também, poeta.

Depois deste dia fui tendo coragens, até o momento de qualificação do projeto de dissertação; que explicito na cena anterior; no dia em que levei meu texto para o professor Celso autorizar a marcação de defesa e composição da banca. Ele leu o texto, eu quieta, e depois de mais ou menos uma hora e meia ele me disse que aquele texto não iria para a banca. Fiquei muito surpresa, pois havia escrito um texto com todas as referências bibliográficas orientadas, havia feito a revisão gramatical, estava de certa forma alinhada com o problema de pesquisa e os objetivos, o que não estava adequado? Aí o professor Celso me respondeu que não me via naquele texto, que ao ler ele não identificava a minha autoria, a minha voz. Fui para casa muito pensativa, levei um choque. Respirei fundo e tirei dez dias do que chamei de retiro teórico-afetivo-conceitual, reli todas as referências e busquei entender como aquela narrativa que parecia fria pudesse voltar a correr por minhas veias. E, assim, eu fiz... disto nasceu a coragem de escrever uma narrativa muito minha até o ponto de eu vislumbrar o doutoramento; agradeço ao professor Celso por aquele dia... e em tantos outros momentos em que minha voz foi ouvida.

Quando, na cena anterior, o professor Balduino explicitou a possibilidade doutoral eu a recebi mais como um comprometimento do que um elogio acadêmico, pois sabia que ele se referia ao conteúdo da investigação como possibilidade de transformação. Depois disto realizei o processo para ingresso no programa de pós-graduação em que Balduino era docente e havia ofertado duas vagas. Aprovada, comecei o doutoramento, cidade de Canoas/RS. Foi um semestre

²⁰ Abertura do Fórum Paulo Freire na UFSM em 2015.

carregado de sentido, de boniteza, contentamentos vários. Até o momento da saída deste professor da instituição. Senti-me muito só, fui direcionada a outra orientadora muito cordial no trato, mas pouco ouvinte nas minhas inquietações. Resolvi também sair de lá e buscar aprovação doutoral nas duas instituições que poderiam encontrar aderência político-epistemológica com a proposta investigativa que eu almejava, sobretudo com a epistemologia freireana. Em ambas submeti minhas questões de pesquisa e obtive aprovação.

A cena é a que segue:

Estou em canoas peço à secretária uma audiência com o vice-reitor (ele havia sido professor no semestre anterior na disciplina Fundamentos da Educação, era a única pessoa com a qual eu poderia dizer minha última palavra), sou recebida em seu gabinete. Falo da minha desistência como discente no programa de pós-graduação de forma bastante respeitosa uma vez que a instituição sempre me recebeu de forma muito cordial. Explicito minhas intenções e deixo marcada em minha fala meu descontentamento na substituição do projeto. Conversamos sobre isso, o professor diz que as portas sempre estariam abertas para mim, aperto sua mão e vou embora. Estou com uma mochila nas costas sigo com sapatinho de salto grosso, já estou no pátio e entro em um corredor muito bonito em que as árvores se encontram no alto. Vou a passos suaves sem pressa e sem me demorar. Aprecio o caminho e me despeço, sabia que não voltaria ali... não como doutoranda pelo menos.

A partir dali eu sabia que se minha voz não pudesse ser ouvida eu não poderia fazer nada que não fosse meu, não autorizei a “mão da freira” sobre a minha novamente. Era como se eu quisesse ter cabimento, e como já não cabia em outros espaços (interessante refletir sobre isso, a função político-filosófica do cabimento), eu queria estar ao lado de pessoas que cabiam em mim e eu nelas. Com a aprovação na UFRGS e na UFSM eu pude vivenciar que o sonho é revolucionário, e sinto uma urgente necessidade de agradecer às pessoas que andaram comigo nesta perspectiva: professor Balduino Antonio Andreola (UFRGS), professor Jaime José Zitkoski (UFRGS), professora Dóris Pires Vargas Bolzan (UFSM) e professor Celso Ilgo Henz (UFSM). A alegria do(s) encontro(s) compreendi em e com vocês.

Sobre a autoria – Cena 12:

Lembro-me de um seminário sobre Fundamentos da Educação na UFSM, ainda como mestranda, em que o professor Luiz Gilberto Krombauer nos brindou

com a história de Demiurgo, o semideus que nada criava apenas copiava. Lembro-me de ter ficado ao longo daquela semana muito pensativa sobre o assunto, mitologia, conhecimento, mas, sobretudo sobre a autoria. E buscando em mim, como reconheço minha autoria eu poderia trazer aqui, talvez, o primeiro artigo submetido e publicado em uma revista cuja avaliação me autorizaria a me apresentar cientificamente como autora. Ocorre que a autoria está para além da academia, para além de autorizações de fora de mim, muito embora elas sejam necessárias e ratifiquem a validade do feito. Na minha percepção a autoria vem antes, vem de um ser de dentro que tem coragem para tanto, para através do desnudo do seu fazer, trazê-lo ao mundo. Para que, em consequência, seja aceito, ratificado pelo(s) outro(s). A autoria instiga pensar que “somente as perguntas nos permitem entrar pelo mar adentro” (ALVES, 2012, p. 78).

A cena então é a que segue

Sou criança já com uns dez ou doze anos, sempre senti fascínio em como alguém transforma leite e ovos em um pudim, ou carne e arroz em um arroz de carreteiro. Sempre vi a mãe fazer a nossa comida, o aroma era bom, a ambiência era acolhedora, e isso fez parte do meu cotidiano de infância e até hoje me faz bem. Eu pedi para a mãe que ela me deixasse fazer o almoço e de pronto sem objeções ou recomendações exageradas me perguntou o que eu gostaria de fazer, e eu disse: - Carne com batata. (Aqui se pode perceber o que eu entendia como liberdade, eu não era condicionada a desistir), e pedi que ela fizesse o arroz. Eu não falei nada na execução da minha grande e extraordinária tarefa, estava tensa, concentrada e feliz com o desafio. Pedi para a mãe provar se estava bom e ela respondeu: - Muito bom, talvez um pouco mais de sal. (quanto amor é possível perceber aqui uma vez que a mãe sabia que me incentivar a fazer era mais importante que a própria batata).

Levo para a mesa e a mãe diz para o pai e para minhas irmãs que aquele almoço eu, a Melissa, é que tinha feito. Recebi o carinho de todos e eles comeram, perguntei no que eu poderia melhorar e a mãe me disse: - Quanto mais tu fizeres melhor vai ficar.

Assim, lembro o poema de Cora Coralina *Todas as Vidas*

Vive dentro de mim a mulher cozinheira

Pimenta e cebola

Quitute bem feito

Panela de barro

E aí eu simplesmente tive a coragem... a coragem de continuar fazendo em todas as esferas da minha vida. Talvez, por isso, que eu goste tanto de metáforas, neologismos e invenções que para mim dão gosto, cheiro, convidam ao banquete narrativo. E isso é extremamente intenso e profundo em tempos demiurgicamente demarcados pela cópia, pelo arremedo. Muito embora se necessite a validação óbvia da comunidade, mas além, é necessária a aventura da crítica, da amorosidade no incentivo, a perseverança frente ao caos e, sobretudo, o sonho posto naquilo que se cria. Talvez este momento da escrita desta tese-formação, não tivesse ali as primeiras e afortunadas células do bem querer sendo multiplicadas? Paulo Freire vai dizer que não existe autonomia sem autoria.

Círculos Dialógicos com professores – o dia que eu senti-me professora de titãs, o início de uma pesquisa coauto(trans)formadora – Cena 13

Eu, a pesquisadora-coordenadora desta tese-formação, havia previamente feito convite aos professores; antes da qualificação do projeto de tese houve confirmação de participação; então para início da pesquisa encaminhei carta endereçada a cada um deles por via postal e e-mail eletrônico. Expus como se daria o nosso primeiro encontro para os Círculos Dialógicos: data, hora e endereço da sala virtual em que nos encontraríamos no dia 30 de março de 2021, às 14h, uma terça-feira. Ocorre que não obtive confirmação de presença para este primeiro encontro de nenhum coautor, nenhum deles havia dito se poderiam ou não estar presentes na data e hora marcadas. Como eu ainda não tinha seus contatos telefônicos não foi possível contatá-los por essa via, assim chegou o nosso dia 30 de março com apreensão, aperto no peito... segue a cena:

São 13h30 do dia 30 de março do ano de 2021, o primeiro Círculo Dialógico com professores estava marcado para às 14h... estou só na sala virtual com os olhos marejados na busca de saber que se os professores não chegassem a pesquisa se perderia pois eles-nós éramos a própria pesquisa. Tentei buscar em mim alguma alternativa, mas a esperança sempre foi muito presente em mim... pensei... vai dar certo... eles virão!

São 13h 55 e o professor Humberto Calloni pede para entrar na sala... dou um pulo de alegria (o professor Humberto é o único coautor que não conhecia pessoalmente), saúdo com um sorriso tão carregado de espanto que quando revejo esse momento eu mesma me reconheço com o ânimo que essa pesquisa propõe. Ambos nos ad-miramos foi uma apresentação carregada de carinho, o professor

disse da alegria do convite... nesse momento o professor Felipe Gustsack entra na sala e saúda com um sorriso largo, eu não me contenho de tanta alegria, e se junta nós o professor Gomercindo Ghiggi. Todos nós celebramos esse re-encontro e o professor Felipe poetizou ao dizer que a minha carta havia sido esquecida na caixa de correio por semanas e que dois dias antes deste nosso círculo a encontrou e que nela havia um casulo. Uma borboleta havia escolhido o corpo da carta para sua metamorfose e ali estavam os vestígios desta transformação. Nessa analogia poética nós também nos propusemos a metamorfosear.

Assim começamos nosso encontro, o professor Humberto disse que o convite para os Círculos fizeram-no renascer e que ele pensava voltar a escrever mobilizado pelo movimento dialógico que se instaurava.

A dúvida pelo o que seria o Círculo Dialógico se fez presente e eu trouxe aquilo que a pesquisa se propõe como polifonia em que as nossas vivências auto(trans)formativas eram de todo o modo a processualidade investigativa.

O tempo-espaco era o de 1h 30, porém ficamos inebriados por 2h 15, até que o professor Gomercindo disse querer que os Círculos durassem dez anos... nos abraçamos simbolicamente e muito fraternamente neste dia, o distanciamento imposto pela pandemia não nos privou do afeto, do carinho, da re-criação, das risadas e da feitura e re-descoberta das amizades atuantes. Esse primeiro encontro foi chamado "Acolhida amorosa – a celebração do(s) re-encontro(s)". E eu, ao final deste Círculo, sabia que essa construção só seria possível com pessoas: Avante! Heis aqui o início da investigação da minha-nossa tese tão querida, a tese-formação.

O sapatinho Toc-toc, um anúncio de mim mesma – Cena 14:

Estou chegando para uma das aulas de algum seminário na pós-graduação na UFSM, estou com pressa, caminho com passos rápidos meus sapatos fazem toc-toc com alguns decibéis talvez um pouco acima do permitido. Mas eu sigo firme de salto, desses grossos que fazem barulho quando pisam pelos corredores da universidade. Sai um conhecido professor da sala em que estava e interrompe minha marcha dizendo em tom jocoso: - Não tinha como vir com um sapatinho menos barulhento? E eu lhe respondi muito espontaneamente: - Barulhentos não são os meus sapatos, são os meus pensamentos. Sigo sem sorrir eu mesma dou-me conta que aquele toc-toc nada tem a ver com algum tipo de moda ou estilo estético para fora de mim, em verdade o sapatinho toc-toc é como que uma oração em que eu converso com o feminino da minha avó paterna e que se corporifica no embalo dos meus pés.

Meu pai foi um destes homens que Freire e Fanon trazem em suas obras, os esfarrapados do mundo, cresceu em uma família pobre, na periferia de Canoas, dez irmãos, mãe e pai não alfabetizados em um tempo que estudar era coisa de gente preguiçosa, era isso que se ouvia na vila, de alguém tido como aquele com aversão

ao trabalho, ou coisa de elite. A minha avó paterna sempre viu que meu pai era diferente... ele gostava de ler! Gostava de livros, romances, aventuras, matemática, literatura, e isso foi muito grave. Ele tinha que, aos nove anos, repito... aos nove anos trabalhar como engraxate para ter algum dinheiro que seria ao fim e ao cabo trocados por comida.

Sim é real, é verdadeiro, é doloroso, é funesto... a fome existe. E existe não, apenas, aqui nesta *tese-formação*, em que ilumina minhas memórias, não! A fome é algo que rompe com tudo, destrói com a dignidade, com a percepção do ético que afeta para além das entranhas do corpo, da mente, as entranhas dos sonhos, das esperanças e das utopias. Nada é mais urgente que saciar a fome. Mas estranhamente a fome não venceu meu pai, a pobreza não vingou, a miséria que seria destino fatal para ele não teve guarida... foi afugentada pelo gosto amoroso pelos estudos, pelas descobertas, pelas outras possibilidades imaginárias que se tornavam vivas na memória do gurizinho que não tinha sequer o lápis e o uniforme para ir à escola. Mas que tinha na avó Helena a cúmplice de um crime, o crime do sonho vindo do coração de um guri da vila, que direito teria esse gurizinho de sonhar?

Esse moço chega a Santa Maria após passar no concurso para a Força Aérea Brasileira, na ocasião da inauguração da Base em Santa Maria, aqui ele rompe com o destino determinado a milhões de brasileiros e começa um novo destino. A avó pôde vivenciar essa nova vida, e neste momento histórico, outros irmãos e irmãs do pai já haviam conseguido também romper com o instituído pela ânsia da avó de que todos saíssem da pobreza. Mas o que isso tem a ver com o sapatinho toc-toc?

A avó quando veio conhecer Santa Maria ganhou do pai um vestido e sapatos novos comprados em uma loja daqui. Coisa “fina” ela diria, mulher que sempre foi vaidosa tendo seu lado feminino muito apurado a ponto de eu, como neta, perceber isso nela de forma marcante. Ocorre que quando ela ganhou o vestido e o sapato eu ainda nem era nascida, esse foi seu primeiro presente.

Quando eu me lembro dela já fora daquele contexto de miserabilidade eu ouço-a dizer que toda a vez que usa vestido e sapato ela sabe que deixou para traz uma realidade que a resumia em um não ser, ou quase ser e que agora ela estava sendo a mulher que ela sempre foi. Porque, até então, as coisas eram tão difíceis que um sapato era algo demasiado dispendioso para uma mãe de família pobre.

Assim, toda a vez que o meu sapatinho toc-toc faz “barulho” na verdade é a herança, o legado, a ancestralidade, a minha oração em que eu rememoro a minha

avó e estabelecimento com ela o compromisso de não esquecer de onde viemos. E que isso não determinará nosso futuro e que os sonhos são possíveis, as utopias necessárias e o amor urgente. O meu feminino se une ao feminino do universo que para mim é, ou pode ser, representado, também, no sapatinho toc-toc. Então, “a gente fica poeta quando olha uma coisa e vê outra” (ALVES, 2012, p. 42).

A partir daqui, das cenas da minha vida, se torna possível entender porque o tema desta investigação faz parte de mim.

Cena 14... mais um

Inspirada pela *Carta a uma jovem investigador em Educação* de Nóvoa (2014) busco o ensejo deste autor, (mesmo tendo delimitado em quatorze as cenas da minha vida, desautorizando delimitações) e sigo na continuação do espírito da cena anterior de carinho, amorosidade e pertencimento.

Corredor do Centro de Educação, são 19h de uma quinta-feira, dia de encontro com o grupo Dialogus, estou apressada, meus colegas já estão em alguma das salas do terceiro andar, estranho o tamanho silêncio, não ouço as familiares vozes que me dão pistas acolhedores de onde está a minha gente.

Ao final do corredor uma luz extrapola a saída da sala pela porta aberta e eu penso em perguntar a quem estiver ali sobre onde o grupo estaria reunido.

Chego à sala, o sapatinho toc-toc tocando a sua música favorita, e eu me coloco como que espiando para dentro da sala. Surpresa emocionante! Os colegas de grupo estão todos olhando para a porta quietos, com rostos arteiros esperando a minha chegada... o sapatinho toc-toc já tinha me denunciado a chegada. Fiquei extremamente emocionada e me lembrei do pequeno príncipe “se vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde às três já estou a tua espera”. Sorrimos e eu ouvi:

- Desde o início do corredor sabíamos que era tu, e te esperamos, fizemos silêncio para te ver chegar.

Eu não tive palavras... sorri...chorei.

Assim, nos dias em que eu me perca que eu possa reafirmar o que Gabriel Garcia Marquez disse lá na epígrafe, e encontrar pessoas que andam comigo e que seremos nós, e hei de seguir perguntando, humildemente, caso eu ande só:

“O senhor não viu uma senhora que anda sem uma criança como eu?”

3 DES-RE-VELANDO TRAJETÓRIAS TEÓRICO-CONCEITUAIS: SULEANDO²¹ A PESQUISA

Não seria arrogância minha chamar o Mário de Andrade de amigo? Não, porque gosto dele, se não gostasse não o teria convidado para esse papo. E ele, se escreveu é porque procurava amigos para conversar.

Mario Osório Marques

O referencial teórico configura o arcabouço de teorias que validam uma pesquisa em uma área do conhecimento humano, para tanto ao delimitarmos quais epistemologias são defendidas na investigação assumimos primeiro nossa própria percepção da ciência, e, portanto, do mundo ao qual fazemos parte como pesquisadores em uma perspectiva política. Os autores que comungam destas epistemologias são estes a quem Mario Osório Marques chamará de amigos. Primeiro porque gostamos deles, sim, nos identificamos com suas propostas e horizontes de atuação e porque também fomos convidados ao diálogo no momento que a escrita se publiciza.

Quando Rubem Alves em *Conversas com quem Gosta de Ensinar* (2000) reflete trazendo Paul Feyerabend convocando o leitor a consultar a sua obra *Contra o Método* (2011) em que Alves diz: “eu sugeriria que o leitor examinasse o livro de Paul Feyerabend *Contra el Método* [...] eu me permitiria indicar um ponto apenas onde a influência do método se faz sentir, de maneira nefasta na pesquisa” (ALVES, 2000, p. 93). E, ainda, quando nesta mesma obra Rubem Alves vai trazer amigos na conversa: “Paulo Freire, em suas obras, e Sartre – em seu prefácio a Fanon – observam que o que caracteriza o oprimido é a sua incapacidade para falar e o seu medo de fazê-lo” (ALVES, 2000, p. 89). Rubem Alves e Mario Osório Marques buscam amigos para conversar em diálogos que defendem a educação, a investigação, e como estes fenômenos irão compor o ser no mundo; amigos são convocados a unirem-se não só epistemologicamente, mas antes, ontologicamente.

Um amigo que senta ao meu lado nesta escrita da tese-formação é o próprio Mario Osório Marques, primeiro porque com sua simplicidade de filho do interior do Rio Grande do Sul, professor e pesquisador da área da educação se assemelha, de

²¹ Em pedagogia da Esperança Paulo Freire usará o termo *sulear*, um neologismo que incorpora a visão desde a periferia global tratada como inferior, desvalorizada, dependente em que ao deslocar a visão de “norte” como ideal a ser perseguido, instaura a problematização da herança colonial na perspectiva de superá-la.

algum modo, aos coautores desta pesquisa. Por ter sido frei capuchinho na cidade de Ijuí, RS, abandonou o ministério e dedicou-se além da família, da educação às questões comunitárias. Penso que mais vezes deveríamos convidá-lo a participar de nossas teses, dissertações e debates, visto que a contribuição deste grande pensador gaúcho ainda carece de maior adesão.

Dessa forma, também, convido Lewis Gordon quando prefacia a edição em Língua Portuguesa de Franz Fanon, *Pele Negra Máscaras Brancas* (2008), e já na primeira frase nos diz:

Houve uma época em que um professor universitário norte-americano que tentasse abordar a obra de Franz Fanon em um ambiente acadêmico estaria sujeito a perder seu emprego. Naqueles anos turbulentos das décadas de 1960 e 1970, a situação era diferente na América do Sul. No Chile, por exemplo, as idéias de Fanon estavam sendo ensinadas nas salas de aula, e uma leitura cuidadosa da *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire revela o quanto essa obra sofreu influência de Fanon. Nos anos 1990 era possível estudar Fanon e Freire em cursos como Teologia Política, Filosofia da Libertação e Pensamento Social e Político (GORDON, 2008, p. 11).

Assim “busco fugir dos caminhos já andados [...] na trilha à margem dos caminhos mais frequentados” (MARQUES, 2011, p. 20) tanto de uma perspectiva ontológica como epistemológica esta busca se configura no “papel da teoria convocada sempre de novo pela busca do entendimento do próprio caminhar” (MARQUES, p. 22). Logo a teoria aqui presente é aquela que me ajuda a forjar novas trilhas em que o próprio caminho se faz e refaz ao longo da jornada investigativa. E neste fazer, refazendo cuja reflexão se torna cada vez mais profunda é que “percebo mundos sequer imaginados” (MARQUES, p. 28).

Então, a escrita desta tese-formação se configura em ampliação de perspectivas, construção de novos saberes, comunhão e interlocução polifônicas que vislumbra caminhos divergentes, porém não antagônicos (FREIRE, 2017). Portanto, convidamos Paulo Freire para sentar-se à mesa epistemológica, mesa sem cabeceira, redonda, que igualmente será compartilhada com outros amigos e amigas a exemplo de Marie Christine Josso, Carolina Maria de Jesus, Leonardo Boff, Franz Fanon, Boaventura de Sousa Santos, Hans-Georg Gadamer, Rubem Alves, Paul Ricouer, Eduardo Galeano, Augusto Boal, e tantos outros que surgirem no caminho. E são convidados a comunhão de presenças e saberes cuja mobilização se dá pela denúncia do espetáculo alucinante da perversa condição imposta a milhões de gentes impedidas de serem pessoas-sujeitos, e anúncio que sim é possível pensar e construir novas opções mais profundas não apenas em nível da intelectualidade,

mas antes e mais urgente, no âmbito das ações que emergem na e da periferia global.

Enquanto centro do poder, o Norte se acostumou a “perfilar” o Sul. O Norte “nor-teia” o Sul. Uma das tarefas nestas relações que o Sul se imporá, espero, é a de, tentando superar sua dependência, começar a ser sujeito também de sua busca [...] Sonho impossível? Não! Utopia. Possibilidade (FREIRE, 1994, p. 222).

A história, de maneira geral, foi escrita pelo olhar das elites, da classe dominante, de quem estava no poder. Quase nunca pelo olhar dos oprimidos, dos dominados, dos excluídos, a partir do povo, visto que estes foram considerados *não-ser*, objetos, furtando-lhes a condição de pessoas-sujeitos. A condição de genteidade que a duras penas vem se constituindo se dá pelo esforço dos movimentos que rompem com o instituído, que causam desordem e criam novas possibilidades de ser no mundo. E, assim, primeiro na *Pedagogia do Oprimido* (2017), logo, em *Pedagogia da Autonomia* (1997) e em tantas cartas pedagógicas ou obras dialogadas, Freire promove um novo projeto histórico de libertação, com o povo, com a periferia, com outros saberes e sensibilidades que até então sequer eram considerados como passíveis de significação.

Não nos cabe mais pensar a história e os destinos da humanidade no sentido discriminatório e desumanizante, sob pena de decretarmos a morte dos sonhos e inviabilizarmos a vida em todas as suas esferas e manifestações.

3.1 BALDUÍNO ANTONIO ANDREOLA: UMA AMIZADE PROFUNDA DE ESPERANÇA

Poeminha do contra
 Todos estes que aí estão
 Atravancando o meu caminho,
 eles passarão,
 eu passarinho!
 Mário Quintana

Quando eu era pequena com uns oito anos de idade eu ouvi meu pai dizer, acho que ele ouviu na televisão, que havia chegado a Santa Maria um “Chanceler” e que esse era um desses “homens grandes”. Para alguém de oito anos um homem grande deve ser, portanto, grande. Fui sentar-me na varanda (gosto de varandas) de

nossa casa e logo comecei a pensar em como seria esse Chanceler – a partir deste dia todos os chanceleres no meu imaginário seriam assim – e logo lhe perguntaria onde ele conseguia sapatos tão grandes? Haveria de ter algum amigo que os conseguisse. O meu Chanceler tinha cara amistosa, eu haveria de convidá-lo a se sentar na varanda comigo, pois como ele entraria na nossa casa se era tão grande? Fiquei muito tempo pensando no Chanceler e em como ele era grande e importante. Importância óbvia, para mim pelo seu tamanho, não por um cargo que ocupava. Até porque foi a primeira vez que ouvi esta palavra (tenho desde pequena imenso apreço por palavras). Em outra ocasião, mais tarde, eu mesma vi uma reportagem sobre um chanceler e logo fiquei decepcionada, pois em nenhum momento conversaram com ele ou o chamaram para uma entrevista. Nunca consegui ver um chanceler de verdade, porque eu buscava ver um gigante entre as pessoas. Procurei, mas não vi. Depois a razão me fez descobrir o que era um chanceler, não gostei... ele era melhor no meu imaginário.

Quando eu ouvi falar do professor Balduino eu logo me lembrei desta história do chanceler, haviam-no me descrito tal qual... um destes homens grandes. Meu Deus! Havia chegado será o momento de eu conhecer um gigante? Será que seus sapatos seriam tão grandes como aqueles imaginados lá antigamente? Será que ele se sentaria na varanda comigo por não caber dentro de minha casa? Será que teria um rosto amistoso?

No momento em que vi o professor Balduino algo mágico, assim como quando uma criança conhece um chanceler, me aconteceu, eu descobri como é que os gigantes existem.

Faço uso desta metáfora porque as metáforas dizem mais que as próprias palavras. Assim foi como senti, afetosamente, a presença do querido Baldô, uma presença gigantesca, profunda.

Obviamente não tenho mais oito anos, mas sigo preservando minhas doses de devaneio, de brincadeira, de permitir pensar mundos irreais e assim sentir gosto na vida.

Balduino Antonio Andreola é um filho de imigrantes italianos que viveu na serra gaúcha do Rio Grande do Sul, e que sempre reverenciou o quão profunda foi e é sua relação com seus familiares com amorosidade, memória e re-significação. Estas características seriam também colocadas em um sentir-pensar-agir em toda sua perspectiva de vida. E, assim, é este querido professor que coloca sua emoção-razão a serviço de um mundo mais fraterno e bonito.

A epígrafe é uma homenagem à decisão de Balduino em romper com o sacerdócio, pois a obediência cega sem compromisso político-social foi das obrigações aquela impossível de cumprir. Assim, o poeminha do contra, tão singelo, se torna profunda analogia de perspectiva de vida e ação-reflexão-ação de Balduino, cuja missão de alçar vãos de compromisso com a educação e o mundo e não, apenas, cumprir mandos, se fez urgente.

Em todo o tempo foi e é um defensor do legado freireano e da educação popular não só em uma construção epistemológica, como é próprio dos intelectuais da grandeza de Balduino, mas também nas esferas da gestão e da mobilização para a luta em defesa de uma educação mais humana e um mundo menos injusto. Como foi o fato de ter sido Diretor da Faculdade de Educação – FACED- na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em um tempo em que a ditadura se fazia presente, o professor Balduino teve a perspectiva da escuta como seu maior trunfo. Ao escutar pela participação, pela gestão democrática, a relação da sociedade com a universidade a presença deste professor se fez em uma profícua e coerente manifestação em que as relações de poder podem sim ter iniciativas horizontais de ação sem que com isso se perca a rigorosidade.

Esta tese-formação se deu muito em como eu sempre vi os orientandos do professor Balduino, e ele próprio, referirem-se de um modo que eu nunca havia experienciado antes. Quer dizer, o professor Balduino sempre traz à sua reflexão as profundas contribuições de Ernani Maria Fiori (que faz questão de referenciá-lo e nos lembrar do modo como deixamos entrar no esquecimento este grande filósofo brasileiro), e de Paulo Freire cuja lembrança o emociona muito. Mas ao lado destes titãs e de tantos outros autores importantes também, ele faz questão de referenciar seus orientandos. Com seriedade e com profundas relações que contribuíram e contribuem para pensar a educação. Da mesma forma seus orientandos referenciam o professor Balduino como o grande epistemólogo freireano que está caminhando conosco, dia a dia, proporcionando a nossa ampliação de horizontes.

O pensamento do professor Balduino rompe com a ideia de academicismos narcisistas em que pela ciência, por um título ou por uma publicação percamos nossa visão de comprometimento ético e estético, primeiro com as pessoas e o mundo e depois, na investigação acadêmica. Esta ruptura se dará pela postura crítica de compromisso que no e com o mundo este professor se insere, ou seja,

postura humana, ética e amorosa com tudo e todos sem que com isso negue as muitas vezes em que a justa ira se faz necessária.

Tenho apreço em pensar-sentir Balduino como gente, sim gente... pessoa que vive, que come, toma vinho, que ri e chora, dança e que tem amigos. Por isso mesmo que gosto quando este professor no prefácio à *Pedagogia da Indignação*²² (2014) relata o que sentiu ao receber o convite:

Ao mesmo tempo que me emocionei, levei um susto, pois a responsabilidade é muito grande. Todavia, Paulo, quase não modificarei o texto, para que não perca a espontaneidade e a informalidade com que resolvi falar contigo (p. 15-16).

Este prefácio sempre me diz muito inclusive sobre a dor, a morte, a ausência do amigo, e na conversa que Balduino teve com Paul Ricoeur em que falavam da morte de Mounier ocorrida em 1950. E Ricoeur disse: “o lado mais cruel da morte é que a gente faz perguntas ao amigo, e ele não responde mais” (RICOEUR, p. 16). Ao trazer a memória Mounier, Balduino referia-se também a “grande viagem transistórica” que levou a outro plano Paulo Freire. Quando Balduino diz “penso [...] que mesmo ao denunciar com indignação, tu sabias ser mansamente respeitoso das pessoas” (ANDREOLA, 2014, p. 21), assim, lembro do livro *Paulo Freire: El grito Manso* (2008) em que reúne conferências e seminários de Freire, sobretudo na Argentina. Nesta obra Freire fala de luta, mas uma luta amorosamente comprometida com as pessoas, uma vez que “la única pelea que se pierde, sostienen las Madres de Plaza de Mayo²³, es la que se abandona” (FREIRE, 2008, p. 86), esta ideia é compartilhada por Galeano (2010) também.

Em meados de 2018 tive a honra de receber do professor Balduino, de suas próprias mãos, os pareceres de teses e dissertações em que foi banca, e em todas elas, todas, este professor relata de pronto a boniteza do feito. Já no início de suas considerações coaduna ideias e perspectivas no sentido de dizer ao investigador as coisas bonitas com que se relaciona com a pesquisa e na chegada de dizer o que se pode aprofundar, onde estão as possíveis in-coerências a forma de dizê-lo tem um tom de grande amorosidade. É possível perceber a condição de ser aprendiz em que Balduino se coloca, sem as receitas do que ler, como interpretar, ou o que

²² *Pedagogia da Indignação* é uma obra póstuma.

²³ *Las Madres de Plaza de Mayo* é um movimento das mães dos desaparecidos na ditadura militar na Argentina. A praça em frente à Casa Rosada em Buenos Aires é a Plaza de Mayo, lugar em que as mães reivindicam seus filhos e que, ainda hoje às quintas-feiras, fazem seu manifesto para que não se esqueçam que a humanidade é feita de pessoas, de filhos, de mães, de gente.

investigar, o olhar aguçado deste mestre faz com que o caminho seja de companheiros de estrada. Assim me sinto, eu também, quando estou ao seu lado. Um companheiro, um caminhante, um andarilho, não um mapa cuja trajetória é estanque, impessoal e fria. Não! Balduino tem cheiro, tem gosto, tem textura, presença humana.

Dessa forma, e por tudo isso esta pesquisa busca homenagear pessoas que fazem isso possível, que fazem com que as instituições tenham rostos, tenham aromas, tenham vida e que as pessoas que fazem possível abrir caminhos sejam consideradas gente. Aí, justamente aí, se pode entender o porquê de trazer o nome do professor Balduino, que junto aos coautores desta pesquisa, faz com que nos responsabilizemos pelas ações humanizadoras com as quais experienciamos, como tantas e tantas outras desumanizadoras que vemos na universidade em um possível direcionamento de mercado acadêmico.

Talvez seja por tudo isso que Balduino tenha pensando-proposto o Fórum²⁴ Paulo Freire (junto a Danilo Streck). Encontro de pessoas que pensam outro mundo e outra educação possíveis como forma de resistência, de ânimo em tempos sombrios, espaço-tempo de alimento em que revigora nossas esperanças. Essa construção Balduino não reivindica pra si visto que considera a comunhão participativa e compartilhada que faz nascer a ação. Foi justamente nestes encontros que me encontrei investigativa e cujos orientandos do professor Balduino conheci, encantei-me, e os convido novamente para o diálogo entre entes queridos.

Com Balduino Antonio Andreola referencio minhas construções epistemológicas que este capítulo insere, lembrando que para mim, então, ele não é um chanceler, visto que chanceleres só são grandes em seu tamanho físico e nos 'grandes' cargos que ocupam. Baldo é titã de luz que irradia, mas não queima, de força que afeta com ternura, de amor que abraça toda uma vida, assim como o canto liberto do passarinho de Quintana.

3.2 UTOPIA UR-GENTE

Certo dia me perguntaram: o que é utopia?

E eu disse: imagine que existe um foguinho na sua frente,

você dá dois passos ele dá quatro passos,

²⁴ O *Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire*, em sua XXII edição, devido a pandemia, foi postergado para 2021. Evento que ocorre anualmente sempre no mês de maio.

Você corre rápido ele corre mais rápido ainda.

E então, me retrucaram... para que serve a utopia?

Pois, para isto, para que não deixes de caminhar.

Eduardo Galeano

Já na sua intrínseca constituição semântica utopia significa *de lugar nenhum*²⁵,

desse não-lugar, uma réstia de luz é lançada sobre a própria realidade, que de súbito se torna estranha: doravante, nada mais será estabelecido. O campo dos possíveis se abre amplamente para além do existente e permite encarar maneiras de viver radicalmente outras (RICOUER, 2015, p. 33).

Em tempos sombrios que se avultam as opressões em que a ganância se sobrepõe ao humano em suas várias e diversas formas, esta extraterritorialidade pode promover o constructo de alternativas que possibilitem novas perspectivas a favor da vida solidária planetária. Este não só é o conceito de utopia aqui defendido, mas, sobretudo a própria função da utopia, a de inventar possibilidades, para que não deixemos de caminhar. Leonardo Boff nos lembra que: “o ser humano e a sociedade não podem viver sem utopia (1999, p. 82), uma vez que o sonho e a esperança são projetos de um novo mundo.

Paulo Freire em todo seu legado traz a ideia de utopia muito intimamente ligada à perspectiva de sonho e de esperança como condição própria do humano, condição esta que permite superar as situações-limite e mobilizar inéditos-viáveis. Nas acepções freireanas que compartilham do conceito de utopia não se pode negar em nenhum momento o conceito de luta, de revolução, como seu caminho primeiro. Em sua obra *Ação Cultural para a Liberdade* (1984), Paulo Freire vai dizer que a pedagogia necessária aos países periféricos, a exemplo do Brasil, é a pedagogia que emerge dos grupos dominados, marginalizados, contra a dominação das sociedades metropolitanas, é uma pedagogia utópica.

Utópica, não porque se nutre de sonhos impossíveis, porque se filie a uma perspectiva idealista, porque implique um perfil abstrato do ser humano, porque pretenda negar a existência das classes sociais. [...] Utópica porque, não “domesticando” o tempo, recusa um futuro pré-fabricado que se instalaria automaticamente, independente da ação consciente dos seres humanos. Utópica e esperançosa porque, pretendendo estar a serviço da libertação das classes oprimidas, se faz e refaz na prática social, no concreto, e implica a dialetização da denúncia e do anúncio, que têm na práxis revolucionária permanente, o seu momento máximo (FREIRE, 1984, p. 59).

²⁵ Paul Ricoeur (2015).

A utopia não é das elites, do mercado, da bolsa de valores, estes desdenham, riem e tampouco tem condição de suportar a força da utopia como mobilização e engajamento para um novo projeto quer seja de educação, de saúde, de moradia, de bem-estar social, ou de mundo, de sociedade, e planeta. A utopia tem um caráter transgressor, subversivo, místico e, sobretudo, político. “A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la” (FREIRE, 1979b, p. 16). Com ela é possível quebrar paradigmas, construir possibilidades, reinventar alternativas e, por que não, fazer novos caminhos nunca antes caminhados. A urgência em encontrar alternativas para que as perversidades da globalização, tal como está posta atualmente, com o deus do mercado regendo todas as esferas da vida, é necessário construir rotas, descobrir luzes que tornem viáveis um horizonte utópico que se instituem no sonho e na esperança para e com gente.

Na obra *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (2011), Boaventura de Sousa Santos já no prefácio geral fala das intenções do livro e revela: “esse pensamento é a utopia e dela trata também este livro” (p. 15). Nesta atmosfera invade a perspectiva da revolução que a utopia instaura. Este mesmo autor no livro *O futuro começa agora: da pandemia à utopia* (2021), aprofunda:

A utopia tem regressado ao debate, sobretudo por meio de iniciativas e experiências sociais concretas [...] rompem totalmente com os modelos dominantes de vida social e política e revelam, na prática, a capacidade humana de construir modos mais justos de viver e conviver. [...] Se é verdade que as utopias têm seu horário, ousar pensar que o nosso tempo é o horário das utopias realistas e que esse tempo se acelerou com a atual pandemia do novo coronavírus. Torna-se agora mais claro que qualquer ideia inovadora é sempre utópica antes de se transformar em realidade. Porque muitos dos nossos sonhos foram reduzidos ao que existe, e o que existe muitas vezes é um pesadelo, ser utópico é a maneira mais consistente de ser realista no início do século XXI (p. 260).

Assim, a utopia é resistência, necessidade de se buscar possibilidades para, inclusive, sobrevivermos a estes tempos sombrios.

Em um mundo comandado pela lógica do capital que desconhece formas profundas de integração cujos projetos de mobilizações, lutas e mudanças, a exemplo do *Bien vivir*²⁶, que muitas vezes são sufocadas, silenciadas e inviabilizadas seja pela repressão seja por formas de não fomento de projetos alternativos. O desenvolvimento descomprometido com o ambiente, com as

²⁶ Filosofia dos povos nativos da América Latina, sobretudo Bolívia e Equador.

peças, com a biosfera, que culminaram nas experiências nucleares fez e faz a humanidade ter de optar ou pela sobrevivência ou pela autodestruição. A utopia estaria a serviço de uma forma de comprometimento político na luta por uma educação a favor da vida, da solidariedade, contra as formas de exclusão e desumanização. Rompendo com o paradigma de crescimento sem medida em que se exilam tantos povos, etnias, e continentes.

Paul Ricoeur (2015) vai dizer que os indivíduos estão adaptados e por isso mesmo, muitas vezes, não tem ilusões e que seria papel das utopias, justamente, abalar a ordem vigente já que elas se orientam para o futuro para o que há de vir, “assim, uma utopia está sempre em vias de realizar-se” (p. 319). E, ainda, “o elemento utópico impregna todos os aspectos da existência” (RICOEUR, p. 320). O distanciamento da realidade é fundamental para perceber que a utopia estabelece, ou pode estabelecer, uma forma de poder alternativa. Boaventura de Sousa Santos diz que não existe uma utopia, mas heterotopias em que se busca “criar um tipo diferente de sociedade, uma sociedade liberta das formas de dominação que prevalecem no presente” (2019, p. 97). Combatendo aquilo que vai chamar de “distopia” cuja visão nega a possibilidade de futuro, é totalitária, em que o objetivo é a opressão social e o autoritarismo.

Dessa forma, propomos deslocar *nenhures* e encontrar caminhos *algures*.

3.3 DE NENHURES PARA ALGURES POSSÍVEIS

Se fecharem uns poucos caminhos

Mil trilhas nascerão nestas margens estreitas demais

Canção CEB's

Os ventos do norte não movem moinhos.

Ney Matogrosso

Começo este subcapítulo com uma canção das CEB's por entender que, ainda na perspectiva da utopia, para a maioria das gentes do mundo as margens são estreitas demais, os caminhos são interrompidos e a cancela da passagem é para os afortunados. E, ainda, com uma canção que expressa o que nos move, e o que não, na busca incessante por *algures* possíveis.

O papel da utopia é este então: criar trilhas! As margens estreitas do capitalismo como única forma viável de vida humana na terra deveria por si só considerar-se obsoleta. Ocorre que este sistema tão bem sucedido se alimenta da mais voraz das condições humana, se alimenta da exploração, da opressão, do silenciamento, e principalmente das poucas condições de sobrevivência neste cenário chegando a mais cruel delas... a fome.

Ao refletir, comungando com esta tese-formação, sentimos uma necessária e urgente convocação na oportunidade de pensar outras formas de vida que se tornem contraponto em uma perspectiva de reciprocidade solidária. O mapa das trilhas estreitas nós já temos.

Carolina Maria de Jesus, escritora brasileira, negra, farrapo, ilustra com uma crítica que deveria envergonhar-nos a todas e todos, uma vez continuamos, pela indiferença, a tratar pessoas como coisas, como descartáveis do mundo. Neste momento histórico, em que estamos vivendo uma grave pandemia mundial, que revela as graves desigualdades geradoras e mantenedoras da fome e da miséria que se nutrem da ganância da lógica do capital, sob a chancela de governantes comprometidos com as elites econômicas, Carolina escreve, nos idos dos anos 1950, com uma assombrosa atualidade que não deveria deixar-nos dormir:

Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me:

- Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo.

Foi a primeira vez que vi minha palavra falhar. Eu disse:

- É que eu tinha fé no Kubstchek²⁷.

- A senhora tinha fé e agora não tem mais?

- Não meu filho. A democracia está perdendo seus adeptos. No nosso paiz tudo está enfraquecendo. O dinheiro é fraco. A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos. E tudo que está fraco morre um dia (JESUS, 1992, p. 39).

O tema da democracia²⁸, a forma como acreditamos nela e como a usamos em prol das muitas e diversas manutenções do poder a faz ser objeto de manipulação e, conseqüente, hoje vivenciamos suas fragilidades.

²⁷ Grafia da autora.

²⁸ Ver subcapítulo 5.3.

As palavras de Carolina tencionam justamente de *quem* se serve um sistema que faz uma mãe para além de passar fome dizer que “a primeira vez que vi minha palavra falhar”. Aí, justamente aí, está a degradação que esmaga o ser gente de cada um e cada uma, outras fomes emergem. Eduardo Galeano em *As Veias Abertas da América Latina*²⁹ (1970-2010), na comemoração dos 40 anos da obra, fará dezessete considerações acerca da repercussão do livro na efervescência de um momento político-social de ditadura na América Latina. Na décima sexta consideração, o autor faz uma dura crítica ao que fizemos, como sociedade, a tudo aquilo que Carolina Maria de Jesus relatou em *Quarto de Despejo* (1992), mesmo que esta obra a tivesse tornado famosa logo foi esquecida e pobre novamente, a despejamos mais uma vez.

Na obra poética *O livro dos abraços* (2019), Eduardo Galeano traduz outras fomes:

Um sistema de desvinculo: Boi sozinho se lambe melhor... O próximo, o outro, não é seu irmão, nem seu amante. O outro é um competidor, um inimigo, um obstáculo a ser vencido ou uma coisa a ser usada. O sistema que não dá de comer, tampouco dá de amar: condena muitos à fome de pão e muito mais à fome de abraços (GALEANO, 2019, p. 81).

Desse modo, Galeano revela que a necessidade social fez com que fosse possível desvelar um sentido coletivo, uma vez que os oprimidos são levados a constituir uma memória fabricada pelo opressor “alienada, dissecada, estéril. Assim ele haverá de resignar-se a viver uma vida que não é a sua como se fosse a única possível” (GALEANO, 2010, p. 370-371). E, ainda, a suportar fomes outras, tão vorazes como a da carência de abraço. Paulo Freire (2017) em *Pedagogia do Oprimido* em uma mesma época, fará uma reflexão ainda maior, quando irá constituir, nesta obra, um marco para a libertação de mulheres e homens, em que será forjada com elas e eles e não para elas e eles, “na luta incessante de recuperação da sua humanidade” (p. 43). Ainda nesta perspectiva em *Pedagogia da Autonomia* (1997) sobre a negação do humano:

Quanto mais me deixo seduzir pela aceitação da morte da História tanto mais admiro que a impossibilidade do amanhã diferente implica a eternidade do hoje neoliberal que aí está, e a permanência do hoje mata em mim a possibilidade de sonhar. Desproblematizando o tempo, a chamada morte da História decreta o imobilismo que nega o ser humano (p. 115).

²⁹ Obra que completou 50 anos no ano de 2020.

Franz Fanon em *Os Condenados da Terra* (1961) vai dizer que a cidade a casa, a reserva, a aldeia do colonizado é tratado pelo colonizador como espaço “mal afamado”, faminta, esfomeada de pão e de carne, de sapatos de carvão e luz, é uma cidade, um lugar de pretos e pardos, de indígenas. “Ali nasce-se em qualquer lugar, de qualquer maneira. Morre-se em qualquer lugar, de qualquer coisa”(p.55), assim o colonizador lança “um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todos os modos de posse: sentar-se à mesa do colono, deitar-se na cama do colono, se possível com a mulher dele. O colonizador é um invejoso” (FANON, p. 56).

Assim, o olhar destruidor do invasor será sempre de domesticação, de negação, de desumanização, em uma pretensão de ‘esclarecer’ os fatos, torná-los fatos branqueados. Este *nenhures* não pode ser negado se queremos que as margens se alarguem que as vozes ecoem, Franz Fanon (1961) e Carolina Maria de Jesus (1992) constroem narrativas negras, *algures* possíveis.

Outro território que as trilhas estreitas mapeiam suas fronteiras é quando Paulo Freire em *Cartas a Cristina* (1994) retrata uma das muitas cenas de sua vida, em que a condição de menino pobre insistia em colocá-lo em um lugar de *ser menos...* Talvez aí, justamente aí, Paulo já estivesse forjando o conceito de *ser mais*³⁰ que estará presente em todo seu legado como possibilidade de romper com aquilo que nos impede de ser, o que o tornaria *algures* de resistência.

Um destes donos de quintais me flagrou um dia, manhã cedo, tentando furtar um lindo mamão em seu quintal. Apareceu inesperadamente em frente a mim, sem que eu tivesse tido a oportunidade de fugir. Devo ter empalidecido. A surpresa me desconcertou. Não sabia o que fazer de minhas mãos trêmulas, das quais mecanicamente tombou o mamão. Não sabia o que fazer do corpo todo – se ficava empertigado, se ficava relaxado, em face da figura sisuda e rígida, toda ela expressão de uma dura censura a meu ato.

Apanhando a fruta, tão necessária a mim naquele instante, de forma significativamente possessiva, o homem me fez um sermão moralista que não tinha nada que ver com minha fome.

Sem dizer palavra – sim, não, desculpa ou até logo – deixei o quintal e fui andando sumido, diminuído, achatado, para casa, metido no mais fundo de mim mesmo. O que eu queria naquele instante era um lugar em que nem eu mesmo pudesse me ver.

Muitos anos depois, em circunstância distinta, experimentei novamente a estranha sensação de não saber o que fazer das mãos, do corpo todo: “Capitão, mais um passarinho pra gaiola”, disse debochadamente, no “corpo da guarda” de um quartel do Exército do Recife, depois do golpe de estado

³⁰ O conceito Ser Mais em Freire insere a perspectiva através da conscientização da possibilidade de romper com as amarras que nos faz ser menos, daquilo que impede o sujeito de ser. Ser mais de si mesmo.

de 1º de abril de 1964, o polícia que me trouxera preso de casa. Os dois, o policial e o capitão, com riso desdenhoso e irônico, me olhavam a mim; em pé frente a eles, sem saber de novo o que fazer das minhas mãos, de me corpo todo.

Uma coisa eu sabia - naquela vez não havia furtado nenhum mamão (FREIRE, 1994, p. 37).

A perspectiva da ação-reflexão-ação de Paulo Freire rompe, abala e evidencia um dos maiores pilares da constituição político-pedagógica deste autor que é, a partir do povo, a partir da constituição de seu ser no mundo, buscar que outros mundos pudessem romper com o instituído como forma fatal do ser. Por isso, quando Freire enfatiza que o prefácio da *Pedagogia do Oprimido* (2017), escrito por Ernani Maria Fiori deveria ser o próprio livro, tamanha complexidade que Fiori aborda não só o conceito de 'palavra' mas além e mais profundo "aprender a dizer a sua palavra". Assim, assumimos que todas e todos possuem voz, a partir disso, reconhecemos, portanto, que todas e todos são, ou podem vir a ser. A conscientização desta condição mobiliza a ação para que mulheres e homens, então, ao dizerem suas palavras irão se constituindo em sua humanidade.

Dessa forma, é possível evidenciar o quão fortemente foram silenciados povos, etnias, classes a favor de um projeto de desumanização mundial. Silenciamentos nos exílios, silenciamentos no extermínio de povos e culturas considerados pouco evoluídos, silenciamentos pelo saque de continentes inteiros, como os vistos na África e na América Latina. Silenciamento na precariedade de estruturas básicas de vida a exemplo da falta de acesso à educação, ou uma educação justamente forjada para essa mordação. Assim, Paulo Freire (1997) nos faz refletir:

O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, mas se assuma transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, se encontra, nessa possibilidade e nesse dever de brigar (p. 60-61).

A transgressão à natureza humana não tem explicação passível de entendimento, uma vez que nada pode ser maior, mais importante, mais cheio de boniteza que o humano do humano. Assim, essa força, essa comunhão que justamente não se deixa calar, caso não fosse assim, esta tese-formação não teria

se tornado viável. Portanto, as possibilidades que são lapidadas pelas gentes, a exemplo dos povos originários da América Latina que com sua sabedoria ancestral contempla outra forma de saber e ser no mundo. Muito embora, não possamos ser ingênuos e esquecer que estas ações são continuamente colocadas à prova, visto o embate do mundo não mais apenas global, mas supraglobal, não só neoliberal, mas ultraneoliberal condicionam perspectivas de uma única forma de vida. A vida do mercado cada vez mais excludente de bens e serviços, excludentes de pessoas que dia a dia estão impedidas de viver justamente por não terem direito ao acesso a tudo aquilo que o capital proporciona ou poderia proporcionar. “O deus do mercado substituiu outros deuses! Sua fome é o lucro. Em todo o mundo, os ricos estão cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. [...] Vale o lucro, os dividendos: a vida humana nada vale, e as mortes não se contabilizam” (BOAL, 2019, p. 23).

Então como pensar uma vereda? Como forjar uma trilha? Como encontrar pistas de caminhos viáveis?

Uma das possíveis alternativas para que se vivifique a utopia seria pensar em como é, ou não, possível viver de forma diferente daquela cujo ocidente determinou como sendo o “progresso”, o “sucesso”. Ou, porque não dizer, a melhor forma de vida que é a idolatria ao mercado, ao dinheiro e assim se dimensiona uma vida boa aquela cujas perspectivas de “crescimento” possam ser mensuradas, sempre relacionadas a bens de capital. A busca para alternativas que rompam com esta ordem de uma globalização em que a monocultura do fatalismo econômico com competição, ganância e morte possa radicalmente mobilizar novas formas de pensar, sentir, viver, intervir e transformar o mundo. Um dos exemplos viáveis é a ideia de *sumak kawsay* ou *suma qamaña*, termos de origem Kíchwa, que propõe uma ruptura civilizatória calcada na utopia do *bem viver*, em que se celebra o resgate da humanidade com a natureza, com suas bio-diversidades culturais (ACOSTA, 2016), portanto, uma ruptura radical e necessária.

Assim, Célio Turino ao escrever o prefácio à edição brasileira da Obra: *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos* (ACOSTA, 2016), nos ilumina com a percepção de que:

O Bem Viver é uma filosofia em construção, e universal, que parte da cosmologia e do modo de vida ameríndio, mas que está presente nas mais diversas culturas. Entre nós, do Brasil, com o tekoporã dos guaranis. Também está na ética e na filosofia africana do ubuntu – “eu sou porque nós somos”. [...] Está no fazer solidário do povo, nos mutirões em vilas,

favelas ou comunidades rurais e na minga ou mika andina. Está presente na roda de samba, na roda de capoeira, no jongo, nas cirandas e no candomblé. Está na Carta Encíclica *Laudato Si'* do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado da casa Comum. Seu significado é viver em aprendizado e convivência com a natureza, fazendo-nos reconhecer que somos “parte” dela e que não podemos viver “à parte” dos demais seres do planeta. A natureza não está aqui para nos servir, até porque nós, humanos, também somos natureza, quando nos desligamos dela e lhe fazemos mal, estamos fazendo mal a nós mesmos (TURINO, 2016, p. 14-15).

Com isso podemos vislumbrar que a ancestralidade do bem viver rompe com a perspectiva alienante que reduz tudo e todos em meros bens de consumo, em meras coisas. Este conceito em construção se baseia nas relações solidárias, comunitárias que aponta caminhos que vão para outra direção dos caminhos já a muito andados e, portanto, como únicas rotas possíveis. O bem viver se contrapõe a perspectiva ocidental de uma vida boa, de um viver melhor ou a *dolce vitta*, em que o que se segue e o que se almeja como “melhor” é aquilo que o capitalismo tem nos ensinado; a funesta intenção e ação que aniquilou povos, civilizações e culturas ditando as regras da exclusão, da fome, da exploração e da miséria.

Aníbal Quijano (2005) ao tratar da perspectiva da colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina vai aprofundar as raízes da perspectiva de conquistadores e conquistados sob a égide de raça.

A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a idéia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecida. Implica, conseqüentemente, num elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico (p. 01).

Outra possibilidade de *Algures* possível está justamente naquilo defendido na obra *O fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul* (SANTOS, 2019). O autor reflete acerca de um tipo de epistemologia que se tornou hegemônica, a do norte (que não se configura como uma epistemologia do norte, pois são várias, muito embora, os pressupostos básicos sejam os mesmos), tendo sido considerada quase exclusivamente válida em detrimento de outras possibilidades provenientes das lutas sociais e políticas. As metodologias que as

epistemologias do sul inserem mobilizam a ruptura de perspectiva do sujeito-pessoa ausente (sociologia das ausências), para a constituição sujeito-pessoa presente.

Dado que estes sujeitos são produzidos como ausentes através de relações de poder muito desiguais, resgatá-los é um gesto eminentemente político. As epistemologias do Sul incidem em processos cognitivos relacionados com o significado, a justificação e a orientação na luta disponibilizados pelos que resistem e se revoltam contra a opressão. A questão da validade surge a partir dessa presença forte. O reconhecimento da luta e de seus respectivos protagonistas é um ato pré-conhecimento, um impulso intelectual e político-pragmático que implica a necessidade de escrutinar a validade do conhecimento que circula âmbito da luta ou que é gerado pela própria luta (SANTOS, 2019, p. 19).

Há que se pensar em um sujeito humanizado e gentificado coletivo, portanto, as pessoas em união, que buscam a libertação também pelo e no conhecimento, “conhecimentos nascidos ou aprendidos nas lutas, e de ecologia de saberes” (SANTOS, 2019, p. 21). Assim, questiona-se: o que é válido? As epistemologias do norte vão dizer que aqueles que se encontram abaixo da linha do equador são os que vivem no reino da ignorância, já o norte eurocêntrico, a parte de cima desta linha, será a que detêm a perspectiva de única fonte válida que é a compreensão ocidental.

As Epistemologias do Sul pretendem mostrar que aquilo que são os critérios dominantes do conhecimento válido na modernidade ocidental, ao não reconhecerem como válidos outros tipos de conhecimentos para além daqueles que são produzidos pela ciência moderna, deram origem a um epistemicídio massivo, ou seja, à destruição de uma imensa variedade de saberes que prevalecem sobretudo no outro lado da linha abissal - nas sociedades e sociabilidades coloniais. Tal destruição desarmou essas sociedades, tornando-as incapazes de representar o mundo como seu e nos seus próprios termos, e, assim, incapazes de considerar o mundo como suscetível de ser mudado por via de seu próprio poder e no sentido de prosseguir os seus próprios objetivos. Essa tarefa é tão importante hoje em dia quanto o foi no tempo do colonialismo histórico, uma vez que o desaparecimento deste não implicou o fim do colonialismo como forma de sociabilidade baseada na inferioridade étnico-cultural e, inclusivamente, ontológica do outro (SANTOS, 2019, p. 27).

O *Algures* que as Epistemologias do Sul propõe traz a tona a possibilidade de se re-des-construir alternativas antes tidas como únicas, mas que pela luta, pela não aceitação, pela ânsia que nos co-move é que unimos nossas vozes para que juntos

possamos inventar o novo... talvez a universidade popular dos movimentos sociais seja uma delas³¹.

3.4 O HUMANO DA HUMANA DOCÊNCIA: UM REENCONTRO OU UMA INVENÇÃO?

Nenhuma vida humana, nem mesmo a vida do eremita em meio à natureza selvagem, é possível sem um mundo que, direta ou indiretamente, testemunhe a presença de outros seres humanos.

Hannah Arendt

O ser humano, fazendo referência a epígrafe de Hannah Arendt, é, pois porque se reconhece em e com outros seres humanos, portanto, a humanidade só pode sê-lo porque se reconhece na presença de outros seres humanos. Paulo Freire (2017; 2015; 1997) comunga desta perspectiva e avança, uma vez que as relações não se dão apenas com os outros, mas se dão com o mundo, do mundo e pelo mundo. Dessa forma, mulheres e homens se tornam humanos nas interações que estabelecem dando sentido à vida o que será a própria existência.

O ser de relação que se configura na subjetividade, inter-relação e intersubjetividade, é um ser inacabado como o são todos os demais seres da natureza. Mas há que se entender que “em realidade ao construir habilmente suas colmeias e ao fabricar seu mel, as abelhas continuam abelhas e, em seu contato com o mundo não se fazem mais ou menos abelhas” (FREIRE, 1984, p. 112). Com isso, o processo de humanização se dá pela conscientização desta condição de inconclusão. E, é justamente, por entender-se inacabado, condicionado, porém não determinado como as abelhas (ou qualquer outro animal) é que os seres humanos

³¹ A Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS) nasceu no Fórum Social Mundial (FSM) de 2003, com o objetivo de promover a partilha de conhecimentos e ampliar, articular e fortalecer formas de resistência à globalização neoliberal, ao capitalismo, ao colonialismo, ao sexismo e a outras relações de dominação e opressão. O conceito de coaprendizagem da UPMS supera a distinção convencional entre educador e educando, assentando nas ideias de aprendizagem recíproca e “ecologia de saberes”. O ponto de partida é a constatação de ignorâncias recíprocas e ponto de chegada a produção partilhada de conhecimentos. A aprendizagem resulta de debates entre ativistas, líderes de movimentos sociais, cientistas sociais, intelectuais e artistas. Os diálogos entre conhecimentos acadêmicos e conhecimentos populares devem reduzir a distância entre uns e outros e tornar os conhecimentos acadêmicos mais relevantes para as lutas sociais concretas.

podem romper com situações-limite que a cada dia colocam mais e mais gentes na vala do silenciamento e da invisibilidade.

O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta da imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tornada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir (FREIRE, 1997, p. 76).

Em *Pedagogia da Solidariedade*³² (2009), Paulo Freire aprofunda a ideia sobre a educação e nossa existência como seres inconclusos e, conscientes deste inacabamento podemos, como seres históricos que somos vir a ser, do estar em constante tornando-se:

³³Eu acredito que é impossível entender a educação sem uma certa compreensão dos seres humanos. Não há educação sem a presença dos seres humanos. E como é que nós seres humanos, mulheres e homens, criamos em nós mesmos a necessidade e a possibilidade de educar e de sermos educados? A esta altura, nós estamos tocando em alguma coisa que nós podemos chamar como natureza do ser humano. Natureza não entendida como alguma coisa que simplesmente existe e não como uma coisa que existe independente da História, *a priori* da História, mas, ao contrário, como uma criação dentro da História. Quer dizer, como seres históricos nós estamos permanentemente engajados na criação e re-criação da nossa própria natureza.

Por causa disto, nós na realidade não somos: nós estamos nos tornando, vindo a ser. Para que nós seres humanos, sejamos o que somos, nós necessitamos nos tornar, *vir a ser* aquilo que somos. Nós não precisamos ser – se nós simplesmente somos, nós paramos de ser.

Este processo de ser e não ser, o processo de tornar-se, de vir a ser, explica nossa presença na História e no mundo. Isso também explica que, como seres humanos, seres históricos nós somos seres inconclusos. Nós somos seres inacabados. As árvores e os leões também são seres inconclusos. Mas eles não sabem disto. E mesmo que eles saibam, eles não podem descobrir isso, porque eles não têm consciência do seu conhecimento, do seu saber, como nós temos do nosso. [...]

Por causa disto nós falamos de educação entre nós e falamos de treinamento de animais e falamos de cultivo das árvores. Somente mulheres e homens têm e experiência da educação e a razão para isto é que, sendo seres inconclusos, a educação torna-se uma absolutamente indispensável aventura (p. 22-23).

Na conscientização do seu ser no mundo é que homens e mulheres podem, através da educação, estabelecer formas de se estar neste mundo de modo que há de se pensar em como essa aventura estará a favor ou não da humanização. Então

³² Obra organizada por Nita Freire e Walter Ferreira.

³³ A citação longa se faz necessária visto que expões de forma muito profunda a processualidade da educação como possibilidade, pela conscientização, do vir a ser.

a vocação humana é ser mais, combatendo o que nos desumaniza e nos impõe sermos menos... menos gente.

Para Paulo Freire (1994), o ser humano tem vocação para a humanização

É por estarmos sendo assim que vimos nos vocacionando para a humanização e que temos na desumanização, fato concreto na história, a distorção da vocação. Jamais, porém, outra vocação humana. Nem uma nem outra (humanização ou desumanização), são destinos certos, dado, sina ou fato (p. 99).

Dessa forma, podemos dizer que a desumanização não é vocação humana, as brutais e funestas ações que desumanizam as gentes que interpelam contra a vida não são próprias do humano, é uma dolorosa aprendizagem que faz do opressor a negação do seu humano. Por isso, ao falar em libertação Paulo Freire fará referência, *Pedagogia do Oprimido* (2017), de que ao libertar o oprimido há que se libertar, também, o opressor, ou seja, resgatar a sua vocação humana.

Nesse sentido, pensar a humana docência é um reencontro ou uma invenção?

Um reencontro do humano que se resgata na e pela docência? Ou uma invenção, uma vez que, não raro, a escola e a universidade contribuem para a anulação da força criativa, da pergunta e da possibilidade de inventar novas perspectivas para e com o humano? Ou ambas?

Talvez possamos pensar que antes de inventar é necessário reencontrar o humano que na e pela docência se torna ação no mundo. Em *Educação e Mudança* (1979a), Paulo Freire nos diz que “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem” (p. 27). Ou seja, pensar a educação não se dá fora do pensamento sobre mulheres e homens, suas existências, realidades, ânsias e horizontes possíveis. A educação fora deste horizonte estará muito mais a serviço de planilhas e projetos engavetados ou colocados em prática fora das realidades das gentes, ou usadas para manipular, distanciar comunidades, ou, ainda, ratificar políticas e ações que privilegiem mais uma parcela da sociedade que outra.

Então, há de se fazer um caminho para um reencontro do humano para uma humana docência ou haverá de se inventar possibilidades em que o humano se transforme com e na humana docência?

Freire traz em seu legado a perspectiva de uma ação contra-hegemônica em que a luta se faz e refaz no anúncio e na denúncia, uma vez que considera o

educador um ser político dotado de subsídios para ao transforma-se, transformar a escola, a cidade, o mundo com sua práxis. E isso é papel também na formação com professores.

3.5 OUTRA EDUCAÇÃO E OUTRO MUNDO POSSÍVEIS

Nós não herdamos a terra de nossos antecessores,
nós a pegamos emprestada de nossas crianças.

Provérbio indígena

A universidade brasileira nas suas necessárias relações com o mundo da cultura, da economia, da ecologia, da educação, do trabalho, das interações político-sociais tem possibilitado a milhões de pessoas o acesso a um discurso que a muitos é negado. E que, ainda, se configura um privilégio, um sonho a ser alcançado e desejo de muitos, a possibilidade estar sendo na e pela universidade. Paulo Freire nos adverte que “uma frágil consciência aparece nos pequenos grupos de intelectuais marcados ainda pela alienação cultural da sociedade em seu conjunto, alienação reforçada por sua “formação” universitária” (FREIRE, 1979b, p. 37). É neste espaço que as diferentes ciências contribuem para discutir e desenvolver o processo de conhecimento que terá seu caráter mais ou menos humano conforme for seu encaminhamento ou engajamento tanto ideológico, econômico, social ou, porque não dizer, econômico-acadêmico, cuja moeda o *lattes*³⁴ faz sua perversa cotação.

Além do contexto social em que estamos imersos como seres históricos que somos, é necessário lutar por uma universidade e uma educação menos excludentes. Em que o modelo de ‘desenvolvimento’ seja questionado, o que não se configura em apenas retórica, mas como relação de *práxis* humana.

Na tese doutoral do professor Elli Benincá, sob orientação do professor Balduino Antonio Andreola, intitulada “*O senso Comum Pedagógico: práxis e resistência*” (2002), encontramos a perspectiva de que existem projetos político-pedagógicos que promovem um discurso inovador, “mas que não conseguem transformar-se em mudança social” em que se produzem “discursos revolucionários gerando práticas tradicionais” (p. 12).

³⁴ No Brasil existe a plataforma *Lattes*- CAPES, em que se insere a vida acadêmica.

Dessa forma, muitas vezes, podemos observar que aquilo que Paulo Freire (2017) fala que é a coerência entre o que se diz e o que se faz, precisa estar em constante movimento para que a escola, a universidade, os espaços acadêmicos se encharquem de um compromisso ético, histórico, social e educacional que reconheça as multiversidades possíveis para e na transformação.

Ernani Maria Fiori (1991) faz-nos refletir:

O sistema educacional dominante não é mais que o sistema da dominação cultural. Dentro dele, separado do processo em que homens se historicizam, o saber se institucionaliza à margem da vida do povo, encastela-se dentro dos muros das escolas e academias, assume as falsas aparências democráticas dos meios massificadores de comunicação; aí, e desde aí, defende, mantém e propaga os ensinamentos e valores de uma civilização de escravos. A educação se define, dentro da funcionalidade desse sistema, como adaptação (p. 78-79).

Assim, a universidade não pode se deixar envaidecer pela pretensa afirmação de que se autolegitima pelo conhecimento. O conhecimento se legitima no compromisso ético-político-epistemológico com o mundo que pretende acolher, desenvolver e assim re-significar a existência humana em novos contextos históricos. Desse modo, em uma perspectiva dialética e dialógica desafiadora, o ensino, a pesquisa e a extensão se fazem como forma de produção e socialização do conhecimento que passam a adquirir novas configurações. Boaventura de Sousa Santos, 2020, faz uma potente reflexão sobre a educação como perspectiva de se converter em um produto das forças neoliberais:

A universidade e a educação, em geral, têm estado sob o ataque cerrado de duas forças globais: o capitalismo educativo e as forças políticas de extrema-direita, seculares e religiosas. Apesar de diferentes em suas bases, são convergentes no seu duplo objetivo. Por um lado, pôr fim ao que a universidade e a educação têm feito nos seus melhores momentos enquanto instituições progressistas: produzir e divulgar conhecimento plural, livre, crítico e independente. Por outro lado, impedir ou desacreditar alternativas ao *status quo*. O interesse dessas duas forças é que se minimize a gravidade do que se passou na crise pandêmica, sobretudo a perda evitável de vidas, e que tudo volte a “normalidade” (p. 314-315).

Ao pensar uma universidade mais condizente com a nossa necessidade e a nossa história, como fazê-lo se estamos na periferia do mundo como América Latina empobrecida, roubada, escravizada? Como pensar uma universidade que seja fiel a sua vocação histórica que é a de libertar pelo conhecimento? Depois desta universidade, a partir dela, o que almejamos? Para que serve, do que se serve e a quem serve uma universidade pública brasileira? Que universidade nos tornamos

pós-pandemia? Estes questionamentos se tornam pertinentes se quisermos problematizar que educação temos, onde queremos chegar, que caminhos já foram percorridos, e assim, neste processo, por onde haveremos de caminhar?

Paulo Freire traz em *Pedagogia da Solidariedade* (2009) uma reflexão sobre o papel dos professores nas universidades para promover a reflexão:

Consideremos, por exemplo, uma universidade. A universidade que tem apenas professores e professoras progressistas é um desastre. A universidade que só tem professores e professoras reacionários é outro tipo de desastre. O que os jovens necessitam, precisamente, é do testemunho da diferença e o direito de discutir a diferença. Isto é o que deveria acontecer. Quão bonito é para os estudantes acabarem de ouvir um professor ou uma professora progressista falar sobre utopia, criticando, por exemplo, um discurso neoliberal – que agora está espalhando pelo mundo a terrível ideologia do fatalismo – e ouvir, depois que aquele professor ou professora se retira da sala de aulas, outro ou outra, que entre, defendendo o discurso neoliberal.

Talvez alguém me pergunte: “Paulo, você não acha que isto é muito confuso, que nós podemos confundir os estudantes?”. E eu digo, é fantástico que a gente confunda os estudantes. Eles têm que aprender a lidar com a confusão. Eles tem que ser formados de uma maneira a não aceitarem qualquer coisa que os professores digam, precisam ser formados para criticar os professores. Isto não é falta de respeito. [...] E é possível ser absolutamente sério e democrático e ao mesmo tempo exigir respeito. Na minha perspectiva quanto mais a universidade estimular diferentes formas de pensar, de sonhar, tanto mais os estudantes terão a possibilidade de fazer escolhas no futuro (p. 30-31).

A perspectiva do diferente ou as diferentes perspectivas, que promove a reflexão talvez seja este o papel da universidade contemporânea. E Freire segue seu pensamento dizendo que a nossa maior responsabilidade, como professores e professoras, é a de mudar a educação que está aí e que “as pessoas responsáveis pela educação deveriam estar inteiramente molhadas pelas águas culturais do espaço onde atuam” (FREIRE, p. 24).

Homi Bhabha, na obra *O lugar da Cultura* (1998), vai trazer o conceito de inter-lugar que é o espaço entre o *eu* e o *outro*, o terceiro lugar ou o inter-lugar, está justamente em um espaço de negociação em que há a disputa de poder que se chamará de híbrido, pois estará envolvido entre características próprias de um e outro ente. Muito embora, estes espaços de negociação sejam necessários para que um não anule o outro, é imprescindível forjá-los se realmente constituímos que eu *sou* porque nós *somos*. Ou seja, a processualidade da educação precisa encontrar este inter-lugar de possibilidades, que não será apenas essas ou aquelas, mas outras, possíveis e coerentes com um mundo mais fraterno.

Os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos desta tese-formação se deram nesta processualidade de inter-lugar, em que professores coauto(trans)formadores não pretenderam postular fórmulas ou ensinar mecanismos em que se pudesse seguir como diagnósticos de experiências passadas para validá-las. Antes, estas pessoas se colocaram em intenção de e na aprendizagem na/daquilo que congregavam como amigos e educadores em comunhão na formação permanente. A perspectiva do *ethos* se constitui, pois, na própria condição de humanização em que a linguagem instaura a palavra, ou ainda, o dizer as nossas palavras como caminho de solidariedade humana.

Portanto, é fundamental conhecer outras formas de ser e estar no mundo que pela e na educação ou humanizam ou desumanizam a vida. E compreendo ser importante pedir licença e caminhar nas trilhas de outras histórias, olhar pela cortina nas brechas de outros contextos, espiar entre as fechaduras de outras realidades e assim, talvez, descartemos rotas que não nos instigam a seguir caminhando, talvez encontremos uma vereda em que possamos abrir caminho, uma picada para construir novas e outras possibilidades.

Leonardo Boff em *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra* (1999) reflete acerca do *ethos*:

Quando falamos de *ethos* queremos expressar o conjunto de valores, princípios e aspirações que dão origem a atos e atitudes (as várias morais) que conformarão o habitat comum e a nova sociedade nascente. É urgente um novo *ethos* de cuidado, de sinergia, de re-ligação, de benevolência, de paz perene com a Terra, para com a vida, para com a sociedade e para com o destino das pessoas, especialmente das grandes maiorias empobrecidas e condenados da Terra (p. 39).

Ao trazer a compreensão de Boff podemos perceber que o cuidado é o *ethos* do ser humano no sentido de que somos convocados as demandas de nosso tempo a assumir a postura de pensar outros panoramas de vida, tanto no âmbito da escola-universidade como em todas as esferas da vida na sua incompletude. Não podemos nos desprender da ideia que todas e todos temos nossos limites, que devem ser acolhidos com humildade e que, ao assumirmos nossa condição inacabada, podemos, dessa forma, transpor as barreiras que nos impedem de fazer-ser. Estando, assim, na “mística da solidariedade” (BOFF, 1999, p. 175) a ideia de complementaridade humana em favor de uma sociedade mais justa, de um mundo mais humano e bonito.

Sobre a educação Boff dirá que já foi possível chegar à lua e a tantas outras conquistas fora do sistema solar “mas a serviço de que projeto humano, de sociedade e de mundo utilizamos o poder da ciência e da técnica?” (BOFF, 1999, p. 22). Ou seja, como é aceito que tantas e tantas conquistas, obviamente válidas e importantes, em que não se esteja em primeira instância o cuidado com o humano, na sua potência de vida e como possibilidade de salvaguarda do planeta. “Não busquemos o caminho [...] fora do ser humano. O *ethos* está no próprio ser humano, entendido em sua plenitude que inclui o infinito” (BOFF, 1999, p. 191). Assim, só podemos pensar outra educação e outro mundo possíveis no sentido de que é fundamental um novo ‘eu’ que, por ser inacabado, pode construir o novo.

Nestas possibilidades que a educação pode encontrar caminhos, um novo mundo se constrói com mais solidariedade, com mais ética, com mais sonhos de um mundo melhor, menos feio a favor das pessoas e da vida... a humaniversidade.

3.6 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES OU COAUTO(TRANS)FORMAÇÃO COM PROFESSORES?

Prezado Professor, sou sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum homem deveria ver. Câmaras de gás construídas por engenheiros formados. Crianças envenenadas por médicos diplomados. Recém-nascidos mortos por enfermeiras treinadas. Mulheres e bebês fuzilados e queimados por graduados de colégios e universidades. Assim tenho minhas suspeitas sobre a Educação. Meu pedido é: ajude seus alunos a tornarem-se humanos. Seus esforços nunca deverão produzir monstros treinados ou psicopatas hábeis. Ler, escrever e saber aritmética só são importantes se fizerem nossas crianças mais humanas.

Texto encontrado após a Segunda Guerra Mundial, num campo de concentração nazista.

Para Paulo Freire a “vocação ontológica do ser humano” (Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Autonomia, Pedagogia da Esperança) será justamente o compromisso com a humanização, e essa perspectiva se renova quando se pensa a formação humana. Uma formação que, também docente, se insere como fenômeno integral, como condição para a conscientização e auto(trans)formação.

A desconsideração total pela formação integral do ser humano e a sua redução a puro treino fortalecem a maneira autoritária de falar de cima para baixo. Nesse caso, falar a, que, na perspectiva democrática é um possível momento do falar com, nem sequer é ensaiado. A desconsideração total pela formação integral do ser humano, a sua redução a puro treino fortalecem a, maneira autoritária de falar de cima para baixo a que falta, por isso mesmo, a intenção de sua democratização a falar com (FREIRE, 1997, p. 116).

O contexto autoritário que se impõe aos que se dizem detentores do poder do conhecimento precisa ser superado a ponto de se perceber que o próprio saber é dinâmico, vivo em constante vir a ser. Em uma visão de falar para os professores se tem a ideia de que eles precisam ser treinados, para que algum objetivo seja alcançado. Já na intenção de falar com os professores existe o deslocamento de horizonte de compreensão em que não existe um discurso prévio estabelecido a ser executado, mas de outro modo, uma busca de se fazer fazendo, de se construir construindo, de se formar formando-se.

Rubem Alves em *Conversas com quem Gosta de Ensinar* (2000) nos interpela a pensar:

E agora eu me perguntaria sobre o discurso que tem fluído de nossas práticas educativas, do jardim-de-infância às pós-graduações... Que amores têm sido inflamados? Que ausências têm sido choradas e celebradas? Que horizontes utópicos têm sido propostos? [...] Que valores têm informado nossa prática educativa? (p. 84-85).

Sentir-pensar-agiruma formação longe das emoções pode provocar a esterilidade dos sonhos, da fé e da própria criação como autoria com autonomia e protagonismo. A nossa prática educativa com e como professoras e professores revela o quê? A ciência, a epistemologia e o saber o que se faz com isso na processualidade da conscientização para a auto(trans)formação?

Na formação com professores como processo humano para atuação na sociedade, Imbernón (2011) fará o seguinte questionamento: “quais são as competências necessárias para que o professor assuma essa profissionalização na instituição educacional e tenha uma repercussão educativa e social de mudança e transformação?” (IMBERNÓN, p. 13). Assim, essa mudança e transformação deverá ser o seu propósito de atuação, mas também sua condição como pessoa, quer dizer, ao mudar, pela educação o mundo possível, transformamo-nos, também, com ela.

Dessa maneira, não podemos supor que a formação seja extra pessoa, ou seja, um movimento de fora para dentro, é fundamental percebermos que a educação como fonte libertadora necessita da conscientização de que este processo

é auto(trans)formativo e intersubjetivo. Quando Imbernón postula que “será necessário formar o professor na mudança e com a mudança” (2011, p. 35), eu lhe questionaria: É possível formá-lo? Se justamente o foco está na mudança, não seria oportuno então provocar-mobilizar o professor, a professora em constituir o que de relevante e eficaz se faz nessa mudança, com autoria e autonomia? Trazer a problematização da formação, da prática docente e, assim, constantemente e permanentemente constituir a formação, naquilo que o professor Celso Ilgo Henz chamará de genteidade:

Muitas das nossas escolas foram “esvaziadas” da genteidade dos(as) educandos(as) e educadores(as); todos(as) parecem estar ali somente em função da “transmissão dos conhecimentos científicos”, esquecendo que a escola é lugar de gente (Freire). Lembremos: não nascemos “homens” e/ou “mulheres; precisamos aprender a ser gente”. Então, educar é humanizar; é ensinar-aprender a genteidade (2007, p. 149-150).

Tenho apreço pela perspectiva da genteidade trazida por Henz que comunga com aquilo que Miguel Arroyo (2013) vai chamar de “Inconfidências dos Mestres”, quando discorre sobre a escola viva, a transgressão coletiva de professores que antes “fiéis às normas e disciplinas, sem liberdade de pensar e ensinar, de pesquisar e criar. Tudo nos estreitos das grades, das normas e regimentos” (ARROYO, 2013, p. 140), possam assumir gestos e experiências diversas para que se tenha outra escola e outro professor, outra professora e assim assumir a ação educacional no plano da ética.

Marie Christine Josso (2004) vai aprofundar que é necessário o conhecimento de si, do ser aprendente, inacabado que se coloca consciente de si como pessoa-sujeito de sua formação

O que está em jogo neste conhecimento de si mesmo não é apenas compreender como nos formamos por meio de um conjunto de experiências, ao longo de nossa vida, mas sim tomar consciência de que este reconhecimento de si mesmo como sujeito, mais ou menos ativo ou passivo segundo as circunstâncias, permite à pessoa, daí em diante, encarar o seu itinerário de vida, os seus investimentos e os seus objetivos na base de uma auto-orientação possível, que articule de uma forma mais consciente as suas heranças, as suas experiências formadoras, os seus grupos de convívio, as suas valorizações, os seus desejos e o seu imaginário nas oportunidades socioculturais que soube aproveitar, criar e explorar, para que surja um ser que aprenda a identificar e a combinar constrangimentos e margens de liberdade (p. 58).

Sobre estes “constrangimentos e margens de liberdade”, Paulo Freire vai dizer que são as *situações-limite* e os *inéditos-viáveis*. Assim estes dois autores compartilham da ideia de que a formação humana se dá pela luta tanto interna do

ser que aprende, como luta externa em sociedade, em uma processualidade dinâmica em auto(trans)formação permanente.

Sinto-me muito próxima quando, na obra *Formação de Professores: compartilhando e reconstruindo caminhos* (2002), nas notas de campo, a professora Dóris Pires Vargas Bolzan declara:

Observo que todo o começo parece uma redescoberta: quem somos e o que fazemos? Alunos e professoras, trabalhando juntos, uns organizando a lição, outros tentando resolvê-la. Assim a escola conduz, a cada período letivo, seus alunos e professoras, a fim de que realizem a tarefa de aprender e ensinar. Procuro, diante disso tudo, entender um pouco dessa rotina e confesso que, em alguns momentos, nada disso é muito claro. Encontro-me com as professoras. Durante esses encontros, ainda que breves, procuro compreender quais as suas preocupações (p. 09).

Gosto desta ideia, de um deslocar-se em direção ao outro, de lançar um olhar para compreender e interpretar. Essa perspectiva de aprenderem umas com as outras promove a atmosfera do *com* como possibilidade de formação, trans-formação, coauto(trans)formação.

Com tudo isso a formação com professores, a auto(trans)formação com professores, será possível no momento em que ambas as constituições se comprometam dialogicamente para, também, transformar as ações, as instituições, as normas, e, conseqüentemente, a própria educação.

3.7 SOBRE A MÍSTICA: COMPROMISSO CÓSMICO FRATERNAL

Possa esta casa estar assentada pela bondade da terra,
possam suas paredes ser abençoadas,
possa o telhado ser guardado pelos céus acima,
que todos que aqui habitam encontrem esperança e força de vida,
alegria de viver, fé, paz, respeito e significado em seus destinos.

Provérbio indígena

Na nossa cultura, praticamente, esquecemos de cultivar
a vida do espírito que é nossa dimensão mais radical,
onde se albergam as grandes perguntas, se aninham os
sonhos mais ousados e se elaboram as utopias mais
generosas.

Leonardo Boff

Na construção em soma das palavras fraternidade e ternura, FraTernura, somos convidados a sermos mais irmãos, mais humanos mais cheios de ternura em um mundo, muitas vezes, marcado pela ganância, pelo lucro, pela inescrupulosa ação que cala e mata povos, etnias, credos, culturas e faz do mundo um lugar de medo, de fronteiras e de manipulação, “expressão de uma sociedade sofrida mas que se encontrou na 'fraternura' e na alegre celebração da vida” (BOFF, 2018, p. 1). Desde que nossas terras ameríndias foram invadidas, que os nativos foram considerados como aqueles que careciam, dentre inúmeros substantivos, um deus a temer. Os povos denominados indígenas foram vistos como aqueles carentes de um idioma, de uma cultura, de vestes, de um senhor, carentes de ganância, tendo sido manipulados por sua ingenuidade frente ao invasor. Em consonância às epígrafes, para os nativos a casa e o espírito sempre foram a natureza, as matas, os ciclos das estações, além de uma casa com teto e paredes, de gentes de carne e osso, uma casa precisa de afetos, de esperanças, de alma, de fé em um contínuo pertencer cósmico. A relação dos nativos com o universo sempre foi de pertencimento, coisa que o branco invasor nunca conseguiu adquirir. Ao fazê-los acreditar que era necessário entrar no reino dos céus catequizaram-lhes e os batizaram. Fizeram com que eles acreditassem que não tinham uma música, ensinaram-lhes o canto gregoriano. Ao fazê-los acreditar que deus não suportava ver suas “vergonhas” à mostra, cobriram-lhes com vestes. Assim, a invasão que, para além do territorial, seria a invasão cultural (FREIRE, 2017). Invasão que além da morte física, da devastação, do estupro, reivindicou profanas suas divindades; outras mortes inauguraram, em nome do ouro e de um deus opressor, suas gentes se extinguíam.

Ao adorar o sol, a lua, a chuva, o vento em uma mística do cosmos (BOFF, 1999) como aquele que é apenas uma parte do todo, não mais nem menos importante, mas fazendo parte igual que um pássaro, igual que uma folha, igual que um homem ou uma mulher, assim os ameríndios compunham com o universo vivo seu ser no mundo, pertencendo, fazendo parte, sendo.

Essa mística da natureza em que a grande mãe terra, Gaia (BOFF, 1999), se expressa foi o grande legado na mestiçagem latino-americana. Mistura que faz com que acendamos uma vela para o anjo da guarda na mesma proporção que benzemos o ombro ferido por torção. Com isso, a mística do vento e da chuva, comungada com a oração, a mística do fogo e da terra, juntamente com uma canção de Maria se torna totalmente aceitável.

A mística cristã, como todas as místicas, é um fenômeno humano que não pode ser desprezado enquanto humano. Não só nas suas manifestações religiosas, mas também nas chamadas formas profanas de mística, sejam elas éticas, estéticas, cósmicas ou simplesmente intuição do fundamento do real. Referidas quase sempre a situações-limite, elas tornam patente essa exposição do ser humano à ferida da transcendência (LARRAURI, 2002, p. 356).

Não temos como fugir da compreensão de que o cristianismo foi um dos grandes invasores do nosso continente. Assim, estabeleceu-se deus uno e trino em que a religião católica foi a primeira porta-voz, tendo nas coroas ibéricas seu maior refúgio. “A palavra cristã só poderá ser escutada e levada a sério se for capaz de iluminar a experiência do homem moderno, se não for estranha ao que ele é e vive” (LARRAURI, p.357). Muito embora, ao longo do tempo outras e várias religiões se utilizassem do divino para justificar as misérias que se fizeram no e com o mundo.

Augusto Boal (2019) faz uma importante reflexão

Esse novo Deus Proprietário, o Deus Burguês, exigia uma urgente reformulação religiosa, que não tardou a vir na fórmula do protestantismo. Dizia Lutero que a propriedade nada mais era do que a recompensa dada por Deus à boa direção dos negócios, à boa administração dos bens materiais. E para, Calvino, não existia maneira mais segura de se verificar, ainda em vida, quais os eleitos de Deus senão enriquecendo aqui na terra [...] se enriquecesse certamente Deus estava do seu lado. O capital acumulado passou quase a denotar a graça divina. Os pobres, os trabalhadores braçais, os operários e camponeses, nada mais eram que uma legião de não eleitos, que não podiam enriquecer porque Deus estava contra eles, ou pelo menos não os ajudava (p. 80-81).

Nos primeiros tempos dos Círculos de Cultura, quando Paulo Freire questionava o porquê de os camponeses viverem naquela situação de fome e abandono a primeira resposta era que Deus queria que fosse assim, um infortúnio muito mais dos céus do que da terra. Ao problematizar as situações, ao conscientizarem-se como pessoas-sujeitos de sua história, Deus deixava de ser o culpado.

Os discursos em nome de Deus serviram, e ainda servem, de manipulação principalmente do povo humilde. Que carece de pão, carece de teto, carece de afeto e que encontram neste Deus opressor aquele que pode lhes assegurar a redenção depois desta vida, única alternativa para livrar-se do sofrimento.

Franz Fanon (1961) vai trazer esta temática de forma muito profunda, em que desautoriza o leitor em chocarmo-nos, ao questionar a religião cristã como branca e opressora:

Falo da religião cristã, e ninguém tem o direito de chocar-se. Uma Igreja nas colônias é uma Igreja de brancos, uma Igreja de estranhos. Ela não chama o homem colonizado para o caminho de Deus, mas para o caminho do branco, o caminho do senhor, o caminho do opressor. E como sabemos, nessa história há muitos chamados e poucos escolhidos [...] desumaniza o colonizado. Na verdade, ele o animaliza (p. 59).

Para além de uma religião cristã, sem negar a sua funesta apropriação opressora perpetuada a séculos, o que mais co-move para esta investigação é a transcendência como perspectiva como percepção de finitude, como panorama de inconclusão em uma ligação com aquilo que transcende a própria existência humana.

Na obra *Educação como Prática da Liberdade* (2018), livro que dedicou aos seus pais, Freire diz que foi com eles que aprendeu “o diálogo que tratei de manter com o mundo, com os homens, com Deus, com minha mulher e meus filhos.”

A procesualidade dialética e dialógica que Paulo Freire manteve com/no mundo vai fazer com que denuncie práticas discriminatórias e dominadoras, inclusive no que diz respeito às crenças, as dominações em nome de um Deus branco, elitizado e distante de homens e mulheres pobres do mundo.

Este olhar indignado, frente às injustiças, em um discurso dito de uma sociedade democrática, mas revestido de arrogância que minimiza as gentes a uma condição de dominação-domesticação. Esse olhar de Paulo Freire é que nos remete ao homem “camarada de cristo”, “o Cristo que se encontra na esquina”, referindo-se a um ser vivo, próximo, real, irmanado pelas forças e ideias de uma fé libertadora.

Assim, ao pensar na palavra de Deus, também, como libertadora, é fundamental pensarmos no homem liberto, autônomo e com criticidade frente a essa palavra. Freire continua e faz referência a transcendência:

Ademais, é o homem, e somente ele, capaz de transcender. [...] A sua transcendência está, também, para nós, na raiz da sua finitude. Na consciência que tem dessa finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador. Ligação que, pela própria essência, jamais será de dominação ou de domesticação, mas sempre de libertação. Daí que a religião - *religare* -, que encarna este sentido transcendental das relações do homem, jamais deva ser instrumento de sua alienação. Exatamente porque, ser finito e indigente, tem o homem na transcendência, pelo amor, o seu retorno à fonte, que o liberta (FREIRE, 2018, p. 56).

Dessa forma, Paulo Freire (2018) ao tratar do ser inconcluso, da consciência de finitude, vai dizer que os homens e mulheres são capazes de perceber o infinito,

e transcender, e, então, ligar-se ao criador que é, afinal, amor... não mais aquele colonizador-invasor, mas, agora é um Deus outro, fora do altar eclesiástico.

Na obra *Utopia urgente: escritos em homenagem a Frei Carlos Josaphat nos seus 80 anos* (2002), Carlos Palácio Larrauri, no subcapítulo: *Mística cristã e “condição moderna”* irá discorrer acerca da etimologia da palavra “mística”, sua origem grega com derivação latina. Revelando tratar-se do objeto da experiência no qual se acessa o misterioso, secreto ou oculto, “já na raiz, portanto, a palavra “mística” aponta para uma realidade que vai além da experiência humana, que “transcende” (p. 339).

É por ser uma “mística da alegria do mundo”, por não poder abandoná-lo a si mesmo, por ter que carregá-lo responsabilmente, que a mística cristã pode abrir o mundo para a transcendência. [...] Devolver ao humano a sua dignidade é o maior serviço que a mística cristã pode prestar à “condição humana” do homem moderno (LARRAURI, 2002, p. 358).

Essa possibilidade dialética com a proposta místico-fraterno-cristã envolve-nos e nos torna curiosos a ponto de nos colocar em escuta sensível e olhar aguçado para o legado de Paulo Freire, refletido nas gentes que o estudam, que o valorizam como um pensador do homem liberto.

Essa temática vem à tona, inclusive, quando Nita Freire, em maio de 2015, é recebida no vaticano pelo papa Francisco e faz o pedido de que fossem abertos os arquivos do Vaticano para que se soubessem qual a influência das ideias de Freire nos pontificados, a partir da publicação de *Pedagogia do Oprimido*, em 1970. Na mesma ocasião entregou uma carta na qual elogia o papado e pede ajuda para que Francisco interceda junto a sacerdotes (“sobretudo dominicanos, salesianos e jesuítas”), para que cedam cartas que receberam de Paulo Freire sobre a Teologia da Libertação – corrente de origem latino-americana que defende uma igreja voltada aos mais pobres.

Paulo Freire teve em sua trajetória desde o exílio no Chile que tomar atitudes que influenciariam sobremaneira a sua coerência onto-epistemológica. Já havia em *Educação como prática da liberdade* (1967), anunciado as relações entre humano, fé, liberdade, conscientização, política, diálogo, e, logo, em *Pedagogia do Oprimido* (1970-2017) marcaria na história da educação a inscrição da vez e da voz do oprimido. Com isso, em vistas de deixar o Chile³⁵, Freire recebeu seis convites de universidades nos Estados Unidos para ampliação de sua carreira universitária,

³⁵ Exílio no Chile.

incluindo Harvard. Ao mesmo tempo o Conselho Mundial de Igrejas – CMI³⁶, em Genebra também lhe convidara para fazer parte do Departamento de Educação e Formação Ecumênica. Dessa forma, Freire decide que sua contribuição com “os esfarrapados do mundo” seria mais profícua em Genebra do que nos bancos acadêmicos dos Estados Unidos.

Os depoimentos [...] e outras declarações dele (Freire) na mesma linha, deixaram muito claro que, na hora da escolha, ele percebeu que era o convite do Conselho Mundial de Igrejas que lhe abriria caminhos para esta recepção universal de sua proposta (ANDREOLA, 2005, p. 53).

Paulo Freire e sua equipe criaram o IDAC – Instituto de Ação Cultural cujo objetivo era recorrer experiências educativas ao redor do mundo em contextos socioculturais dos mais diversos “desde a alfabetização de jovens em países africanos até a ação cultural no contexto feminista europeu” (ANDREOLA, p. 112). Permaneceu, assim, dez anos no CMI e nesta atmosfera lança-se universalmente em sua proposta de uma utopia sócio-político-pedagógica.

Então, nesta mesma consideração, nos juntamos a autores que comungam esta re-união ecumênica como forma de ação no mundo, em todas as esferas. Em *A Missão do Povo que Sofre* (1985), Carlos Mesters vai percorrer os caminhos da bíblia em uma perspectiva a partir das falas do povo, dos silêncios de dor. Do grito dos pais que perdem seus filhos para a fome, que têm suas cercas e roçados invadidos/derrubados e são despejados da terra, do emprego, da sociedade. Essa sensibilidade para além da instituição igreja, para além de conceitos de religiosidade católica, essa sensibilidade comungada com a de Paulo Freire, nos convida para a partilha e comunhão com o sofrimento das pessoas do mundo. E somos convocados a caminhar em direção àquilo que o professor Balduino clama no prefácio da *Pedagogia da Indignação* (2014),

Cabe a nós, Paulo, que aqui ficamos, derrubarmos muros e inventarmos o que venho chamando, há alguns anos, uma engenharia epistemológico-pedagógica de pontes, através das quais possamos ir e vi, ao encontro uns dos outros, sonhando com o dia em que possamos sentar à sombra desta mangueira da fraternidade global. Se tua voz, Paulo, fosse uma voz solitária, a esperança se tornaria difícil. Alegria-nos ver-te situado num

³⁶ “O CMI é um organismo composto por igrejas cristãs que a ele aderem com propósitos da unidade, da solidariedade, serviço e apoio. O CMI faz destinação de recursos a projetos e programas que busquem a unidade visível da Igreja, a missão e a evangelização, a formação ecumênica, a ética da vida e propostas alternativas à globalização, defesa e promoção conjunta da justiça e a solução pacífica de conflitos de toda natureza. O CMI trabalha especialmente com o diálogo inter-religioso e em atendimento à África, nas questões sociais e na solidariedade ecumênica” (RIBEIRO, 2005, p. 49).

processo histórico de grande enveredadura. Tenho certeza plena de que todos os grandes mestres citados acima, e dezenas de outros, assinariam o que escreveste em tuas emocionantes Cartas Pedagógicas. Elas lançarão luzes novas sobre os caminhos de milhares de educadores, e de milhões de pessoas, no mundo inteiro, que, inspirados na tua obra, lutam para a construção histórica de um novo projeto de humanidade (p. 27-28).

Nessas andarilhagens que é a busca de um caminhar teórico-conceitual carregado de sentido para a vida em comunhão a favor da fraternidade e, em favor da humanidade, como dito pelo professor Balduino, é possível interpenetrar nos conceitos, nas percepções, nas linguagens de como a presença da força do divino, a experiência da fé em um contexto de opressão pode promover a comunhão fecunda. Dessa forma, Leonardo Boff vai refletir em *A Trindade, a Sociedade e a Libertação* (1986), ao se referir a que a Trindade será a fonte inspiradora e modelo de uma sociedade humana que se assenta sobre a colaboração de todos, em pé de igualdade, a partir das diferenças de cada um, gerando uma formação social fraterna, aberta, justa e igualitária.

Paulo Freire em *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos* (1984), no subcapítulo: *O papel das igrejas na América Latina e, ainda, o Prefácio à edição Argentina* vai fazer uma profunda reflexão no que concerne à educação e às igrejas. E aprofunda ao afirmar que as instituições estão regidas por perspectivas que são políticas, históricas e condicionadas, portanto não podem ser neutras. Dessa forma, a igreja que prega uma pretensa neutralidade estará, assim como a educação que se diz neutra, a favor da dominação.

Para estes escritos me debruço em obras como *Fidel e a Religião: conversas com Frei Betto* (1985), obra que trata da questão religiosa na América Latina, onde ditaduras assassina religiosos que se colocam a favor do povo pobre. As Comunidades Eclesiais de Base que congregam operários e camponeses com organização e resistência, engajados pela força da fé em um Deus libertador e a Teologia da Libertação tratada como expressão política para além dos limites da igreja. Em *Teologia Aberta para o Leigo Adulto: graça e condição humana* (1977) nos apresentamos a Juan Luis Segundo, que destaca a perspectiva dos problemas latino-americanos, relacionados com a vida, e por experiências e vivências de leigos de diferentes situações sociais, idades e formações. A relação entre teologia e educação e educação e teologia identifica a contribuição de Paulo Freire e Juan Luis Segundo no aprofundamento do tema do amor e do diálogo.

Paulo Freire acreditava que o mundo poderia ser transformado através da educação problematizadora dialógica. O diálogo se fundamenta em elementos constitutivos como fé, amor, humildade, confiança e esperança que também fazem parte da teologia cristã.

Ainda em meio a nosso retiro teórico-conceitual, aproximamo-nos ao prefácio escrito pelo professor Carlos Rodrigues Brandão, na obra *Educação Popular e Teologia da Libertação* (1997), de Mathias Preiswerk um suíço-boliviano, pastor evangélico, na perspectiva ecumênica que vai tratar da relação entre a teologia da libertação com a educação popular. No prefácio, o professor Brandão relembra que “não deve ser esquecido que a primeira equipe do professor Paulo Freire, quando dos tempos dos trabalhos de alfabetização de pessoas de comunidades populares adultos do interior do nordeste, era constituída de uma maioria de cristãos” (BRANDÃO, 1997, p. 10). Nesta obra, de Preiswerk, encontro o subcapítulo: *Paulo Freire e o Evangelho* no qual destaca a questão de como se dá esta abordagem, referindo-se ora ao Evangelho, ora a teologia e a reflexão: “a conscientização [em Freire] é uma páscoa porque “exige morrer para renascer de novo” (p.54), e aprofunda: “o tema da Páscoa, da “passagem” da morte com os que não têm direito à vida, está no centro de uma reflexão de Freire sobre a responsabilidade educativa das Igrejas e dos cristãos” (PREISWERK, 1997, p. 54).

Esse aprendizado requer como condição *sine qua non*, que eles façam (a concepção elitista) realmente a sua Páscoa. Isto é que “morram” como elitistas para renascerem como revolucionários [...]. Isso implica a renúncia de seus mitos, tão caros a eles. O mito de sua “superioridade”, o mito de sua pureza de alma, o mito de suas virtudes, o mito de seu saber, o mito de que sua tarefa é salvar os pobres. O mito da inferioridade do povo, o mito da sua impureza, não só espiritual, mas física, o mito da sua ignorância absoluta. Cedo percebem que a indispensável Páscoa, de que resulta mudança de sua consciência, tem realmente de ser existenciada. [...] Só na autenticidade da práxis histórica, a Páscoa é morrer para viver (FREIRE, 2015, p. 176-177).

Entre as muitas obras o nosso sentir-pensar-agir e nossa reflexão se misturam na obra *Voz dos sem voz: a palavra profética de D. Oscar Romero* (1987), onde Ignacio Martín-Baró traz quatro cartas pastorais, o autor apresenta a ideia que D. Oscar Romero manifesta sobre a igreja e suas relações político-sociais, demonstrando a opção preferencial pelos pobres, assim como a última homilia. Mostra os traços que fizeram deste homem um pastor, um profeta, um mártir, que arriscou e deu a vida para aqueles silenciados, emprestando sua voz aos calados da sociedade, sabedor que “ser o porta-voz do outro é ainda furtar-lhe a voz” (BOAL,

2019, p. 220). Muito embora, seja necessário esse empréstimo em uma sociedade ainda carente dos seus dizeres.

Então, para construir uma ambiência dialógica, e que “esta ação de diálogo eu-tu, seja libertadora, sinérgica e construtora de aliança perene de paz e amorização” (BOFF, 1999, p. 139) é que os encontros junto ao grupo *Dialogus* são realizados com este espírito fraterno; e que esta tese-formação também se filia.

Nestes encontros temos um momento de sensibilização em que a mística espiritual entra em cena. De modo que ao emergir a temática do próximo encontro nos envolvemos em como dizê-lo de outras formas que toque o sensível de cada participante. Pois “há algo nos seres humanos que não se encontra nas máquinas [...]; o sentimento, a capacidade de emocionar-se, de envolver-se, de afetar e de sentir-se afetado” (BOFF, 1999, p. 99). E aprofunda:

Efetivamente, face às demandas da nossa cultura ecológica mundial, reconhecemos sua grande atualidade. Somos velhos, ainda aferrados ao modo-de-ser do trabalho-dominância-agressão. São Francisco, no entanto, é verdadeiramente alternativo por seu radical modo de ser-cuidado com respeito, veneração e fraternura com todas as coisas (BOFF, p. 169).

Assim, encharcada das águas que me envolvem nesta mística cósmica, e carregada de fraternura, vou desvelando as pegadas deixadas por Paulo Freire e outros amigos, em uma pedagogia a caminho da libertação, pela conscientização, pela ânsia de condições para dizermos as nossas palavras em uma América Latina marcada historicamente por regimes totalitários que pretenderam calar as vozes dos oprimidos. Contudo, com os transgressores, com os ‘subversivos’, com os chamados “inimigos de Deus e da pátria brasileira”, não foi possível tal silenciamento. A estes resistentes, com as mãos dadas, porque não dizer, às vezes abraçada a Paulo Freire, Marie Christine Josso, Carolina Maria de Jesus, Ernani Maria Fiori, Leonardo Boff, Balduino Antonio Andreola, Juan Luis Segundo, Carlos Mesters, Augusto Boal, Franz Fanon e tantos ou mais. Aos meus orientador e coorientadora, aos coautores desta pesquisa e outros educadores e outras educadoras, filósofos, filósofas e teólogos, teólogas com os e as quais podemos compreender a emergência da Teologia da Libertação, da Filosofia da Libertação e da Pedagogia da Libertação.

4 CABE A VOCÊS INVENTAREM NOVAS METODOLOGIAS³⁷

Receita Federal

Vinho capricho do Sul

Ares salgados do Rio

Queijo com doce de Minas

Norte caju açaí

Johan Konings

Receita Federal geralmente nos remete à ideia das obrigações que os “contribuintes” têm em relação ao capital, circulação de mercadoria, é um órgão fiscalizador. Por isso a epígrafe se faz oportuna ao deslocar o sentido da construção “Receita Federal”, para dizer justamente o que na federação se constitui como lugar de ser, lugar de pertencer, isso é o que acontece quando algum segmento se apropria, inclusive, da linguagem.

Paulo Freire (1995) ao escrever a obra *À sombra desta mangueira*, nos convoca ao sentimento de pertencimento em que um homem, educador, intelectual reconhecido em todo o mundo marca sua origem e tem justamente na mangueira o símbolo deste pertencimento. O que nos permite concluir que podemos reconhecer as sombras de pitangueiras ou laranjeiras, o que quer dizer que ao nos pertencer o vinho por sermos gaúchos que nos reconheçamos que este mesmo movimento, mesmo parecendo tão diferente, possa em outro recanto do nosso Brasil ter gosto de açaí, ou outros gostos mundo a fora. Paulo Freire ao trazer a mangueira e a sombra, e por ser um ser altamente político, constitui a sombra como possibilidade de invenção, não como ausência de luz ou a projeção sombra como sombria, a sombra da mangueira de Freire é alento e é acalanto de espaço aprendente de pertencimento. Com isso podemos interpretar que o que importa nesta perspectiva é reconhecer-se em uma reinvenção pertencente, sem receitas prontas e acabadas.

Dessa forma, a experiência, pois, só pode ser entendida justamente na processualidade da sua invenção. Assim, ao trazermos a re-invenção em Paulo Freire precisamos nos *encharcar nas/das águas* que nos trazem as profícuas condições para que, *molhados*, sejamos a cada momento mais, e mais, responsáveis pelos e nos espaços que atuamos. Ou seja, toda a nossa existência.

³⁷ Paulo Freire perguntado sobre como poderia ser seguido preferiu esta frase.

Com isso, ao pensarmos em como fazer uma investigação coerente com o compromisso proposto por Paulo Freire é fundamental a reflexão de como reinventar esse compromisso:

Uma vez, no início das minhas viagens pelo mundo, alguém me perguntou, não lembro onde, “Paulo, o que nós podemos fazer para segui-lo? Para seguir suas ideias?” E eu respondi: “Se você me seguir, você me destrói. O melhor caminho para você me entender é me reinventar, e não tentar se adaptar a mim (FREIRE, 2009, p. 24).

Freire nos convoca a um compromisso com os contextos de vida, com as lutas, sem um método rígido a ser executado para responder a uma pergunta, até porque “a impressão que tenho é a de que [...] o educador autoritário tem mais medo da resposta do que da pergunta. Teme a pergunta pela resposta que deve dar” (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 47). E propõe assumir os diferentes movimentos e tensionamentos que a pergunta instaura. Desta maneira, re-fazer perguntas problematizando-as, uma vez que as respostas poderão ser muitas, várias, ou, inclusive, nenhuma. Mas sempre trazidas à ação-reflexão-ação na processualidade daquilo que será a própria conscientização que “não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens” (FREIRE, 1979b, p. 15).

Nos Círculos Dialógicos desta tese-formação a propositiva reflexão-pergunta-ação-reflexão foi das proposições a mais requisitada uma vez que os professores coauto(trans)formadores não intencionavam postular receitas ou desenvolver diagnósticos das probabilidades no campo da educação. Antes, estavam dispostos a aprender, a com-partilhar, a com-gregar, rememorar, coauto(trans)formar. Com isso emergiu a complexidade do sentir-pensar-agir que comungado se fazia e refazia a cada novo círculo.

Os processos metodológicos que compõem esta tese-formação buscam re-criar, forjar, abrir trilha e em uma perspectiva que rompa com a pesquisa extrativista. Pois “as ciências sociais modernas abissais baseiam-se em metodologias que extraem informação de objetos de pesquisa muito semelhante àquela através da qual as indústrias mineiras extraem minérios e petróleo da natureza” (SANTOS, 2019, p. 36). Encontrar substratos, extrair informações ou coletar dados se inserem em profunda contradição com o espírito que aqui pretendemos comungar. Diferente das proposições metodológicas, geralmente,

adotadas como apropriadas para uma pesquisa em educação, aqui propomos um processo investigativo *com* pessoas e não *para* ou *sobre* estas. Para encontrar caminhos viáveis a aproximação medular com a Pedagogia do Oprimido (2017) e com a Pedagogia da Autonomia (1997), Paulo Freire se faz imprescindível uma vez que justamente aí encontramos a quebra do paradigma de uma educação que se distancia das gentes e as objetifica para uma educação transformadora com aqueles que historicamente foram subjugados à condição de *ser menos*.

É como homens³⁸ que os oprimidos têm de lutar e não como “coisas”. É precisamente porque reduzidos a quase “coisas”, na relação de opressão em que estão que se encontram destruídos. Para reconstruir-se é importante que ultrapassem o estado de quase “coisas”. Não podem comparecer à luta como quase coisas para depois serem homens. É radical esta exigência (FREIRE, 2017, p. 76).

Dessa forma, lutamos para, inclusive nos processos investigativos, que a radicalidade humana seja coerente com a pedagogia em que homens e mulheres superem as situações-limite e que possam instaurar novos mundos. Que se borrem as fronteiras da quase celestial admiração catedrática de teorias e conceitos, considerados como exclusivamente válidos, e que se desmistifique o instituído no meio acadêmico como únicas fontes e formas epistemológicas.

“Melissa a gente vai responder um questionário, o que tu queres nos perguntar? O que é para fazer professora? Nós ainda não sabemos.” Essa foi, de modo geral, a primeira pergunta que os coautores tiveram em relação a como poderiam contribuir com a pesquisa, isso ocorreu no primeiro Círculo Dialógico ainda em Março. A perspectiva da processualidade do diálogo problematizador como meio de se fazer pesquisa ainda era algo um tanto diferente e desafiador. Assim, se mobilizava e provocava o deslocar-se do tradicionalmente conhecido como pesquisa acadêmica, invocando, inclusive, situações-limite para a compreensão, apropriação e vivência investigativo-dialógica.

A rigidez de muitas propostas metodológicas na área de ciências humanas como forma não maleável, não passível do vento que bate nas folhas das árvores e as faz movimentar, esta rigidez estática foi abolida e a rigorosidade do diálogo problematizador foi sendo adotada pelos coautores, cada um, como reinvenção possível e necessária.

³⁸ Em Pedagogia da Esperança Paulo Freire vai dizer que o uso da palavra “homem” para ele, até então, estava subentendida a inclusão de homens e mulheres. Porém ao ser questionado por feministas norte-americanas foi convencido que existia uma realidade patriarcal anunciada. A partir daí será usado em suas obras as palavras “mulheres e homens, todas e todos”.

Paulo Freire (2008), ao ser indagado sobre como poderia ser seguido para que seu profundo e profícuo legado continuasse vivo, disse que não buscava seguidores. Mas pessoas que estivessem comprometidas com a luta de libertação; assim era necessário que se encontrassem caminhos para que as mais diversas possibilidades de opressão e negação do humano fossem primeiro, tornadas conscientes, e logo problematizadas e, oxalá, superadas.

Os caminhos metodológicos desta tese-formação confirmam o diálogo como a maneira coerente e viável de se fazer pesquisa. Para Freire (2017, 1997) o diálogo se dá entre gentes, é histórico, concreto, situado, datado com pessoas de carne e osso. Deste modo, não foi realizada entrevista ou respondido um questionário para esta investigação, o que realizamos foi o constructo coletivo pela polifonia, multiversidade e comunhão de horizontes em que professores coauto(trans)formadores manifestam-vivenciam-experenciam a mística, as utopias e as fraternuras na/da humana docência freireana com esta tese-formação. Dessa forma, saberes e sensibilidades entrelaçados na perspectiva da auto(trans)formação tornam viáveis as rupturas com os processos desumanizadores, e isso se dá pelo e no diálogo.

O verdadeiro diálogo não pode existir se os que dialogam não se comprometem com o pensamento crítico; pensamento que, não aceitando a dicotomia mundo – homens, reconhece entre eles uma inquebrantável solidariedade; pensamento que percebe a realidade como um processo de evolução, de transformação, e não como uma entidade estática; pensamento que não se separa da ação, mas que se submerge, sem cessar, na temporalidade, sem medo dos riscos (FREIRE, 1979b, p. 43).

Os multiversos que os professores coauto(trans)formadores teceram em comunhão nos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos proporcionou re-conhecer que a Universidade com a qual nos deparamos, nestes tempos, é uma esfera de conhecimento, muitas vezes, não todas, programado para um fim específico. Quer seja de tipo de sociedade, de perfil desta ou daquela profissão, de status e ascensão de um tipo de pensamento-conhecimento, e também, de algum modo de libertação. Assim, por vezes, a Universidade se perde naquilo que poderia contribuir como biosfera político pedagógica, como constituição de para e a favor da vida planetária, e que ao tecermos e compartilharmos os multiversos, mesmo que em pequenos núcleos, é possível subverter a ordem e construir pequenas e profícuas condições de vida. Quer seja nas formas de relação, nas construções políticas de conteúdos programáticos, nas metodologias que no cotidiano da

Universidade se resgatam para além de um texto final. Com isso, somos convocados à mesa epistemológica para nos unir em uma construção comunitária, muitas vezes são ações quase solitárias, grão de areia, muito embora permaneçam como “fermento e sal” para e com a perspectiva libertadora. Percebemos que é difícil, mas possível e necessário que a Universidade se faça mais humanizadora e mobilizadora de humanidades.

Então, a primeira perspectiva aqui problematizada é uma metodologia que não “coisifica” pessoas, tampouco a própria pesquisa que se dispõe a ser dispositivo que nega ser “em si mesma” para ser *com*. Esta perspectiva instaura a não linearidade do caminho, a não rigidez de processos e, conseqüentemente, a não chegada a uma linha pré-estabelecida com ponto final. Ao reconhecer uma metodologia que se dispõe do diálogo como fonte criadora de pesquisa esta dialogicidade se dará, portanto, entre pessoas, conceitos, teorias e constructos possíveis “não-coisificados”, não tratados como produtos a serem consumidos pela pesquisa. O “ser” do outro se me apresenta como *pessoa* (FIORI, 1987), não como indivíduo no isolamento decretado pela filosofia do liberalismo capitalista.

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente (FREIRE, 2017, p. 77).

A segunda perspectiva que emerge da primeira é da palavra que traduz a condição humana. Paulo Freire aprofunda, de forma radical, o conceito de palavra e junto a Ernani Maria Fiori instituem algo ainda mais profundo que é o “dizer a sua palavra”. Talvez toda a Pedagogia do Oprimido possa ser lida desde esta perspectiva do aprender a dizer a sua palavra “pois, com ela, constitui a si mesmo e a comunhão humana em que se constituiu” (FREIRE, 2017, p. 17). Essa inscrição de constituir-se a si mesmo comungada com a humanidade que também reside em cada um de nós rompe com a ideia de que alguns escolhidos possam ter a palavra e que a outros lhes seja destinado o silenciamento de suas vozes como fatalismo histórico. Assim “com a palavra o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana” (FREIRE, 2017, p. 17). Paulo Freire, ao pensar e propor os Círculos de Cultura aprofunda os conceitos que compõem a palavra e que revolucionam a própria consciência de existência.

No terceiro Círculo desta tese-formação emergiu, fortemente, a perspectiva do Silêncio como possibilidade, como obrigatoriedade e, por vezes inclusive mordaza, e também como condição de Escuta. Mas, o silêncio não é só ausência de conversação, é antes um reconhecer nosso lugar de fala e nossa voz que por estar, muitas vezes, silenciada não deixa de existir. O dizer a nossa palavra se dá na processualidade da conscientização, então a palavra, seja ela a dentro de nós ou a de fora será sempre ativa em um constante dizer-se na luta incessante contra os impostos silenciamentos.

Uma terceira perspectiva que reconhecemos como componente da tríade para pensar a metodologia desta tese-formação é a da hermenêutica como arte da interpretação e como subsídio de se estabelecer sentido. Estas três perspectivas não existem sem que todas estejam em constante borramento e atravessamento de uma em outra. Dessa forma, dá-se lugar a hermenêutica, uma vez que a não-coisificação/objetivação e o *dizer a sua palavra* instauram possibilidades e viabilidades que ressoam as múltiplas vozes que *no* e *com* o diálogo emergem. Ricouer (2015b) considera a pergunta como o fenômeno de construção que possibilita não apenas compreender a opinião dominante, mas questioná-la e interpretá-la. “Este é o círculo: a hermenêutica nasce da pré-compreensão daquilo que ao interpretar ela se esforça por compreender” (RICOUER, p. 10). E, ainda, Paulo Freire faz-nos lembrar que “precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala” (1997, p. 40).

Com isso, para o hermeneuta o diálogo não pode ser traduzido ou confundido, apenas, com conversação, turnos de fala, ou a própria expressão vocal de algum som de qualquer língua do mundo, há de se superar a hipertrofia do verbalismo (ANDREOLA, 2019). O diálogo constitui um comprometimento com o outro, consigo mesmo, com o mundo, com o cosmos que instaura boniteza à multiplicidade.

A linguagem, da qual participa o ouvir, não é universal somente no sentido de que nela tudo pode vir à fala. O sentido da experiência hermenêutica reside, antes, no fato de que, frente a todas as formas de experiência de mundo, a linguagem abre uma dimensão completamente nova, uma dimensão de profundidade (GADAMER, 2015, p. 597).

Os Temas Geradores propostos por Freire (2017) só puderam existir no e pelo diálogo, caso assim não o fosse jamais teriam sido tão transgressores a ponto de, ao mesmo tempo, revolucionar a alfabetização de adultos e abalar a ordem política vigente no país nos idos dos anos 1960³⁹. A Palavra Geradora e logo, os Temas Geradores, nos Círculos de Cultura, provoca o diálogo problematizador em que todas e todos são convidados a dizerem suas palavras, a respeitar seus silêncios, a derramar suas lágrimas, e expressar sua indignação e a demonstrar solidariedade uns com os outros. Talvez aí se encontre o conceito de hermenêutica quando Gadamer (2015) nos diz que fica muito de não dito quando se diz algo, ou ainda que até mesmo uma saída da sala ou os silêncios são grandes elementos de linguagem (FREIRE, 2017). Da mesma forma, Josso (2016) nos convida à reflexão: “Graças à pluralidade das interpretações é que se revelam, no trabalho hermenêutico, as narrativas de formação. Essa polissemia que novamente permite, cria, suscita um convite à invenção de uma significação nova” (p.85).

Os modos como a linguagem, especificamente o uso da língua e do(s) idioma(s), é utilizada podem ser fonte de manutenção do poder; em *Cartas a Guiné-Bissau* (1977) Paulo Freire trará essa problemática, uma vez que alfabetizar os povos recém libertos da África no idioma do homem branco se configurava em um paradoxo. Por um lado, importante para se estabelecer como povo livre e podendo, com as ‘armas’ do opressor, combatê-lo e, por outro, como fazer este mesmo caminho com as línguas africanas tão várias, tão outras?

A perspectiva da linguagem está demarcada na obra *Quarto de Despejo* (1992), em que uma das características mais profundas da narrativa está justamente na falta de uma correção gramatical.

Considero oportuno fazer um parêntese para nos remetermos ao tempo quando eu trabalhava em uma escola, no turno da noite e uma estudante havia chegado após uma semana ausente. Ao vê-la, a vice-diretora lhe indaga do porquê de não ter vindo à escola; momento que ouvimos: “– Professora eu não tinha nem dois real pra vim”, e na sequência ouvi a “correção” da professora”, – Não é “dois real, são dois reais” e não é “vim” é vir”. Com isso, a escola busca corrigir os erros

³⁹ Os Círculos de Cultura propunham alfabetizar adultos em 40 horas a partir de temas de sua realidade chamados de “Temas Geradores”, ao ser proposto pela própria comunidade estes temas tinham relação direta com a vida das pessoas. Isso fez com que ao lerem seus mundos iam se conscientizando e partilhando com seus pares os reflexos de condição de vida. Assim os Círculos de Cultura instituíram uma ameaça a ordem vigente no Brasil nos anos 1960. Este seria o grande motivo pelo qual Paulo Freire seria exilado.

gramaticais, banalizamos o que esta frase denuncia. Pouco importaria a estudante se a concordância nominal ou verbal estivesse de acordo, ela continuaria sem o acesso a escola, ela continuaria em seu mundo “real” ou nos mundos “reais” que a sociedade obstinadamente recusa ver. Dois registros literários me invadem um é o de Cora Coralina (1983) e outro de Oswald de Andrade (1925). “Já o nordestino, mesmo analfabeto, tem uma linguagem corrente, fácil, floreada, encenando nos arcaísmos do idioma. Tive uma empregada que dizia ‘meicado’. Outra que teimou em me dizer ‘Dona Coira’, não criei obstáculos nem propus conserto. No fim quando eu me dirigia a primeira eu dizia vai ao ‘meicado’, com medo que ela se corrigisse. Achava aquilo saboroso, como saborosa me pareceu sempre a linguagem dos simples. Tão fácil, tão espontânea, tão pitoresca em seus errados” (Cora Coralina, *O meu vintém perdido*). E ainda o poema *Erro de Português*: “Quando o português chegou debaixo de bruta chuva, vestiu o índio. Que pena! Fosse uma manhã de sol, o índio teria despido o português” (Oswald de Andrade).

Nos oito Círculos Dialógicos desta tese-formação a linguagem teve papel importantíssimo nas construções coauto(trans)formadoras uma vez que, ao entrar na sala, os coautores sempre estiveram presentes de presença. Quer dizer, estavam naquele lugar usufruindo o momento, as palavras e intenções eram de engajamento, rigorosidade, comprometimento e, também, de brincadeiras, risadas, de alegria, de lembrar chistes e de provocar o riso desprezioso, como amigos que se reencontram e fazem da visita novas condições de viver. Da mesma forma, os diálogos que pela e na linguagem se produziam esteve carregado de signos, sentidos e significados.

Compreender-se é retornar a história da sua própria vida. Ora, compreender essa história é torná-la narrativa, deixá-la guiar-se pelas narrativas, tanto históricas como ficcionais, que compreendemos e que amamos. Assim, tornamo-nos os leitores da nossa própria vida (RICOUER, 2015b, p. 13).

Assim, o diálogo fluía com complexidades próprias destes coautores que dedicaram suas vidas ao mundo da educação, mas que não endureceram seus corações ou diminuíram a dimensão da alegria, do duplo sentido que dava ao significante novos significados, nas lembranças que se traduzem no seu quefazer profissional e humano. As narrativas que no dizerem-se re-significavam suas/nossas experiências e vivências, as memórias como possibilidade, como nos convida Ricouer, de ‘tornarmo-nos leitores de nossa própria vida’.

Paul Ricouer explicita a relação reflexiva e fenomenológica da hermenêutica.

Num artigo longo situado na abertura do meu último livro – *Do Texto à Acção* – expliquei aquilo a que chamo o enxerto da hermenêutica, herdada de Schleiermacher, Dilthey, Heidegger e Gadamer, na fenomenologia herdada de Husserl e, para além de Husserl, de toda a tradição reflexiva que remonta de Nabert a Fichte, a Kant e por fim a Descartes [...] Não discordo da ideia de que esse enxerto da hermenêutica na fenomenologia constitua mais que uma simples adição, isto é, uma transformação em profundidade da fenomenologia. Porém, recuso-me a ver nessa transformação uma ruptura. Os novos conflitos abertos pela perspectiva hermenêutica viriam a confirmar a minha convicção em relação à filiação reflexiva e fenomenológica da hermenêutica (RICOUER, 2015a, p. 06-07).

A perspectiva fenomenológica da hermenêutica instaura possibilidades interpretativas que torna possível compreender a linguagem como viabilidade humana. Por isso a luta para que muitas outras e várias vozes ecoem em todas as esferas da vida, que excedem a fala e se configuram em possibilidades para o diálogo.

O diálogo possui uma força transformadora. Onde o diálogo é bem sucedido, algo nos ficou e algo fica em nós que nos transformou. Assim o diálogo encontra-se em vizinhança com a amizade. Só no diálogo (e no ir-um-com-o-outro que é como que um consenso transbordante sem palavras), amigos podem encontrar-se e construir aquela espécie de comunidade na qual cada um permanece o mesmo para o outro, porque ambos encontram o outro e no outro se encontram a si mesmo (GADAMER, 2000, p. 136-137).

Dessa forma, a própria proposta político-epistemológica, desta tese-formação, insere estas três perspectivas (não-coisificação/objetificação, palavra, hermenêutica), não alinhadas, mas, constituindo uma trama de inter-relações. Inter-relações que foram dialogadas-comungadas entre/com professores coauto(trans)formadores de programas de pós-graduação em instituições públicas ou comunitárias no Estado do Rio Grande do Sul. E que foram acadêmicos do programa de pós-graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) nos idos dos anos 2000-2002; e que tem em comum terem sido colegas no seminário de tese *“Cultura, Resistência e Educação: uma abordagem terceiro mundista”*. E, ainda, terem estado sob a orientação doutoral do professor Balduino Antonio Andreola, cujas teses tiveram como referencial teórico, de algum modo, o legado freireano em diálogos com outros autores comprometidos com a perspectiva humanizadora e libertadora de mulheres e homens. Com isso, estes 4 (quatro) coautores, sendo um deles o próprio orientador-participante desta tese-formação, o professor Balduino e eu, pesquisadora-coordenadora, compusemos os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos, totalizando 6 (seis) pessoas. Ainda,

os coautores⁴⁰, desta pesquisa, comungam o cultivo de uma mística, primeiro espiritual e que ao longo do tempo deu lugar a uma cosmovisão que já se deslocava de uma visão do espírito, oriundos, em alguns casos, dos estudos em seminários católicos, para uma visão do cosmos que se ampliava na e para a ecologia dos saberes (SANTOS, 2019). Mesmo que esta pesquisa tenha ouvido homens, este estudo não se configura centrado na palavra patriarcal, por certo que não, ocorre que são estes que provocam as problematizações próprias deste estudo cujas vivências puderam evidenciar várias vozes feministas ao longo de suas carreiras acadêmicas e que, atualmente protagonizam espaços-tempo forjados pela luta da mulher em ter sua voz ouvida. As pessoas que fazem parte desta pesquisa foram convidadas para esta construção-formação investigativa por meio de carta. O aceite formal se deu no mês de novembro de 2020.

Todos estes coautores, professores coauto(trans)formadores orientaram majoritariamente mulheres ao longo de suas carreiras acadêmicas, isso se dá também pelo fato de que a profissão docente é uma carreira marcada pela atuação da mulher (muito embora cargos de ação política institucional com reitorias e pró-reitorias nas universidades, ou cargos de chefia inclusive, ainda contem com pequeno protagonismo). No diálogo com professores coauto(trans)formadores buscamos em seus saberes-fazer e nas suas memórias e re-significações, contribuições para a problematização e, porque não, construção-formação de uma pedagogia e de uma sociedade a serviço de um mundo mais solidário, bonito e humano.

4.1 CÍRCULOS DIALÓGICOS INVESTIGATIVO-AUTO(TRANS)FORMATIVOS: RE-INVENÇÕES ENTRE OS *CÍRCULOS DE CULTURA* E A *PESQUISA-FORMAÇÃO*

Até que os leões inventem as suas próprias histórias,

Os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça.

Provérbio africano

A ambiência de pesquisa para esta tese-formação se deu através dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos. Por considerar que este

⁴⁰ Em consonância a pesquisa-formação de Marie Christine Josso todos que atuam na pesquisa são autores(as) e coautores, estabelecendo uma relação horizontal em que não se colhe objetos de pesquisa, mas se constroem constructos solidários pela e na pesquisa.

movimento dialógico está em coerência e profícua constituição naquilo que Paulo Freire propôs quando nos inspira através do que foi o Círculo de Cultura. Os Círculos Dialógicos vem sendo uma ambiência político-epistemológica em que o Grupo de pesquisa da UFSM “*Dialogus: educação, formação e auto(trans)formação com Paulo Freire*”, sob a orientação do professor Celso Ilgo Henz, desenvolve pesquisas e estudos na área da educação libertadora e investigativo-auto(trans)formativa.

Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos é a nomenclatura utilizada para um novo lugar de pesquisa. Inspirados nos círculos de cultura freireanos e na pesquisa-formação de Josso buscam elementos em que se possam mobilizar, por meio do diálogo, experiências não só de pesquisa, mas, sobretudo, de auto(trans)formação. Ambas as propostas epistemológicas nascem em uma constituição de ruptura que privilegia a pessoa como ente transformador de si, do meio, de suas práxis, e, portanto... do mundo.

O grupo *Diálogus* vem desenvolvendo esta perspectiva nas pesquisas realizadas nos programas de Graduação e Pós-graduação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria, possibilitando que os investigadores da área da Educação possam se valer de subsídios outros daqueles tradicionalmente consumidos pela e na academia.

As pesquisas que instituem a metodologia dos Círculos Dialógicos Investigativo-formativos⁴¹ vêm desenvolvendo-se no Projeto “humanização e cidadania na escola: diálogos com professores”, cujo objetivo é proporcionar espaços-tempo de investigação-ação, oportunizando uma reflexão sobre a realidade social e escolar e sobre as possíveis mudanças nas práxis educativas dos professores. Isso porque o grupo prioriza o direito de cada um *dizer a sua palavra*, bem como acredita que só existe transformação quando esta parte do diálogo-problematizador e da escuta sensível ao outro (HENZ; FREITAS; SILVEIRA, 2018, p. 837).

Paulo Freire (2017) ao constituir o Círculo de Cultura como possibilidade de alfabetização rompe com muitas outras formas de exclusão, esta leitura da palavra tão importante para, naquele momento, adultos não alfabetizados, vai além. A reconfiguração das práxis de ensino-aprendizagem que não começa pela letra e logo o fonema, mas antes pela conscientização que a palavra instaura. Isto faria da proposta de Paulo Freire uma grande e extraordinária perspectiva, uma vez que alfabetizava em 40 dias os adultos que participavam dos Círculos de Cultura. Se, por

⁴¹ Naquele momento, 2018, a nomenclatura era “Círculos Dialógicos Investigativo-formativos”, por ser uma perspectiva viva em constante movimento chegou-se a conclusão que teria maior consonância a nomenclatura “Círculos Dialógicos Auto(trans)formativos”.

um lado, inovava ao possibilitar pela conscientização, por exemplo, daquilo que tinha sentido para a comunidade da palavra 'tijolo', sua força política pela luta à moradia em um nordeste empobrecido e esquecido, fazia com que os educandos, politicamente, aprendessem a escrever sua história com "tijolo". Dessa forma, problematizando as precárias condições de vida conscientizava-se que ao ler esta palavra seus silenciamentos poderiam tornar a ter voz.

Assim, primeiro, através do diálogo problematizador, significavam, pelo seu contexto de vida, a palavra para, logo, entendê-la em suas letras, fonemas e frases. Então, podemos entender, por outro lado, porque tão grave e subversiva foi essa proposta de alfabetização. Ora... ensinar a ler e escrever por si só é um ato de coragem em um mundo cujos índices de analfabetismo ainda são desoladores. A subversão da palavra problematizada que instaura, ou pode instaurar, a conscientização será, pois, a grande ameaça, uma vez que promove o movimento para a libertação.

Marie Christine Josso (2004, 2010) chamará de roda, sessões ou seminários o momento do encontro em que as subjetividades entram em diálogo, em que as pessoas compartilham suas histórias de vida, suas experiências e no recordar através do distanciamento se promove um caminhar para si. E, este processo de conscientização, de re-significação de seus mundos pode provocar, assim, a possibilidade de sentir-pensar-agir, também, dos outros mundos refletidos nas gentes que compartilham daquela vivência.

O compartilhamento das questões, preocupações e das inquietudes explicitadas, graças ao trabalho individual e coletivo sobre as narrativas de cada participante, permitem que as pessoas em formação saiam do isolamento e iniciem uma reflexão sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedade que faltam descobrir ou inventar. Essa crença de cada um, num mundo de possibilidades do ser humano, tem um papel importante aqui (JOSSO, 2016, p. 60).

Ao caminhar para si não se vai só, carregam-se junto experiências de vida, traumas, alegrias, dores, amores, indiferenças, silêncios, e ainda todas estas possibilidades que existem em um *nós* em comunhão, uns com os outros em constante intersubjetividade.

A pesquisa-formação em Josso (2004, 2010, 2016) coaduna a ideia de autoformação, em Santos (2011), uma vez que "formar é formar-se". A "pesquisa é entendida como a realização de atividades transformadoras da subjetividade do

sujeito aprendente e cognoscente. É, portanto, igualmente o sujeito da pesquisa e o sujeito cognoscente que estão em formação” (JOSSO, 2010, p. 19).

Giles Ferry (2004) dirá que se formar é um trabalho sobre si mesmo, no qual além das possibilidades de apoio é fundamental um empenho e uma intrínseca intenção de protagonismo na processualidade formativa.

É fundamental que a pessoa seja agente de sua história, de sua formação, então, para que exista a pesquisa-auto(trans)formação o ser assume a posição de autoria e autonomia, não mais de objeto, assume a feitura de sua formação com o constante diálogo entre os entes, em comunhão de perspectivas. Dessa forma, ao deslocar a pesquisa, as teorizações também se deslocam, se antes as teorias serviam para delinear um caminho investigativo, agora já não são suficientes, visto que “é nessa reversão que o pesquisador encontra os meios de efetuar uma pesquisa que seja informadora e transformadora de sua epistemologia, que seja para ele uma formação intelectual” (JOSSO, 2010, p. 30).

A união de perspectivas de Paulo Freire e Marie Christine Josso faz avançar a ideia de pesquisa porque primeiro se interessam pela posição que ocupa a pessoa que histórica, situada, condicionada, mas não determinada, pode interferir na sua própria condição. Não que isso se dê de modo solitário, muitas vezes exige a intrínseca relação consigo mesmo, porém esta relação será insuficiente, uma vez que só posso encontrar a minha humanização na processualidade com intencionalidade de comungar com outras humanidades refletidas nas gentes. Assim, o humano só se faz humano na comunhão de uns com os outros.

Ambas as propostas epistemológicas encontram na palavra a possibilidade. Possibilidade esta que viabiliza “o nosso ser em relação aos outros” (JOSSO, 2010, p. 101), o ser de relação que, pela palavra, se expressa em narrativas orais ou escrita. Palavra instauradora de mundos (FREIRE, 2017), e das “transformações do meu estar-no-mundo e do meu ser em relação ao mundo” (JOSSO, 2010, p. 108).

Dessa forma, por meio da palavra, daquilo que Ernani Maria Fiori prefacia na pedagogia do Oprimido, “Aprender a dizer a sua Palavra” e que o censor⁴² queria “corrigir” para “Aprenda a dizer a sua palavra” (ANDREOLA, 2005). Sabendo que o verbo imperativo impõe uma ação, não era essa a intenção de toda a Pedagogia do

⁴² A obra Pedagogia do Oprimido foi escrita 1968, durante o exílio de Paulo Freire no Chile, foi publicado em língua espanhola e inglesa e somente em 1974 teve a publicação brasileira autorizada no então governo Geisel.

Oprimido, assim que Fiori fincou pé no “aprender a dizer a sua palavra”, uma vez que ela é histórica, marcada, datada, viva...

Sobre a edição brasileira da Pedagogia do Oprimido

Esta edição saiu com o corte misterioso de uma página inteira no famoso prefácio de Ernani M. Fiori. Fiori reagiu com indignação àquele corte. Inclusive o título “Aprender a dizer a sua palavra (infinitivo como convite), foi mudado para “Aprenda a dizer a sua palavra” (Imperativo, ordem autoritária). Em espanhol foi publicado em Montevideu, Terra Nova, 1970 (ANDREOLA, 2005, p. 108).

O poder da palavra que rompe com a opressão pelo silenciamento, a palavra como constituição, de si, do meio, do universo. Eis aqui o que nos co-move em busca de uma pesquisa que na e pela palavra possa constituir cientificamente, nas ciências sociais, o meio para entender os fenômenos humanos e com eles nos posicionarmos contra tudo que desumaniza.

Os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos se mostram viáveis, mais, se tornam perspectiva política em coauto(trans)formação, uma vez que os coautores desta pesquisa são professores coauto(trans)formadores de outros professores. Assim, são três além do professor Celso, professor Balduino e eu, que contempla-contemplamos suas-nossas ações em municípios gaúchos, Porto Alegre, Rio Grande, Santa Maria, Pelotas e Santa Cruz do Sul.

O professor Balduino Antonio Andreola cuja trajetória de luta por uma educação libertadora em que personifica a coerência ética e estética tão defendida por Paulo Freire, é a pessoa que esta pesquisa pretende não apenas se colocar em escuta sensível, mas conjuntamente problematizar como a(s) utopia(s), a mística e a(s) fraternura(s) potencializam a práxis de uma humana docência freireana. Considero que além de encontrar caminhos, abrir picadas, criar trilhas entendemos como estes fenômenos se constituem, também, para a humanização na e pela docência.

As pessoas que me instigam a pesquisa eu as conheci nos Fóruns Paulo Freire (apenas o professor Humberto Calloni não o conheço pessoalmente), antes o professor Celso referendando o quão profundo e sabedor das teorias da educação era seu orientador, nos mobilizou não só a conhecê-lo, mas com ele andar nos caminhos da educação, da humanização... da vida. Assim, o professor Balduino entra na vida das pessoas do grupo *Dialogus* e com um carisma e humildade próprio dos grandes seres do mundo, nos mostrou quão profundo e atual é o legado de

Paulo Freire, e que cabe a cada uma e cada um de nós re-inventar possibilidades. No intuito de que esse legado fosse lembrado, problematizado e servisse de “fermento e sal” é que o professor Balduino⁴³ cria o Fórum Paulo Freire, cuja invenção não reivindica para si uma vez que sugere que essa é uma ação coletiva de pessoas comprometidas com a educação libertadora.

O professor Balduino eu o conheci em maio de 2015 no XV Fórum Paulo Freire na UFSM, foi na primeira fala do evento, quando em um dado momento ouvi deste professor (cuja caminhada na defesa de uma educação libertadora vai muito além do *currículum* cujo Deus *Lattes* é venerado⁴⁴) que o maior filósofo de língua portuguesa era Carlos Drummond de Andrade. Fiquei realmente encantada com a poética fala do professor Balduino, tão próxima das nossas angústias, tão entendedora de nossos sonhos, tão companheira de nossas utopias. E aí, exatamente aí, nunca mais quis me distanciar deste que seria o maior incentivador para que esta pesquisa estivesse sendo construída.

Portanto, uma pesquisa longe dos anseios de uma educação libertadora freireana que conheci com o professor Celso, logo com o professor Balduino e, conseqüentemente, com e nos coautores, seria minimamente fora de propósito. Tanto que tenho a convicção que esta tese só se constitui porque encontrou nestas pessoas o sentido que me-nos faz querer seguindo. E em Paulo Freire, o amigo, para que seja possível combater as misérias e as funestas condições que, também, se refletem no processo de educação.

Dessa forma, estas pessoas se encontraram no Círculo Dialógico Investigativo-auto(trans)formativo realizado na cidade de Santa Maria, em oito encontros virtuais. Ocorre que neste período de 2020-2021 o mundo todo teve que rever as rotas e realinhar as velas devido a pandemia de coronavírus⁴⁵. Assim, é evidente que uma pesquisa é histórica, com data e em movimento, também tivemos que repensar a metodologia para os círculos. Dessa forma, os encontros foram remotos via programas disponíveis como Watts app e Google meet, cujos links foram enviados, aos participantes do Círculo, previamente. A proposta inicial era de cinco encontros, mas este número foi alterado pela própria processualidade em que

⁴³ Junto a Danilo Streck.

⁴⁴ Expressão do próprio professor Balduino que faz com que muitas teses, dissertações, artigos e trabalhos acadêmicos estejam a serviço de uma lógica de mercado acadêmico e não da vida das pessoas.

⁴⁵ Neste ano de 2020 o mundo deparou-se com a pandemia da coronavírus – Covid 19 – que devastou o mundo em que uma doença respiratória colocou à prova não só o sistema de saúde e econômico do mundo, mas ratificou as desigualdades planetárias em que nos encontramos.

verificou necessário mais três encontros para que os diálogos pudessem ser vivenciados, dialogados, com isso, foram oito os Círculos constitutivos desta transformação. Os momentos junto aos professores foram gravados e transcritos para realização da interpretação dos constructos da pesquisa, os direitos de imagem e conteúdo foram obtidos através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁴⁶.

Previamente os coautores, a pesquisadora-coordenadora, o orientador-participante tiveram-tivemos um primeiro encontro em que apresentamos a pesquisa e problematizamos as questões para a realização dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos. Este encontro foi gravado e constitutivo para o constructo da pesquisa. Neste momento é que emerge a primeira Temática Geradora, ou seja, a questão que pode, que se quer, que se anseia dialogar. Assim, a cada Círculo na imersão, emergem outras problematizações que pelo e no diálogo se aprofundam. Essa processualidade constituiu o movimento para a conscientização visto que como seres inacabados que somos nos encontramos em permanente “vir a ser” sendo, o que concerne aquilo que Paulo Freire defende que é o *ser mais*. A partir do primeiro encontro, pela sensibilização e compromisso de pertencimento coautoral, o grupo que está em diálogo se constitui com reciprocidade que nos faz comunidade. Com isso, se instaura a pertença que com escuta sensível e olhar aguçado possibilita a auto(trans)formação permanente. A critério das pessoas do Círculo Dialógico e da ambiência do momento o registro re-criativo é aquilo que fica, o símbolo, o que constitui possibilidade de memória e sentido. Pode ser um escrito, uma foto, uma pintura, algo feito para aquela problematização, a criatividade como possibilidade. E, ainda, o distanciamento-desvelamento da realidade é a possibilidade de se ver desde outra perspectiva, quer dizer, é voltar naquilo ou que se reflete, ou que lembra, ou do que se viveu, ou do que experienciou, com olhos de quem se veem inacabados, coauto(trans)formado-se.

4.2 CÍRCULOS DIALÓGICOS: AMBIÊNCIA DE PESQUISA COAUTO(TRANS)FORMAÇÃO EM MOVIMENTO

Madre América

Se o homem se calar

Até as pedras vão falar.

Canção CEB's

⁴⁶ Apêndice.

Os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos se configuram como lugar de pesquisa por propiciarem a constituição investigativa que tem no diálogo seu aporte fundamental. Estes são espaços em que as pessoas se reúnem para problematizar aquilo que, primeiro, a pesquisadora-coordenadora apresentou como possível investigação, mas cujos desdobramentos não podem ser direcionados e pré-estabelecidos, condicionados. Visto que o dizer a sua palavra, as pessoas do círculo é que comungarão o/no constructo de pesquisa. Ou seja, a pesquisadora-coordenadora estabelece o ponto de partida para que se inicie o diálogo, articula as possíveis temáticas que emergem para os próximos momentos, sensibiliza, mobiliza, mas não infere ou pressupõe o ponto de chegada. É pela compreensão e interpretação hermenêutica que se chegará àquilo que a pesquisa encontra como possibilidade investigada. Isto é, os Círculos Dialógicos não pretendem coletar dados, mensurar tendências ou validar ações pedagógicas. O que se buscou foi o aprofundamento ontológico e epistemológico em que os coautores não prescrevem atuações possíveis e eficazes, mas que em comunhão se construa, na processualidade da conscientização, a problematização que emerge a cada novo Círculo, em uma coauto(trans)formação permanente.

Cabe aqui conceituar dois sujeitos-pessoas de pesquisa que esta investigação instaura, a pesquisadora-coordenadora e o orientador-participante. Ambos somos ao mesmo tempo pesquisadores e pessoas que participam ativamente na pesquisa, pois a proposta investigativa que no e pelo diálogo se concretiza nos envolve, não como avaliadores de um feito das ciências sociais, mas antes nos inserimos como agentes transformadores e transformados político-epistemológico-socialmente pela processualidade de interação humana. Deste modo, a pesquisadora-coordenadora não colhe dados ou insere o lugar de diagnóstico de um público específico, sou também pessoa ativa a ser ouvida, problematizada e promotora de problematizações que o diálogo propicia. O orientador-participante, na pessoa do professor Celso, inaugura, também um duplo lugar de atuação, primeiro, por ser pessoa ativa no Círculo Dialógico, por fazer parte do grupo de coautores que foram orientados do professor Balduino e, segundo, como orientador desta tese. Esse fenômeno se dá pela perspectiva de que, inclusive, a processualidade investigativa não pode elencar elementos rígidos pré-estabelecidos sob pena de obter, dessa forma, constructos também previamente consolidados.

Assim, a feitura em artesanaria dos Círculos Dialógicos, a construção para a vivência na ciranda, com a mística, com o tema gerador, o orientador-participante não teve papel de avaliador em uma prévia construção orientada com a pesquisadora-coordenadora. O intuito era o espanto, o sentimento de chegada a um novo encontro que, segundo a nossa interpretação, foi fundamental para que se estabelecesse a relação do convite ao diálogo problematizador, também, ao orientador-participante. Portanto, a mística inicial ou no transcorrer do Círculo, a abordagem via carta ou e-mail, a utilização e escolha dos signos mobilizadores-sensibilizadores, interpretação dos temas geradores para serem discutidos no grupo como aqueles percebidos por todos, envio de possíveis questionamentos foram demandas que os Círculos Dialógicos faziam emergir. A intenção permanente e vigilante foi a de não se valer de construções previamente planejadas para responder perguntas-problematizações, podendo inclusive surgir novos temas que o grupo ansiava dialogar (como o conceito próprio de democracia, por exemplo, que emergiu do primeiro círculo e perpassou todos os demais). Com isso, o orientador-participante e a pesquisadora-coordenadora são simultaneamente pessoas pesquisadoras e pesquisadas e se dão a envolver por toda a processualidade investigativa.

Em consonância a tudo isso, podemos, então, afirmar que os movimentos dos Círculos Dialógicos não se configuram como categorias a serem seguidas estaticamente, e por estarem em movimento são percebidos com mais ou menos intensidade em cada momento de vivência no Círculo. Por isso, não se pode prescrever quais dinâmicas se darão nos próximos encontros, como que antecipando ou inferindo, visto que, o estar sendo do grupo no momento do Círculo propiciará quais movimentos e temáticas geradoras e, inclusive, como ocorreu nesta tese-formação, a compreensão para além das temáticas geradas, as dimensões interpretativas. As temáticas que propiciam as dimensões percebidas se entrelaçaram com maior evidência sem ordem específica tampouco linear. Os próprios movimentos dos Círculos Dialógicos podem ser percebidos muitos em um único encontro e ainda surgirem outros no transcorrer da pesquisa que se juntarão aos que até agora pudemos desvelar junto às investigações de teses e dissertações do grupo Dialogus.

Os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos se dão em movimento “não ocorrem linearmente ou de forma estanque; todos estão imbricados uns nos outros, dentro da processualidade dialética de uma espiral” (HENZ;

FREITAS, 2015, p. 78). Os movimentos encontrados nas pesquisas até o momento são: escuta sensível e olhar aguçado; descoberta do inacabamento; conscientização; emersão-imersão das/nas temáticas; auto(trans)formação; registro re-criativo; distanciamento-desvelamento da realidade.

4.2.1 Escuta Sensível e Olhar Aguçado

Tu vens, tu vens, eu já escuto teus sinais.

Alceu Valença

O movimento da Escuta sensível e do Olhar Aguçado sugere uma condição fundamental para que o Círculo Dialógico Investigativo-auto(trans)formativo se estabeleça como lugar de fala mas também de escuta, de silêncio (mas não de silenciamento), de acolhimento, de partilha e reconhecimento em uma perspectiva horizontal. Quer dizer, a palavra de um não será mais ou menos relevante que a palavra do outro, todos e todas são autores-as, criadores-as de possibilidade. A Escuta Sensível está para além da audição (SILVEIRA, 2017), visto que esta escuta estabelece uma íntima relação com todos os sentidos, em que a sensibilidade humana se aguça com o olhar para além do que os olhos veem. Dessa forma, este movimento é constante, é uma posição em que se estabelece um panorama de reciprocidade com o outro, com o cosmos, conosco mesmos. Não existe um momento em que se para e se espera que ocorra a escuta sensível e o olhar aguçado, uma vez que não é uma categoria a ser contemplada. Mas, antes, é um estado de si, ou seja, é uma perspectiva de disponibilidade em um contexto cuja problematização faz parte daquela comunidade, reconhecendo cada coautor ou coautora na sua singularidade.

O professor Felipe Gustsack, coautor desta pesquisa, um dia antes do terceiro círculo, dia 10 de maio aniversariou, e ao começar a sua fala naquele dia saudava a nós com carinho agradecendo as felicitações e fazendo graça com essa perspectiva da passagem do tempo e, então, a escuta sensível com a sua própria relação com o professor Balduino suscita:

- O Balduino nunca nos disse isso, viu Melissa e colegas (risos), mas ele deveria ter dito por que ele tem essa experiência toda. Ele devia ter dito que no fundo, no fundo a gente nunca deixa de ser criança, né. Aliás, eu acho que ele disse isso de alguma forma, de alguma maneira. (Felipe, 4º Círculo).

Paulo Freire vai dedicar um capítulo em *Pedagogia da Autonomia* (1997) sobre o *Saber Escutar*; em *Pedagogia do Oprimido* (2017) já antecipava que falar *com* o educando era uma perspectiva de escuta sensível, uma vez que saber escutar exige que se estabeleça o diálogo entre diferentes. E esse saber escutar implica perceber que com a leitura de mundo se promove a tolerância, a amorosidade e a humildade.

Assim, este movimento só será possível entre pessoas cujo diálogo possa se tornar possível, como nos traz Paulo Freire “entre diferentes sim, entre antagônicos jamais”, isso porque os diferentes podem divergir, podem não concordar, porém haverá algo comum que os conecta como pessoas no mundo. Esse fio condutor de possibilidades é que não pode ser antagônico sob pena de não haver diálogo, conseqüentemente, não haverá escuta. Em *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire (1997) faz a seguinte reflexão:

É nesse sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito à ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais se tornam radicalmente éticos (p. 60).

Esta perspectiva de assumirem-se/nos inacabados que nos torna radicalmente éticos faz com que ao escutarmos uns aos outros, outras formas de sentir-pensar-agir nasçam, uma vez que a reciprocidade, a humildade e a comunhão se tornam presentes. A fala, o olhar, o silêncio, os sentidos, a linguagem do corpo constituem a escuta sensível e o olhar aguçado, não como perspectiva de julgar ou rotular os interlocutores; olhar aguçado e escuta sensível não se dicotomizam, mas se complementam na busca atenta e reconhecadora de cada mulher e cada homem na sua inteireza em todas as dimensões e nas suas potencialidades para o ser mais.

4.2.2 Descoberta do Inacabamento

Dia da alfabetização

Sergipe, nordeste do Brasil: Paulo Freire começa

uma nova jornada de trabalho com um grupo de camponeses muito pobres, que estão se alfabetizando.

- Como vai, João?

João se cala. Amassa o chapéu.

Longo silêncio, e finalmente ele diz:

- Não consegui dormir. A noite inteira sem fechar os olhos.

Mais palavras não saem da sua boca, até que ele murmura:

- Ontem eu escrevi meu nome pela primeira vez.

Eduardo Galeano

Paulo Freire ao referir-se às pessoas como seres inacabados, possibilita a reflexão de que sempre é possível tornar-se, quer dizer, o humano se faz, refaz, historiciza a sua existência, por isso mesmo sempre em vias de humanização, de si e do mundo, portanto, um ser de esperança.

A esperança faz parte da natureza humana. Seria uma contradição se, inacabado, e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca, e, segundo, se buscasse sem esperança. A desesperança é a negação da esperança (FREIRE, 2017, p. 72).

A esperança é o sentido que faz com que percebamos que as coisas, e nós mesmos, não somos, estamos em um contínuo estar sendo, um contínuo vir a ser. Essa condição de movimento coaduna com a ideia de que reconhecendo-nos seres condicionados, mas não determinados podemos mudar a nossa vida, a nossa escola, o nosso bairro, a nossa cidade... mudar o mundo.

- Eu estou me apaixonando pela literatura russa, descobri a pouco tempo, e eu estou, também, lendo o evangelho de São Tomé. São duas leituras que me interessam muito. (Balduino, 3º Círculo).

Nos Círculos Dialógicos este movimento traz a tona o mundo do possível, o horizonte daquilo que podemos realizar como sujeitos-pessoas históricos. Sabendo que não estamos prontos, que a realidade não é um fato dado e acabado e, portanto, possível de ser modificada, transformada. E ao interferir consciente no mundo auto(trans)formamos a nós mesmos em uma constante dialogicidade.

Em *Educação e Mudança* Paulo Freire (1979a) diz:

O homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado [...] é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a razão da educação (p. 27).

A descoberta do inacabamento, o saber-se inacabado será, pois, a processualidade para a conscientização em que se transpõe a consciência ingênua para a consciência crítica.

4.2.3 Conscientização

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem
 Quem sou?! Um fogo-fátuo, uma miragem...
 Sou um reflexo... um canto de paisagem
 Ou apenas cenário! Um vaivém...
 Como a sorte: hoje aqui, depois além!
 Florbela Espanca

Para Freire (2017), a conscientização será passagem da curiosidade ingênua para a curiosidade crítica ou epistemológica entre ação-reflexão-ação se fazem e refazem em permanente processualidade. Zitkoski vai trazer à reflexão de que

É a práxis transformadora da realidade, como construção dialética do mundo e dos próprios sujeitos (pessoas humanas) que caracteriza o processo de conscientização e o diferencia da simples tomada de consciência (ZITKOSKI, 2016, p. 81).

Uma das obras de Paulo Freire mais importante é justamente aquela que fala de conscientização. Em *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (1979b), a educação libertadora se dá justamente na concepção de Conscientização, nas relações consciência-mundo. “A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo.” (p. 40). Então, nesta processualidade, as gentes concretamente criam e re-criam a si mesmas, o meio, a própria vida.

Dessa forma, a conscientização é um movimento que se constitui processo de transformação de si e do mundo e o “melhor ponto de partida para estas reflexões é a inconclusão do ser humano que se tornou consciente [...] aí radica nossa educabilidade, bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca” (FREIRE, 1997, p. 68).

- *Eu me lembro lá na minha infância, na frente do relógio d’água, eu me dando conta deste pensamento. Eu conversando comigo, o ‘eu’, o princípio de toda a filosofia. (Humberto, 6º Círculo).*

A transição entre a consciência ingênua; aquela que é dependente, que é condicionada pelo conformismo, pela ideia de que o passado é melhor que o presente e que não caminha para a mudança; para a consciência crítica; que é um pensar autônomo, dialógico, em constante movimento de pensar criticamente a

realidade para um engajamento que seja comprometido; é um dos desafios para a conscientização, uma vez que promove a auto(trans)formação. Por isso, o processo é sempre ativo, em constante estar sendo, com compromisso ético-estético.

4.2.4 Emersão-imersão das/nas temáticas

Eu perdi o meu medo, o meu medo da chuva
 Pois a chuva voltando pra terra traz coisas do ar.
 Aprendi o segredo, o segredo da vida
 Vendo as pedras que choram sozinhas no mesmo lugar...
 Raul Seixas

Em Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire (2017) trará um importante marco para a educação, que será a aprendizagem pelo contexto das pessoas, primeiro pelas palavras geradoras, logo pelos temas geradores. Em matéria de alfabetização foi precursor em constituir o diálogo como possibilidade, uma vez que os educandos interferiam ativamente, pela conscientização, na processualidade de sua formação. Nesta tese-formação os coautores encharcados nas/das águas da pesquisa sempre estiveram em presenças presente de significado, de engajamento e de re-união.

- *O meu tema, o que me angustia muito é o que eu vou chamar de crise humanitária. (Humberto, 1º Círculo).*
- *O que eu quero dizer é que havia um casulo na tua carta. (Felipe, 1º Círculo).*
- *E aí, o que a gente fez com as boas intenções que tínhamos? (Gomercindo, 2º Círculo).*
- *Eu me sentia pequeno na cidade grande. (Celso, 3º Círculo).*
- *Como vocês se sentem na Universidade tendo essa perspectiva humanizadora? (Melissa, 4º Círculo).*
- *Eu vejo todo esse ódio, toda essa avalanche de coisas tão feias no Brasil, mas vamos ficar felizes, esta tarde nesse nosso Círculo Dialógico porque hoje nosso tema é solidariedade, fraternidade. (Balduino, 5º Círculo).*

Os Círculos Dialógicos encontram neste movimento a compreensão da autoria, da criação, uma vez que ao estarem imersos no diálogo-problematizador as gentes instauram novas narrativas. Não que isso os faça ‘fugir do tema’, antes promove que se inaugurem novas e imprevisíveis temáticas, pois se estas fossem

previamente categorizadas perderiam sua função que é justamente construir possibilidades. Uma vez imersos, *molhados das águas* que a pesquisa mobiliza, perspectivas de diálogo emergem. Assim, um Círculo terá um início provável, que aqui é a própria questão de pesquisa, porém, qual será a temática que emergirá desta apenas os coautores tornarão possível no transcorrer do processo. Com isso, a pesquisa vai se delineando nas ânsias que ela mesma, com suas gentes, vai construindo em uma dinâmica inédita, autoral e artesã.

4.2.5 Auto(trans)formação

Que mi voz suba a los montes
y baje a la tierra y truene.
Eso pide mi garganta
desde ahora y
desde siempre.
Miguel Hernández

A epígrafe do poeta Miguel Hernández traz a reflexão de que a nossa voz, a minha e a sua, e as outras são vozes possíveis, e que quando proferidas podem subir os montes, baixar a terra e fazê-la tremer, e que esta pode ser também uma voz interna. E isso pode começar em um agora e em um sempre porque é o que pede a minha garganta, a nossa garganta. Quer dizer que a minha voz nunca será a mesma, meu grito terá nuances das circunstâncias que me envolvem e isso se configurará a própria experiência transformadora. A processualidade da autoformação de uma pessoa ativa e consciente de sua própria trajetória formativa passará a se constituir auto(trans)formação, quando as *situações-limite* forem sendo superadas a ponto de promover o que Paulo Freire chamará *ser mais*, mais de si mesmo, mais do que antes era em si, mais naquilo que move para os *inéditos-viáveis* e que na comunhão intersubjetiva se faz coauto(trans)formação.

- Vocês lembram, eu andava sumido, e essa pesquisa mexeu muito comigo, visitar os baús da memória mexeu muito comigo, no último encontro quando a gente falava da luta e da solidariedade. (Gomercindo, 3º Círculo).

Nos Círculos Dialógicos este movimento é reconhecido e assumido pelos participantes em diferentes processos, visto que a experiência será uma característica de afeto pessoal em que a própria processualidade faz o percurso

formativo. Em *Pedagogia da Autonomia* (1997), Paulo Freire vai trazer a reflexão de se assumir a condição de agente transformador que cada pessoa carrega dentro de si. Quer dizer, mesmo que existam mecanismos que impedem as gentes de ser é fundamental que no processo de libertação, tudo, todas e todos sejam libertos e essa possibilidade transformadora será justamente uma perspectiva ativa na auto(trans)formação: “sempre recusei os fatalismos. Prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanicismos que o minimizam” (FREIRE, 1997, p. 115).

Assim, as pessoas coautoras da pesquisa ao se conscientizarem, dialógica e intersubjetivamente, seguem coauto(trans)formando-se em comunhão consigo mesmas, com os outros e com o cosmos em uma dinâmica sempre ativa e aberta.

4.2.6 Registro re-criativo

Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim
o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou,
é a senha pela qual eu acesso o mundo.

Conceição Evaristo

A própria narrativa oral ou escrita se configura como registro para que se construa a possibilidade de reflexão crítica, mas outras também são as formas de criativamente registrar os processos formativos, e a pesquisa em constante ação-reflexão-ação. Na dissertação intitulada “Diálogos Auto(trans)formativos com Professores do Ensino Médio Noturno: uma proposta de uma nova práxis educativa em uma escola estadual de ensino médio” (SILVEIRA, 2017), um dos registros re-criativos mais profundos foi quando emergiu no Círculo anterior a obra “O Pequeno Príncipe”. O momento em que o príncipezinho pede para o aviador desenhar-lhe um carneiro depois de várias tentativas, o homem mostra uma pequena caixa desenhada no papel, e diz “aí está o teu carneiro” (p. 38). Assim, nesta analogia consistia a temática *práxis* e o ‘nosso carneiro’ era o sonho que cada coautor(a) carregava dentro de si. Que não era pré-fabricado, que não se encontrava na prateleira da livraria, que não estava no plano de ação institucional... era o ‘seu’ carneiro.

- Eu ia sugerir que a gente fosse escrevendo, alguns parágrafos daquilo que nos afetou, o que isso que vivenciamos nestes encontros tem nos afetado, nos mobilizado. (Celso, 2º Círculo).

Dessa forma, o registro re-criativo nos Círculos Dialógicos desta tese-formação se deu no que os coautores chamaram de “tema para casa”, em que o objetivo era a livre escolha para desafiar o pensamento e construir, mesmo que em narrativa oral, o que o encontro anterior ou as somas dos encontros provocaram em cada um no espaço de tempo entre um e outro Círculo. Assim a poesia, a memória, a volta a fala de algum colega que chamou mais a atenção e afetou para o retorno ao diálogo foram os registros re-criativos que afloraram. Todas estas manifestações se fizeram de forma livre, sem orientações sobre a sua constituição visto que a busca era justamente deixar vivo em cada um a experiência-vivência dialógica da processualidade dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos e fazê-los existir mesmo depois que terminasse o encontro.

A função, então, do registro re-criativo é justamente esse, re-criar o que nos afetou naquele momento, inclusive uma página em branco, uma palavra, um desenho, podendo ser uma poesia, um recorte de jornal, uma mensagem, ou ainda, uma folha de uma árvore, uma pedra, algum recurso que remeta ao momento do diálogo-problematizador. O objetivo é suscitar novas re-construções ativas e avançar nas possibilidades interpretativas.

4.2.7 Distanciamento-desvelamento da realidade

O médico perguntou:

- O que sentes?

E eu respondi:

- Sinto lonjuras, doutor. Sofro de distâncias.

Caio Fernando Abreu

No prefácio da obra *À Sombra desta Mangueira* (1995), Ladislau Dowbor dirá que Paulo Freire “não só escreve, como também pensa seu ato de escrever, num permanente distanciamento sobre si mesmo” (p. 7), e esta característica marcará a forma de uma narrativa freireana.

Em *Cartas a Cristina* (1994), Paulo Freire volta, várias vezes, às lembranças que influenciaram seu ser no mundo, momentos que ao torná-los vivos se transformam em possibilidades de auto(trans)formação de um si mesmo, mas também outras transformações, principalmente, na sua práxis.

Não precisava consultar estudos científicos que tratassem das relações de desnutrição e dificuldades de aprendizagem. Tinha um conhecimento de primeira mão, existencial, destas relações. Revia-me no perfil raquítico, nos olhos grandes e às vezes tristes, nos braços alongados, nas pernas finas de muitos deles. Neles, revia também alguns de seus companheiros de infância que, se vivos ainda hoje, possivelmente não lerão o livro que surgirá das cartas que lhe escrevo e não saberão que a eles agora me refiro com respeito e saudade. Toinho Morango, Baixa, Dourado, Reginaldo (FREIRE, 1994, p. 34-35).

A palavra saudade é uma das mais lindas riquezas da Língua Portuguesa nela cabe as lonjuras que acometem Caio Fernando Abreu, e afetam Paulo Freire a lembrar de seus amigos de infância e faz com que possamos construir com a historicidade que nos caracterizam horizontes possíveis.

Esta tese-formação busca, também, ser uma possibilidade de desvelamento da realidade, desvelamento esse nos termos freireanos que quer dizer, ver de outra forma, ver de novo, não apenas levantar o véu para ver o que está escondido. Antes, é uma condição de uma certa arqueologia onto-epistemológica em que observamos o que está implícito, mas também podemos transformar a partir das possibilidades percebidas.

A cada vinte e um dias o Círculo Dialógico se fez presente entre os dias 30 de março a 14 de setembro do ano de 2021. Nos vinte e um dias entre um e outro encontro foi possível construir uma forma de com-vivência afetiva em que as pessoas da e na pesquisa, puderam refletir acerca das proposições que afloravam a cada encontro. Desafiar narrativas, mobilizar problematizações, provocar saudade e, assim, construir laços em inter-relações tanto epistemológicas como de compromisso ontológico mútuos.

Na obra *Professora Sim; Tia Não: cartas a quem ousa ensinar* (2015), já nas *Primeiras Palavras*, Paulo Freire confessa: “não sei se quem leia este livro perceberá facilmente o prazer com que o escrevi” (p. 51), demonstrando que ao distanciar-se reviveu este mesmo prazer.

Considero de um grande e profundo comprometimento com sua história, com sua inegável comunhão com os pobres, com seu amor pelas pessoas e pela educação, com os famintos, com os condenados da terra, porque se vê neles. Porque a dor das pessoas impedidas de ser sempre esteve em suas entranhas não como conceitos acadêmicos, destacados em um texto em cores marcantes. Paulo Freire fala da opressão na condição de oprimido, fala da condição de libertação como promotor de uma coerência libertadora. E ao distanciar-se de seu mundo

vivido, problematizando-o, “descodificando-o” criticamente, que se insere a misteriosa e contraditória capacidade humana de distanciar-se das coisas para fazê-las presente (FIORI, 1987).

- Eu estava aqui conversando comigo mesma, antes do nosso encontro de hoje, me passou um filme na cabeça, lembrando da construção dos signos sensibilizadores-mobilizadores para o nosso 2º Círculo e da dificuldade que foi encontrar o arame farpado, enferrujado e que não fosse, de nenhum modo, enviado de forma circular. (Melissa, 7º Círculo).

Com isso, o distanciamento-desvelamento da realidade é um movimento de uma certa escuta sensível consigo mesmo, com aquilo que nos faz ver, podendo promover uma maior e mais profunda conexão entre aquele-a que fomos e este-a que agora está sendo.

Todos os movimentos se envolvem sem que haja uma fronteira entre um e outro, eles se fundem uns nos outros sendo possível perceber a ação maior ou menor dependendo das dinâmicas que o círculo dialógico vai tomando. Em um instante, ou inclusive em um encontro, é possível que um deles se destaque e ainda surjam novos movimentos que até o momento não havíamos identificados e que no decorrer da pesquisa se tornam mais evidentes.

4.3 PESSOAS DA PESQUISA NA PERSPECTIVA DA FRATERNIDADE-TERNURA DA CONGREGAÇÃO SOLIDÁRIA

Canção do amigo

Amizade, amizade, é dom divino da paz.

Rui Biriva

A pesquisa-auto(trans)formação, e conseqüente tese-formação, se dá na intersubjetividade da relação pessoa-pessoa, quer dizer, na condição relacional de gentes que buscam coauto(trans)formarem-se solidariamente. Como já dito em outro momento os professores que participam desta pesquisa foram aqueles que realizaram o seminário ofertado na UFRGS entre 2000-2002 e que, também, foram orientandos de doutorado do professor Balduino, na mesma instituição. E eu a última orientanda de Balduino na sua carreira como professor-orientador de um programa de pós-graduação. Com isso somos seis as pessoas que constroem a perspectiva que esta tese-formação desafia. Balduino Antonio Andreola, Celso Ilgo

Henz, Felipe Gustsack, Gomercindo Ghiggi, Humberto Calloni, e, eu, Melissa Noal da Silveira.

Portanto, para que, como no parágrafo anterior, pudessem ser explicitados os nomes próprios em suas integralidades dos coautores, foi necessário chegar ao quarto Círculo para que esta abordagem fosse problematizada e constituída como imprescindível para e como nomenclatura utilizada na redação desta tese-formação. Esta constituição de engajamento político demonstrou que os coautores desta investigação por se reconhecerem justamente quem são, é que suas identidades se fazem obrigatórias. Assim, autorizam-se a ser autores de suas histórias, de seus nomes próprios, de suas memórias, de seus sonhos e utopias, então esta tese-formação não fala de professores coauto(trans)formadores eles, mas antes professores coauto(trans)formadores nós.

Assim, a pessoa da coorientadora, professora **Dóris Pires Vargas Bolzan** foi aquela que ficou na areia, com o pé, por vezes, nas ondas, mas seguindo em terra firme, mobilizando o barco entrar na água, aquela que ajusta as velas, que nos acena desde a praia para anunciar que está conosco. Na perspectiva de como ela vê a nau no mar e como observa os fenômenos para que possa existir a navegação. Portanto, ter esse engajamento do outro na pessoa da professora Dóris é a nossa âncora para a terra firme para que nossas possibilidades de pesquisa se fizessem sempre entre a água e a areia em um constante movimento dialógico também na orientação desta tese-formação... segue o currículo desta coorientadora que esteve por todo o caminho nos admirando. É pedagoga pela UFRGS (1986), Especialista em Psicopedagogia Terapêutica pelo Centro de Estudos Médicos e Psicopedagógicos de Porto Alegre (1989), Mestrado em Educação (1995) e Doutorado em Educação (2001) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista de Produtividade em Pesquisa pelo CNPq. Temáticas de estudo: formação permanente de professores, aprendizagem docente, conhecimento pedagógico compartilhado, leitura e escrita em diferentes níveis de ensino, cultura escrita na infância e na EJA, alfabetização, pedagogia universitária, gestão educacional entre os principais temas no campo da formação para a docência. Líder do Grupo de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Educativas: educação básica e superior (GPFOPE 2002).

Então biografar-se é um re-encontrar-se, é re-significar quem somos, assim conhecemos a biografia dos coautores ditas por si mesmos, pelos colegas e expressas, também, em seus currículos/lattes.

Balduíno Antonio Andreola:

A pessoa que esta pesquisa busca homenagear como construtora de um universo potente de engajamento, luta, poesia e aliança com Paulo Freire, Mounier, Maturana, Morin, dentre tantos outros autores e pessoas, orientandos, e tantas perspectivas que fazem de Balduíno o grande defensor da humanização na e pela educação. É Bacharel em Filosofia pelo Seminário Central de São Leopoldo (1952); Bacharel em Teologia pelo Instituto San Pietro - Itália (1959); Licenciado em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira - São Paulo (1968); Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (1977); Mestre em Psicopedagogia –Université Catholique de Louvain (1983); Doutor em Ciências da Educação pela Université Catholique de Louvain- Belgica (1985); Pós-doutor em Educação pela UFRGS (2015). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação do Centro Universitário La Salle de Canoas - UNILASALLE (2006 - 2017). Professor titular da UFRGS (1978 - 1996); Diretor da Faculdade de Educação da UFRGS (1988 - 1992); Professor Visitante do PPG/EDU da UFPel - Pelotas (1997 - 2000); Professor do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação/ IEPG da Escola Superior de Teologia/EST - São Leopoldo (2001 - 2005); Professor do Ensino Fundamental e Médio no Estado e em Escolas Particulares do Rio Grande do Sul (1953 - 1975). Áreas de atuação na docência e pesquisa (no Ensino Superior): Filosofia e História da Educação, Educação Popular e Movimentos Sociais, Educação do Campo, Formação de Professores, Educação e Ecologia, Dinâmica de Grupo e Educação. Estudioso das obras de Paulo Freire, Ernani M. Fiori, Emmanuel Mounier e Paul Ricoeur.

- Obrigado Balduíno por ser você, ser humano, fraterno, amoroso e democrático desde o dia que eu te conheci até hoje tu és uma inspiração. (Celso, 2º Círculo).

- E isso reforça o nosso sentimento em relação a Balduíno Andreola, ele é um mestre, é coerente e amoroso, e compreensível. (Humberto, 2º Círculo).

- *Balduino! Que coisa, eu devia ter dito mais o que eu estou te dizendo aqui, a academia te deve muito esse reconhecimento. (Gomercindo, 3º Círculo).*

- *Eu era bolsista do Balduino, e eu lia Balduino na sua própria concepção de escrever, nos rabiscos porque ele anotava, costurava já as ideias. (Felipe, 4º Círculo).*

- *Essa pesquisa está se articulando muito porque Balduino acreditou que ela seria potente, que poderia de alguma forma, servir também para a humanização. (Melissa, 7º Círculo).*

Celso Ilgo Henz:

O grupo *Dialogus* nasce da necessidade de se encontrar caminhos junto àqueles e àqueles que sonham um outro mundo possível em consonância ao legado freireano, e Celso é o professor que acolhe as perspectivas do sentir-pensar-agir que nos faz mais gente. Graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco (1990), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (1995), Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2003) e Pós-Doutor pela Universidad de Sevilla. Sevilla/Espanha. Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Santa Maria e pesquisador do PPGE, na Linha de Pesquisa: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional e do PPPG, na Linha de Pesquisa: Gestão Pedagógica e Contextos Educativos. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisa "DIALOGUS: Educação, Auto(trans)formação e humanização com Paulo Freire", registrado junto à base do CNPq. Coordenador do Projeto de Pesquisa "Círculos Dialógicos Investigativo-formativos", que objetiva uma pesquisa-auto(trans)formação permanente com docentes da Educação Básica, e o Projeto de Extensão "Hora do Conto: lendo a palavra e auto(trans)formando realidades", buscando estimular o gosto pela leitura, a imaginação, a criatividade e a criticidade. Participa da organização dos Fóruns de Leituras de Paulo Freire, no RS, desde 1999. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: auto(trans)formação permanente com professores, educação humanizadora, cidadania, leitura de mundo-leitura da palavra e Paulo Freire. Trabalha com palestras em seminários e congressos e projetos de formação continuada/permanente de professoras e professores da Educação Básica e do Ensino Superior.

- O Celso é o que fala padrez (risos), assim como na homilia, ele faz a gente pensar, emocionar. (Melissa, 7º Círculo).

- Celso, isso que vocês estão fazendo em Santa Maria, o grupo, multiplicando Paulo Freire, essa concepção com diálogo como forma de fazer pesquisa que coisa extraordinária. (Balduino, 4º Círculo).

- Ele veio com o Baldô, e levei um susto, eles me salvaram. (Felipe, 2º Círculo).

- O Celso ele tem um livrinho só de piadas, ele vinha de Santa Maria, e a gente só pelas piadas. (Gomercindo, 6º Círculo).

- Celso eu quero agradecer pelo convite, por terem se lembrado de mim. Estou muito feliz de estar com todos vocês. (Humberto, 3º Círculo).

Felipe Gustsack:

O professor Felipe comunga da perspectiva de se fazer professor sempre *com*, e re-uni o panorama da solidariedade como condição para a processualidade educativa. Graduado em Letras Português Inglês e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), mestre e doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998; 2003). É professor do PPGEdu - Mestrado e Doutorado em Educação e do PPGL - Mestrado e Doutorado em Letras, vinculados ao Departamento de Ciências, Humanidades e Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul - RS. Tem experiência nas áreas de Educação, Linguagem e Tecnologias com ênfase na Pesquisa e na extensão em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: formação de professores e educação básica, educação e linguagem, alfabetização e letramento, tecnologias de informação e comunicação na educação, educação cooperativa, educação e movimentos sociais, discurso, escola e seu entorno. Foi Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação e Chefe do Departamento de Educação-UNISC. É líder do grupo de pesquisa Linguagem, Cultura e Educação - LinCE/CNPq.

- O Felipe é o mais novo de todos do grupo. (Celso, 6º Círculo).

- O Felipe é o literato. (Melissa, 7º Círculo).

- O Felipe foi meu bolsista, meu orientando de mestrado, meu orientando de doutorado. Ele tem esse trabalho fantástico nas comunidades. (Balduino, 3º Círculo).

- *O Felipe me salvou, ele que me apresentou o Balduino, esse cara tem um coração tão bom. (Humberto, 4º Círculo).*

- *Felipe, eu tenho ciúmes de ti daquela vez que eu estava na Espanha, no Fórum tu foste a choca, aonde o Felipe ia o Dialogus acompanhava ele assim com os pintos (risos). (Celso, 3º Círculo).*

Gomercindo Ghiggi:

O legado de Paulo Freire encontra em Gomercindo como que um confidente, que escuta o amigo e com as histórias de ambos se fortalecem na comunhão por um mundo, minimamente, mais bonito. Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas (1978), Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1991) e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000). Atualmente é Professor Titular Aposentado da Universidade Federal de Pelotas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Filosofia da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: Paulo Freire, educação popular, formação de professores, autoridade, liberdade e educação e educação.

- *Gomercindo foi homenageado pela contribuição na FURG, por toda a contribuição que ele difundiu lá. (Balduino, 5º Círculo).*

- *Gomercindo, tu tocas gaita? (Melissa, 5º Círculo).*

- *Eu não sou um poeta esse é um problema, eu não sou filósofo esse é o segundo problema, eu não sou literato e esse é um terceiro problema. Mas eu tenho algumas intuições que me organizaram a vida. (Gomercindo, 6º Círculo).*

- *Gomercindo é esse amigo esse cara altamente engajado com as lutas e por uma educação minimamente mais humana. (Celso, 3º Círculo).*

Humberto Calloni:

A filosofia encontra em Humberto um amigo-guardião aquele que como em um pequeno relicário, que é seu coração, traz a filosofia para a corporeidade da vida. Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1985), graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987), mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1990) e doutor em Educação pela Universidade Federal do RGS (2002). Atualmente é Professor titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação.

Atuando principalmente nos seguintes temas: Interdisciplinaridade, diálogo, formação, humanismo.

- Eu me lembro do primeiro encontro com o Calloni (Humberto), lá na faculdade de educação. Ele bateu lá na porta da minha sala que eu dividia com o Thomas Tadeu da Silva. E, assim, tímido me dizendo 'o senhor tem um minuto para a gente conversar' sentou e disse 'eu estou querendo fazer o mestrado, mas não tenho orientador'. E aí ele começou a conversar e eu descobri na conversa o filósofo de profunda filosofia e capacidade. E, depois, fez a dissertação sobre o silêncio na sala de aula. Quando ele defendeu a dissertação o grande sociólogo, meu amigo já falecido, professor da PUC, o Polleto, que fez doutorado na Bélgica também. A um dado momento ele defendendo e falando e expondo muito competentemente disse: 'você notam que eu estou suando frio?' E o Polleto me cochichou 'ele está brincando? É piada?' e eu disse: 'não! Ele é muito tímido e sabe muito bem as coisas, mas acha que tem que ter medo de expor'. São histórias. (Balduino, 5º Círculo).

- Que memória extraordinária, Baldô. Eu estava tremendo mesmo, era muita ousadia para mim, e Balduino aceitou o meu projeto e foi a minha salvação. Grazie a te. (Humberto, 5º Círculo).

Melissa Noal da Silveira:

Eu, eu sou esta que escreve estas palavras, saber de mim é saber esta tese-formação. Graduada em Letras-Espanhol pela Universidade Federal de Santa Maria (2001). Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS-2009). Mestra em Políticas Públicas e Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-2017). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria PPGE-UFSM (2021). É pesquisadora integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa "Dialogus - Educação, Formação e Humanização com Paulo Freire", do Centro de Educação (CE) da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM. Possui experiência nas seguintes áreas da educação: Formação permanente com professores e professoras, Educação Noturna, Humanização e cidadania na escola, Humanismo e Personalismo.

- Estou aqui rememorando os nossos 7 encontros, até aqui. A Melissa menina de dentro e a menina de fora, e eu acho e com os percursos e processos com obstáculos que se transformaram em inéditos-viáveis. A Melissa está se permitindo dizer-se, a partir, da menina de dentro sem esquecer os condicionamentos da menina de fora. Ela só faz ou escreve e estuda o quer, e aquilo que ela quer ela consegue encontrar nas autoras e autores coisas que jamais pensamos entrelaçar em um texto leve e denso, ágil e sensivelmente

rigoroso. Ela não se tornou a Melissa da noite para o dia, e ela reconhece isso, é nessa relação coautoral que ela se reconhece. Mas, também, é verdade que essa intensidade também cansa a nós os veinhos. Ontem em uma hora e meia, à tarde, a acompanhando, o esforço para acompanhá-la era tamanho que eu disse 'chega por hoje'. Parabéns Melissa, eu fico feliz por ter te acompanhado junto a esse grupo. (Celso, 7º Círculo).

4.4 CÍRCULOS DIALÓGICOS E TESE-FORMAÇÃO: DIALOGIAS PARA ALÉM DO MÉTODO

Se a vocação suprema da pessoa é divinizar-se
divinizando o mundo, personalizar-se
sobrenaturalmente personalizando o mundo, seu
Pão cotidiano não é mais penar, ou acumular
riquezas, mas, hora a hora, criar próximos ao
redor de si.

Emmanuel Mounier

Os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos foram o espaço-tempo em que professores coauto(trans)formadores construíram a ambiência de se fazer pesquisa-auto(trans)formação. Neste horizonte a própria feita investigativa foi um fazer, fazendo, fazendo-se. Portanto, esta é a característica defendida de que a própria tese, que é muito mais que um texto, se configura como lugar, lugar formativo. E desta constituição se compreende a fundamental relação de autoria, coautoria, e participação (presença do orientador e da pesquisadora), que convoca a todos a serem copartícipes de pesquisa. Com isso, ao estabelecermos essa perspectiva relacional e não hierárquica com o espírito de ternura-fraternidade é que o Círculo Diálogo se legitima como ambiente político-metodológico para acolher as presenças, os diálogos, as fraternuras, as utopias, a mística e tudo o mais que ele desafia nas re-significações que, para além de temática, se configuram em verdadeiras dimensões, pluri-dimensões.

Na medida em que, enquanto falamos, somos o leitor um do outro, leitores de nossas próprias falas, o que ocorre aqui é que cada um de nós é estimulado a pensar e a repensar o pensamento do outro. Assim, creio que nisto repousa a dimensão fundamental da riqueza de um intercâmbio como este. Essa possibilidade comum de nos lermos antes de escrever talvez melhore o que escrevemos, porque nessa interação podemos nos transformar no momento mesmo do diálogo. Em última análise, dialogar não é só dizer "Bom dia, como vai?" O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação. O diálogo sela o ato de aprender, que nunca é individual, embora tenha uma dimensão individual (FREIRE, 1986, p. 11).

Com essa ânsia investigativa, pelo diálogo, é que a perspectiva de construção metodológica começa a se articular. A primeira constituição se deu em convidar as pessoas da pesquisa, e o modo mais apropriado, em consonância à maneira de Paulo Freire, foi a carta. Todas as cartas enviadas aos coautores foram escritas à mão e endereçada a cada um de forma personalíssima, quer dizer que, muito embora os conteúdos informativos fossem os mesmos, nenhuma carta foi cópia da outra. Dito isto, então, o primeiro signo sensibilizador-mobilizador foi a carta-convite para oficializar o feito, enviada antes da qualificação do projeto de tese que, naquele momento, chamei de tese em construção. O signo sensibilizador-mobilizador se configura como elemento que convida a trazer à tona sentimento, lembrança, espanto, estranhamento, alegria, emoção, angústia, inclusive, desconforto. A carta convidava os coautores ao primeiro Círculo Dialógico Investigativo-auto(trans)formativo que seria, e foi, dia 30 de março de 2021, envelope com palavras impressas como fraternidade, alegria, ternura, amor, solidariedade, amizade, encontro, dentro uma carta escrita em papel de carta. No canto superior esquerdo ao lado da margem um girassol impresso. Nestas páginas eu saúdo a cada um dos professores, desvelo um pouco de mim, faço o convite e falo da minha alegria em recebê-los para a caminhada que logo ali se iniciava. Esta carta não obteve resposta sob nenhum meio, apenas no decorrer do primeiro Círculo os coautores falaram no afeto que dela aflorou.

Assim, o primeiro Círculo Dialógico ocorreu no dia 30 de março de 2021 com início às 14h, na sala virtual cujo acesso (link) foi enviado aos coautores por correio eletrônico. A mensagem continha uma seriedade acadêmica que beirava aos protocolos de acesso às pessoas importantes das instituições, aos professores doutores daquelas universidades. Eu ainda não me autorizava a constituir uma escrita mais aos moldes do que ocorreria a partir da mobilização para o segundo Círculo. Assim, para que os diálogos problematizadores fossem possíveis foi fundamental a perspectiva de que, a partir do Círculo anterior, os demais fossem se constituindo, assim também foi na maneira de nos tratarmos, convivermos e aproximarmos. Dessa forma, apenas o primeiro encontro teve a temática geradora proposta pela pesquisadora-coordenadora, que foi justamente o convite, a acolhida, a apresentação do problema de pesquisa e a própria processualidade político-epistemológica-metodológica dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos.

Realizamos oito encontros, número que, segundo a cabalística, representa a espiritualidade, o oculto, a reflexão que nos leva a sabedoria, a busca por aquilo que não se vê na aproximação da humanidade às forças cósmicas e que, também, remete ao infinito, começo e fim em constante movimento criador. Os Círculos tiveram a periodicidade de 21 dias; a neurociência vai dizer que este é o espaço de tempo que o nosso cérebro precisa para adquirir novas formas de relações. Com isso, ainda encharcados das águas de comunhão dialógica, alguns dias após o Sétimo Círculo foi enviado o pré-texto da tese para que os coautores pudessem dialogar com a escrita, neste movimento nos encontramos a mais um Círculo, o oitavo. Momento para refletir e dialogar sobre a escrita, a perspectiva do inédito e o que toda a mobilização da e para a tese nos afetou; e como era entendido, então, o texto, a narrativa escrita.

Os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos foram realizados remotamente, de modo a mobilizar o diálogo que, mesmo, com distanciamento físico precisavam ser carregados de rigorosidade acadêmica e fraternura político-epistemológica. Para tanto, o primeiro Círculo foi chamado, ao final do mesmo, de **Acolhida amorosa**, o encontro se deu de forma análoga a um encontro presencial. Altamente afetivo, os sorrisos extrapolavam os lábios, houve, a todo o momento, abraços à distância (eu não sabia como virtualmente se dava um abraço até este dia). Os colegas, ao se verem, se emocionaram muito, e foi visível perceber que ali, naquelas pessoas, estavam guardadas tantas perspectivas próprias de um Círculo Dialógico. Para este primeiro momento escolhi a música “Como la cigarra” de Mercedes Sosa, interpretada em um clipe dos anos 1980. Essa canção fala sobre renascer, ressuscitar, voltar à vida, depois de estar embaixo da terra, o ressurgir, um novo mundo instaurar.

Como La cigarra

Mercedes Sosa

Tantas veces me mataron
Tantas veces me morí
Sin embargo estoy aquí

Resucitando

Después de un año
Bajo la tierra
Igual que sobreviviente
Que vuelve de la guerra

Tantas veces me borraron

Tantas desaparecí
A mi propio entierro fui
Sola y llorando

Hice un nudo del pañuelo
Pero me olvidé después
Que no era la única vez
Y seguí cantando

Cantando al sol
Como la cigarra
Después de un año
Bajo la tierra
Igual que sobreviviente
Que vuelve de la guerra

Tantas veces te mataron
Tantas resucitarás
Cuántas noches pasarás
Desesperando

Y a la hora del naufragio
Y la de la oscuridad

Alguien te rescatará
Para ir cantando

Cantando al sol
Como la cigarra
Después de un año
Bajo la tierra
Igual que sobreviviente
Que vuelve de la guerra

Após assistirmos ao clipe houve um espaço de silêncio, visivelmente os participantes sentiram-se tocados pela não só letra, mas a presença inspiradora de Mercedes Sosa. A partir deste momento eu, como pesquisadora-coordenadora, iniciei a fala na construção de uma aproximação na perspectiva do “Después de un año bajo la tierra, igual que sobreviviente que vuelve de la guerra. Tantas veces me borraron, tantas desaparecí, y a mi propio entierro fui, sola y llorando.” Segui pedindo que os professores pudessem expressar o sentimento de estarem em uma pesquisa, em um tempo altamente diverso como o do contexto da pandemia, e do momento político que vivemos, justamente ao pensarmos em educação e humanização. A partir deste primeiro desafiar os professores, cada um a seu tempo,

com uma gentileza que se configurou como forma de ser em todos os encontros, seguiram em diálogo. A primeira abordagem foi justamente sobre a carta, seu sentido e seu significado, e para minha surpresa, o fato de ter sido escrita a mão foi de todo o modo o signo mais sensibilizador-mobilizador. Assim, o Círculo foi se constituindo em profundezas que eu jamais poderia sequer imaginar, inferir ou prever. Entre carta, cigarra, casulo e re-união emerge o tema gerador para o segundo encontro que foi **Democracia: o que fizeram-fizemos**.

O segundo Círculo aconteceu no dia 20 de abril de 2021 às 13h30 (alteração de horário proposto pelo grupo), já na saudação inicial, na conversa que convida a um *convertere* de intenções, pedi aos coautores que fizéssemos um grupo no watts app para que pudéssemos tratar das questões práticas relacionada aos encontros e para que a agilidade em relação a informação se configurasse a nosso favor. Assim o fizemos. Ao pensar sobre o tema gerador para este Círculo e realizando a transcrição do encontro anterior, ficou evidente a marca do grupo como um coletivo não só político, mas politizado. Quer dizer, ao tratar de um tema que o grupo ansiava discutir era evidente o engajamento, a memória de luta, inclusive partidária em algum momento.

Então, para constituir a temática que emergiu após o dia 30 de março construí, de forma autoral, a mobilização sensibilizadora para o próximo círculo, sem a busca de uma autorização prévia do orientador ou coorientadora; por entender que também aqui se estabelece o meu ser pesquisadora no assumir riscos que a própria criação desafia. Com isso, devido ao fato de, no encontro anterior, haver uma preocupação muito grande sobre o que fizemos com a democracia que pensávamos ser a nossa redenção, pensei nas cores de nossa bandeira. Para tanto, escolhi uma pasta transparente amarela com o tema inscrito “Democracia: o que fizeram-fizemos. Segundo Círculo Dialógico”. Dentro desta pasta havia, novamente, uma carta escrita a mão, desta vez escrita em folha não pautada, mas pontilhada. Nela escrevi de frente pra trás, de cima para baixo, nos lados, ou seja, fiz pirraça na forma linear de escrita. Esta maneira de escrever foi o primeiro signo sensibilizador-mobilizador a ser elaborado. Dentro da pasta, além desta carta, havia símbolos que poderiam instigar o próximo diálogo. Escolhi elementos para serem colocados dentro da pasta que, de algum modo para mim, se relacionavam à palavra ‘Democracia’. Um trevo de quatro folhas vivo plastificado, um punhado de sementes de girassol, um raminho com fruto seco (araçá), um pedaço de arame farpado enferrujado e moldado em

forma que não fosse a de um redondo, evitando imitar um círculo, e um pano branco sujo de tinta vermelha sugerindo sangue. Todos estes elementos foram enviados dentro de um envelope e endereçados a cada um dos coautores e ao coordenador-participante.

A intenção dos signos sensibilizadores-mobilizadores se fez na perspectiva de que dentro dos 21 dias nós continuássemos os diálogos, quer dizer, o movimento em dialogia se dava, também, quando chegava a correspondência ou alguma pista mobilizadora para seguirmos na ciranda dialógica. Então, a intenção era de diálogo contínuo, vivo, acontecendo mesmo sem que estivéssemos apenas no dia do encontro, e assim, em comunhão seguíamos as reflexões.

O segundo Círculo foi chamado de **Celebrações dos re-encontros**, para além de uma temática emergente que instiga um novo diálogo, nomear os Círculos foi um movimento de dizermos do sentimento que dali se apreendia-depreendia. Assim, neste segundo encontro após a saudação inicial convidei os professores a assistirem dois pequenos vídeos em sequência. O primeiro foi um em que Paulo Freire participava de um quadro de um programa de televisão chamado “Paulo Freire Responde”⁴⁷, em que o apresentador Serginho Groissman interagia com uma platéia de jovens. Nele, Paulo Freire falava sobre a ditadura, seu exílio e ter sido considerado “inimigo de Deus e da pátria brasileira”, e o sonho de que jamais na história de nosso país aquilo pudesse sequer ser pensado como condição de vida novamente. A seguir assistimos ao vídeo Quebrando Tabu em que o apresentador Marcelo Tas recebe o líder indígena Ailton Krenak. Nesta entrevista o apresentador mostra um vídeo de Krenak no senado brasileiro participando do discurso na Assembléia Constituinte⁴⁸, no momento da redemocratização do Brasil em 1988. E aí reside a problematização em que Krenak revelou que não teria coragem de proferir tal discurso pelo fato de não saber, hoje, quem está sentado nas cadeiras do senado. E que, por ser gente perigosa, seria muito difícil repetir aquele momento e que “gente como esta que aí está deveria nascer de novo”, referindo-se as pessoas que atuam como governo no Brasil 2018-2021. Com estas duas mobilizações começamos os diálogos que foram constituídos por dois momentos marcantes, o primeiro sobre o que o nosso país sofreu e sofre na busca democrática, porém frágil

⁴⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gvRfBO4enBU>. Acesso em: 08 ago. 2021.

⁴⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/como-%C3%A9-o-brasil-pros-povos-ind%C3%ADgenas-atualmente/1058069477936562/>. Acesso em: 08 ago. 2021.

de um mundo minimamente mais justo. E, por outro lado, um segundo momento de se pensar a utopia da democracia nas relações, nos compromissos e na nossa constituição de humanidade. Com esse aprofundamento Balduino foi referendado como personificação democrática, dialógica e afetivamente rigorosa. No transcorrer do segundo Círculo ficou muito forte a perspectiva do que viemos fazendo, nossas conquistas, frustrações e quem viemos nos tornando nesta caminhada, daí surge a temática geradora para o próximo Círculo, **Nossas andanças**. A partir destes dois Círculos é que a perspectiva de que as dimensões⁴⁹ que deles se abriam é que seria uma possibilidade interpretativa.

O terceiro Círculo foi chamado de **Fraterna-Solidariedade**. Para este momento a partir do encontro anterior, emergiram os nossos caminhos, a forma como nos constituímos ao longo da jornada educativo-humana. O signo sensibilizador-mobilizador começava com um envelope tamanho A4, na parte de fora fizemos, em giz de cera em 6 cores, desenhamos eu e minha filha, traços circulares que rodeavam absolutamente todo o contorno do envelope. Três cores faziam o caminho conectado, outras três com espaços de ruptura do traçado. Este envelope trazia elementos informativos como temática geradora, dia e hora do encontro, remetente, destinatário e ainda uma foto de um jardim com mini rosas e muitos espinhos, feita na frente de nossa casa. Elementos que também traziam uma mensagem lúdica. Dentro deste envelope não havia uma carta, havia uma página que no canto superior direito repousava como ilustração a foto do coautor ao qual aquela correspondência era endereçada. As reticências seguiam a foto e no final da página outras reticências. Este signo sensibilizador-mobilizador se configurava entre a intencionalidade inscrita nas vivências de cada um, mas também o que ainda está por ser escrito, seguido das reticências como perspectivas de um *continuum*. Este Círculo foi marcado pelo aprofundamento político-epistemológico em que as filiações acadêmicas se estreitavam ou se distanciavam das vivências dos coautores, sempre correlacionados a presença afetivo-político-filosófica de Balduino. Foi um dos momentos mais densos em termos de aprofundamentos filosóficos e engajamento na palavra e na ação, práxis próprias de cada um. Deste encontro emerge a temática **das amizades atuantes**, autores, amigos, companheiros de jornada.

⁴⁹ Capítulo 5.

O quarto Círculo aconteceu no dia 11 de maio. Para este momento devido ao aprofundamento que o terceiro círculo mobilizou, decidi não enviar absolutamente nada. O nada foi o signo sensibilizador-mobilizador, quer dizer a ausência de signo, do material, do palpável, da coisa construída é que de algum modo propunha a sensibilização. Para este encontro convidei a musicista Lizene Ester Noal para fazer a mística inicial em voz e violão da música de Milton Nascimento, *Coração de estudante*, assim, chamamos o encontro de **Broto, flor e fruto**. Este Círculo foi marcado pela necessidade do narrar-se, aqui os coautores se disseram de forma mais intensa, intencional, como que se ouvindo para entender-se, compreendendo suas trajetórias. Foi o encontro mais sério em termos de postura corporal, todos estavam com uma forma de ser extremamente comprometida com o se dizer, dos encontros esse foi de magia na volta de sentimentos, de acolhimento de nossas histórias. O tema gerador foi **Comunhão Epistemológica - centenário de Paulo Freire**. Esse tema ficou muito evidenciado por haver a íntima relação entre o que somos, o que nos tornamos com a comunhão de perspectivas que vivem em Paulo Freire e o centenário de seu nascimento precisava ser celebrado.

Chegamos ao quinto Círculo, dia 22 de junho, que ficou marcado como um dos momentos mais lindos que os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos vivenciou, que foi o que chamamos de **Congregações afetivas**. Para este dia houve mobilização via watt app para que pudéssemos comemorar o aniversário do Professor Balduino de oitenta e nove anos, ocorrido dias antes. Começamos a preparar o encontro de forma comunitária, todos construindo juntos. O professor Humberto poetizou em forma de cartão o nosso sentimento comum, eu fiquei de pensar em um presente, logo compartilhei com os demais colegas a ideia de uma cesta colonial do gosto próprio de um imigrante italiano, com cuca, salame, e, no caso, suco de uva. Por unanimidade os coautores propuseram a substituição do suco por vinho, por uma questão óbvia de preferência do professor Balduino. Nesta atmosfera passamos os dias entre o quarto e o quinto Círculo, euforia, alegria, fotos compartilhadas das coisas que deveriam ir naquela cesta ou no texto do cartão. Daí eu lembrei que precisávamos ter algo vivo junto destes itens todos, a flor, 6 (nós éramos 6) girassóis compuseram nossa querida homenagem. Assim, no dia do nosso quinto Círculo combinamos com a empresa que entregaria a cesta, com vinho e girassóis que a entrega fosse exatamente às 13h. Essa especificidade foi elaborada por todo o grupo, como aquelas surpresas

em que as pessoas apagam as luzes e esperam o aniversariante chegar. No nosso caso queríamos, no início do nosso encontro, ainda compartilhar do rosto espantado de Balduino com a nossa amorosa façanha.

O início do Círculo se daria às 13h 30, porém havíamos tratado de chegarmos às 13h para combinar o que falar para o professor Balduino como, por exemplo, ler o cartão, cantar parabéns, como faríamos? Ao abrir o link da sala surge o professor Gomercindo já tocando gaita e cantarolando “tanti auguri a te”, foi extremamente lindo, afetivo e alegre este momento. Chegaram os demais colegas e entre “quem começa”, “vamos ensaiar”, “eu não sei cantar tanti auguri a te”, e o professor Gomercindo dizer que se não conseguisse, por conta do nervosismo, tocar a gaita que a gente continuasse cantando. Todo esse movimento traduz o espírito deste grupo, essa alegria-comprometida, esse entusiasmo dos orientandos⁵⁰ de Balduino, mesmo que de mais de vinte anos atrás. Assim, o encontro se fez em verdadeira congregação de afetividades, comemoramos a dádiva extraordinária da vida. A sensibilização foi a festa, a comemoração, os sorrisos, a alegria de Balduino. Previamente combinados de que todos nós enchêssemos uma taça com vinho para brindar esse dia comemorativo. Brindamos, tomamos vinho nos alegamos e a partir desta alegria aprofundamos os diálogos. O tema gerador foi **a revolução verdadeira... é a revolução do amor.**

O sexto Círculo se deu no dia 13 de julho, em um dia de veranico no inverno gaúcho. Para este momento eu enviei, às 9h da manhã, uma pequena, rápida filmagem de uma violeta e uma vela acesa tendo o sol de fundo, aqui da sala de nossa casa. Convocando para que aquela imagem nos remetesse a outras forças fora do nosso processo apenas cognitivo, que absolutiza o inteligível em detrimento do místico, do metafísico. A relação pesquisa-vida, revolução-amor, foi a motivação para a mística. Ao chegarem ao Círculo, os professores viram ao meu lado uma vela e um vaso de violetas, quando todos já estavam na sala comecei a sensibilização acendendo a vela e dizendo que a nossa vida era com aquela vela, a luz do caminho e a proposta da nossa tarde era ver, perceber essa luz. A vela e a flor que simbolizam as presenças distantes fisicamente, mas tão próximas. A quentura da vela é como mão que segura a outra, que é cada um de nós, nossas mãos dadas. As flores que o caminho faz brotar, a necessidade da escuta. Flor e luz para simbolizar o caminho que é iluminado por pessoas que anseiam novas rotas, novas

⁵⁰ Esta escrita não utiliza ‘ex-orientandos’ por entender que não cabe o prefixo em toda a coerência vivificada na narrativa desta tese-formação.

trilhas. E nos fortalecemos nas nossas falas de que não temos medo e que estamos unidos, lumes. Na sequência vimos o clipe da música 'Caçador de mim', de Milton Nascimento. Logo falo do memorial desta tese-formação naquilo que configura para mim a pessoa de fora e a pessoa de dentro, eu ser filosófico. Essa voz interna muitas vezes conflituosa, contraditória, falante... nós caçadores de nós mesmos, muito mais que cognição, corpos cognoscentes, o conjunto do todo de nós. E como isso acontece? Como não ter matado esse ser filosófico? Nós nos reconhecemos nos versos e nas versões de mim-nós. A partir deste momento de acolhida os diálogos se fizeram em profunda perspectiva do 'eu'. A este encontro chamamos de **eu-nós**. O tema que emerge é **pesquisa-diálogo**, como chegamos até aqui.

Com tudo isso, posso afirmar que os vinte e um dias entre o 6º e 7º encontros foram, para mim, pesquisadora-coordenadora, os mais densos, difíceis, extenuantes, intensos. No interstício entre os demais Círculos havia um apropriar-se do encontro anterior, no distanciando do vivido, para constituir o próximo momento juntos para que a investigação acontecesse. Porém, neste tempo, que beirava o penúltimo e, logo, o último, a perspectiva era de absorver o espírito do todo para, de algum modo, trazer uma devolutiva, uma reflexão, um constructo para que o grupo pudesse, junto comigo, validar, ou não, as nossas construções partilhadas, que encontrava em mim a pessoa interpretadora e narradora dos feitos em comunhão. Para tanto, fiz o que comumente fazíamos na Pastoral da Juventude e nas Comunidades Eclesiais de Base, um retiro afetivo, interpretativo, epistemológico em que o deleite da escuta-escrita inebriou todos estes dias. Neste período que considero quase que como o parto de uma mulher grávida, a ânsia pela/da chegada, a alegria-dor que a transformação provoca, as lembranças das mudanças que ocorrem tanto no ente mãe como no ente filho para que se chegasse a nova forma de ser no mundo. Então, às vésperas do penúltimo encontro me senti assim, paradoxalmente afetada. Revi todos os Círculos, li as transcrições, revi o porquê do referencial teórico, revisei o momento da qualificação e, assim, percebi, de forma muito viva, que os constructos foram aquilo que foi construído em dimensões de experenciação, em diálogos profundos, para além das temáticas geradoras, dimensões que habitamos nos meses em que comungamos nossas vidas.

Com isso, justamente entre os dias 13 de julho e 03 de agosto que eu percebo que escrever um texto com características próprias de uma análise não estaria à altura das grandes vivências que os Círculos proporcionaram. Dessa

maneira, é que a invenção, o jogo de palavras, as analogias e as metáforas pedem passagem por um caminho mais reflexivo da minha interpretação em uma pesquisa que tem a própria tese como processualidade formativa; tese-vivência, tese-argumentativa, tese-celebração, tese-partilha, tese-caminho, tese-experiência, tese-narrativa, tese-formação. E haverá alguém a se perguntar do porquê trazer neste espaço-tempo da narrativa o como se constituirá o(s) constructo(s). Pois a forma de fazê-lo também é engajamento político-metodológico de todo o texto. Desqualificar a potência da inteireza textual é desqualificar o próprio fazer investigativo.

Assim, chegamos ao penúltimo Círculo desta tese-formação, em um dia de frio intenso, no início do mês de agosto de 2021. Dia de, uma certa, coautoavaliação em que os coautores re-significaram o feito, o vivido, pela experiência, e principalmente, a abertura para novos e potentes encontros. O signo sensibilizador-mobilizador foi uma carta que eu li aos coautores em que eu falava das alegrias que foram os Círculos, da imensa responsabilidade, dos desafios, e das profundas amizades que congregamos. Após a leitura da carta fiz uma reflexão entre o texto da tese e os textos da vida, em uma correlação academia-vida, compromisso-histórico com gentes. Na sequência recebi dos professores uma amorosa avaliação que de muito me honrou, muito embora soubessem eles que eu é que lhes agradecia sem medida. Este encontro foi doloroso, difícil, profundo, carregado de boniteza. Aqui pudemos olhar o feito e carinhosamente reconhecer a potência do diálogo como o maior signo sensibilizador-mobilizador não de um Círculo, não de um momento, não de uma tese, mas antes e mais potente como viabilidade de humanização. Na terça-feira deste Círculo, que antecedia a comemoração do dia dos pais, e eles todos homens muito embora não todos pais, resolvi finalizar o nosso encontro com a música *Guri* de César Passarinho. E eu dizia que nos momentos vividos eu também por vezes me senti guri-guria, mas em tantas outras eu também fui tratada como pai-mãe, quer dizer a exemplo da música: “e se Deus não achar muito, tanta coisa que eu pedi, eu peço que não me separe desde rancho onde nasci, nem me desperte tão cedo do meu sonho de guri, e de lambuja permita que eu nunca saia daqui”. Esse *não sair daqui* dando ideia de que, a partir dos Círculos Dialógicos, nós nos fizemos comunidade e que lutamos para que não despertemos dos sonhos, esses os nossos. E para, finalizar, acenamos com a música ao fundo sem nos despedirmos formalmente. O penúltimo Círculo foi chamado de **“último, uma pausa para logo seguirmos dialogando”** sugerindo o tema do continuar, do seguir.

Com tudo isso, então, o pré-texto da tese foi enviado aos coautores para que pudessem interagir com as construções até então constituídas, e conhecer como a escrita se delineava na abertura para proposições de perspectivas. Assim, obtive o retorno dos coautores e marcamos mais um Círculo Dialógico, o oitavo, no dia 14 de setembro, para que pudéssemos re-ad-mirar o feito, re-construir e re-criar possibilidades. A esse momento chamamos de **Pertença**, por entender que na construção tese-formação havia um constante aprendendo-tecendo com Paulo Freire, outros autores e outras autoras, coautores, epistemologias e memórias que nos faziam pertencer a uma comunidade, a uma humanidade. Neste encontro os coautores pontuaram suas percepções, constituíram re-significações em como a tese se inseria naquilo que conheciam desde suas trajetórias em programas de pós-graduação. Esse Círculo teve a atmosfera de diálogo mobilizado para a pertença acadêmica, questionamentos acerca do caminho político-epistemológico-metodológico foi a constante. Com esse encontro foi possível compreender que para encontrarmos trilhas é fundamental que conheçamos os caminhos já andados, os mais frequentados para que, de fato, seja um ato político a escolha em fazer uma tese-formação em que a palavra pelo diálogo é problematizada. Com isso, a não-coisificação/objetivação de gentes, processos e, a própria narrativa, configura intenção de profunda pertença humana; e encontra na hermenêutica a perspectiva interpretativa que nos convida a escuta sensível e o olhar aguçado em toda nossa constituição de conscientização.

Estes oito Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos se configuraram em sementes que guardam a ancestralidade do antes e que germinam no depois, entendendo a plantação de um agora. Em um olhar sensível e uma escuta aguçada, ou escuta sensível e olhar aguçado, que nos coloca a ver-sentir o mundo de maneira histórico-crítico-afetivo na inteireza do ser que habita em cada um de nós no esperar que nos mobiliza a seguir sendo em comunhão...

5 CONSTRUCTURÁRIOS DIALOGADOS DE UMA TESE-FORMAÇÃO

Auto da Compadecida

Não sei, só sei que foi assim...

Ariano Suassuna

A escrita-pensamento-poesia se faz de muitas formas, e escutar o que o texto tem a dizer torna a escritura paradoxal; por um lado, é como que se acontecesse uma autobiografia textual, quer dizer a narrativa vem se dizendo ao longo do seu próprio constituir-se, e por outro, uma tarefa árdua pelas teimosias e artimanhas próprias de quem está na perspectiva do se fazer crescer. Assim, esta tese-formação também quer, além da ferrenha denúncia a um sistema global de desumanidades de muitas e várias formas, ser o anúncio da esperança e do amor como imprescindíveis para resgatar o humano das e nas pessoas.

Essa escrita quer, também, fazer pirraça com a linguagem. A brincadeira, o chiste, o jogo com a linguagem ordenada, escravizada pelo uso e as invenções que derivam me apeteçam. Gosto do quanto a literatura, a poesia, a filosofia, a antropologia, a pedagogia, e tantas outras ciências conseguem mobilizar a linguagem a seu favor, especificamente na escrita. E, ao longo dos capítulos desta tese-formação, ela-nós quis-quisemos se-nos fazer assim. E eu como escritora não posso me dizer a deusa, a mãe desta escrita e ela a própria a criatura, seria minimamente uma arrogância minha. O que posso dizer é que ambas nos compusemos em diálogos e comunhão, prova disso é este capítulo que apresento os constructos dialogados de pesquisa. Mas ela-nós não suportou-suportamos não inventar e decidiu-decidimos que *constructurários* diria mais do que realmente ela é, e... foi assim.

Já que estamos falando em grafias, lembro, novamente, de *À sombra dessa mangueira* que é uma das obras que revela a humanidade de Paulo Freire quase que, como a *Cartas a Cristina*, uma autobiografia do autor. Podemos até enxergar o menino Paulo sendo alfabetizado na sombra com gravetos por sua mãe, ou ainda, brincando com os amigos em uma infância que logo daria lugar a uma juventude sofrida, faminta e igual a muitos brasileiros esquecidos no nosso país, sobretudo no norte e nordeste. Assim, nesta mesma memória ouço Ariano Suassuna em sua obra *Auto da Compadecida* que retrata o universo do povo pobre, suas artimanhas para vencer a vida e sua relação com o clero, com a crença e também nas relações

pagãs e sagradas. E esse conjunto de memórias me vem como que um filme o dia que ao iniciar minha formação acadêmica, o primeiro dia de aula na Universidade Federal de Santa Maria foi justamente de metodologia da pesquisa, momento de dizermos o que vislumbrávamos no curso de letras; jovem, sem experiência com as palavras respondi que eu fazia Letras porque... eu queria. Simples assim. Fui repreendida pela professora, pois eu não tinha uma resposta apropriada, que seria algo mais relevante do que meu querer. Sempre tive essa sensação do in-apropriado, do válido, do certo. E ao trazer-lhes os constructos desta tese-formação não haveria nada mais profundo e relevante que lhes dizer que esta tese foi feita porque eu quis... e quis muito... nós quisemos. Então a epígrafe é de total densidade e complexidade para o meu fazer pesquisadora porque eu também, a exemplo de Ariano, vou lhes trazer a minha interpretação filiada aos autores, coautores, orientador e coorientadora e que ao fim e ao cabo das coisas que aprendemos... Interpretamos e quais constructos, *constructurários*, instauramos, dialogamos... Só sei-sabemos que foi assim...

- As pesquisas auto(trans)formativas em coautoria não carecem de a Melissa ou o Celso fazerem uma análise, como tradicionalmente se faz, do que foi produzido, ou dividido em categoria de análise aquilo que foi construído por nós aqui. Porque na medida em que nós vamos avançando concomitantemente vamos interpretando e compreendendo, no sentido de Gadamer, os próprios diálogos que vamos construindo cooperativamente. Por isso, que o relatório final é, também, um registro re-criativo que a Melissa vai apresentar na sua tese é quase como um relato de experiências daquilo que construímos juntos. Por isso, que, às vezes, têm transcrições literais dos diálogos nossos como no caso da boniteza dessa tarde. (Celso, 2º Círculo).

Com essa reflexão do professor Celso, na pessoa de orientador-participante, é possível entender, então, que os constructos de pesquisa são também criações-criativas, re-criações/re-criativas. Por isso as constituições narrativas em que os coautores se dizem de forma tão bonita no resgate da densidade onto-epistemológica que a literalidade de suas falas se faz imprescindível.

Começar o capítulo em que se desvela como uma pesquisa se deu com um chiste literário é de todo modo uma maneira de dizer ao leitor que toda a obra humana é uma forma de ver o mundo. Desde onde nossos pés pisam podemos compreender a realidade vivida e, assim, interpretá-la como possibilidade para uma tese e, portanto, como contribuição para a vida. Este é o espírito desta tese-formação em que a linguagem nos serve como meio de, ao mesmo tempo,

sermos leves e profundos nos diálogos que realizamos ao longo de seis meses em que os encontros se deram na amizade, na construção de fraternuras, pela comunhão de experiências, na complexa trama de narrarmos a nós mesmos com os outros.

As perspectivas da palavra, da não-coisificação/objetivação e da hermenêutica foram aquelas que encontraram no diálogo a possibilidade de e para a re-invenção proposta por Paulo Freire (2017). A humana docência freireana vivificada na multiversidade em que pessoas, os coautores, manifestam e se reconhecem na mística, nas utopias e nas fraternuras comprometidas na libertação de homens e mulheres do mundo.

A seguir trataremos da densidade dialogada da pesquisa: UMA TESE-FORMAÇÃO? MÍSTICA, FRATERNURAS E UTOPIAS DA HUMANA DOCÊNCIA FREIREANA. Aqui corporificada pela interpretação e expansão da compreensão em que mundos se desvelam em dez dimensões: bola de sabão, *qualquerquasequando*, grão de areia e equinócio, janela, jardim, amizades atuantes, a alegria e o riso, várzea, consciência planetária e *ultimeiro*. Todas estas dimensões se enlaçam, entrelaçam umas às outras em constante circularidade, na roda, na ciranda, nos Círculos Dialógicos, para além dos temas geradores estas dimensões constituíram o constructo interpretativo e dialogado desta tese-formação.

5.1 CÍRCULOS DIALÓGICOS: DIMENSÃO BOLA DE SABÃO

Uma criança vai conhecer o mar,
 seu pai o leva até a praia.
 Ao se aproximarem da água o menino
 segura a mão de seu pai,
 levanta sua cabeça e pede:
 - Pai! Me ensina a ver o mar...

Eduardo Galeano

A pesquisa desta tese-formação se deu entre professores, todos nós com experiência-vivência na docência, muito embora todos os coautores, o orientador e a coorientadora tenham em suas trajetórias a pesquisa *stricto sensu* como processualidade docente mais evidente. No entanto nenhum de nós foi-fomos, como nos ensina Galeano, só a criança ou só o pai. Todos comungamos de ora ser o que

mostra e ora o que levanta mão pedindo o ensinamento. Desta maneira, podemos dizer que o primeiro constructo desta investigação, a **Primeira Dimensão**, é justamente que o Círculo Dialógico se faz em comunhão, em troca de papéis, em uma constituição de formação não só de ou para a docência, mas também. Quer dizer, para que sejamos professores e professoras na humana docência é de fundamental importância a formação em todas as possibilidades humanas, inclusive formação em ludicidades e bolas de sabão.

Ao longo do pensamento ocidental tradicional, vemos depreender-se dessa proposta todo o avanço científico e técnico, que se apropria cada vez mais das singularidades do mundo, dominando-as em favor das necessidades do homem, tomando como algo exterior ao que se entende por Natureza, em que o conhecimento passa a ser entendido como uma ponte para a compreensão do real. Para este tipo de conhecimento não interessa, de fato, o conhecer, mas tão somente o esquematizar, o calcular, instaurar regularidade e forma tanto quanto for necessário para a vida se retrair. A filosofia, no entanto, vem a reclamar, com Caieiro⁵¹, a inocência a busca a um plano pré-filosófico que antecede e antecipa qualquer pensamento conceitual, permitindo à filosofia ser captada como atividade lúdica que nos aproxima das coisas do mundo e, até mesmo, de coisas como bola de sabão (GARCIA, 2009, p. 30).

Assim, para que o Círculo Dialógico Investigativo-auto(trans)formativo exista e não se configure em seminários acadêmicos ou palestras de pessoas ilustres sobre suas produções científicas, vimos ser importante demarcar o lugar que ocupamos nestes dias de comunhão de vivências dialógicas. Quer dizer “a bola de sabão, o poema, a filosofia, são entendidos aqui como brincadeiras que mimetizam o mundo, por meio da sua reprodutibilidade, o próprio movimento do real, o borbulhar de singularidades infinito da vida” (GARCIA, p. 32).

O diálogo na perspectiva do amor com as gentes, com o mundo com tudo que nos cerca no mundo é, pois, revolução

O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. Designar o mundo, que é ato de criação e de recriação, não é possível sem estar impregnado de amor. O amor é ao mesmo tempo o fundamento do diálogo e o próprio diálogo. Este deve necessariamente unir sujeitos responsáveis e não pode existir numa relação de dominação (FREIRE, 1979b, p. 42).

Paulo Freire e Balduino Antonio Andreola comungam o diálogo amoroso, comprometido que rompe com a dominação e inaugura a re-união de gentes para e na criação/re-criação.

⁵¹ Caieiro pseudônimo de Fernando Pessoa.

- *Eu quero agradecer a Melissa e ao Celso por nos receber de novo. Eu tenho a impressão de estar naquela sala do sétimo andar da UFRGS, no nosso seminário daquela época. E aqui agora eu me lembrei do principal de Mounier, ele dizia, propunha ao pessoal que defendia as ideias do personalismo e começavam a criar grupos. Ele dizia: em primeiro lugar é constituir “grupos de amizades atuantes” (professor Balduino falou primeiro esta frase em francês e logo em português). E depois evoluindo para grupos de pesquisas. Eu acho que o que tu estás fazendo conosco é isto. Eu me sinto de novo resgatando aquela ligação fraterna, aquela amizade profunda com o Felipe, o Gomercindo, o Calloni (Humberto), o Celso e com saudade do Krombauer e do Jaime. Isso é que é importante. E são ligações que não desaparecem. Eu vendo seus rostos, aqui, eu me emociono vocês transmitem tanta coisa boa, eu olho para cada um de vocês e eu vejo, aqui, junto da Melissa vocês, os seus rostos, os seus sorrisos, que coisa boa. (Balduino, 3º Círculo).*

Balduino nos remete ao que Freire (1997) defende para além da técnica:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (p. 51).

A perspectiva que nos convoca para atitudes humanizadoras que se identifica com a esperança, a justiça e a amorosidade é a mesma que Balduino sente. Assim, neste mesmo Círculo, na reflexão do professor Balduino e ao final das falas dos professores que foram, de todo modo, extremamente densas, alegres, profundas e leves, percebemos:

- *Ainda bem que eu vou ter 21 dias até o próximo Círculo para, minimamente, acompanhar o dito. (Mão na cabeça em sinal de preocupação, atenção). (Melissa, 3º Círculo).*

- *É... tu vais ter o tempo para compreender tudo isso que o Balduino, o Gomercindo trouxeram, nossa, eu fiquei aqui viajando e esbarrando nas cascas de banana que o Gomercindo deixa no caminho (referindo às provocações, aos desafios de fazer pensar). Não sei se vocês já notaram, ele sempre faz isso (risos). (Felipe, 3º Círculo).*

- *É... esse é o mais amigo, né? (risos). (Balduino, 3º Círculo).*

- *O Celso também faz isso, viu Melissa, e o Balduino também, na verdade ele é o mestre em deixar cascas de banana pelo caminho (risos). (Felipe, 3º Círculo).*

- *O Balduino foi o que influenciou todos nisso também (risos). (Melissa, 3º Círculo).*

- *Eu vou indo atrás e juntando as cascas de banana (risos). (Celso, 3º Círculo).*

Assim, a metalinguagem de se dizer como as coisas vêm sendo ditas é a bola de sabão, é o próprio Círculo desta tese-formação. Se na bola de sabão é necessária a ação, o sopro sabendo que ele produzirá o efeito redondo, dimensional que em sua eterna efemeridade se faz na consecução de outras bolas de sabão. Ainda, se nos detivermos na bola de sabão haveremos de ver as imagens refletidas nos orbes que ela instaura, podemos ver que elas podem sumir no ar e ainda repousar em algum lugar e ali um pequeno molhado se faz. Bolas de sabão instauram a alegria, o encanto, o assombro, o sopro e a necessária condição de sabão com água virar outra coisa, ou seria a função primeira de ambos se constituírem bolas de sabão? Então, a primeira dimensão que esta tese-formação constitui como constructo é que o diálogo, vivificado no Círculo, é sempre um sopro, é vontade, o ânimo, a necessidade do dizer e do ouvir, a palavração. É um deslocar-se sem saber onde vamos repousar, e que novas possibilidades se construam, às vezes, o diálogo é chuva de bolas de sabão, outras apenas uma partícula mínima que se desprende do canudo que se sopra. Não importa tanto a constituição físico-química da bola, ela é sempre outra, nova, em intensidade e com novas intencionalidades.

- Eu que não sou poeta, gostaria de dizer algumas coisas. (na sequência poetisa sobre estar no círculo, diálogo exposto na dimensão Amizades Atuantes). E isso foi o que eu construí a partir da caminhada que estamos fazendo. (Celso, 6º Círculo).

- E então tu te dizes um não poeta? (Melissa, 6º Círculo).

- Agora, com essa fala do Celso, ele inflacionou o mercado das narrativas. Agora Gomercindo é aquela hora que a gente levanta e pede para ir ao banheiro. O que eu vou dizer agora? (risos) (Felipe, 6º Círculo).

- Eu já estou aqui pensando o que eu vou falar, e fiquei imaginando que depois dessa o Felipe, o literato, ele surgiria com a sua poesia, filosofia..., mas aí já desbancou. (Gomercindo, 6º Círculo).

- É mesmo! (risos) (Felipe 6º Círculo).

Com tudo isso, nas falas das pessoas da pesquisa, podemos interpretar que coauto(trans)formação permanente está na perspectiva de que a formação nunca se dá, apenas, na concretude acadêmico-profissional será, pois, uma construção contínua e comungada, em movimento em todas as esferas e por toda a vida da(s) pessoa(s) em um permanente reconhecer e reconhecer-se. Com isso, podemos

afirmar que a coauto(trans)formação em todos os processos da/na vida é o caminho que nos coloca em aprendizagens contínuas em que a conscientização e a superação de situações-limite tornam possível trilhar novas possibilidades para o ser mais. A curiosidade já se fazendo conhecimento naquilo que o diálogo instaura como necessária palavração: “como a linguagem que anima a curiosidade e com ela se anima, é também conhecimento e não só expressão dele” (FREIRE, 1997, p. 22).

Esta tese-formação traz a conceituação de coauto(trans)formação naquilo que revela que a formação que se dá no e pelo diálogo será pois coparticipada. Quer dizer, que a processualidade de minha formação se dá na congregação com o outro que também se forma e se auto(trans)forma comigo e com os demais que compartilham a vivência do Círculo Dialógico, portanto só será possível a minha auto(trans)formação se ela se revelar com o(s) outro(s). As narrativas dos professores coautores transbordou a relação entre o eu, o eu como outro e o outro como continuação do meu eu, possibilitando que a processualidade formativa fosse, a todo o momento, compartilhada como não só possibilidade, mas necessidade para continuar caminhando, mobilizar sopros que coauto(trans)formam.

5.2 QUALQUERQUASEQUANDO: A DIMENSÃO DA POESIA INTERPRETATIVA

Se procurar bem, você acaba encontrando não a
explicação (duvidosa) da vida, mas a poesia
(inexplicável) da vida.

Carlos Drummond de Andrade

Essa tese-formação é ao mesmo tempo a defesa de uma tese, de uma perspectiva intelectual, e, também, espaço de formação. Isso se dá pelo fato de que ambas as propostas se interconectam naquilo que a hermenêutica vai postular que é a compreensão e interpretação dos diálogos em narrativas compartilhadas na processualidade de sua constituição.

A perspectiva de entender como os Círculos Dialógicos puderam desnudar e desvelar, nas falas das pessoas desta pesquisa, o tema proposto com o diálogo é condição indispensável à compreensão e interpretação. Portanto, o reconhecer-se como pessoa humana na presença, existência e interferência de outros seres, também, humanos que comungam da fraternidade planetária é, pois, a poesia interpretativa. Este subcapítulo começou com uma palavra inventada, e faço o convite para podermos refletir... todas as palavras em algum tempo e de algum

modo foram inventadas, nascidas, com descendências latinas, gregas, judaicas, indígenas, outras com justaposições que se dizem em soma de significados. Esta última muito me interessa o neologismo em justaposição *qualquerquasequando*.

A invenção da linguagem insere uma rebeldia que precisa fazer pensar aquilo que não estamos acostumados a pensar, dar sentido a algo que existe, mas carece de nome não fosse assim “bastaria nosso uso, obediente e plácido, diante da verdade que toda a palavra encerraria” (AMARANTE, 2009, p. 198).

Ocorre que a formação dialógica com professores coauto(trans)formadores, que constitui orientador e pesquisadora ambos como pessoas da e na pesquisa é, também, uma invenção, um inédito, um novo. Não porque já existisse como acontece com muitas palavras, mas é um fazer diferente com pessoas diferentes, em um formato de pesquisa também distinto, ou seja, um neologismo investigativo.

Assim podemos dizer que fomos e fizemos *qualquerquasequando* da e na pesquisa.

“qualquer” poderia mesmo sempre ser escrito em letra minúscula, mesmo no início da frase. E é justo pela sua *qualqueridade* (outra palavra que não existe!) do qualquer em letra minúscula que nos interessa aqui. Mas por quê? Porque o poeta é um *qualquer*. [...] Afinal que é o poeta senão um qualquer? Pois, distinto de alguém que sabe exatamente quem é - não vendo que se transforma todo o tempo - e que sabe somente usar a linguagem como se nela repousasse uma exatidão incontestável, o poeta é este que adquire um valor especial justamente por não possuir especificidades que nosso mundo comumente valoriza. Por isso aqui, no caso do poeta, ser qualquer não é ausência de especificidade, ao contrário, é a abundância de um especificidade muito singular, quando ser *qualquer* diz uma inocência que não fixa nem a linguagem nem a si mesmo (AMARANTE, 2009, p. 200-201).

Então, a primeira interpretação é essa, as pessoas desta pesquisa são os poetas-professores-formadores, por verem o mundo sob outra perspectiva em uma atmosfera fluída em movimento, mas com a rigorosidade de qualquer poeta.

Outra interpretação vem da palavra *quase* não como falta ou ausência, mas o oculto na disputa histórica da palavra em seu significado e seu significante, os neologismos tentam sanar essa fragilidade. É o desconforto linguístico na construção que sempre é inacabada, mutável, viva, precária e ávida pela palavra do outro para encontrar-se no diálogo.

- Não sei se eu posso dizer assim. (Gomercindo, 3º Círculo).

- Mas não era isso que eu queria dizer. (Balduino, 2º Círculo).

- Vocês conseguem entender o que eu quero dizer com isso? (Celso, 3º Círculo).

- Eu exagero com as palavras, é que às vezes eu não consigo dizer tudo de outra forma, eu exagero mesmo. (Humberto, 6º Círculo).

- Não sei se é bem isso, não sei se eu consigo dizer de alguma outra forma. (Felipe, 3º Círculo).

O *quase* como possibilidade não diminui a profundidade, antes inaugura na reciprocidade de sentidos que se buscam e não se esgotam em si mesmo, no entanto, é um chamamento para o outro na construção a partir da precariedade aqui vista como humildade linguística.

E, ainda, o *quando* deixa de ser advérbio (por exemplo: quando novembro chegar) para se deslocar para aquilo que Ana Helena Amarante (2009) vai criar “quando é o tempo da poesia” (p. 203), criar acasos ao invés de destinos é o nosso papel aqui. Ao chamarmos os sentidos que não sabíamos que encontraríamos previamente vamos criando os *quandos* das palavras nas aventuras dos encontros dialógicos.

Assim, os coautores pediam como que licença para dizer a sua palavra, e a todo o momento, essa perspectiva configurou o estabelecer gentil da inserção para o diálogo.

- Vocês me permitem dizer uma coisa. (Balduino, 2º- 3º - 4º - 5º - 6º Círculos).

- Eu posso falar agora? (Balduino, Celso, Humberto, Felipe e Gomercindo, 2º, 3º, 4º, 5º, e 6º Círculos).

- Eu gostaria de registrar aqui. (Celso 2º, 4º e 6º Círculos).

- Aqui eu me coloco. (Felipe 1º, 3º e 6º Círculos).

- Professora Melissa eu vou começar dizendo, eu vou dizer várias coisas, a primeira delas... (Gomercindo, 3º Círculo).

- Ahi te tirei a palavra Balduino. Não! A palavra é eternamente tua. (Gomercindo, 3º Círculo).

- Eles sempre me faziam assim (sinal de T com as mãos) para cortar a minha palavra, que eu já me estendia demais, paro por aqui (risos). (Balduino, 2º, 3º e 6º Círculos).

- Aqui eu gostaria de voltar (na questão). (Melissa, 6º Círculo).

- Licença para falar. (Felipe, 1º Círculo).

- *O que eu gostaria de dizer...* (Humberto, 3º e 5º Círculos).
- *Eu quero dizer.* (Gomercindo, 1º Círculo).
- *Melissa me permite só uma palavrinha.* (Humberto, 2º Círculo).

As expressões deslocadas de seu diálogo original carregam consigo o *quando* como possibilidade para o argumento, a forja para a inserção do dito. Pois aqui não só nas profundezas do diálogo que reside a mensagem, mas as intenções dizem muitas vezes mais e ampliam o entendimento. Os turnos de fala expresso nas transcrições dos coautores revelam que eles não impunham suas interlocuções, mas reivindicavam um lugar de fala, um *quando* em que a palavraurgia existia, na gentileza da palavrção entre nós.

Então, o que é ser *qualquerquasequando*? Os coautores desta pesquisa são, todos nós, enfim, somos, mas Balduino é o mais. Ao criar tornamo-nos perigo abalando as estruturas do instituído e inventamos mundos, poeta-vida-mundo. A criação, a arte, o filósofo, o cientista, o educador, o formador, e tantos outros e outras são os e as grávidas que anseiam os re-nascimentos de gentes e mundos.

Ao nos inventarmos, na justaposição-poética, assumimos nossa condição política que se estabelece como não obediência. Neste caso, para ilustrar a obediência linguística que obviamente se faz metáfora pelas muitas e ferozes constituições que na processualidade formativa nos impele a sermos vivos, a desenvolver a consciência crítica e encontrarmos nossos inéditos-viáveis. A mesma obediência ou des-obediência é uma metafórica homenagem a pessoa de Balduino.

- Quando tu me chamas subversivo eu lembro, eu estudava lá na escolinha e íamos de pé no chão, com o tamanco na mão para não estragar tanto, e quando chegávamos limpávamos os pés e entrávamos para a sala de aula. E no recreio a mesma coisa. Um dia ao voltar do recreio não encontrei o tamanco, entrei descalço na sala de aula e comecei a olhar os pés dos colegas e logo reconheci, assim, mais ao lado na lateral, uma colega com os meus tamancos. Eu não disse nada, de tão tímido não tinha como eu denunciar a colega. A professora teve de providenciar outro tamanco. É! Deste menino tímido eu tive que enfrentar depois tudo que enfrentei (emocionado). (Balduino, 6º Círculo).

Balduino narra aquilo que qualquer menino do interior, filho de imigrante, em uma situação material precária, e retraído, passou em sua infância. A voz presa na garganta sabendo do delito da colega, mas sem se autorizar ao dito. Aqui este menino se veste de qualquer menino naquelas condições, mas que ao se encontrar

com amigos auto(trans)formadores sua voz canta a e na universidade, nos seminários e Fóruns Paulo Freire, nos muitos grupos comprometidos com a justa ira. E os enfrentamentos foram muitos, o *qualquerquasequando* Balduino com suas pegadas humildes, porém densas, com sua fala amigável, poética e potente denuncia e anuncia. E nas vozes de seus orientandos reconhecemos que, a exemplo dos homens e mulheres deste mundo, Balduino não quer ser estrela de marca maior, nem se vestir de santo no altar academicista. Não! Balduino é um homem simples, quer ser um homem qualquer, que por ainda estar em auto(trans)formação e inacabado não é isto ou aquilo, mas quase e na feitura de tudo isso se faz no quando do seu estar sendo.

- Eu posso falar 2 minutinhos? Estão me ouvindo? Para que não continue esse rosário de louvações, se existe essa nossa fraternidade é porque de fato a construímos juntos. Eu vejo a vocês cada um, o Felipe, o Gomercindo, o Celso, o Humberto, o Krombauer, o Jaime, todos... eu costumo dizer, não é bajulação; todos com voo próprio e indo cada vez mais longe do que o orientador pode chegar. Se nós nos sentimos tão unidos, tanta fraternidade é porque ela foi construída juntos. Porque o Felipe continua com o trabalho fabuloso em diferentes direções e não só com Paulo Freire. O Gomercindo, idem, foi homenageado com um livro pela FURG por toda a influência que exerceu lá. O Celso está multiplicando com o grupo Dialogus com formação de professoras e que elas se transformam em, também, multiplicadoras. Eu gostaria de dizer que os secretários de educação dos estados e dos municípios em vez de convidar grandes palestrantes, buscassem nesses grupos que vocês estão construindo com orientandos e orientandas que chegam a altura de vocês nesse compromisso. Então, é um Paulo Freire que está se multiplicando não para ser repetido, mas para ser recriado. Eu gostaria de dizer isso para que não seja apenas uma louvação como que se o Baldô tivesse o mérito dessa fraternidade ampla que está se difundindo em tudo que se constrói ainda mais com vocês. (Balduino, 2º Círculo)

Balduino Antonio Andreola, o Baldô, inaugura uma dimensão interpretativa de imensa carga de reconhecimento do outro que alça voos mais altos do que aqueles sequer imaginados por si, no movimento em que teoria e prática se entrelaçam, se confundem na coerência própria da práxis. Mas como alguém pode ensinar a fazer um voo ainda mais bonito que o seu próprio?... ahhh só os *qualquerquasequando* conseguem.

Assim, a **Segunda Dimensão** que esta tese-formação abarca é que formadores não são os escolhidos, os santos do altar do conhecimento. Coauto(trans)formador e coauto(trans)formadora é aquele e aquela que se faz na

humildade de uma pessoa qualquer, no seu quase de infinita busca humana e no quando de suas ações. Freire corrobora:

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunde com a prática (FREIRE, 1997, p. 15).

Dessa forma, essa dimensão reconhece que existe uma trilha, um caminho a ser não seguido, mas antes percebido, tornado consciente, vislumbrado como possibilidade, do mesmo modo que Balduino encontrou em Mounier e em Freire, em seus orientandos e no povo em geral. Reconhecer-se como qualquer um que pode mudar o mundo é, pois, a força transformativa que serve de convite para que amarremos nossas sandálias e sigamos a fazermos, também, caminhos, nós os pequenos. “Conscientizando-se, elas e eles [mulheres e homens] se existenciam: tomam nas mãos a constituição do seu mundo e a própria constituição do humano em si” (FREIRE, 1995b, p. 48).

Com isso percebemos que a pesquisa com professores coauto(trans)formadores evidencia que a formação docente só pode se dar na teia complexa e indivisível que é a formação humana integral, como uma autêntica humana docência. Quer dizer, então que todos os aspectos da minha-nossa constituição é, pois formativa. Assim, como postula Josso, algumas serão formais e profissionais e haverá tantas outras que se somam, a religiosidade, a sexualidade, a classe social as crenças e circunstâncias de cada ser na sua existência.

A hermenêutica justamente contribui para interpretarmos como esses fenômenos interferem na constituição humana. Uma interpretação *qualquerquasequando...*

5.3 GRÃO DE AREIA E EQUINÓCIO: DIMENSÕES DEMOCRÁTICAS DE HUMANIZAÇÃO

Dormia a nossa pátria

Mãe tão distraída,

sem perceber que era subtraída

em tenebrosas transações.

Chico Buarque

O equinócio é quando “o Sol, em seu movimento anual aparente, corta o equador celeste, fazendo com que o dia e a noite, tenham igual duração” (dicionário Oxford). Os dicionários têm disso, eles andam de farda e olham fixo o horizonte, são soldados das palavras. Evidente que o fenômeno do equinócio é muito mais que isto, altera as ondas do mar e inclusive as noites de amor. O mesmo seria dizer que um grão de areia nada mais é que... um grão de areia. Um grão de areia é uma história contada igual a mensagem colocada na garrafa e lançada ao mar. Nesta analogia entre equinócio e grão de areia existe algo a ser considerado como possibilidade se formos capazes de aprender, também, com os fenômenos do universo na sua intrínseca correlação fenomenal. E percebermos que é necessário para a natureza tempos em que o sol e a lua tenham a mesma condição de intensidade, e a areia elemento que vem se transformando ao longo de sua existência.

O grão de areia é aquilo que sobrou, as decomposições que o fizeram existir assim pequenino e aos montes. Conhecemos o grão de areia não porque ele anda sozinho talvez se existisse assim jamais o notaríamos. Ocorre que para ser areia há de ser um coletivo de grãos, uns maiores outros menos, de coloração mais ou menos dourada e de composição que podem se assemelhar, mas não são todos os grãos de areia iguais, aliás, nenhum deles é. Então, houve um tempo na ancestralidade do grão de areia, que antes era rocha, ossos de animais, e todo o material que com a ação do tempo transformou partículas orbes naquilo que ousamos chamar de areia. Se por um lado, o coletivo de grãos compõe os desertos, por outro, compõe também muitas praias; não todas, pois existem praias só de pedras, essas são mais infelizes porque praia sem areia é como que um rio sem margem.

Ao invocar essas metáforas nos encontramos em um dos constructos mais bonitos desta tese-formação, o da humanização que nasce junto da democracia. Mas o que o equinócio e grão de areia nos-me dizem se eles não são seres humanos? É que os fenômenos da natureza ao antecederem nossa pequenina condição humana nos ensinam a ver os fenômenos como educadores, formadores, desafiando a sermos auto(trans)formadores. E, ao se utilizar deste recurso linguístico adentramos na perspectiva da democracia como elemento altamente reivindicado nos Círculos Dialógicos como condição de para e com a humanização, com isso, Freire nos convida à reflexão:

A prática preconceituosa de raça, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres. Quão ausentes da democracia se acham os que queimam igrejas de negros porque, certamente, negros não tem alma. Negros não rezam. Com sua negritude os negros sujam a branquitude das orações... (FREIRE, 1997, p. 14).

Já no primeiro Círculo uma das preocupações latentes dos coautores foi justamente essa relação entre pensamento, natureza e a vida no sentido do engajamento por movimentos sempre democráticos, no combate as funestas condições que estes tempos estranhos, sobretudo nesta última década, estabelecem.

- O meu tema, a minha preocupação, a minha angústia hoje eu compartilho com vocês naquilo que vocês disseram. E a minha angústia hoje é a questão de uma crise que se chama crise humanitária. Eu não vivi há dez mil anos atrás como dizia o Raul Seixas, mas eu tenho certeza que o momento que nós estamos passando é um dos piores momentos da humanidade. Em termos do desrespeito profundo ao ser humano e desrespeito também profundo com a natureza. Não existe a independência entre o nós e a natureza, pois somos natureza e cultura ao mesmo tempo. E isso nos angustia um pouco, vou chamar Edgar Morin aqui que é um autor que eu tenho estudado e continuo estudando. A cultura e a natureza têm densidades iguais que são chamamento para que possamos poder conviver de alguma maneira e para isso precisamos re-inventar e re-significar a educação. Então a crise planetária, hoje, é profunda no meu ponto de vista, profundíssima. Um desrespeito em relação ao humano. É ver presidentes incompetentes, cretinos... não é uma ofensa, eles realmente são perturbados em termos de cognição. Seja no Brasil, nos Estados Unidos, em vários países hoje. Nós temos esses momentos assim que são crises, verdadeiras crises perigosíssimas para a vida das pessoas. Temos que lutar contra os retrocessos, essa profunda ignorância, eu diria até pré-medieval, está se abatendo no campo das ideias desses governos, dessas entidades ditatoriais. Assim temos que reinventar a democracia ela está muito atrelada ao liberalismo. Enfim esse é o meu tema, junto ao tema das migrações, povos exilados não voluntariamente, mas por questões ambientais, sócio-ambientais, político-ditatoriais. Então, é sobre o engajamento político meus companheiros... (Humberto, 1º Círculo).

- Ouvindo a fala do professor Humberto, eu lembro Paulo Freire de tudo àquilo que ele vinha construindo para não só a alfabetização de adultos, mas, sobretudo uma proposta de humanização inédita no mundo. A ditadura veio e acabou com a proposta, e tudo o que nós já sabemos. (Melissa, 1º Círculo).

- Vocês sabem que eu participo do Cáritas aqui em Pelotas e a questão hoje é a fome. E dizem que precisamos salvar a economia,

tudo bem, mas na medida em que se coloca a economia antes das pessoas, isso é, antes da fome e da questão das vacinas. Agora me reportando a fala do Calloni (Humberto), até pensando em nós que pensamos de forma diferente. Que coisa, né Calloni, a dificuldade que a gente tem de fazer um enfrentamento sério nesse momento, a própria articulação nossa, das pessoas que pensam diferente. Contra essa avalanche de desrespeito, de agressões também no meio ambiente, mas especificamente às pessoas que existem neste país, por exemplo. (Gomercindo, 1º Círculo).

- Eu acho que é uma correligitimidade que eu vou denominar classe média, setores da classe média. E esse governo (brasileiro) como é constituído hoje se autolegitima pela intimidação. (Humberto, 1º Círculo).

- O que eu percebo é o que sugere Paulo Freire... vamos esperar. (Felipe, 1º Círculo).

A partir do registro destes diálogos, entre outros, que foram os primeiros desta tese-formação, emergiu a temática para o segundo Círculo: “Democracia o que fizeram-fizemos!”, no sentido de reivindicar o nosso papel sócio-educativo que também democrático, por vezes, se faz em equinócio, mas tantas outras se faz deserto, em algumas vezes areia de praia também. Leonardo Boff denuncia essa crise que o professor Humberto Calloni se refere, naquilo que vai chamar de “crise do projeto humano” (1999, p. 191), em que falta cuidado por toda a parte. E que essa crise ressoa na má qualidade e degradação da vida, na promoção da desigualdade e na exaltação da violência.

- Os diálogos propiciaram um caminhar para si e, sobre como no encontro anterior, sobre o que fizemos na e pela democracia. O diálogo do nosso encontro passado medo, lutas, equívocos, compromissos radicais e o reconhecimento acadêmico-científico a serviço da humanização e da cidadania foram compartilhadas por vezes entre lágrimas, outras entre risos quase de alívio. Esse re-encontro foi também voltar às circunstâncias e processos marcados por vestimentas manchadas de sangue para oprimir e dominar. Mas também com sementes de girassol, trevos de quatro folhas, fomos afetados por um reavivar, esperar amoroso em tempos de pandemia. Cada recordação re-significada, cada abraço, ainda que virtual, cada risada compartilhada, cada dor sentida e pronunciada em nossas sempre amizadas. Nossas almas acalantam e nossos corpos se abraçam. Re-significamo-nos para existir e resistir na democracia e na boniteza para o ser mais. E agora, Melissa? Balduíno? Humberto? Gomercindo e Felipe? O que estamos fazendo para resgatar as vivências e práxis democráticas e humanizadoras? Nesses tempos estranhos e sob políticas públicas federais que tem o gosto amargo da ditadura? (silêncio). Era mais ou menos esse o meu sentimento que deixo registrado aqui a partir do encontro anterior. (Celso, 3º Círculo).

A tempos que o globo terrestre foi dividido entre os que são “iluminados” pelos sois e outros condenadas à sombra (sombria), tanto nas perspectivas sócio-econômicas como geopolíticas e educacionais. “De nada serve [...] falar em democracia e liberdade mais impor ao educando a vontade arrogante do mestre” (FREIRE, 1997, p. 25). E, certamente, essas condutas refletem a maneira como o mundo reivindica as formas de poder para obtenção de favores vários ou manutenção das muitas formas de precariedades que irrompem na busca voraz da ascensão e do lucro. Assim, a tão jovem democracia já se apresenta adoecida, maltratada e jogada a vala do desprezo mundial, à sombra sem direito, tampouco, a luz da lua.

A sabedoria nômade que extrai do deserto o suficiente para viver, cuidando dele para que volte a prover no futuro, costuma ser desconsiderada pelas sociedades fixas que se mantêm através de relações insustentáveis de exploração da terra. A diferença trazida pelos nômades recém-fixados é depreciada, tratada como um modo de ser primitivo. Assim, aqueles e aquelas que tanto poderiam nos ensinar sobre como viver sem danificar os espaços dos quais dependemos são tratados como inferiores – suas vozes silenciadas. Assim aqueles e aquelas que, nas relações com os diferentes, praticam a hospitalidade e a generosidade como sua mais bela virtude são tratados com hostilidade e desrespeito pelos governos e cidadãos “anfitriões” (MERÇON, 2009, p. 130).

É necessário re-aprender a democracia, re-aprender o vasto deserto que ela encerra, e também, nas possibilidades que ela instaura, pois de certo não a aprendemos bem. É de fundamental importância voltar às premissas que compõem uma sociedade democrática, sob pena, de democraticamente decretarmos sua inviabilidade e, logo, sua falência, assim como as hostilidades sofridas pelos povos nômades. Mas é necessário também que admitamos que pouco sabemos sobre democracia e que devemos, nos espaços que ocupamos, vivenciar todas as formas democráticas possíveis em que a ética seja a maior companheira, nos encontramos entre praias e desertos.

Nos Círculos Dialógicos com professores coauto(trans)formadores ficou evidente que só o grito das vozes reprimidas, só pelo canto dos que permaneceram calados, só pela atitude em busca de várias entonações será possível democratizar a própria democracia. E, nos unimos naquilo que nos constitui pois, “sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura (FREIRE, 1997, p. 43). Com isso, podemos afirmar que a educação sem democracia é monólogo

tecnicista, a escola e a universidade que não estão abertas ao diálogo são lugares de manutenção de proposições pré-fabricadas e embaladas à vácuo. É urgente que os espaços ditos democráticos se democratizem nas práxis de uma humana docência, e que novas e outras e muitas possibilidades encontrem ventre fértil para que o “broto se torne flor e fruto” como já dizia Milton Nascimento.

No primeiro Círculo a ânsia por aprofundar o diálogo na perspectiva da democracia urgiu pensarmos na nossa responsabilidade, sobretudo o que vem se constituindo na nação brasileira. Pois se somos nós também o povo: “o que fizeram-fizemos” com a democracia? Essa foi a temática que nos desafiou para o segundo Círculo.

- Se a democracia ainda é o que temos de melhor, mas a minha questão é de como se instala democraticamente o autoritarismo inclusive de forma global, atualmente. (Melissa, 2º Círculo).

- Essa é uma pergunta que eu me faço. Vou partir da minha experiência de mais de 50 anos, eu votei pela primeira vez em 1950 e votei contra o Getúlio. Votei no Eduardo Gomes, votei num militar porque naquele tempo a igreja considerava o PTB quase comunismo. Então nós não podíamos votar e segui votando, participando do processo, todos esses 50 anos. E posso dizer que nunca, nunca, nunca um processo eleitoral foi marcado pelo ódio verdadeiro como o último⁵² processo, e deu no que deu... e eu me pergunto “que democracia é essa?” E como sair dessa? Da última conversa de Paulo Freire com Ernani Maria Fiori, 1984-85, (quando ele vinha a Porto Alegre ele se hospedava no Ernani). Ernani no leito de morte, Paulo Freire dizia “nós tivemos uma conversa e chegamos a um ponto que dizíamos que dentro de poucos anos os partidos populares estariam em vias de desaparecer”. E que ali a transformação deveria ser através dos movimentos populares. Eu levei um susto quando eu li o testamento de Sartre que diz a mesma coisa “os partidos de esquerda estão destinados a desaparecer” e a mudança vai depender dos movimentos populares. Os dois dizendo a mesma coisa. Que democracia temos hoje? Eu acredito que o nosso compromisso continua a ser com a periferia, com os mais pobres, com os movimentos populares porque a força da transformação está com eles. É, Paulo Freire sempre esteve com eles e eles estão com Paulo Freire. Eu estou participando de 5 ou 6 grupos de Paulo Freire pelo Brasil a fora, estamos no centenário dele e posso dizer que a voz e a força de Paulo Freire não morreu, está se multiplicando no Brasil e no mundo. E a nossa luta está com ele. A tua tese, a tese da Melissa, quando eu li o projeto dela eu disse sem inventar, se não é a mais corajosa uma das mais corajosas teses de doutorado que está sendo articulada. Eu me sinto bem de estar aqui, eu acho que todos nos sentimos bem de estar com ela, e refletir com ela, e caminhar com ela. (Balduino, 2º Círculo).

⁵² Eleição de 2018 no Brasil.

- *Baldô, lembrando as aulas, que coisa fantástica... sabe sobre o que viemos falando, esse caminho eu acho difícil, tortuoso, complexo que é o da democracia. E que nem todos conseguem fazê-lo eu me pergunto: "o que nós com boas intenções fizemos com a democracia?", essa é uma pergunta que eu não deixo quieta na minha vida. O que a gente fez? Quer dizer, nesses caminhos de construção, e aqui eu me localizo, parecido com o Baldô em 1970, na Avenida Dom Joaquim em Pelotas, bandeira nas costas comemorando o tricampeonato mundial de futebol, lembram, né? Muito bem, mas vai mudando isso, na segunda metade dos anos 70 eu encontro Paulo Freire através do querido, nosso amigo Claudio Neutzling. Se lembram do nosso encontro passado... (que já falamos sobre isso). E a partir daí eu percebo que a gente foi constituindo um conjuntão de coisas muito lindas. E eu me coloco nesse grupo que tenta buscar uma sociedade justa, radicalmente justa, fraterna e igualitária, de paz. Quanta luta jogamos nessa história toda, eu estou me colocando aqui a partir de 1975, basicamente. Mas quantos erros, eu não sei se esse é o termo correto. Eu estou olhando para o nosso grupo, não sei se o nosso grupo, mas eu estou falando para essas forças que o Baldô chama de movimentos sociais que queriam com muita honestidade, construir um mundo igual, justo para todos e não para meia dúzia. Então, esse é o primeiro ponto, o que a gente foi construindo de descaminhos no meio desta história? E a outra parte da sociedade eu diria que é uma sociedade extremamente covarde porque eles sabem que tem um escudo, uma proteção por trás. E isso é absoluta covardia, desculpa o termo que não é bem acadêmico, mas é uma covardia grande, porque eles sabem que qualquer avanço do diferente, do outro, eles vão ter uma cobertura que eu diria ilegítima. Então nesses dois campos eu tento refletir o que nós fizemos com a democracia, não digo só nós... todas as forças que queriam um mundo radicalmente justo, também no Brasil. E, por outro lado, esse grupo, essa meia dúzia, que aí está e é eternamente assim. Ele usufrui, suga o sangue o tempo inteiro de quem trabalha, e ao mesmo tempo, é um grupo extremamente covarde. (Gomercindo, 2º Círculo).*

- *Escutando o Balduino e agora o professor Gomercindo eu lembrei um livrinho que todos lemos, que é do Ernildo Stein, que é "Órfãos da Utopia", que é um pouco como a gente se sente nesse momento. Democracia, o que fizemos ou como fomos? Rememorando vocês eu queria dizer da alegria de estar todos aqui nesta perspectiva apontada pela Melissa e com essa maneira de dialogarmos e de auto(trans)formarmos e de auto(trans)formarmo-nos e também construir conhecimentos academicamente reconhecidos, cientificamente reconhecidos. Mas eu diria três coisas que certamente nós temos em comum que está na raiz da nossa existência, processos que eu vou chamar de comunitários, de fraternos, seja nas comunidades eclesiais de base, seja nos movimentos sociais, nas organizações e associações de vilas como o Felipe bastante esteve inserido em Porto Alegre. Essa foi uma questão que a gente foi construindo inicialmente, sim, com um referencial em Freire, nas CEB's mais com Leonardo Boff e Gutiérrez que comungavam das ideias de Freire, e também vivenciamos alguns mais silenciosamente outros mais agressivamente esses estragos da ditadura. Eu lembro quando aconteceu o golpe eu não*

tinha nem noção, eu tinha de 7 para 8 anos. Mas lembro que só tinha Arena e MDB na época, e eu morava com a minha avó e o meu avô. E todas as noites eu chorava porque meu avô me xingava, querendo xingar meu pai porque ele era do MDB, que era o partido dos comunistas que viriam comer as criancinhas e matar os velhinhos. Era esse o discurso e eu fui crescendo com essa dor sem saber o porquê. Eu não sabia nada de ditadura militar na época, e depois avançando eu entrei no Seminário e era tudo muito velado e a gente começava a ter um que outro padre que falava um pouco mais sobre a Teologia da Libertação. E nos levou a começar a trabalhar junto com as Comunidades Eclesiais de Base, também tudo muito camufladamente. Por isso para mim chocou muito o pano sujo de sangue e o arame farpado, a cerca. Em 1980 eu saí do Brasil para fazer noviciado em Buenos Aires, e eu recordo inclusive que tínhamos um programa de rádio que era a cargo da nossa turma e eu fiz um programa antes de sair do Brasil, sobre a Lei de Segurança Nacional. E depois eu soube que um militar amigo meu mentiu para quem estava me procurando que o Celso, ele tinha ficado muito doente e morrido. Mas ao chegar em Buenos Aires fazia três meses que a ditadura militar argentina havia matado dois padres e dois seminaristas maiores, Palottinos. E, por isso, inclusive, na nossa casa palottina, permanentemente nós tínhamos uma viatura do exército rondando na quadra onde nós morávamos. E, por isso, que a gente se sentia duramente aprisionado e amedrontado. Mas foi no mestrado que eu realmente comecei a aproximar-me de Paulo Freire, através do professor Ricardo Rossato, e foi ele em uma disciplina chamada “História da Educação”, falou pela primeira vez de um professor gaúcho chamado Ernani Maria Fiori, que prefaciava o livro Pedagogia do Oprimido. Me entusiasmei e no fim resolvi fazer a minha dissertação sobre Fiori, e na banca final o professor Ricardo Rossato sugeriu o nome do professor Balduino, que até então para mim era desconhecido. E eu recordo que ele tinha uma fala à tarde, que ele disse: “eu gostaria que tu participasses à tarde, na fala que eu tenho no salão de Atos da faculdade de educação.” Eu muito ousado arrisquei participar com ele me sentindo pequeno mas honrado. Acho que essa é a primeira aprendizagem que Balduino deixa para mim... altamente democrático, acolhedor, reconhecedor das potencialidades de todas e todos... não só com palavras, mas com gestos como este. Quando eu ingressei na UFSM como professor eu tomei o telefone e liguei para ele porque eu vi que tinha um seminário sendo ofertado por ele. Fui e encontrei essas três figuras mais o Gilberto, o Jaime... e todos me acolheram muito bem, então esse clima de dialogicidade, mas com afetividade e acolhimento é o que mantém acesa a chama de que ainda é possível continuar lutando por uma sociedade e uma educação dialógico-democrática comprometida com a transformação para uma vida digna para todas e todos. Quando tu falas em construir uma democracia, Balduino, ou uma atitude democrática também na academia, no nosso trabalho de pesquisa e orientação não precisamos destruir as caixinhas dos outros e das outras. Eu acho também que esse foi o equívoco de muitas vertentes ditas democráticas, oriundas dos movimentos populares e dos partidos populares que era a teoria do paredão. Era recorrente escutar isso. E com Balduino aprendemos a ousar com os diferentes e com as temáticas diferentes. E agora fico pensando na proposta da pesquisa

da própria Melissa, entrelaçar essa questão da formação de professores, humanização, mística e como isso vem reverberando em nós professores e professoras é matar um leão por dia, mas ela faz muito bem isso. Eu recordei no mestrado que ela chegou com o trabalho pronto para qualificar e eu disse que ainda não estava pronto, que faltava algo e que ela podia mais. Depois de dez dias ela veio com o tema feito e eu falei: “agora vais qualificar”. (Celso, 2º círculo).

- Ouvindo vocês e nessa fala do Celso, o que eu posso dizer Celso e amigos, é que isso que aconteceu comigo e contigo às vésperas da qualificação diz muito deste grupo, deste acreditar na gente. Tu me disseste naquele dia, “tu podes mais”, ali tu constituíste comigo democraticamente o meu ser pesquisadora na construção coparticipada. Isso também é democracia, mostrar caminhos, aprender juntos. (Melissa, 2º Círculo).

Neste profundo diálogo sobre democracia, posicionamentos e engajamentos políticos, podemos perceber que a democracia não se dá apenas na câmara dos deputados, no senado ou na prefeitura, por exemplo. “Se a opção do professor é realmente democrática, ao constatar sua incoerência não tem outro caminho senão diminuir a distância entre o que se diz e o que faz” (FREIRE, 1994, p. 203). A democracia extrapola e age nas mais mínimas ações do humano: no convite do ilustre professor da banca a um recém mestre, na bandeira erguida em luta, na orientação de um trabalho acadêmico e inclusive em um texto-tese. A **Terceira Dimensão**, então, nesta tese-formação se encontra em buscar o momento circunstancial próprio de um equinócio de relações em que, democraticamente, vamos nos constituindo. E em nos reconhecermos grão de areia que só se faz deserto e/ou praia nos coletivos ocupados, quer dizer junto ao outro. Assim a coauto(trans)formação se faz com liberdade, luta e reconhecimento para uma educação e um mundo minimamente igualitário na união dos povos à favor da vida.

Não é possível atuar em favor da igualdade, do respeito aos demais, do direito à voz, da participação, da reinvenção do mundo num regime que negue a liberdade de trabalhar, de comer, de falar, de criticar, de ler, de discordar, de ir e vir, a liberdade de ser (FREIRE, 1994, p. 183).

Por certo, a palavra igualdade por muitos é reivindicada e, por vezes substituída à equidade, como fundamento da democracia, e é o que, em algum momento, buscamos. Por isso, o equinócio parece ser a analogia mais próxima de um intento a ser buscado e, logo, superado como todos os fenômenos da vida. A conscientização de que as situações-limite estão postas e que devem ser problematizadas e superadas, para que se alcance em algum momento a vida em

comunhão a todas as pessoas e seres do universo, mesmo que desertos se façam presentes, também podemos ser grãos de areia de praia que se encharcam nas águas da pertença humana.

5.4 DIMENSÃO JANELA: A UTOPIA DA COMUNHÃO COMO ABERTURA DE LUZ

Samba da utopia

Se o mundo ficar pesado
 Eu vou pedir emprestado
 A palavra poesia
 Se o mundo emburrecer
 Eu vou rezar pra chover
 Palavra sabedoria
 Se o mundo andar para trás
 Vou escrever num cartaz
 A palavra rebeldia
 Se a gente desanimar
 Eu vou colher no pomar
 A palavra teimosia
 Se acontecer afinal
 De entrar em nosso quintal
 A palavra tirania
 Pegue o tambor e o ganzá
 Vamos pra rua gritar
 A palavra utopia

Jonathan Silva

A metáfora da janela nos convida a pensar e direcionar o olhar para a entrada de luz. Não a “luz da razão”, própria do iluminismo, que muito mais projetaram sombras do que luz ao pensamento. Luz aqui como aquela do sol, da natureza que com ela vem vento, frio, aragem... Portas também são entradas de luz, mas em todas as partes vemos portas e janelas, muito embora, não exista um lugar de janelas sem portas. Aqui a janela é o subterfúgio que permite um abrir-se, as janelas até podem permanecer fechadas por algum tempo, por toda uma existência, mas a existência da janela é intenção de abertura. Neste constructo, a dimensão Janela nos convida a ver e também sermos vistos, exige que nos posicionemos na tarefa de abrir, fechar, trancar, escancarar e inclusive, gradearmos para evitar entradas inoportunas, perigosas que abalam a ordem e segurança, ou por vezes, ainda dormirmos com a janela aberta. A perspectiva da comunhão entre gentes que querem bem ao mundo, um bem não ingênuo, mas carregado de compromisso sócio-histórico que se abre, expande, convida, “daí a crítica permanentemente

presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia” (FREIRE, 1997, p. 5).

As possibilidades Janelas são muitas, várias e mudam a cada momento, pois, de um lado a paisagem, o outro, na outra face da janela o eu que ao ver também é visto. Muda-se a paisagem, aqueles lá de fora, e mudo-me também a face, meus sonhos e pensamentos vão tomando outras constituições, cada abertura de janela nova paisagem, novo olhar.

Nós que precisamos de janelas por onde possamos olhar, embora sem a garantia de ver... Nós que desejamos paisagens, imaginamos cenários, desenhamos espaços, ainda que limitados pelo enquadramento das janelas... nós precisamos delas. Necessitamos de espaços pelos quais possa entrar algum vento e alguma luz, arejamentos, e luminosidades, eventuais janelas abertas. Nós que inventamos as paredes que nos encerram em cômodos escuros, carecemos de alguma chance de claridade e ar... nós que desejamos as janelas e as disfarçamos com cortinas... nós que também as revestimos de grades... Nós que olhamos das janelas, o que vemos nelas? Vemos quase sempre através de alguma janela, mas temos dificuldade em ver nela o que ela insiste em nos mostrar. É que uma janela se dispõe como uma abertura para que possamos nos ver, sob a escusa de apreciarmos a vista. É que, da paisagem que vemos, já não podemos nos retirar. Essa é a condição de ver da janela o que ela nos possibilita ver. Vê-la é também vermo-nos. É colocarmo-nos em relação com o que foi visto (LEAL, 2009, p. 151).

Nesta abertura Janela os coautores abriram e abriram-se nas perspectivas de se ver através de si e de outros autores, de outros horizontes que junto a um Paulo Freire que é não porta, mas apenas o marco que sugere passagem, muito mais como que uma cortina de sisal do que madeiras maciças que podem se fechar e nunca mais se abrir, Freire é movimento de passagem jamais nos convida ao confinamento de se estar só com ele. Não, na porta sem porta, na passagem está aquilo que acreditamos em Paulo Freire e nas Janelas os convidados que permitem que o vento balance a cortininha de sisal... assim vemos nas e pelas janelas...

- Vocês ficaram sabendo que Maturana faleceu com 92 anos. Eu pensei estes dias que no nosso fórum Paulo Freire um dos temas abordados, várias vezes, foi a aproximação de outros autores com Paulo Freire e, especificamente, com Maturana. Fazer uma aproximação entre Freire, Maturana e Edgar Morin seria muito interessante. E em relação a Mounier e a aproximação em Freire, que foi a minha tese de doutorado, antes de ideias, os dois, a pedagogia de Freire e o personalismo de Mounier são antes de uma pedagogia, ou de uma filosofia, um projeto histórico de transformação. A Pedagogia do Oprimido, essa proposta explícita na Pedagogia do Oprimido. Quando Paulo Freire fala de uma revolução e segundo ele também naquela entrevista do Pasquin termina

dizendo que a revolução, é a revolução do amor. Na Pedagogia do Oprimido a transformação, a luta é por um mundo onde não haja mais opressores e oprimidos... porque todas as revoluções da humanidade, até hoje, é de transformar oprimidos em opressores, se vingando dos opressores. E eu digo a mesma proposta da revolução zapatista o comandante Marcos Días disse: “la lucha por un mundo donde haya lugar para todos los mundos”. Então, conceber a Pedagogia do Oprimido apenas como um livro de pedagogia ou uma obra de Freire, apenas uma obra pela educação é deixar de lado esse processo, essa proposta, essa utopia da construção de um mundo melhor. E isso está presente fundamental em Mounier, ainda que muito antes de escrever o livro “O personalismo”, que foi o último que ele escreveu. Por uma revolução personalista e comunitária são os dois primeiros livros que falam da revolução da transformação. Inclusive Mounier diz que quando aconteceu a revolução russa da parte dele e de muitos outros como eles, disseram “está aí a revolução do século XX”, e se decepcionaram quando ela foi se transformando a partir do Stalinismo que não era o que o líder da revolução Lenin defendia, e ele dizia: “Não é essa a revolução que nós queremos”. Mounier tem muito a ver com Freire, Humberto Maturana, Morin... então são personalidades intelectuais que lutaram e lutam por um mundo melhor e este é o nosso compromisso também. Com certeza a tua tese tem tudo a ver com isto também, lançando luz. Estou lendo, nestes dias, pela segunda vez o quinto Evangelho também de um apóstolo escrito por São Tomé, a mensagem de Cristo segundo São Tomé, traduzido pelo padre Roberto Roding e que foi descoberto a uma dezena de anos atrás, em uma escavação do Egito onde estavam os originais do Evangelho de São Tomé escrito na língua Copta⁵³. Eu acho que o evangelho de São Tomé que não é como os outros evangelhos, uma biografia de Jesus; são todas teses breves dizendo qual é a mensagem de Jesus. A centralidade da mensagem de Jesus que está em todos os outros evangelhos, mas diluída também na narrativa, aqui o que ele traz eu acho que tem muito a ver com a tua tese de doutorado também Melissa, e no teu interesse, que eu sei que tu tens, pelos estudos em teologia. (Balduino, 3º Círculo).

Esta profunda reflexão que Balduino traz no diálogo nos convoca a abriremos às outras fontes de luz para iluminar o caminho. A **Quarta Dimensão**, a dimensão Janela se faz com um conhecer junto, nunca só; diálogo entre gentes, processos, utopias, história, autores, teorias na nossa constituição Janela que exige que nos posicionemos, que nos abramos. Dessa forma, “abrir a janela, olhar e ver. Esse é um contentamento que não se contém por muito tempo. É um tipo de sentimento que exige ser compartilhado para se manter vivo” (LEAL, 2009, p. 153). Assim, Janela é, também, *escuta sensível* e *olhar aguçado* porque nos mobiliza a ver outras e novas possibilidades, é um deslocar-se de intenções.

⁵³ Língua Copta: Relativo ou pertencente aos coptas, povo egípcio que conservou os caracteres dos antigos habitantes. Diz-se dos atuais cristãos da igreja cóptica. Língua derivada do egípcio antigo, falada até o século XVI e hoje empregada na liturgia da igreja cóptica (Dicionário Michaelis).

Os muito entendidos de janelas talvez não consigam se desvencilhar da métrica, do esquadro, da proporção, da linearidade da(s) janela(s). No entanto, para se entender na dimensão Janela há que se despirmos dos conceitos próprios *janelísticos* e se entender abertura para a novidade, o simultâneo, o invisível, mas dizível. E, com isso, se reconhecer no convite para usufruir do vento, da luz, da borboleta que entra sem avisar, ou da pena de passarinho que cai suavemente no colo daquela que se espreita na janela.

- Eu queria falar de duas fontes de pesquisa, uma delas o Felipe está aí, eu disse eu sou um evadido do curso de letras. E agora eu não estou mais preso, estou voltando e descobrindo a importância dos autores russos, do pouco que eu li eu me apaixonei. Inclusive um deles o Dostoiévsky, o que ele lasca contra os alemães, os franceses. Ele considera que existem muitos romances na literatura sem, absolutamente, nenhum sentido. E os grandes autores inspiram o mundo, muito a grande literatura do século XX; e eu estou me apaixonando. E ainda mais estou começando a entender o sentido da Revolução Russa, que foi traída por Stalin, mas era a revolução que o povo queria. A outra fonte, que eu valorizo muito na minha tese de pós-doutorado, sobretudo em um capítulo sobre o coração na Bíblia, que é uma categoria nos livros. E alguns autores dizem que são mais de mil citações com o coração sendo a categoria central. Essa não é uma categoria contemplada nos autores gregos. E aí eu cito um grande autor italiano, não lembro o nome agora, como é que se ensina no 2º grau⁵⁴ e exijam que os estudantes leiam a Divina Comédia, como é que podem conhecer a Divina Comédia sem conhecer o Cântico dos Cânticos e a Bíblia. Eu falo, e também os autores falam, da Bíblia como patrimônio da humanidade, como uma grande fonte, independente de religião, mas, em geral, nós a confundimos como apenas um livro sobre a religião. (Balduino, 3º Círculo).

- É, Dostoiévsky além de filósofo ele era um grande psicólogo. Ele tem influência direta na literatura, na filosofia, na psicologia e na teologia. Participou de vários movimentos, inclusive, o expressionismo, o surrealismo, e a própria teologia da crise e existencialismo. É um autor bárbaro. Eu andei dando uma olhada no teu (Melissa) texto, da tua tese, que já está em estado avançado de elaboração, e acho que desde já é uma obra de grande importância para a gente poder considerar. E aí eu fiquei pensando, brincando um pouquinho de que existem aqueles textos que a gente encontra nos processos de estudos e pesquisa. Aqueles textos que conversam com a gente e também aqueles outros que não conversam, eles estão aí e não dialogam com a gente. Nem todo o texto estabelece um diálogo contigo, daí você precisa encontrar os que dialogam. Um diálogo verdadeiro no sentido de Paulo Freire, uma conversa assim como com Francisco Varela e Humberto Maturana, versar com, passear com. Aquele texto que vai passear

⁵⁴ Nomenclatura anterior a LDB para Ensino Médio.

contigo, que dorme contigo, que acorda contigo, que está no café da manhã, este é o texto. E para nós, para mim, meu Deus! Eles me resgataram, resgataram a minha infância, a minha história de vida, me colocaram no mundo, me foram terapêuticos para me fazer mais, mais de eu mesmo, mais gente. Confesso que existem muitas dificuldades também para se compreender Freire, porque não é um autor que se aprende de primeira leitura. É preciso que a gente aprenda a incorporar um pouco o modo de pensar dele para compreender o que ele pensa. Ele é um autor que não se lê impunemente. Você efetivamente lê Paulo Freire e não tem como não escorregar nas cascas de banana (risos), que ele deixa. Eu acho isso maravilhoso, para mim sempre foi esse o perfil. Eu também gostava de ler um outro autor, que a gente não deveria citar aqui para que não se sobressaia o ego (risos). O outro autor que gostava muito de ler era o Balduino Andreola (risos), e eu tive o privilégio de ler Balduino no seu processo de criação efetiva. Balduino Andreola, ele rabiscava muito quando escrevia porque o pensamento precisava estar costurando já as próximas ideias. Sempre um texto que deixava a nossa respiração em suspensão, assim como Paulo Freire nos faz prender a respiração para saber o que será que ele vai dizer agora, ele vai dizer alguma coisa que conversa comigo ou não. Eu não vou me estender muito e falar muito desse autor porque é difícil depois de aguentar. (Risos). (Felipe, 3º Círculo).

- O Felipe, como bolsista, ele me ajudava a fazer a seleção dos rabiscos para jogar fora. Eu me lembro um dia quase 15 kg, e eu tenho ainda ali centenas de quilos (risos). Eu tenho uns dez cadernos com ideias, de rabiscos. Então, ele lia também os rabiscos. (Balduino, 3º Círculo).

- O Felipe falou a pouco sobre quando o texto fala com a gente. E muito neste sentido que a gente vem construindo essa proposta, que a gente nem chama de metodologia, chamamos de proposta político-epistemológica. Porque primamos pela perspectiva política dos Círculos, pela dialógica própria dos Círculos de Cultura de Freire. Assim como ele tentamos re-inventar não somente para uma perspectiva epistemológica ou pedagógica, mas sobremaneira uma perspectiva social, de sociedade democrática, de pessoas com voz e vez, com reconhecimento que estão em processos de libertação ao dizerem a sua palavra. Então, é nesse sentido que o que está acontecendo desde março é um monte de sentimentos que se entrecruzam, se entrelaçam e que também entram em conflito. O próprio Freire nos diz que toda a pedagogia é conflito, toda a pesquisa é conflito, toda auto(trans)formação é conflito. É colocar-se em confronto com a gente mesmo. É um “caminhar para si”, trazendo Josso, ao escutar o outro, a outra, que é um pouco a gente escutar a gente mesmo. Quero dizer da alegria, da gratidão com Balduino, Humberto, Felipe, Gomercindo, da alegria que vocês estão trazendo aqui. Então ainda encharcado pelas emoções do nosso último encontro, re-encontro com os colegas Gomercindo, Humberto, Felipe, Balduino e Melissa registro aqui as marcas e re-significações de histórias e experiências que juntos construímos e prosseguem, prosseguimos entrelaçando caminhos pessoais e profissionais. De cada um e cada uma de nós; sempre na utopia e no esperar por uma educação mais humana e humanizadora em prol de uma

sociedade em que todas as mulheres e homens tenham condições de gostar de ser gente. E de se assumirem em processos de libertação de suas genteidades e na sua história na sociedade, com e no mundo. Sim, os seminários com o professor Balduino, nosso sempre orientador, eram constituídos cooperativamente com a marca da leveza, com alguma piadas e a rigorosidade teórico-conceitual que é requerida na academia, ainda mais em nível de doutorado. Talvez, mais do que conteúdos que eram trabalhados, carregamos as marcas do sentir-pensar-agir dialogado e participado; também com afeto e solidariedade. Sempre sentimo-nos desafiados a dizer a nossa palavra. Palavras que explicava o compromisso com as gentes oprimidas na realidade brasileira nos diferentes tempos e lugares. (Celso, 3º Círculo).

- Essa é uma perspectiva nova também para este grupo ao termos um orientador-participante, aí também o ineditismo desta pesquisa. Uma vez que a gente também está aprendendo, nos mesmos movimentos que estamos fazendo nestes dias que convivemos. (Melissa, 3º Círculo).

Com este diálogo dos professores coautores, convidamos Miguel Arroyo que nos faz lembrar que na processualidade formativa: “somos o lugar onde nos fizemos, as pessoas com quem convivemos. Somos a história em que participamos. A memória coletiva que carregamos” (2001, p. 14). E Freire nos mobiliza a pensar que “a desproblematização do futuro numa compreensão mecanicista da História [...] leva necessariamente à morte ou à negação autoritária do sonho, da utopia, da esperança” (FREIRE, 1997, p.30), e aprofunda, “daí que a briga pelo resgate do sentido da utopia de que a prática educativa humanizante não pode deixar de estar impregnada tenha de ser uma sua constante” (FREIRE, p. 61). Portanto podemos compreender que os movimentos que viabilizam o Círculo Dialógico, a espiral dialética, operam nas perspectivas que se fazem palavras de e para a humanização sempre com...

É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas (FREIRE, 1997, p. 61-62).

Os coautores desta tese-formação não só abriram janelas com outros autores, mas, também se fizeram, como gente, nesta perspectiva em que a aprendizagem é também sonho e utopia de luz. Se as utopias existem nas lutas o unirmo-nos também é luta e revolução, e se só o amor é que inaugura a verdadeira revolução, aqui está a maior utopia... a revolução do amor.

5.5 DIMENSÕES CÓSMICAS: O JARDIM DA MÍSTICA NO RE-LIGAR DO SER

O amor é a mais universal, a mais tremenda e a mais mística das forças cósmicas. O amor é a energia psíquica primordial e universal. O amor é uma sagrada reserva de energia; é como o sangue de evolução espiritual.

Teilhard de Chardin

Teilhard de Chardin (1970) é padre, filósofo, paleontólogo e teólogo que atua pela perspectiva integradora em que o religar do ser humano a sua dimensão cósmica contribui, inclusive, para a ciência. A cosmovisão em que o ser humano é fruto da divindade que compõe o universo contribui naquilo que a mística vem nos ensinar. A mística como força cósmica em que se vê o mundo em movimento em que a cosmogênese se dá pelo múltiplo, como os átomos que se tornam cada vez mais complexos na diversidade da vida, a biogênese. Assim, a força mística está tanto na ciência que busca entendimento como na própria vida planetária que compõe a trama vital. Chardin defende que Cristo foi o grande ser modificador da perspectiva humana, ser que instaura a vocação para a humanização.

Com isso, quando Chardin traz a concepção da mística cósmica e a influência personificada em Jesus Cristo como ser de amor e vida, estabelece a comunhão entre ciência e religiosidade, entre ser e criador, entre mundo e universo, entre jardim e conhecimento.

No tempo em que Deus fez a terra e o céu, não havia ainda nenhum arbusto dos campos sobre a terra e nenhuma erva dos campos tinha ainda crescido, porque Deus não tinha feito chover sobre a terra e não havia homem para cultivar o solo. Entretanto, um manancial subia da terra e regava toda a superfície do solo. Então Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente. Deus plantou um jardim em Éden, no oriente, e aí colocou o homem que modelara. Deus fez crescer do solo toda a espécie árvores frondosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim e a árvore do conhecimento do bem e do mal (GENESIS 2, 4-9).

Há muito tenho guardado essa passagem como um enigma da vida, e justamente a encontrei (essa mesma citação) no livro *Abecedário de criação Filosófica* (2009), em que Ingrid Müller Xavier fala do Jardim neste sentido bíblico. A narrativa da criação, a mística da criação.

Assim, a dimensão Jardim, **Quinta Dimensão**, é a nossa perspectiva que se reconhece como seres, também, inflados por um sopro para além do apenas

inteligível, e que nos fala aos sentidos, que extrapola o tato, o mensurável e se converte em significado(s). Os signos sensibilizadores-mobilizadores, as místicas ao início ou ao final de cada círculo, nos convidaram para que, de certa forma, desaprendêssemos, e aprendêssemos de novo e de outra maneira, em comunhão de novos conhecimentos, feito casulo, memória e transformação.

- Peça licença para falar e começar dizendo que havia um casulo na tua carta Melissa... aqui nesta dobra (levanta a carta para tela e mostra) ainda tem a marca do casulo, conseguem ver? Essa é a carta que a Melissa nos encaminhou para esse encontro de hoje. É claro aqui algumas considerações se fazem importantes. Essa carta ficou na caixa de correio por semanas. O Celso me perguntava: “tu já recebeste a carta da Melissa?”, e eu respondia que não. Depois de algumas semanas finalmente abri a caixa e ali estava a carta da Melissa. E um casulo se instalou ali dentro e eu fiquei pensando “que boa maneira de começar essa conversa”. E agora quando a Melissa tocou “Como La Cigarra”, eu fiquei pensando olha só uma boa maneira de começar essa conversa, hoje, seria conversar a respeito destes casulos, os quais possibilitam uma transmutação, uma metamorfose para o caso específico de borboletas, mas também para cigarras e tantos outros seres. Colegas, seres vivos que requerem desse tempo para ficar no útero, para ficar no casulo até estarem prontos e prontas para virem ao mundo de uma outra forma. Dizendo isso, eu queria dizer assim que, relendo a tua carta, agora a pouco, eu me reencontrei na perspectiva que havia cogitado ali pela primeira vez... E eu acho que essa turma de orientandos do professor Balduino, obviamente influenciados pela teoria, pelas ideias, pelas concepções de vida e educação de Paulo Freire, e também pelas concepções de vida de Balduino, tem isso de fundamento, de importante, de referência, de compreensão de que estamos todos aprendendo o tempo inteiro e é uma aprendizagem com a vida, com o dia a dia. E eu particularmente tenho uma história, o Gomercindo e o Calloni (Humberto) vão lembrar... eu tenho uma história pessoal de ter perdido meu pai muito cedo, e não sei se por isso, mas possivelmente isso tenha lá uma certa influência. Eu sempre olhei e me relaciono com as pessoas, primeiro nesse patamar. Ou seja, eu sempre busco ali naquela pessoa que se achega até mim, primeiro a referência a essa humanidade que é o papel de um pai passar para um filho e eu sempre busquei ou busco assim nas minhas amizades primeiro esse lado, um lado central que é o da humanidade. E eu acho que se nós como humanidade não reverenciarmos a vida e o valor da vida, seja no casulo, ou na borboleta já deslumbrando-se com as flores de um jardim. A gente perde o que é central para uma concepção de educação, de pedagogia, de pesquisa. Para mim, estes meus colegas tem um pouco essa cara, essa característica de ser um parceiro, uma parceira, de ser meu exemplo, de ser uma referência para mim. Essa turma do Balduino, eu me considero muito feliz por ter encontrado essa turma e ter convivido, estar convivendo e, com o próprio Balduino na medida do possível a gente tenta se encontrar lá e cá. A última que vez que eu o vi foi no ano passado antes da pandemia no Fórum (Paulo Freire). Revisitar essas lembranças boas que a gente

tem. Que não são só lembranças, são valores e eu sempre vejo muito isso nas pessoas. E eu lembro quando eu li a tese-livro do Gomercindo tratando das questões de autoridade, eu fiquei pensando... olha só essa criatura conseguir pensar assim tão bem essas coisas, e foi assim também com tese do Calloni (Humberto), com a tese do Celso. No fim também dissertações que outros colegas produziram e a gente aprende sempre. E essa minha fala vem muito em dizer que tinha um casulo na tua carta, seria um bom título para a tua tese. Ou para um livro que tu vais escrever. (Felipe, 1º Círculo).

E eu que pensava que na posição de pesquisadora-coordenadora, através dos signos sensibilizadores-mobilizadores, eu é que iria promover o espanto, a sensível relação entre o proposto e a perspectiva do vivido, fui tomada pela mais linda demonstração mística dos Círculos, o casulo. Logo, ao final desta poetização do professor Felipe, eu li a epígrafe do capítulo 6, de Rubem Alves na transformação BorboLetra, como que se o universo também conduzisse expressões narrativo-místicas de coincidências afetivo-teóricas em construção. Aqui preciso fazer um parêntese para dizer que esta reflexão do professor Felipe retorna no terceiro e quarto círculos. Então, no quarto encontro, ainda com esse pensamento de buscar nas pessoas a humanidade, homenageio essa história com o curta-metragem “Umbrella”⁵⁵ para resgatar o quanto a memória não foi, mas continua sendo conosco, no jardim da vida.

- Viu Melissa, eu fui buscar a tua carta, fiz como o Felipe para fazer o dever de casa. A minha carta não tinha casulo, não ficou tanto tempo assim escondida na caixa de correio. A primeira coisa é essa... que coisa maravilhosa receber uma carta escrita à mão, que não foi impressa, a tua letra que está aqui. Não consigo teorizar muito, mas me chamou muito a atenção naquele momento. Que algo interessante para a gente logo, logo estar discutindo e falando disso também. Então, um obrigado muito, muito grande pelo convite. (Gomercindo, 1º Círculo).

- Melissa, queria te agradecer mais uma vez, por organizar esses encontros, e vou concordar que essa cigarra muito bem interpretada pela Mercedes Sosa; ela é excelente, anuncia sim aquilo que Paulo Freire vem dizendo que é a esperança, no sentido de esperar que é diferente daquela esperança do esperar. Nós sabemos que não é aquilo de esperar que alguma coisa aconteça, não, o esperar é uma permanente vigia na luta para que as coisas possam se humanizar. (Humberto, 1º Círculo).

- Sobre os últimos encontros eu estava começando a minha escrita que foi interrompida por várias razões, e começando a retomar essa

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BI1FOkPFY2Q>. Acesso em: 08 ago. 2021.

escrita eu começava escrevendo, contando do ocorrido no nosso primeiro encontro de um momento que se enriqueceu pra mim como uma simbologia muito interessante em função de alguns acontecimentos e pelo fato de que dentro da carta que a Melissa me encaminhou havia um casulo. E coincidentemente a Melissa iniciou o primeiro encontro trazendo um pouco a ideia da transformação. Lembrou da questão das borboletas, BorboLetras. Então foi um encontro, para mim, bem importante. Com duplo sentido da simbologia, uma simbologia mais do que a ideia do reencontrar os parceiros de diálogo aqui com o Balduíno. Mobilizou em mim muita coisa de saudade, muita coisa de ansiedade, de vontade mesmo de voltar a conversar ainda que com esse distanciamento. Para mim teve este aspecto bem pessoal, e que talvez para os outros colegas também tenha ocorrido, mas para mim me marcou bastante. Eu efetivamente ando precisando conversar; acho que todos nós, considerando a situação, de distanciamento pela pandemia, precisamos conversar. Muito mais hoje do que em outros tempos. E aí outra ideia que me mobilizou foi a ideia do casulo porque nessa minha narrativa que eu iniciei e não terminei, eu vou pontuando aspectos que têm relação direta ou indireta com essa concepção, com essa ideia de tempo. Tempo necessário para a transformação, tempo necessário para o nascimento, tempo necessário para a retomada de um caminho de uma caminhada, tempo, portanto não em uma concepção tradicional de categoria como costumamos ou costumávamos pensar. O tempo como operador de pensamento, uma espécie de mobilizador da atenção da gente. (Felipe, 3º Círculo).

- Balduíno nos faz reconhecer o acolhimento, por caminhos que se entrecruzaram entre pensamento e mística. E é sobre a mística que eu quero falar, por reconhecer meio que intuitivamente um ser na sua inteireza. Um homem que é gente no seu tempo e na história junto com gentes que ele reconhece nas suas constituições social e espiritual. Todos nós temos uma passagem pela ritualística espiritual. E eu penso o que é ser místico? Ser místico é isso que Balduíno tenta ser com o pé nos teus valores, na tua espiritualidade encarnada nos demais seres, com dor e também esperança que nasce desta perspectiva mais espiritual, até religiosa, ou mais amplo, espiritual e mística. Que tem essa sabedoria mística oriental que não separa a mística e o científico. Continue nos ensinando essa mística encarnada comprometida auto(trans)formativa que a gente não desista de reinventar a nós mesmo na reinvenção de todas as genteidades. Que a gente continue seguindo essa pesquisa, como copartícipes da biografia de Balduíno com nossas biografias se auto(trans)formando. (Celso, 5º Círculo).

- Eu vou me permitir, eu acho, acho não, tenho a convicção que a mística não é privilégio de alguns santos. É um chamado a todos nós. Se não fossem algumas dimensões da mística nós não estaríamos podendo viver como cristãos. E eu gostaria de falar da coragem, da ousadia da Melissa e a grandeza de propor uma dimensão mística na sua tese de doutorado, eu acho isso fantástico. E a mística está no convite de sermos menos burocráticos, menos autoritários. E vocês figuram como pessoas que sabem levar a educação para essa dimensão da amorosidade, da fraternidade. A

mística é o convite para irmos ao mais fundo e belo do ser humano. (Balduino, 5º Círculo).

- Vocês sabem que Balduino foi nosso orientador já aposentado, lembram, aí também a generosidade. (Gomercindo, 5º Círculo).

- Olha que coisa interessante sete encontros, esse é um número cabalístico, tem muito significado aí. Que coisa boa. (Felipe, 7º Círculo).

Dessa forma, parece que Rubem Alves (2012) quer entrar nesta conversa, não se aguenta e invade, pela janela, pelo jardim ou feito bola de sabão para fazer-nos refletir sobre: afinal o que surge primeiro o jardim ou o jardineiro? Constructo ou diálogo? Quer dizer, ambos se constituem mutuamente, pois se fazem na pertença um do outro, pelo cultivo, pela dialogia. Assim, com pensamento-sentimento jardim-jardineiro e pensamento-sentimento diálogo-constructo é que a pesquisa-auto(trans)formação se faz, se enreda, floresce, dialoga na busca do nosso ser gente. Paulo Freire nos remete a gentificação da nossa presença no mundo:

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo (FREIRE, 1997, p. 41).

O que nos faz acreditar que o pensamento-sentimento que se corporifica na ação-reflexão-ação é, pois o nosso compromisso, comprometimento engajado para as bonitezas que anseiam ser cultivadas sócio-historicamente. Os Círculos Dialógicos se fizeram jardineiro-jardim que florescem nas falas diálogos-constructos tão carregados de sentido com pessoas em um constante coauto(trans)formando-se.

5.6 COAUTO(TRANS)FORMAÇÃO: DIMENSÃO DOS LAÇOS NA CONGREGAÇÃO DE AMIZADES ATUANTES

19 de noviembre de 1957

Querido señor Germain:

Esperé a que se apagara un poco el ruido que me ha rodeado todos estos días antes de hablarle de todo corazón. He recibido un honor demasiado grande, que no he buscado ni pedido. Pero cuando supe la noticia, pensé primero en mi madre y después en usted. Sin usted, sin la mano afectuosa que tendió al niño pobre que era yo, sin

su enseñanza y su ejemplo, no hubiese sucedido nada de todo esto. No es que dé demasiada importancia a un honor de este tipo. Pero ofrece por lo menos la oportunidad de decirle lo que usted ha sido y sigue siendo para mí, y de corroborarle que sus esfuerzos, su trabajo y el corazón generoso que usted puso en ello continúan siempre vivos en uno de sus pequeños escolares, que, pese a los años, no ha dejado de ser su alumno agradecido.⁵⁶

Albert Camus

No mundo da natureza o pólen é o que possibilita que a flor se torne fruto, é quando pelo trabalho das abelhas a natureza floresce. Preservar pequenos seres polinizadores é de fato construir a própria vida. Por certo já deverá existir, tomara que não, no mundo supraglobal algum artifício para que as abelhas se tornem obsoletas e que as flores sejam polinizadas aos milhares em estufas programadas. Ocorre que esta tese-formação resgata as abelhas, sua interferência na natureza, sua poesia existencial. Por certo as metáforas foram feitas para dizer poeticamente o mundo, para encher de graça, de dúvida, de fazer pensar, em que o dito ao assemelhar-se a outra perspectiva se torna ainda mais o que é.

Albert Camus foi um escritor e filósofo franco-argelino, reivindicou nos seus escritos os absurdos contra as desumanidades, como a condição dos exilados espanhóis antifascistas e do stalinismo. Assim, a defesa do humanismo foi seu legado e, em 1957, recebeu o prêmio Nobel de literatura e por essa ocasião escreveu o que insere a epígrafe desta seção. O que nos remete ao que Paulo Freire dirá: “é formidável o poder do amor” (1979b, p. 27), revelando que as pessoas da nossa jornada, que se tornam amigos imprescindíveis são como as abelhas, brotos, flores, frutos, gentes e poesia.

- Que alegria ver vocês, quero cumprimentar com muito prazer o Humberto Calloni, a gente tem sempre mantido contato. O Felipe faz uma vida que a gente não se vê, mas sabendo sempre notícias. Saudades grandes quando ele saía lá de longe para vir para Pelotas, para as bancas. Quanta solidariedade. Esse é um tema que com certeza se fará presente em nossas conversas aqui. A solidariedade que para alguns no campo acadêmico ela tinha um interesse do tipo: se eu for nas bancas do Felipe ele virá nas minhas. E, olha, ele é representante do CNPQ, eu nunca considerei isso. Sinceramente eu não consigo trabalhar com essa vertente de análise. Mas sim porque nós encontramos pessoas, em algum momento lá na UFRGS dos anos 1990 e poucos, aí a gente manteve eternos e bons encontros,

⁵⁶ Disponível em: <https://www.revistaprosaveroearte.com/de-albert-camus-com-carinho-ao-seu-mestre/>. Acesso em: 08 ago. 2021.

contatos e diálogos. Então, por isso, a gente ia e voltava, para muitas idas e vindas nas bancas. E, Melissa, estamos agora aqui nesse reencontro. (Gomercindo, 1º Círculo).

Dessa forma, a **Sexta Dimensão** é, pois, o que se-nos une em laços de amizades atuantes. Por certo não somos abelhas programadas, mas podemos, ao observá-las, aprender com elas. E com exemplos de gratidão e afeto encontrar gentes que nos fazem o melhor de nós mesmos. Quer dizer, que ao termos a natureza como a melodia do Universo, nós seres humanos somos a possibilidade de aprendizagem como copartícipes no mundo. E essa analogia permite entendermos que o canto à capela, ou seja, sozinhos na nossa pretensa superioridade planetária como seres denominados humanos, como viemos fazendo ao longo do último século, é precário na sua profunda relação cósmica. Há que se re-encontrar com o som das águas, com a força do vento, com o chiar da chuva, com a sonoridade da grama seca quando se pisa e nisso encontrar, nas pessoas, companheiros de um modo de viver amigo e atuante. E, assim, construirmos as pontes para o conhecimento, para a preservação e conquista de vida, vida abundante para tudo e para todos em que sejamos verdadeiramente capazes de amar.

O homem é um ser natural, mas é ser natural humano. E, exatamente, o homem singulariza-se por uma dupla capacidade de romper com a natureza. Só ele conhece esse universo que o absorve e só ele pode transformar, ele, o menos armado e o menos poderoso dos grandes animais. E, o que é infinitamente mais, é capaz de amar (MOUNIER, 2004, p. 32).

Com essa perspectiva é que a coauto(trans)formação com professores se deu com a congregação de Amizades Atuantes. Amizades estas comprometidas com um novo projeto de humanização, também, mas não só, na universidade, pela junção de esforços por espaços mais democráticos e múltiplos, por um mundo mais bonito que pela e na educação se encontram.

- O Balduíno foi a figura que cativou a gente não só pela amorosidade que transborda a cada momento, mas por um elemento que não sei se eu consegui explicar direito e agora na fala dele eu lembrei disso. Parece que o Baldô só sabe contar histórias e fazer uma fala muito comum na militância, na boa militância. No entanto, o que a gente conversou no encontro passado, ele joga aqui os pilares, as bases filosóficas teóricas e todos quantos a gente possa imaginar. A cada momento com uma densidade fantástica. Que eu acho que a academia te deve isso Baldô. A academia te deve demais, Isto é, eu sou um devedor de não ter falado mais disso do que eu estou falando agora. Quer dizer da densidade com a qual tu colocas os temas da realidade, partindo da atualidade, aquilo que o nosso

grande inspirador Freire já fazia, né. É impressionante Baldô e eu te agradeço enormemente por esse reencontro justo, por conta disso e por outras e diversas razões. (Gomercindo, 2º Círculo).

- Uma grande aprendizagem que eu tenho contigo Balduíno é que tu não desistes, tu és teimoso, mas uma teimosia autêntica como dizia a tua utopia, com a tua luta. Tu tens 89 anos e eu me envergonho às vezes, eu digo: "Poxa o Balduíno está lá e eu não tenho a coragem de estar lá". Como aconteceu no Fórum em Jaquarãõ que os estudantes estavam ocupando a Universidade e a gente foi lá numa sala no fundo se encontrar, e tu brigavas para que a gente se unisse a eles. E foi assim que fizemos quase todo o evento, inclusive a assembléia geral, junto com os estudantes e tu em nenhum momento te furtaste da palavra. E muito obrigado também a vocês Humberto, Gomercindo, Felipe porque com vocês eu aprendi muita coisa. Eu lembro que a gente fazia seminários compartilhados, uma espécie de orientação cooperativa. A gente apresentava o que estava pesquisando até saiu um livro do Seminário, e nós sempre com uma piada no final. (Celso, 2º Círculo).

- Melissa, só uma palavrinha. Para dizer que bom é ouvir o Celso. O Balduíno ele compreende as nossas limitações, pelo menos a mim eu tive um privilégio, a sorte de ter ele como meu orientador, sabendo das minhas limitações ele me aguentou (risos). Então esse é um sentimento humano que reforça ainda mais a necessidade de uma prática que nós devemos alimentar na prática da solidariedade, da amorosidade e da entrega aos outros que precisam que a gente possa colaborar, construir. E o Felipe felizmente foi meu mediador para eu conhecer Balduíno (risos) eu nunca vou me esquecer ele era bolsista do Balduíno e graças a essa generosidade, esse bom coração do Felipe que eu conheci ele. E, agora nesse momento, eu me sinto muito honrado por ter sido convidado para estar aqui com esse grupo, com vocês. (Humberto, 2º Círculo).

- Eu não bajulo ninguém se eu falo é de coração. (Balduíno, 2º Círculo).

- Prazer enorme em ver e ouvir esse homem, né, gente, sempre um prazer Baldô. Eu quero dizer que eu estou emocionado, que é muito bom estar aqui e agradecer a Melissa e ao Celso especialmente por esse convite de a gente poder se reencontrar. Ouvir o Balduíno é sempre uma alegria e aprender a pensar como ele numa perspectiva, como disse o Gomercindo, muito mais de uma narrativa de pequenas histórias, do que partindo do pensamento de grandes filósofos. Então, a teoria maluca que, às vezes, a gente não compreendia, como também é o caso da democracia eu acho que nós fomos aprendendo esse espírito da democracia também dentro do nosso grupo aprendendo na convivência mesmo com o Balduíno e com os colegas. (Felipe, 2º Círculo).

- O que eu aprendi? A gente ia com as próprias histórias, ia para o doutorado, com as leituras de cada um, com as nossas lutas. Mas, o que eu acho que o Baldô fez conosco? Que a gente dissesse! Ou seja, ele se importava com a gente. Fossem as nossas histórias, as nossas elaborações. (Gomercindo, 2º Círculo).

- *Uma das características fortes do Balduino foi de arriscar. Eu recordo quando eu cheguei lá no Jaime e ele me disse que estava aproximando Freire e Habermas, e eu com ainda aquela visão sectarista, “mas como tu vais encontrar aproximações, entrecruzamentos?” e aí vem muito forte isto. Paulo Freire nos desafia a isso, a dialogar com os diferentes, não com os antagônicos, com os diferentes. (Celso, 2º Círculo)*

- *Melissa, freireanamente falando, não tenha medo de indicar caminhos para nós. (Gomercindo, 2º Círculo).*

Balduino compartilhou nos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos, em todos eles, a fala de Emmanuel Mounier *Amizades Atuantes*, pessoas que se re-unem a favor da fraternidade para um propósito maior. “Quase se poderia dizer que só existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase-limite: ser é amar” (MOUNIER, 2004, p. 46). Nas palavras deste autor desvelamos o propósito de nos reconhecermos amigos. Amigos que riem, que são companheiros, que conhecem as fragilidades uns dos outros, que conhecem a forma de cada um se personificar no mundo e se reconhecem com e neles. E com essas pessoas congregam o ser no universo, um ser engajado, político-socialmente presente, sem que a ambição seja o consumo de alguém para alguma ascensão perseguida.

- *Melissa e colegas, posso começar? Desde quando iniciou, desde quando a Melissa nos desafiou logo lembrei de Eduardo Galeano, “A utopia está lá no horizonte, me aproximo dois passos, ela se afasta dez passos, eu corro dez passos e ela corre ainda mais no horizonte. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Então para que serve a utopia? Serve para isso, para que eu não deixe de caminhar”. Acho que encontrei muito do que nós vivenciamos e compartilhamos nesses seis (6) encontros. E com a sensibilização feita a partir do Milton Nascimento, “Eu caçador de mim”, eu que não sou poeta, nem contador de história, gostaria de sê-lo, tentei rabiscar algo. Muito longe daquilo que o professor Balduino nos contempla, nos brinda com suas poesias. Eu-nós peregrinos da utopia, em um mundo cruel e desigual, sem negar a alegria da vida, lutamos contra toda a opressão e o mal que, a muitas gentes, assola uma exploração brutal. A boniteza é não andar sozinho, é com amigos estar compartilhando o mesmo sonho, o mesmo caminho. Novos rumos desbravamos, encontramos também novos ninhos, onde gente nova vamos encontrando. Nos processos de auto(trans)formação, caçador de mim quero sempre ser com as outras e outros tocando em frente. Sou tocado pelas lembranças do coração que me desafiam ser mais gente. E assim, longe buscamos juntos e juntas a direção reconhecendo cada ser como parceiro, parceira diferente. Da roça sou menino nascido, mas na cidade quase me perdi. Muitas vezes me senti perdido com medo das adversidades que senti. A busca segue pelo lugar que a utopia traz escondida. Dialogando com sonhadores convivi juntos resistimos e reinventamos o horizonte que*

está logo ali. Entre vela e flor em um permanente renascer. Revivemos com a Melissa algo recriador e seguimos adiante sem nos arrepender, peregrinos da utopia. Com Freire como idealizador encontramos o que ainda nos faz crer. A vida é bonita e pode ser vivida com mais amor. (Celso, 6º Círculo).

- Parabéns Celso. (Gomercindo, 6º Círculo).

- Era o que eu queria dizer. (Celso, 6º Círculo).

- Que lindo, se me permite então, eu queria agradecer, primeiramente agradecer as palavras que a Melissa nos saudou. E eu gostaria justamente com essas mesmas palavras dizer da lindeza e saudar a Melissa. Dizer o quanto eu fiquei feliz em conhecer a Melissa. Uma pessoa sensível, eu sei que exagero com as palavras, mas esse não é um exagero. Agradeço o convite de estar mais uma vez e dizer Melissa você é maravilhosa, você é sensível, linda por dentro e por fora, você é encantadora. Então, Melissa quem tem que agradecer sou eu, por tê-la conhecido e por você ter oportunizado ver essa gurizada, esses jovens todos. O que você falou sobre o tema “eu caçador de mim”. Aliás, o tema que é a proposta desta tarde sobre o “eu”, ele é muito importante. Ele é para mim nuclear na filosofia. E como você, como nós somos filósofos... poetas, filósofos cada um com a sua maneira de expressar. Quando você tinha oito anos⁵⁷ você percebe outra dentro de você, uma exterior e uma interior. Justamente essa experiência eu acredito, não posso generalizar, mas penso que somos todos iguais como humanos. Então penso que todas as pessoas devam passar por essa experiência. Eu passei, ainda me lembro, eu com seis anos, eu olhando o relógio da água da nossa casa em Caxias. E aí começou a aparecer esse pensamento que você falou. Esse tagarela que anda dentro da cabeça da gente (risos). Que Morin vai chamar, vou chamar Morin para não dizer que eu estou inventando já que está inventado, né. O meu duplo, é o meu duplo que está ali dentro, falo comigo mesmo. O problema é reconhecer quem sou eu. Quem é esse ‘eu’, que permanece apesar das diferenças, e nós vamos passando nesse exterior que você falou. Esse exterior muda a todo o momento, mas sou ‘eu’ e ao mesmo tempo não sou. É o que Freire vai dizer “nós estamos sendo”. E nós estamos sendo de acordo com o contexto que vivemos, como diz o filósofo espanhol Ortega y Gasset “eu sou eu e minha circunstância”. Então um dos nossos ‘eus’ se manifesta naquele momento. Essa busca pelo ‘eu’ é onde começa a filosofia, pela curiosidade, o filósofo é um curioso, evidente que curioso é o cientista, a própria pessoa inteligente é curiosa. Mas de qualquer forma a curiosidade em filosofia é fundamental porque ela busca respostas que, às vezes, não encontra e faz perguntas e mais perguntas. Portanto, quem sou eu. Eu continuo buscando esse ‘eu’ assim como você, quem é esse cara que dentro de mim, quem é esse tagarela. Eu acho que comecei a filosofar à nossa maneira (risos), lá quando eu estava perto daquele contador de água quando eu me ouvi pela primeira vez. (Humberto, 6º Círculo).

⁵⁷ Professor Humberto faz referência a cena da minha Infância expressa no memorial.

A perspectiva do diálogo que aflora de um tema gerador propicia que cada um a seu modo perceba, inclusive, o que diz para si o próprio tema. Como toca a cada um a sensibilização e, a partir daí, o diálogo pode tomar novos e outros rumos a partir da sua processualidade. Se, por um lado, começamos a falar de um 'eu' logo seguimos sobre como se configura o 'eu' do outro e como consideramos este outro, e na perspectiva que segue, como constituímos Paulo Freire.

- Quero fazer um agradecimento ao professor Humberto. Eu falo a partir da questão da gentileza, inclusive hermenêutica. Eu não sei se vocês já notaram que para falar, e é o primeiro movimento que traz os Círculos que eu vejo isso dessa forma, é a primeira vez que eu vejo que todas as pessoas conseguem se ouvir e falar, vocês nunca sobrepõe suas falas nas falas do outro. Vocês já notaram? Vocês, inclusive, pedem licença para se expressarem. E isso em uma perspectiva hermenêutica de acolhimento do diálogo é muito interessante e em todos os Círculos é assim. E quando o professor Humberto vem falando essas palavras tão carregadas de carinho eu não consigo dizer sim, professor Humberto. Porque eu estar invadindo as histórias de vocês para poder construir uma perspectiva, uma compreensão que vai, de todo modo, partir de mim é o meu pedir licença. Se eu tivesse que escrever a nossa história nestes Círculos de outra forma eu escreveria um conto. Seria mais ou menos neste horizonte de caminhada, sabe quando a criança vai de mão ao lado de um adulto, estica e dá a mãozinha e o adulto caminha e dá passos largos que para as perninhas infantis precisam ser passinhos rapidinhos, quase um correndo, ligeirinha... é assim que eu me sinto, assim seria o meu conto (risos). Então, quando vocês dizem que a Melissa possibilitou esse encontro, eu penso que esse encontro é que precisava acontecer, o mérito é deste grupo. Penso que era necessário ter alguém para olhar este fenômeno, mas a coisa própria é justamente vocês que fazem a universidade ser diferente, ser uma universidade da solidariedade. A universidade é, por vezes, muito ensimesmada, como se fosse um coletivo de caramujos habitando os prédios, buscando o qualis, cada um defendendo seu pensamento encaramujado. Muitas vezes se juntam, mas pelo objetivo de defender uma ideia, ou um autor e sacralizar seu pensamento, qualquer interferência fora de suas carapaças se recolhem. Aqui nós comungamos com Paulo Freire, até eu estava pensando, aqui somos seis (6) pessoas, mas eu penso que somos sete (7). Porque Paulo Freire é uma pessoa, ele não é o autor como as pessoas gostam de fazer, de pegar aquelas frases impactantes dele, excertos (não suporto essa palavra), e jogar ali no texto, no discurso. E são frases-excertos que nós já sabemos quais serão os escolhidos. Até porque as pessoas não lêem Paulo Freire, as pessoas usam citações para validar as falas que elas gostariam impactar e parecer a Paulo Freire. Porque as concepções freireanas não são lidas em suas inteirezas políticas, nas suas profundidades de projeto humanizador. Até porque se as pessoas lessem verdadeiramente Paulo Freire minimamente a escola, a universidade seriam um tanto diferentes. Principalmente, a escola pública que é para o povo, com o povo, nos desafios e dificuldades todas. Se

vemos-vivenciamos o discurso que a concepção de escola é a partir das ideias de Paulo Freire, principalmente o conceito de autonomia que configura os planos políticos pedagógicos⁵⁸, alguma coisa haveria de ter mudado. Nunca mudou, ou melhor, evoluiu para níveis ainda mais graves de desvalorização da educação pública de modo geral. Então, o PPP é cheio de frases muito bonitas e inspiradoras, mas por quê? Para validar? Para dizer que seria bom assim, mas jamais faremos dessa forma? É, essas reflexões, eu que agradeço professor Humberto e a todos vocês, agradeço por me deixarem trilhar caminhos juntos, eu fui correndo atrás, corri para ficar perto, ainda bem que me estenderam a mão. (Melissa, 6º Círculo).

- Melissa, quando tu falaste da frase do Freire solta, o Felipe, o Celso, Humberto, conhecemos o Fernando Kieling e a expressão “encaixa Freire” é dele, lembram? (Gomercindo, 6º Círculo).

- Sim, sim. (Humberto, 6º Círculo).

- Então ele dizia, encaixa, joga ali o Freire um pouco para abençoar o que se está dizendo. (Gomercindo, 6º Círculo).

- Pegando a ideia da expressão do nosso amigo Fernando Kieling, que daí as pessoas resolvem o texto em uma fala encaixando um freirezinho e deu... e era bem isso. Gomercindo toca em um aspecto bem importante. Sempre quando a gente se enfraquece teoricamente, quando está mais fragilizado do ponto de vista do embasamento teórico e incorporado; aquilo que a gente vai escrever e propor pensar, eu sempre repito isto, a ausência do diálogo mesmo, a carência do diálogo. E acho, tenho certeza, é o que o nosso amigo Celso vem fazendo, assim como a fortaleza do nosso Balduíno, é o grupo. O coletivo com o qual se dialoga mais sistematicamente. Porque sempre que aconteceu comigo, a fragilização de repente em uma orientação em que o orientando apenas encaixa Freire é porque esse orientando não estava efetivamente nos encontros com o grupo. E a gente sempre volta nisso, parece que Paulo Freire é a tábua da salvação. Se eu não sei o que dizer ou como interpretar eu pego Freire porque basicamente ele já falou de tudo. Ele é como um grego para nós, é como os teóricos gregos. Ele pensou em muitas coisas e suas obras contemplam muito isso. Eu sempre senti na minha experiência que essa fragilização sempre se deu e se dá por essa carência de um grupo de conversa, de um interlocutor mais coletivo, porque individualmente... eu sou muito como Balduíno assim... Balduíno nunca nos impôs nada, nem de leitura disto ou daquilo. Ele mostrava, apresentava, mas as trilhas, os percursos, as escolhas elas sempre foram muito de cada um de nós. Assim, eu percebo o Celso fazer, o Humberto, o Gomercindo, eu procuro fazer da mesma maneira, eu sugiro, apresento. Hoje eu cuido muito as palavras não uso mais a palavra sujeito, prefiro dizer o Gomercindo, o Humberto a Melissa... (Felipe, 6º Círculo).

⁵⁸ Sabemos da proposta de mudança de nomenclatura, mas defendemos a perspectiva que se continue a constar palavra ‘político’ nos planos político-pedagógicos.

Assim, este círculo ficou marcado pela necessidade de cada um de nós dizerdas comunhões, na caminhada, aquilo que congrega, que nos faz amigo, com a gentil perspectiva de pensar, de fazer e ser nas processualidades da vida. E também do dizer das fragilidades quando não nos permitimos a pertença, inclusive, epistemológica que, de todo o modo, é um ato político.

- Então eu vou por ali, assim que eu vou ler só dois parágrafos do memorial para o concurso de titular.

“Gerado em meados da década de 1950, faço parte do segmento social que nasceu com a sensibilidade rural. Permanecendo até o início da década de 1970 em situação de profundo distanciamento do mundo urbano. O período de desenvolvimento dos anos JK e do milagre brasileiro decisivos à mudança de paradigma para compreensão de exclusão social, de mudanças de comportamento que ocorreram no Brasil, particularmente com o início da era da TV. Não vivi, sequer acompanhei de longe. Enquanto eu transitava sob a organização social gerida pela autoridade paterna e educacional religiosa como critério de vida (onde castigo-sermão produziam comportamento) do outro lado do mundo pode ser o Rio de Janeiro com suas passeatas estudantis, a história movia-se em contestação do paradigma adulto. Através do questionamento às instituições dos valores vigentes e hegemônicos ante um desafio às estruturas ideológicas mantidas pela autoridade inquestionável dos pais, da igreja, da escola, da política... carregou o imperativo da avaliação e da mudança. Toda e qualquer autoridade era questionada... (e segue o primeiro parágrafo, agora o segundo e último...).

De fragmentos da vida familiar como acima citados, extraio que muitos que frequentamos a escola urbana (Baldô, Celso ‘um poquitin’), somos oriundos ou fazemos parte da cultura do silêncio, do sofrimento, de perdas, de aprendizagens, quadro não posto para que se transforme em cultura vitimizada ou masoquista. Para os que participam, participaram da luta pela sobrevivência e por espaços culturais, além de reduzidos e expostos ao mesmo silêncio ou submetidos a fala dos que detém o poder da fala”.

Esses dois parágrafos, metade destes dois parágrafos eles iniciam lá o meu percurso, a minha divagação, o meu espelho. E aqui eu quero dizer Melissa, porque hoje eu e o Calloni já fizemos a avaliação de ti. Quero dizer o quanto a tua fala inicial me inspira e me remete a esses tempos idos... mas é isso, eu não vou te avaliar agora fica para o dia 03 de agosto eu vou preparar a avaliação (risos). Eu quero dizer que isso mostra um pouco, embora um tanto complicado para mim, mas isso mexeu muito com a minha história. Quando eu fui contar essa história, ela começou lá no doutorado, o Balduino me ajudou enormemente e, aí o Felipe tem razão; quando Balduino provoca e ele não diz qual é o caminho, mas ele provoca. E não só com a experiência dele, mas a qualidade de livros que ele jogava na nossa frente. Impressionante isso. Eu peguei isso no tempo da pós-graduação, aqui onde eu trabalhava eu era tido como o cara que chegava de mala e cuia, cheio de livros. Talvez a minha perna tenha

sofrido um bocado por conta disso (risos). Mas, assim, o que eu estou querendo dizer... juntando pedaços... eu lembrei muito do Galeano, eu vou tentar lembrar autores que depois da tua fala me fizeram pensar... (Gomercindo, 6º Círculo).

Com isso podemos afirmar que Paulo Freire e Emmanuel Mounier não se cansam em dizer que a vida em movimento para a conscientização-transformação é o resgate mesmo do humano. A fraternidade insere o lugar da partilha, da comunhão, do encontro do outro “enquanto outro para sofrer com ele, alegrar-se com ele, caminhar junto com ele e construir a vida em sinergia com ele” (BOFF, 1999, p. 126). São pessoas, gentes, que sofrem, que sonham, que tem as marcas na mente e no coração das histórias que os constituíram. Mas que ao re-significá-las torna mais amplo o entendimento da própria vida. Então, como propõe Mounier, não comecemos com grandes grupos de estudos sobre um tema, antes nos unamos como amigos para, em comunhão, atuarmos naquilo que defendemos em e a favor da vida, verdadeiramente comprometidos com a transformação.

5.7 FRATERNURAS: A DIMENSÃO DA ALEGRIA E DO RISO COMO RESISTÊNCIAS POSSÍVEIS

A alegria não chega apenas no encontro do achado,
mas faz parte do processo da busca.
E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura,
fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire

O neologismo FraTernura é tecido no entendimento que ambas as palavras careciam da outra para justificar o sentimento mútuo e concomitante de fraternidade e ternura. “A relação de ternura não envolve angústia porque é livre de busca de vantagens e dominação. O enternecimento é a força própria do coração, é o desejo profundo de compartilhar caminhos” (BOFF, 1999, p. 119). Leonardo Boff ao trazer a perspectiva da “fraternura do irmão universal” (1999, p.168) revela o humano que transcende, e consagra: “São Francisco [...] é verdadeiramente alternativo por seu radical modo de ser-cuidado com respeito, veneração e fraternura para com todas as coisas” (BOFF, p. 169).

Podemos dizer que FraTernuras são as possibilidades em que pessoas se unem para o mundo ser melhor, mais justo, mais humano, com mais paz e cheio de

condições diversas, plurais e tantas que ainda serão inventadas e que já são acolhidas como constituição humana.

Os Círculos Dialógicos desta tese-formação podem traduzir esse sentimento, certamente as fraternuras estiveram presentes nos oito círculos. Especialmente por estabelecerem um caráter profundo em que as solidariedades fraternas e carregadas de ternura se deram do início ao fim com uma perspectiva de carinho, compromisso, rigorosidade, afeto, emoção, congregação de pertencimento e riso.

É possível investigar o riso de uma maneira rigorosamente filosófica. O importante é provocar um movimento de desvelamento dialógico do riso, favorecendo o discernimento necessário para se aprender a pensar propriamente: o riso e a risada como formas do pensamento criador (GALEFFI, 2009, p. 211-212).

A **Sétima Dimensão** que esta tese-formação compreende é de que a alegria e o riso se compõem em sintonia de intenção e reinvenção afetiva, e Paulo Freire nos move para reflexão de que “há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança” (1997, p. 29). Mesmo que existam risos sarcásticos, risadas preconceituosas, risos de medo ou vergonha, a associação entre a alegria e o riso, este binômio, nos convida a vivenciarmos a potência inventiva de ambos como mobilizadora de afetos e perspectivas. Quer dizer, se, por um lado, a alegria e o riso estimulam reações cerebrais em que os neurotransmissores favorecem o bem estar psíquico-físico, por outro, institui o sensível também como possibilidade de compreensão. E na comunhão entre amigos coauto(trans)formadores esta dimensão se dá na perspectiva do ser de cada um como seres de seriedade e rigorosidade que pela e na alegria expande a intenção de acolhimento. Riso-alegria, na fraternura educadora que se diz mais do que longas teorias sobre a alegria na processualidade aprendente.

- Melissa tu vais gravar, olha vais ter que fazer muitos cortes, porque só de piada que a gente conta e de brincadeira que a gente faz (risos). (Felipe, 1º Círculo).

-Ahh sim pode deixar, com certeza eu vou tentar fazer um recorte, mas tu sabes né Felipe que a brincadeira é uma das coisas mais sérias do mundo (risos). (Melissa, 1º Círculo).

- É Felipe bem lembrado, vamos cuidar porque o tanto que a gente fala (risos). (Gomercindo, 1º Círculo)

- Quando a gente chegava o Balduíno pegava o caderno para anotar as piadas e quando chegava em casa contava para a Tania e levava aquela xingada. (risos). (Celso, 2º Círculo).

- Melissa tu viste que eu enviei tarefa no encontro passado (risos), eu mandei (risos). Vamos inverter a situação. Mas a tarefa era um bocado isso que o Baldô está falando, eu não sei se era cibernética os cursos dos anos 1970. Que esses guris o Felipe, o Celso e a Melissa, muito menos, eles não são deste tempo. Eram cursos de cibernética e o Balduíno escreveu um livro que está na 39ª edição (risos), chamado “Dinâmica de grupo: jogo da vida e didática do futuro”⁵⁹, é isso? Ali tem um recreacionista, havia alguém que cortava a palavra dos outros que era o cronometrista. (Gomercindo, 3º Círculo).

- Sim a gente tinha pensado em fazer aqui na chácara alguns destes nossos encontros, mas aí veio a pandemia. (Celso, 3º Círculo).

- Tu sabes que a gente vai, Melissa tu sabias que toda a vez que a gente ia para o seminário lá na UFRGS, a gente sempre ia tomado um copinho de suco de uva. (Gomercindo, 3º Círculo).

- Sim, suco de uva fermentado, destes que tem na serra, sei (risos). (Melissa, 3º Círculo).

- Ahh, lógico, bem lembrado (risos). (Gomercindo, 3º Círculo).

- Melissa, tu sabe por que eles se atrasam né, porque tomam esse suquinho e depois precisam sestar, daí é longe o caminho do quarto até a sala (risos), por isso que o Gomercindo tem dor na perna (risos). (Celso, 3º Círculo).

- A gente ia de camionete com o Celso aquela vez para ver o Felipe e todo o caminho só contando piada (riso). (Balduíno, 3º Círculo).

- Balduíno e Felipe a nossa avaliação deve estar zerada porque depois destas palavras, E eu lembrava que havia uma tarefa (risos). (Gomercindo, 3º Círculo).

- Boa tarde, abraços, abreijos, a Santa Maria eu vou em sonho e volto de Maria fumaça, por isso que eu chego atrasado (risos). (Balduíno, 4º Círculo).

Assumimos o sentimento da alegria como resistência ao poder que exige corpos tristes para exercer sua dominação, alegria como potência de vida nos dá acesso a lugares que a tristeza jamais possibilitaria. “A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres” (FREIRE, 1997, p. 55).

⁵⁹ ANDREOLA, Balduíno. **Dinâmica de Grupo: Jogo da vida e dinâmica de grupo**. 26.ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2007.

No primeiro Círculo desta tese, assim como em absolutamente todos os demais, o riso e a alegria se fizeram presentes de modo muito intenso. A primeira alegria-riso foi quando o professor Humberto chegou, no dia 30 de março, ao nosso primeiro momento juntos, ali nossas afetividades, sorrisos, alegria, emoção e reconhecimento se fizeram muito presentes. E, logo, na chega dos demais colegas o sorriso que acolhe, que se faz entender, que humaniza as teorias, foi elemento presente não só nos Círculos de modo geral, mas a cada momento na experiência dialógica.

O quinto Círculo marcava a comemoração do aniversário de Balduino, para tanto nos reunimos para preparar o momento da chegada e como cantaríamos o 'tante augure a te'. E assim rimos muito, nos divertimos e contamos piada, e na mesma proporção que celebrávamos, lembrávamos autores, de vivências, da alegria de se estar com uma turma que gosta de se encontrar e se reconhece afetiva.

- *Que lindo, lindo, lindo (professor Gomercindo abre a câmera e está com uma gaita já ensaiando a música do parabéns). (Melissa, 5º Círculo).*

- *Oi que lindo, tudo bem, até isso meu Deus! (risos) (Humberto, 5º Círculo).*

- *Não sabia que tu eras gaiteiro. (Melissa, 5º Círculo).*

- *Mas eu não toco, eu tenho que achar as teclas. Viu, é só para mostrar o copo com vinho, não é para tomar (risos). (Gomercindo, 5º Círculo).*

- *Isso era só lá na época do seminário (risos). (Celso, 5º Círculo).*

- *Mas é vinho de missa, é vinho santo (risos). (Humberto, 5º Círculo).*

- *Vamos ensaiar, qual é mesmo o tom? O tom é o que tiver, quanto menos fora do tom melhor (risos). (Celso, 5º Círculo).*

- *'Tanti auguri a te', vamos atribuir o nosso descompasso a internet (risos). (Gomercindo, 5º Círculo).*

- *Vamos precisar de mais dois ou três ensaios ou mais umas taças de vinho (risos). (Felipe, 5º Círculo).*

- *Melissa, tu tens lugar para a tua tese para essa coisa para esses professores de pós-graduação que vocês são, né (risos). Para essa categoria, a gente tem mania de chamar de categoria, que é mais que amorosidade que é essa leveza. (Gomercindo, 5º Círculo).*

- *Nós não falamos em categoria, mas em movimentos e dimensões, sabemos que Freire falava em categorias, e na proposta de*

re-invenção pensamos que movimentos estão mais relacionados ao próprio diálogo. (Celso, 5º Círculo).

- Gomercindo vou ler, posso ler? umas duas linhas da obra Medo e Ousadia (FREIRE; SHOR, 1986), lá na página dez diz assim: "podemos tratar das ideias, dos fatos e dos problemas, com rigor, mas sempre num estilo leve, próximo ao dos dançarinos, um estilo amistoso". Então com certeza a tese está toda permeada nesta perspectiva, porque o riso e a alegria são fundamentais para o conhecimento, rigorosamente fundamentais. Não existe conhecimento sem o corpo e sem o sentimento. (Melissa, 5º Círculo).

- Com certeza, isso mesmo. Vocês conseguem ver aqui (mostra um livro para a câmera), esse é o livro Pedagogia do Oprimido, trazido às escondidas, colocavam uma capa com a imagem de Maria para poder passar, veio de montevidéu, Uruguai, lá em 1970, em espanhol e já com o prefácio do Ernani. Lembram que eu havia falado no nosso outro encontro. Tá, mas vamos ensaiar de novo. (Gomercindo, 5º Círculo).

(Balduino entra na sala, todos cantamos desafinados e em total descompasso, mas com uma alegria sem tamanho).

-Muito obrigado, muito agradecido, mil agradecimentos e bênçãos de Deus pela bondade, pela amizade de vocês. Já li a carta, e me engasguei no meio. Eu disse: Tania eu vou ter que tirar dois dias para saborear tudo isso, e ela disse: não! Pelo menos uma semana. (Balduino, 5º Círculo).

(aplaudimos)

- Balduino, quanto mais vivemos contigo mais te admiramos. Mais te queremos por muitos anos entre nós com tuas bonitezas. (Celso, 5º Círculo).

- Nesta grande comunhão dialógica eu envio meu afeto e meu abraço, Baldô. (Melissa, 5º Círculo).

- Ele merece, merece, Baldô merece. (Felipe, 5º Círculo).

- Receber presentes como vocês, e presente da presença de vocês, das fisionomias amigas, honestas, sinceras eu digo do fundo do coração, isso me anima, 89 anos. Eu vendo vocês sorridentes, cheios de energia. Em plena atividade a serviço da educação, a serviço da humanidade, a serviço de um Brasil mais solidário, mais lindo, de mais amorosidade; neste mundo tão feio, nesta avalanche de ódio. Mas vamos falar das coisas lindas, vivamos o novo momento, esse Círculo Dialógico da tese de doutorado da Melissa, vamos viver esse momento, que para mim é um presente junto com tantas coisas boas. Obrigado. (Balduino, 5º Círculo).

É importante marcar aqui que o grupo preserva desde a sua constituição, lá no seminário na UFRGS essa característica, sendo inclusive uma das marcas que os colegas e Balduino mais se orgulham em pertencer. As brincadeiras com a idade

foram as mais recorrentes, aposentadoria, relação com Balduino, maturidade e lembranças dos tempos em que eram doutorandos em Porto Alegre foram as temáticas de alegria invocadas a todo o momento. Eu, como pesquisadora-coordenadora, fui advertida (aos risos que acalentam) sobre como eu lidaria com isso, pois afinal também estavam ali possibilidades investigativas e de compreensão do como aprendemos e ensinamos.

5.8 TESE-FORMAÇÃO: DIMENSÃO VÁRZEA

O planeta não precisa de mais 'pessoas de sucesso'. O planeta precisa desesperadamente de mais pacificadores, curadores, restauradores, contadores de histórias para que o mundo se torne habitável e humano

Dalai Lama

A **Oitava Dimensão** desta tese-formação está na perspectiva de várzea. Sua relação conceitual com o jogo de futebol, mas muito mais que o jogo a relação espaço-pertencimento com o campo. O campo de várzea que se localiza em uma comunidade, em uma vila é um campo aonde, também, pastam os animais, seu tamanho é impreciso. Um lugar que pode ou não ter goleiras, que pode ou não ter vestiários, que pode ou não ter os times com suas camisas coloridas. É esse lugar de possibilidades que a Dimensão Várzea se insere. É, também, quando Paulo Freire é indagado no seu quão várzea que sempre foi, questionado por uma estudante, ao final da aula, no calor do Recife:” - Paulo, você não tem calor com essa roupa? – Tenho – disse eu- só não tenho outra” (FREIRE, 1994, p. 104).

Um jogador de várzea não é necessariamente alguém que não saiba jogar ao estilo dos jogadores profissionais, claro que não. Um jogador de várzea é alguém que pertencendo a comunidade, pertence ao time, pertence ao que de fundamental buscam naquele campo e jogo não importando, apenas, o campeonato, mas principalmente estar sendo em movimento. Às vezes, nem existe a bola ela é algo minimamente redondo que possa ser jogado, os pés podem ser descalços e alguns, inclusive, sem camisa, o árbitro é o grito do que se sentiu em desvantagem. Então, o jogo de várzea é uma coisa sem muita importância, diria o desavisado. Não! A perspectiva várzea é resistência de lutar com o nada, com o mínimo, em condições adversas, ir em busca de se entrar no campo.

No potreiro:
 Não há peladas sem equipes
 Não há equipes sem “zerinho a um”
 Sem “zerinho a um” não há potreiro.
 (Maximiliano Durán, 2009, p. 121).

Na poesia o potreiro é a várzea mesma, e aqui o poeta faz uso da constituição do que é jogo-equipe potreiro e do que é jogo-potreiro ‘zerinho a um’, como constituição de que todos jogam uns pelos e com os outros, formando-se em comunhão. Nesta perspectiva é que os professores coauto(trans)formadores se encontram no pertencimento à várzea.

- A questão da escrita, a metodologia, as questões que a gente levava para o doutorado. Momento que a gente levava para o grupo para batizar o texto da gente, discutindo. E esse momento é riquíssimo. Porque não raro a gente não dá esse espaço do enfrentamento, do confronto ético da própria teoria, eu parto comigo como base, como ela se justifica diante desse mundo que nós vivemos. E do mundo outro, mais diante desse. Entramos no confronto epistemológico em que se chamam os autores para mesa. Era o momento que o Balduino aparecia com os autores e nós pensávamos “quem somos nós”, quer dizer, o cara que conta histórias e no momento adequado ele aparece com uma densidade filosófica com os autores em francês, em italiano. Com uma densidade fantástica e não só com Paulo Freire. Então, a conversa dura com aquilo que o conhecimento já registrado nos impõe. E ele (Balduino) possibilita para a gente conhecer aquilo que já está consolidado, o que já está na memória da humanidade. Aparece nesse momento aqui no grupo para conversar com um mesmo ímpeto de construção com as questões que cada um propunha. Essa ideia de partir de nós, de fazer a exposição, a elaboração da experiência, o confronto próprio do diálogo, e depois o confronto com teorias outras. (Gomercindo, 3º Círculo).

- Vocês lembram que o Celso e o Balduino me salvaram na minha tese, eu havia desistido na metade do processo eu abandonei. Eu era o mais rebelde em termos teóricos. Eu abandonei a minha tese e larguei, fiquei um ano parado aqui em Santa Cruz, aí em um final de semana vem esses dois em uma camionete. Eles vieram na minha casa e me deram um susto. E eu consegui depois disso, depois deste susto, retomar a minha tese. E isso tudo foi me ajudando a orientar trabalhos que fazem aproximações, como agora a última dissertação de mestrado a ideia do taoísmo, a ideia oriental do taoísmo com a perspectiva de Freire, e foi bem interessante. Então eu faço essas aproximações essas conversas. (Felipe, 3º Círculo).

- Professor Felipe, tu te consideras bem-vindo com as tuas proposições, no teu pensamento humanizado, nas tuas forças criadoras, na universidade? (Melissa, 3º Círculo).

- Melissa e colegas eu acho que esta perspectiva tem sofrido alteração bem importante de pelo menos de uns cinco ou seis anos

para cá. Pelo menos na minha experiência em dois programas de pós-graduação, a graduação e inclusive EaD. Há um tempo atrás, eu acho que nós éramos bem-vindos e aplaudidos, eu era, na sala de aula da graduação. Logo depois, na mesma época lá no programa de pós-graduação ao iniciarmos e estarmos, por exemplo, elaborando a proposta para a Capes nós fomos sutilmente podados quanto a alguns embasamentos teóricos (todos os coautores balançam a cabeça concordando com o dito). Eu fui convidado a retirar as ideias de Humberto Maturana das minhas disciplinas e das propostas de disciplinas e de linhas de pesquisa porque ele nem era muito considerado na área de educação. Ele era o autor que ainda era marginal à área de educação ou ao campo educacional. Os consultores da Capes, que as universidades comunitárias contratam e nós conhecemos bem (todos concordam com a cabeça), eles disseram “não entrem em coisas muito diferentes porque o nosso Comitê Técnico Científico da Educação não é muito afeito a grandes novidades”. Mais recentemente a gente ouviu algumas coisas assim, agora quando eu fui descredenciado, de colegas nossas dizendo que eu deveria investir mais em publicar artigos do que ficar fazendo projetos de extensão para os doutorandos e doutorandas realizar formação continuada de professoras e professores. Essa é a realidade e a gente sabe disso. É o preço que se paga e o stricto sensu, ele vive disso, essa é a moeda de troca. Eles não aceitam outra moeda, a moeda é a produção científica, qualificada e revisada por pares o tempo todo. Mas de uns tempos pra cá o espírito de solidariedade, de amorosidade ele mudou bastante entre nós, pelo menos. Tanto é que hoje eu participo de dois grupos de pesquisa um deles é o Pirabiru, que envolve as questões indígenas e outras aproximações com pensadores latino americanos. E nós temos realizado disciplinas em alto nível e, como diz o Balduino, em alto e bom nível, mundo a fora tratando das questões dos mitos com a ciência, da religião com a espiritualidade. A gente tem feito debates e o público tem aplaudido de pé, hoje não há nada que nos impeça de fazer e viver essas experiências. Mas se fossem propostas a no mínimo cinco ou seis anos atrás elas não seriam muito bem aceitas não. O que não significa que a gente seja valorizado, do ponto de vista do perfil da Capes, a instituição aqui ela age e interage contigo dentro deste mesmo quesito. Não há nada que desabone, mas também não abona nada. Eu não me sinto mal quisto, mal percebido nem rejeitado, até porque eu não daria muita bola, eu não dou bola (riso). Mas a dificuldade ela existe sim e ela está posta, vocês viram o discurso de rechaço ao ex-reitor da federal de Pelotas? Em função de um pronunciamento dele em defesa da humanidade, das vacinas e tal. Ou seja, a gente continua vivendo isso e a gente precisa, aquilo que tu trouxeste (Melissa) no slide, lutar por um mundo em seja menos difícil ser feliz, menos difícil amar... (Felipe, 3º Círculo).

Nessa relação entre como Balduino trazia sua conduta de se fazer orientador, na forma como convivia com seus orientandos, bem como a maneira como a universidade marginaliza perspectivas que expandem possibilidades, podemos perceber que o jogo precisa ser forjado, a várzea precisa encontrar espaço de atuação. O amigo precisa saber por que o companheiro abandonou o jogo, logo ele,

justo na posição que o time precisava. E os(as) meninos(as) que, muitas vezes, se constituem na periferia da 'grandeza acadêmica' constroem possibilidades, mas nunca se renderão apenas pelo intuito de vestir a camisa do time da moda ou jogar no estádio de futebol cujo valor poderia mudar a vida de absolutamente todos os(as) meninos(as) da vila. Os(as) meninos(as) do jogo de várzea querem justamente é pertencer à várzea, não para a manutenção da precária condição que ela instaura, mas como possibilidade de interferir com seu jogo amigo, comprometido, mas pouco valorizado e assim inspirar, chamar para ao campo os outros meninos e meninas que jamais jogariam se não fosse pelas forjas sonhadoras.

- É o momento de todos nos darmos conta de que a psicologia ocidental, pedagogia ocidental e a filosofia ocidental é herdeira do iluminismo que absolutizou a razão e do pensamento oriental precisamos recuperá-lo. Muito obrigado a todos vocês pela fraternidade e pelo muito que estou aprendendo nessa fraternidade que a Melissa está construindo conosco. (Balduino, 2º Círculo).

- Eu tenho um tema, eu sugiro que a gente comece a praticar agora já o registro re-criativo individual, quem sabe cada um de nós. Para começarmos nosso próximo encontro dia 11 (maio), escrever dois ou três parágrafos sobre o que significaram esses dois encontros até agora. Esses encontros de revisitação e re-significação das experiências vividas e esse encontro das nossas genteidades. (Celso, 2º Círculo).

Com tudo isso o jogo de várzea é aquele do professor que está na universidade e nela busca possibilidades de atuação, mas também da professora da escola rural que se mobiliza para alfabetizar com a mesma força que luta para o não fechamento escola. Do mesmo modo as escolas que contemplam a educação de jovens e adultos (EJA) sendo abolidas porque o público já não procura mais essa modalidade de ensino, é o que dizem os des-entendidos da proposta de EJA-PROEJA. O jogo várzea da menina grávida que não encontra na família, na escola e na sociedade um ventre que possa gerá-la com amor. A várzea de se ter a escolinha da vila que, mesmo a merenda sendo bolacha e café preto ela faz muita falta, a fome de escola, a fome das gentes. Com isso, o professor Felipe vai refletir sobre o tempo da experiência, das perspectivas dos diálogos aprendentes.

- Aqui eu percebo o tempo, o tempo que a gente vai passando na medida que evoluem as nossas leituras, estudos. Um tempo que não é apenas um tempo de uma dimensão que seria a mais tradicional que é a cronológica. Mas o tempo da experiência, o tempo que a gente se permite viver mais e percebe que uma coisa não anda

separada da outra, na perspectiva da nossa intelectualidade, da nossa espiritualidade, da nossa vida cotidiana, um pouco nessa direção que eu vou. E ter lembrado da provocação que você nos deixou no último encontro, eu hoje estava aqui tomando essa escrita, já pensando nos próximos passos que é trazer um pouco dessa experiência que eu venho vivendo, trabalhando com Paulo Freire, Edgar Morin, Maturana, Fagundes Varela, Primogine. E aí eu vejo numa perspectiva de que a pessoa aprende, o que deseja aprender é necessariamente a pessoa que precisa viver a experiência do aprender. A ideia de ação-reflexão-ação que Freire traz tão claramente para nós. (Felipe, 3º, Círculo).

Esta reflexão nos convida a ação-reflexão-ação, para uma experenciação com o mundo, com as leituras, com as gentes e com o tempo. Unidos a Paulo Freire nos encharcamos, pois “a práxis [...] é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos (FREIRE, 2017, p. 21). Portanto, é na práxis que se transforma o mundo e é na palavra que se dá a ação-reflexão-ação.

Então, a dimensão várzea é esta, é estar no jogo com elas e eles os ‘escanteados’, estes os invisibilizados, os pequenos, os silenciados, que aqui são chamados para o jogo e quem sabe, nós ainda o e a veremos no campeonato do time consagrado nos mandar um beijo nos muitos gols que ainda haverão de fazer, ou ainda chamarem para o jogo seus pares, ahhh nós acreditamos que pela várzea muitas vitórias haverão de existir, já existem.

5.9 DIMENSÃO CONSCIÊNCIA HISTÓRICA PLANETÁRIA: AS (DES)ESPERANÇAS E AS (DES)HUMANIDADES

Tantos inocentes dilacerados, tantas inocências calçadas; esta criancinha, no dia a dia imolada, era talvez a nossa presença ao horror do tempo. Não podemos somente escrever livros. É preciso que a vida nos arranque periodicamente das artimanhas do pensamento.

Emmanuel Mounier

Escrevo este subcapítulo exatamente no dia do encerramento das olimpíadas de Tóquio, (realizadas em 2021, mas ainda com o slogan *Tóquio 2020*), dia 08 de agosto de 2021, coincidentemente também dia dos pais no Brasil. Era para ser um dia feliz de certa forma, pelo menos para mim que gosto do espírito olímpico e ainda

mais da figura paterna de meu pai. Mas não consigo. Tampouco consigo escrever utilizando metáfora, neologismo, nem mesmo uma linguagem conotativa. Muito embora a arte diga mais do que o próprio dito, falar nas muitas desumanidades me faz, de certa forma, embrutecer por alguns instantes. A desesperança imposta pela pandemia do coronavírus no mundo me impede, porque esta tese-formação se vivifica justamente em uma temporalidade pandêmica e aqui excluí-la seria não considerar a consciência histórica própria que cada escrita, em todos os tempos, em todo o mundo manifesta, quer a identifiquemos ou não.

Pensei em silenciar a epígrafe, quer dizer deixá-la sem nada, sem um verso, sem um pensamento, como aquele minuto de silêncio em nome das tantas mortes, das tantas atrocidades, das tantas desigualdades. Mas dei-me conta de que me deixar silenciar seria também comigo-conosco uma maneira desumanizadora que esta escrita não se dá ao direito. Assim, a esperança de ver além da coisa propriamente dita e instaurar novas possibilidades é o que Mounier nos faz pensar. Então, nestes tempos estranhos, o sentir-pensar-agir se mostra urgente, e assim, no sonho e na ação nos fazemos para combater as brutalidades do mundo e aquelas que insistem em nos atormentar.

- Eu estou com uma grande preocupação, que é a fome; a vacina e a fome são minhas preocupações atualmente. (Gomercindo, 1º Círculo).

- É esta pandemia mudou inclusive a forma dos nossos encontros, eu queria que vocês pudessem ter vindo aqui para a gente fazer a nossa carpa capim. (Celso, 2º Círculo).

- Que vontade de dar um grande abraço em cada um de vocês. (Melissa, 2º Círculo).

- Baldô, fazendo uma referência ao nosso grupo. Vocês sabem que estes dias nesta proposta de revisitar coisas, abrir os baús da vida. E tu (Melissa) nos deixaste duas perguntas. A primeira é em relação à essa esperança atual, vocês sabem que eu me aposentei em 2017, eu saí talvez, Felipe, antes que me 'saíssem' lá do programa (de pós-graduação). Porque eu já estava cansado de algo que eu incorporei durante um tempo e vocês me conheceram fazendo isso. Eu me reconheço aqui me descolando muito da vida, da vida lá onde os pés pisam. Em um momento que eu vou criando o programa aqui nosso o mestrado e, depois, o doutorado e ainda assumindo a coordenação, assumindo tudo que se possa imaginar. Eu confesso que no texto lá para titular, lembram? eu já reconheço um bocado isso. Eu falo mais ou menos entre 2002-2003 até 2016-2017 eu me reconheço, e agora ouvindo vocês, eu me reconheço bastante assim. Talvez querendo fazer outra coisa, mas embretado e tendo que fazer

coisas que, talvez, não me satisfizessem mais naquele momento. Mas mais que uma satisfação pessoal era aquela coisa que a gente traz d'antanhos, de outros tempos. Que era um pouco essa ideia de 'eu me reconheço aqui', aquilo que eu disse no encontro passado, tendo lido Paulo Freire já em 1974-1975 com o padre Cláudio e ali mudando a minha vida completamente, me deixando inquieto e revoltado, não raro, por conta por exemplo da dedicatória que ele (Freire) faz aos trabalhadores, lembram lá na Pedagogia do Oprimido. Só para dizer, em um primeiro momento isto a partir de 2017 eu me encontrei muito na desesperança para encontrar a esperança. Eu confesso que eu fiquei muito decepcionado com tudo, a grosso modo, a pergunta que eu me fazia era: o que a gente fez para chegarmos nisso em 2018 (referindo-se ao golpe de destituição da presidenta Dilma e ascensão do presidente atual nas eleições seguintes). Não é isto? Ou algo parecido a isto? O que a gente acabou fazendo, sem buscar culpados, e aí eu me colocava no meio, as minhas omissões, a minha muito mais presença na pós-graduação e tirando o pé da extensão por exemplo. Então um bocado disso... Então, eu considero que essa tua (Melissa) pesquisa, esse teu convite, me renovou desde o ano passado por conta dessa ideia de que lá onde há desesperança, parece que está a esperança. Quer dizer, aí está a possibilidade de a gente, enfim, continuar lutando, continuar fazendo algo para que esse mundo seja, como vocês disseram, menos difícil de ser feliz, menos difícil de amar. E eu hoje estou muito mais preocupado, ou melhor, estou muito preocupado, com resolver as coisas imediatas. Como, por exemplo, como se cria uma carpa (risos). E eu ando assustadíssimo com a fome; ontem mesmo eu ainda fui reler algumas coisas que escrevemos a partir de Milton Santos, José de Castro e Paulo Freire em relação à fome, à geografia da fome. Porque vocês, com certeza, devem estar experienciando isso cotidianamente, quer dizer, que mundo é esse e o que estas três figuras dentre tantas outras nos ensinam em relação a este tempo de fome. E não é aquela fome que a gente deixa só de comer, espontaneamente, é aquela fome que bate sem pedir licença. E eu estava pensando, o terceiro ponto, por estes dias, é sobre o que a Melissa está fazendo conosco e o que nós estamos fazendo com ela e o que juntos estamos construindo. E eu me lembrei de Henri Lefebvre, José de Souza Martins, aqui através do Nilton Fischer, e Paulo Freire em que a gente fala da revolucionaridade deles; mas que eles são revolucionários justamente quando se juntam. Então, para os processos de pesquisa que estamos empreendendo, este é um elemento que pode estar ajudando, não estou dizendo que seja a única máxima. Porque a fala do Felipe foi uma aula, um conjunto de ideias super conectadas, não estou bajulando... assim como a fala do Baldô, essa última que ele se atravessou na minha frente (risos). O momento que a gente traz a palavra do outro para o meu texto, tu acolhes o outro; e aqui tu tens que fazer aquele exercício difícil que é efetivamente quando alguém fala, quando alguém está colocando aquilo que sente e pensa. Efetivamente escutar essa pessoa. E fazer aquilo que Freire vai chamar de diálogo. Olhando também para o conhecimento organizado da humanidade, por isso nós trazemos tantos autores aqui hoje e a vida inteira na academia. Sempre a gente traz autores, e Baldô, isso aí aprendi contigo, muito contigo e com o grupo aqui, que eles não vêm para abençoar o que a gente está dizendo, mas

eles vem para ajudar a gente a pensar, para repensar, recriar o que a gente está pensando. Um pouco do que a gente colocou no encontro passado. (Gomercindo, 3º Círculo).

A desesperança (FREIRE, 2017) que veio junto da pandemia confirmou que a tempos o mundo não é mais Pangeia, no sentido que as separações são rotineiras, as fronteiras são abismais e as distâncias cada vez mais longas e, assim, divididos nos tornamos menos. Menos expostos, menos amigos, menos de mãos dadas, menos companheiros, menos pertencentes a um lugar, menos irmãos como humanos. E a partir daí, com a invasão nefasta de um vírus mortal e global, nos deparamos com nossas fragilidades como pessoas no mundo. Os países periféricos se tornaram ainda mais excluídos, as economias pobres mais carentes ainda, e os povos que passavam fome hoje são as gentes que tem ânsia do pão, da vida e da dignidade que lhes foi roubada. Assim, se até ontem a globalização da economia neoliberal vendia sonhos que nunca seriam entregues, hoje participam da mais rentável mercadoria, a vacina. Vacina que ratifica a extraordinária necessidade e potência da pesquisa para a viabilidade da vida planetária, a favor das pessoas, da natureza, do cosmos inteiro.

Outra perspectiva que a pandemia viabilizou foi o comércio da educação à distância, como bem a ser consumido, assim como um lanche de beira de estrada, que há dias está ali esperando seu consumidor descer de um ônibus pinga-pinga lotado. Sim, a educação em um balcão de negócios: “quem vai querer, só hoje, vende-se o Ensino Médio em troca de menos vagas na Universidade”, educação básica e universitária precarizadas pela banalização do conhecimento em detrimento da mera informação, levando o nosso país à falência institucional. E assim se banaliza a vida, se relativiza o valor da pessoa pela sua cor, classe social, pela ascensão aos bens de consumo. Objetificando toda e qualquer forma de ser.

- É na Pedagogia da Indignação que traz a história do assassinato do índio pataxó, aquilo de brincar de matar gente, lembrei disso agora. (Humberto, 4º Círculo).

- O professor Humberto e o professor Gomercindo haviam trazido a reflexão do livro Pedagogia da Indignação (mostro o livro), e, então, a terceira carta traz a perspectiva do assassinato do índio pataxó José Gaudino dos Santos, vou ler: “que coisa estranha brincar de matar índio, de matar gente, fico a pensar aqui mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável destes moços desgenticando-se no ambiente em que descreceram, em lugar de crescer”, Paulo Freire (2014). (Melissa, 4º Círculo).

- *Continuam matando, matando, matando ao invés de salvar, e aí o Felipe falando de ditadura. Ditadura da ignorância, da prepotência, ignorância anticientífica. Não se aproveita a ciência, não se aproveita a solidariedade humana em que há projetos imensos acontecendo pelo Brasil. Continua-se matando (emocionado)... vamos falar de vida e de luta pela vida. (Balduino, 4º Círculo).*

- *Balduino, a pouco na minha fala eu lembrava lá nas nossas conversas dentro da UFRGS. Balduino sempre dizia que tudo que ele não queria era ficar criando 'igrejinhas' de Paulo Freire, por aí a fora. Eu mencionei isto e também uma lembrança de que por essa lógica de uma 'Pedagogia da Indignação', que todos nós acabamos caminhando um pouco neste sentido. Nos rebelando e tínhamos força para isso, e de alguma forma não 'igrejinha', mas congregação. Há uma convergência de pensamento, de modos de ler e interpretar e apresentar a vida e as pessoas. Nós vivemos uma grande congregação de ideias, de pensamento, de respeito e compreensão da vida, da humanidade. Então, nesse sentido, não religioso, ou talvez até mais religioso que a própria religião. Eu me vejo sempre em uma congregação e acho que essa congregação, lá no nosso primeiro encontro, se não me engano, de que essa congregação de amizades, de amigos é o que me dá suporte. A amizade nesse sentido, a congregação na perspectiva de uma solidariedade, de uma amizade é extremamente importante para a minha vida. Sempre foi e continuará sendo, assim espero. Não sei se tu queres falar Baldô. (Felipe, 4º Círculo).*

- *O que o Felipe colocou me desafiou com emoção. Em primeiro lugar a expressão que tu usaste 'congregação', de com-gregar. Eu me alegro que o próximo Fórum Paulo Freire seja na Unisc, que já foi uma vez. Que coisa boa, e lá estaremos de novo, com-gregados. Eu me lembrei de minha tese de doutorado de dois grandes nomes Emmanuel Mounier e Paulo Freire. Emmanuel Mounier, criador da revista Spirit e criando grupos que ele dizia que começassem os grupos, antes de tudo, de amizades atuantes, e que aos poucos se transformem em projetos de pesquisa. Não começando pelo intelectual, pesquisadores e pesquisadoras, a estrutura, a metodologia, não! Primeiro nos unirmos. E eu me alegro em perceber que há um movimento, sobretudo, uma congregação, não no sentido religioso, mas uma congregação com ou sem religião de amizades, de afetividades atuantes. Agora eu olhando para a Melissa, quantas lideranças autênticas de representação feminina, quantas lideranças surgiram no Fórum Paulo Freire. Uma legião de lideranças marcadas pela solidariedade, pela afetividade, pela fraternidade, mulheres e homens. Não com a intenção de se impor ou de se afirmar. Se o nosso Fórum terminar algum dia é porque ele irá para outras coisas. O que a Melissa nos congrega, vários de nós também ligados ao Fórum... é um sinal... círculos... Celso vocês criaram um Círculo pedagógico, cultural de fraternidade imenso. Eu me alegro e participo, minha alegria, depois falo mais. (Balduino, 4º Círculo).*

- *O Felipe, o Gomercindo, o Humberto trouxeram temáticas muito fortes e potentes que nos congregam, que são as nossas histórias de vida. Um pouco dizendo nas nossas narrativas de genteidades que vem se constituindo entre ditaduras, podas do destino, não taxativo*

de destinos sendo construídos. Caminhos de sonhos e utopias sendo construídos, mas também de democracias que nos acalentavam e nos animavam e até chegamos a sentir um certo gostinho, por certo tempo em nosso país. E só vai ser possível a gente continuar se pudermos continuar vivendo realmente em uma democracia explícita ainda que insipiente. Pelo menos continuarmos com um esperançar, porque, às vezes, eu me vejo de cabeça baixa, mas são esses encontros, esses grupos, essas amizades, essas congregações, como o Felipe trouxe, que nos dão forças para seguirmos resistindo. Vocês leram o projeto que passou pela qualificação, eu vejo que a pesquisa da Melissa tenta nos chamar para algumas dimensões que a gente foi cultivando. A questão da mística, a questão da rigorosidade, da afetividade, da nossa genteidade como o Felipe falou, de professores formadores de outros professores, ou com outros professores, melhor. O que tem nos mobilizado nesta história que, muitas vezes, nos desgenticou, mas também, em muitos outros momentos foi conseguindo deixar em nós que construíssemos perspectivas mais humanas. Mais comprometidas pedagógico-político-epistemologicamente na Universidade, nos movimentos sociais, acho que sim. O recordar, como diz Marie Christine Josso, é re-significar, é fazer re-viver. E a Melissa falava no nosso grupo quando preparávamos o Círculo do Fórum que ocorreu agora dia 20, 21 e 22 de maio, que resistir é reinventar o existir, é voltar a existir. É como buscar lá no fundo aquilo que ainda nos mantém vivos, mesmo que algumas folhinhas já estejam murchas. Então, nesse sentido, esta pesquisa que não é da Melissa, que é do Felipe, do Humberto, do Gomercindo, do Baldô e, também, um pouco minha. E que nessas coautorias a gente possa re-encontrar resistências no esperançar de uma sociedade que seja mais humana, mais democrática. Que seja mais possível o congregar com mais gente, que seja possível educar-se, (Gadamer aqui) com mais humanidade. Na mesma perspectiva que educarmos e educarmos com outras gentes que prospectam realizar-se como gente, profissionais, professoras e professores. É o que tem nos mantido mobilizados na Universidade principalmente no trabalho com formação ou na nossa perspectiva dos diálogos com coauto(trans)formações que se colocam em processos nas academias e nos cursos de licenciatura. (Celso, 4º Círculo).

- Celso! A humildade é uma virtude, mas se tu falas do Felipe, do Gomercindo, do Humberto, da Melissa e de mim e “um pouquinho também eu”, não! Assume. Não é soberba, mas muito o que vocês estão realizando em Santa Maria, e com irradiação em vários outros municípios, cidades. Eu queria dizer que eu estou ligado a 4 ou 5 promoções do Centenário de Paulo Freire, entre livros e eventos. E eu vejo são dezenas, no mundo inteiro, de movimentos e não são repetecos de Paulo Freire; são comemorações, celebrações da re-invenção de Paulo Freire mundo à fora. (Balduino, 4º Círculo).

Os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos desta tese-formação puderam vivenciar nas falas dos professores coauto(trans)formadores esta perspectiva de que não sairemos imunes desta pandemia e que uma nova consciência planetária é urgente, **Nona Dimensão**, o diálogo entre todos os entes

planetários se faz importantíssimo. A com-gregação planetária. Dela teremos que retirar a melhor lição: a da humanização no mundo, na natureza, na ciência, na escola, na universidade, no diálogo, nesta tese. Porque a desumanização já estamos vivenciando em um contínuo de “agoras” que nunca parece ter fim. Talvez por isso não possamos esquecer que as distâncias entre os que têm poder e mandam sobre os que trabalham e movem a sociedade estão, nestes tempos, ainda mais acentuadas. Com esse sentimento de indignação, angústia, tristeza, assombro, mas também no sentido de encontrar caminhos, é que os diálogos se fizeram cada vez mais em fraternuras.

- O Humberto traz isso da solidariedade encarnada, que seja autêntica. Lembrando da dedicatória na Pedagogia do Oprimido, aos esfarrapados do mundo que com eles sofrem e com eles lutam. E eu, quando eu saí da toca, essas frases me atucanavam, que me tiravam do conforto do mero discurso. É um chamado para que isso seja encarnado, essa solidariedade. (Gomercindo, 5º Círculo).

- Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido vai dizer que o diálogo se dá pela fé aos homens. O diálogo como experiência do viver, não há diálogo verdadeiro sem amor ao mundo e aos homens. E fala da fé e da amorosidade, e eu vejo isso em mim; nesta perspectiva a solidariedade que está fundada neste diálogo verdadeiro, que requer confiança que exige esse esperar diário da gente. E que nos ajuda a viver melhor os nossos dias, então a solidariedade como um compromisso, viver a solidariedade. (Felipe, 5º Círculo).

- A autenticidade do diálogo, enraizar a dimensão da solidariedade. As palavras que chamam diferentemente da manipulação, da invasão cultural, da conquista e invasão do povo, à colaboração, à união, à organização e à síntese cultural, além da fé da humildade, as lindezas que ele (Paulo Freire) vai aprontando e apontando. (Gomercindo, 5º Círculo).

- Paulo Freire não quer só fazer a denúncia, mas o anúncio. Quantos (autores) só denunciam, não há o esperar. Se não há anúncios não há esperança, quem só faz denúncias não consegue ver além. Mas é difícil mesmo, hoje, no quadro político deste país. (Felipe, 5º Círculo).

- Eu acho que a contribuição, uma riqueza de ideias, de experiências e de testemunhos que todos estão vivendo várias formas de solidariedade. Eu não sou mais docente, sou decente (risos), sou discente; não previ esse jogo de palavras. De qualquer modo eu vejo, sobretudo em vocês, essa nossa experiência de sermos solidários na docência, na fraternidade que é profunda, que é de vários anos. Paulo Freire em Pedagogia da Autonomia ele dedica sete ou oito páginas e vai dizer que ‘ensinar é saber escutar’. (Balduino, 5º Círculo).

Com os coautores, nos unimos a Paulo Freire que nos ilumina pela perspectiva da denúncia e do anúncio para que possamos ser transformadores, proféticos e esperançosos. “Somente podem ser proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente num processo radical de transformação do mundo, para que os homens possam ser mais” (1979b, p. 16).

O compromisso em que professores coauto(trans)formadores se unem em círculo para a partilha é, pois” um ato de amor que é o próprio diálogo” (FREIRE, 1997, p. 43). Que exige humildade, fé e compromisso com o humano na sua potência criadora e re-criadora na perspectiva da busca pelos inéditos-viáveis (FREIRE, 2017).

Os anúncios no esperar em que a solidariedade nos re-une como entes cósmicos que denunciam as dores do mundo e também anunciam, pelo humano, a congregação de gentes que buscam o compromisso encarnado de ver o mundo um lugar mais fraterno, para todas as forças vivas do mundo.

5.10 DIMENSÃO DO *ULTIMEIRO*: TESTEMUNHA DO DEVIR E DO ESPERANÇAR

Todo o momento é último, porque é único.

Marguerite Yourcenar

A ideia do “último sempre marca uma posição” (NETTO, 2009, p. 250) espaço-temporal em que estabelece o paradoxo de que o último pode ser a sobra, a desvantagem, mas também pode ser a perspectiva de construir novos inéditos-viáveis, novas possibilidades pelo movimento que o último instaura. Márcia Costa Netto (2009) vai aprofundar o conceito de último em uma, também, perspectiva que vai até os ensinamentos bíblicos em que “os últimos serão os primeiros”. Na referência de que os povos marginalizados, escravizados e famintos, sendo os últimos na ordem social, haverão de ser os primeiros na sua condição eterna. Ou, ainda, trazer à reflexão que o último instaura perspectiva de rememorar a vida, como o último exemplar de uma espécie da natureza, o último sobrevivente, o último homem a ser morto no holocausto, marcando a boa nova dos sobreviventes; são todas memórias de histórias inteiras que residem neste último. O último que também é primeiro, o *ultimeiro*. O último, então, é testemunha de histórias que talvez nunca devessem existir, outras vezes de vivências que jamais se repetirão, mas constituem

a inteireza de cada ser. Inspirada por essa autora em seu constructo intitulado “último”, na obra *Abecedário de criação filosófica* (2009), é que me aflora o sentir-pensar-agir nesta perspectiva angustiante, imprevisível, bonita e profunda.

- Um pensamento apenas que eu trago como síntese de toda a minha experiência com vocês; eu digo, Melissa, nós não estamos te ajudando, ajudando o teu orientador e tua coorientadora, orientando a tese. Tu nos estás trazendo para novas dimensões as quais tu, e uma nova geração, estás chegando ou chegaste. O que tu estás elaborando da utopia, da mística e voltas a uma porção de experiências nesta linha, inclusive nas comunidades de base. E eu, então, sinto que para mim tu e vocês estão sendo, eu não estou inventando, uma escola. Quando eu digo que meus ex-orientandos de doutorado estão levantando vôos e caminhadas muito mais longe que a minha, eu digo que eu estou ganhando. Porque eles podem ir mais longe. Encontros como esse se transformam em uma escola, onde nós nos re-encontramos e avançamos. E hoje, como se contemplava a apresentação de outros autores, eu posso apresentar um? Humberto Maturana que faleceu a poucos dias atrás. O livro dele “El sentido de lo humano”, vou ler um poema. (Balduino, 4º Círculo).

Balduino se reconhece inacabado, sempre encontrando uma forma de iniciar algo novo, desvelando os passos dos seus, coloca-se como re-ad-mirador que age em comunhão em um constante fazer e refazer, criar e re-criar, os últimos, os primeiros em uma ciranda nunca estanque.

A perspectiva que não tem fim, mas pausas e recomeços, nos modos de ser e estar no mundo, no esperar, nos sonhos, nas fraternuras e nas utopias.

- Celso, eu vou reiterar o que eu tenho dito ao longo de todos os encontros: que alegria, Melissa. Eu te vejo uma intelectual com sabedoria e beleza carregada de humanismo. Estou muito agradecido por essa caminhada que me proporcionou o reencontro. Melissa tem uma ideia bem feita, como diria Morin, cheia de afeto, cabeça poética, razão lúcida. Agradecer e te parabenizar, você é uma grande educadora, muito freireana. Estamos à beira do abismo, e você está nos ajudando a reinventar o humano. Tanta violência, tanto ódio, tanta insensatez. A tua tese-formação é viva e vai fazer a gente repensar a nossa vida. (Humberto, 7º Círculo).

- Impacta, né. O teu poder poético, eu fui criado para segurar muito as emoções, todos nós. Sem vitimização, e a fome é uma delas. Então te escutar... eu quero te avaliar (risos). É impressionante o poder de elaboração no aspecto acadêmico aqui, que não é ensaiado. Quisera nós os titulares. É um poder de elaboração da própria vida, partindo disso ali onde a vida acontece ali com os pés no chão. Estás aprovada com louvor. Algo impressionante aconteceu comigo. Desde o começo deste trabalho, desde março, como tudo isso fez bem a mim. Vocês lembram que eu desapareci do último

Fórum. E agora revigorei... estou lendo, até de bancas estou participando (risos). É impressionante como foi possível eu me recolocar na vida, por muitos fatores, mas, em especial, em algum momento aos 66 anos, quanto isso me fez bem e está me ajudando. Essas coisas que tu foste falando, eu anotei tudo, três páginas aqui. Quantos temas relacionados com a vida, tu vais conectando situações de quem vive isso. Esse poder de pensar o mundo e a humanidade, humanização, teu texto tem esse poder de refazer a trajetória humana. E quando tu nos colocas com Balduino, sem negar as nossas fragilidades, no sentido de recomeçar sempre. E a grande palavra que é a gratidão mesmo, que é o que a gente sente. Eu tenho que agradecer muito, esse grupo... que pena que Balduino não conseguiu entrar. Que coisa esse brigar com o mundo, ou como tu disseste, querer bem ao mundo. E, ainda, aqueles que estão à margem não por opção. Então, tu estás aprovada com esse poder de elaboração fantástica, fluência, falando do mundo tecendo elaborações desta pessoa humana que tu és, incansável. (Gomercindo, 7º Círculo).

- Agradecer a essa re-união, assim como nas palavras do Gomercindo, eu venho me re-inventando. Desde o momento que o Celso me perguntava “não recebeste a carta da Melissa?” e eu pensava em um e-mail. Vocês conseguiram fazer uma coisa que ultrapassa e muito, eu tive oportunidade de ler as ideias da Melissa. Tudo muito dentro de uma elaboração densa e bonita, articulada; para além da beleza da tese, vocês conseguiram fazer um pouco isso que os poetas fazem que é mexer com a gente, levar a gente a se manifestar, a re-ligar consigo mesmo. A convivência em que, talvez, a convivência esteja com saudade de conviver. Justa e merecida pelo encontro mais presencial. Nesse momento teve essa importância, essa dimensão. Os nossos encontros, eu já disse, são uma aprendizagem muito grande estar com vocês, eu sofro desta carência, não tenho receio em dizer: eu preciso das amizades. Essa tua temática tem sido muito presente nestes tempos estranhos que vivemos, e avaliar o que viemos chamando do ser docente. Revisitamos muito essa concepção de docência, não é fácil fazer isso. Eu penso a boa docência não como ação de uma pessoa, mas de um grupo. A gente aqui fez uma boa docência, este aspecto na fala dos colegas. A maneira como vocês nos provocaram, e o tempo que eu dedico aqui é com alegria, muita satisfação. Quando a gente fala de gratidão, quando Paulo Freire conversa comigo. A docência é essa essência da interação e é sempre diálogo, nessa dimensão da linguagem pela ideia de conversa. Deixo aqui meu agradecimento a ti Melissa, ao Celso, aos colegas e a Balduino pelo carinho que a gente sente. Continua sendo um prazer, gostamos de estar aqui. (risos) Vamos rir, não vamos ficar tristes. (Felipe, 7º Círculo).

- Eu amo vocês (emocionado). (Celso, 7º Círculo).

- Antes de eu ir, eu também quero dizer que amo vocês, não vou deixar o Celso sozinho (risos). (Felipe, 7º Círculo).

- Não chora Celso (risos). (Melissa, 7º Círculo).

- Vamos escrever a Pedagogia do Abraço. (Gomercindo, 7º Círculo).

- *Nunca vou conseguir encontrar uma palavra, sequer uma, para agradecer tamanha generosidade, compromisso, presenças presentes em todas as manifestações que comungamos nestes tempos. Vou tentar inventar uma palavra, quando eu a encontrar eu vou dizer a vocês. Por hora, obrigada, obrigada, obrigada. (Melissa, 7º Círculo).*

- *Um beijo, beijos abraços (todos nós).*

Se todo o momento é o último podemos entender que todo o novo momento é também o primeiro, assim podemos interpretar que a condição que, a princípio, estabeleceria fim ou ruptura é, na verdade, também início e possibilidade. Se lá nos idos dos anos 2000-2002 os coautores se reuniram em orientação com Balduino pela última vez, ali estabeleceram novos inícios, e eu quando fui a última orientanda, ali também, marcaria novos recomeços. O que estabelece o *último* é justamente a marca, o afeto, o comprometimento, a ânsia de estar junto, o pertencimento a uma luta que vemos comungada na pessoa do orientador, na pessoa do(a) orientando(a), na pessoa do diretor da faculdade de educação, na pessoa do professor Doutor de uma universidade, mas não só. É também, na pessoa do amigo que ri e assa um galeto, que mostra uma leitura para o colega cuja pesquisa se entrelaça naquela perspectiva, na escrita compartilhada, no pedido de oração para uma provação que a vida impõe. Quer dizer, o *último* é tudo isso e pode ser nada, porque amigos podem ser tudo e também podem não ser; o fato de se unirem em amizade expande as perspectivas a ponto de não caber mais em explicações.

Aqueles mais integralmente a (experiência) realizam vão atraindo outros à sua roda, despertam os que dormem, e assim, de apelo em apelo, a humanidade vai-se libertando do pesado sono em que vegetava e que ainda a amortece. Quem se recusa a escutar esse apelo e a comprometer-se na experiência de uma vida pessoal, perde o seu sentido como se perde a sensibilidade de um órgão que já não funciona (MOUNIER, 2004, p. 16).

A **última Dimensão, a Décima**, do *Constructurário* dialogado desta tese-formação desvela esse ímpeto, a característica de ser séria e alegre. De ser experiência de comprometimento. De ser órgão vivo, ativo e pulsante. De ser denúncia e anúncio. De ser última e primeira. De ser uma investigação em que nos re-unimos em uma congregação, em diálogos constituintes docentes-afetivos-profissionais-humanos de pessoas que nunca se esqueceram, tampouco deixaram a vida separá-las. E o sentido é sempre de abrir trilhas, criar possibilidades não ensimesmadas e cheias de si, mas comungadas, congregadas para novos inícios e

novas formas de fazer caminho. Este é, pois, lugar de reconhecimento, “uma realidade que está em movimento, que é um devir que se apresenta em transformação permanente” (FREIRE; FAUNDEZ, 1985, p. 34).

Ao chegar à perspectiva de findar as reflexões, não poderia me furtar de uma delas que apareceu em todos os Círculos, com ênfase ao sétimo, que foi o chamamento do grupo para a minha pessoa, não como uma escrevente de suas histórias. Mas, antes, todos os coautores não só me convidaram ao diálogo, mas deixaram-se afetar pelas propositivas “entre meu discurso, minha ação e a utopia que me move” (FREIRE, 2014, p. 14). Com isso, mesmo sendo eu a pesquisadora-coordenadora, de nenhum modo fui considerada a observadora, a intrusa ou alguém que consome aquele “produto” narrativo. O espírito desta tese-formação se filia ao espírito humano destas pessoas que conviveram-convivemos nos seis meses de com-gregação afetivo-epistemológica.

Sendo assim, podemos afirmar que as dez dimensões vivenciadas nesta pesquisa, que é viva, que tem sabor, que tem aroma, que tem abraço, são perspectivas que ansiavam serem ditas. São dimensões que habitam a mente e o coração de pessoas que se querem bem, querem bem ao mundo e às gentes e juntos buscam como *ethos* do cuidado ser mais e mais humanos.

6 RETICÊNCIAS... BORBOLETRAS...

O Bicho

Vi ontem um bicho na imundície do pátio
 catando comida entre os detritos.
 Quando achava alguma coisa,
 não examinava nem cheirava:
 engolia com voracidade.
 O bicho não era um cão,
 não era um gato,
 não era um rato.
 O bicho, meu Deus, era um homem.

Manuel Bandeira

 Pois é: a Mariana também está saindo do casulo.
 A cada dia que passa vejo suas asas crescerem:
 novos desenhos, novas cores, vôos cada vez mais distantes.
 Está se transformando em borboleta.
 Não!
 BorboLETRA.
 Ela aprendeu a falar, e as palavras lhe deram asas.

Rubem Alves

Sempre gostei das reticências, é dos sinais de pontuação aquela que segue, que faz caminhar, cuja possibilidade se faz presente. Sendo esta uma tese-formação o ponto, que seria o final, é sempre temporário, necessitando de amigos que, neste caso, só as reticências podem emprestar seu signo. O mesmo sentimento me passa com o poema de Manuel Bandeira (1947), *O Bicho*, uma vez que o fim da imundície não pode ser o homem. É necessário o espanto, meu Deus, é necessário que ainda saibamos que aquele homem em construção-formação, dito por Vinícius de Moraes na primeira epígrafe destes escritos, viva. Na denúncia do humano reduzido a um bicho proclamamos o anúncio *borboletra*, em que nossas palavras nos conduzem a vôos únicos, originais, pertencentes, humanizadores.

Dessa forma, podemos interpretar que ao experienciar o comprometimento fraterno, amoroso e engajado político-epistemologicamente os professores coauto(trans)formadores também manifestam uma dimensão místico-espiritualentrelaçadas à práxis da humana docência freireana. Assim, a utopia, a humanização e o reconhecimento do inacabamento do humano faz da coauto(trans)formação um comungar que propõe a transformação pela e na

educação, este é o lugar em que os professores coauto(trans)formadores, também, se reconhecem.

Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico (FREIRE, 1979b, p. 16).

Bem como a mística e a coauto(trans)formação constituem-se em processos dialógico-reflexivos, rigorosos e amorosos com a proposta político-pedagógica de Paulo Freire. As práxis educativas da humana docência também se manifestaram nos diálogos auto(trans)formativos, auto(trans)formadores sobre as histórias e memórias de professores-formadores, como modo de cultivo de uma mística e utopia geradoras de sensibilidades e saberes como comprometimento com as pessoas e o mundo possíveis de transformação.

Portanto, a presença e o cultivo de uma mística e o reconhecimento do *quase* que somos na processualidade da auto(trans)formação permanente são componentes importantes para a utopia da proposta político-pedagógica da humana docência de Paulo Freire com professores formadores, coauto(trans)formadores. O resgate dialógico das suas histórias e memórias de vida re-significam o entrelaçamento entre as sensibilidades, os saberes, os constructos político-epistemológicos para uma práxis educativa e social como comprometimento e luta por uma outra educação, por uma outra humanidade que parte de nós e de tantos outros.

Sair de nós próprios. A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponível aos outros. Só liberta o mundo e os homens aquele que primeiramente se libertou a si próprio (MOUNIER, 2004, p. 47).

Emmanuel Mounier nos convida a sermos disponíveis ao outro no sentido de que para libertar o mundo precisamos que nos libertemos primeiro.

Então, quando vemos que milhões de pessoas no mundo ainda catam detritos de comida, de saúde, de educação; quando ainda são vistas como cães, gatos ou ratos por um sistema que as jogam dia a dia “na imundície do pátio”, ou como diria Carolina Maria de Jesus no “quarto de despejo” da sociedade, não podemos considerar essas situações infortúnios divinos e cuja sorte lhes falta.

Estou convencido de que as dificuldades [...] diminuiriam se a escola levasse em consideração a cultura dos oprimidos, sua linguagem, sua forma eficiente de fazer contas, seu saber fragmentário do mundo de onde afinal

transitam até o saber mais sistematizado, que cabe à escola trabalhar. Obviamente, esta não é a tarefa a ser cumprida pela escola de classe dominante, mas tarefa para ser realizada na escola de classe dominante, entre nós, agora, por educadores e educadoras progressistas, que vivem a coerência entre seu discurso e sua prática (FREIRE, 1994, p. 35).

Justamente a coerência entre o discurso e a prática é que nos convoca a práxis de uma humana docência comprometida com um mundo menos feio, menos injusto, menos manipulado. E Eduardo Galeano se junta nesta aclamação e duramente poetiza: Los nadies (1940)⁶⁰

*Sueñan las pulgas con comprarse un perro
y sueñan los nadies con salir de pobres,
que algún mágico día llueva de prontola buena suerte,
que llueva a cántaros la buena suerte;
pero la buena suerte no llueve ayer, ni hoy, ni mañana, ni nunca,
ni en lloviznita cae del cielo la buena suerte,
por mucho que los nadies la llamen y aunque les pique la mano izquierda,
o se levanten con el pie derecho,
o empiecen el año cambiando de escoba.*

*Los nadies: los hijos de nadie, los dueños de nada.
Los nadies: los ningunos, los ninguneados,
corriendo la liebre, muriendo la vida, jodidos, rejodidos:*

*Que no son, aunque sean.
Que no hablan idiomas, sino dialectos.
Que no hacen arte, sino artesanía.
Que no practican cultura, sino folklore.
Que no son seres humanos, sino recursos humanos.
Que no tienen cara, sino brazos.
Que no tienen nombre, sino número.
Que no figuran en la historia universal,
sino en la crónica roja de la prensa local.*

Los nadies, que cuestan menos que la bala que los mata.

⁶⁰ Os Ninguéns: As pulgas sonham em comprar um cão,/e os ninguéns com deixar a pobreza,/que em algum dia mágico de sorte chova a boa sorte a cántaros;/mas a boa sorte não chova ontem, nem hoje,/nem amanhã, nem nunca,/nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte,/por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce,/ou se levanten com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura./Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada. Os ninguéns:/os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, desgraçados e mal pagos:/Que não são embora sejam./Que não falam idiomas, falam dialetos./Que não praticam religiões, praticam superstições./Que não fazem arte, fazem artesanato./Que não são seres humanos, são recursos humanos./Que não tem cultura, têm folclore./Que não têm cara, têm braços./Que não têm nome, têm número./Que não/aparecem na história universal,/aparecem nas páginas policiais da imprensa local./Os ninguéns, que custam menos do que a bala que os mata.

Com essa força que encontramos nos unimos com Paulo Freire e Eduardo Galeano, para que nos congreguemos para, minimamente, rompermos com essa nefasta condição que faz das pessoas os ninguéns que apenas existem nas páginas policiais, nas estatísticas e nos mapas da pobreza.

Não!

Cabe a nós, a mim e a ti que estás lendo estas palavras, transformar porque nos foi possível que a porta, as janelas e jardins, nos fossem abertas/abertos e, assim, pudéssemos falar, nós temos um poder... o poder de usufruir de um lugar de fala. Falar não no lugar deles que isso também é opressão, nosso papel é denunciar que situações funestas existem e que, de alguma forma, não podemos simplesmente olhar de cima como quem olha um aquário com pequenos e indefesos peixinhos esperando por nossas afortunadas migalhas.

Não!

E ainda que nos ofereçam o horizonte, se este horizonte for em nome da dor e da anulação de milhões de pessoas eu sigo dizendo...

Não!

Portanto, sem negar as inúmeras 'imundícies' no nosso pátio planetário queremos ser borboleta, igual aquela que se abrigou na carta, que não nega o casulo, tampouco nega a perspectiva de lagarta que se transforma, mas que tem na borboleta as nuances de sua auto(trans)formação. Nestas palavras carregadas de denúncia florescem o anúncio próprio destes seres com asas, que saem de um casulo e renascem com cores e texturas várias. A convocação para que aprendamos como seres de e na natureza que, também, somos e, a partir disso... avancemos como humanos.

Sim!

Reconhecemos que esta construção-formação é um construir-me-nos, formar-me-nos, auto(trans)formar-me-nos, coauto(trans)formar-me-nos na própria processualidade do ser sendo na corporeidade da TESE-FORMAÇÃO. Assim, ao formar uma possibilidade investigativa eu-nós, também, me-nos formo-formamos nela e com ela. Perspectiva polifônica que nos coloca como seres inacabados que ao fazerem-se, vamos fazendo-nos. Recorro às analogias, por que com elas os

poetas dizem mais do que a denotação, pois, as pessoas desta jornada investigativa foram-fomos borboletas, casulo, gente.

Sim!

A metamorfose parece ser uma metáfora muito profunda da processualidade da auto(trans)formação, não podemos interferir no casulo com nossas mãos humanas e antecipar a processualidade do nosso tornar-se, o que podemos é sermos conscientes do e no processo; daí nosso avanço em relação às borboletas. Ao *borboletar-me* doutoralmente significa que me posso re-inventar em transformação, com a minha formação inicial em letras eu me constituo em constante alfabetização nas outras letras que me inserem como ser no mundo. Letras que ecoam naminha-nossa voz, na minha-nossa caminhada, na minha-nossa inteireza. Assim, posso afirmar que minha auto(trans)formação só se faz possível em comunhão, e que nesta constituição doutoral a coauto(trans)formação é o caminho de se entender como sermos nós, com-gregados em um coletivo em marcha que quer bem ao mundo, às pessoas e que tem na educação o meio para uma práxis humanizadora.

Dessa forma, estendo minhas mãos aos coautores desta investigação, estendo minhas mãos ao professor Celso e à professora Dóris, estendo minhas mãos ao professor Balduino e estendo minhas mãos aos autores que me convocaram a segurar firme em suas também, para vivenciarmos círculos de utopias, fraternuras e potências transformadoras. E com Freire nos filiamos, conscientes, na denúncia e no anúncio em que nos assumimos em coauto(trans)formação:

A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos (FREIRE, 1979b, p. 16).

Ao pretender uma pesquisa que se fecunda em como os professores coauto(trans)formadores se reconhecem fraternos na utopia e na mística como potências de sua auto(trans)formação permanente nas práxis de uma humana docência freireana, mobilizam-se comprometermos de e em transformação para uma educação e um mundo mais fraternura. A perspectiva que se instaura para uma investigação futura está justamente na fraternidade-solidariedade que se constitui no horizonte do conhecimento da transcendência do ser cósmico, que emana desta

tese como ânsia, como busca arqueológica de saber e ser humanizado, também, na teologia da libertação.

Portanto, a voz de Josso (2004) ecoa: “ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um” (p. 58). Assim, essa construção-coauto(trans)formação não se dá fora de mim, mas em mim, não se dá fora de nós, mas em nós. Então, a exemplo do Teatro do Oprimido, pretendemos refletir acerca do que significa humanizar a humanidade pela educação, o que vale lembrar:

Se fosse verdade que todos têm razão. E que todas as razões se equivalem, seria melhor que o mundo ficasse do jeito que está. Nós, do Teatro do Oprimido, ao contrário, queremos transformá-lo, queremos que mude sempre a direção a uma sociedade sem opressão. É isto que significa humanizar a humanidade: queremos que o “homem deixe de ser o lobo do homem”, como dizia um poeta (BOAL, 2019, p. 20).

Portanto podemos afirmar que o nosso *Constructurário* Dialogado, que se fez em dez dimensões, são densidades vividas por pessoas, personificadas, que humanamente se dizem em comunhão pelo diálogo. Humanizando práxis, humanizamos o mundo.

Com isso, ao pensar uma sociedade que prioriza humanizar a humanidade lembremo-nos da palavra, do anúncio, do dizer, da escuta e assim unir nossas vozes:

Augusto Boal vai dizer que o teatro tradicional separa os atores entre aqueles que têm permissão para falar e agir e os que ficam confinados ao mutismo e à escuridão. Por isso propõe o teatro do oprimido.

Balduíno Antonio Andreola nos presenteia com a ideia de que a palavra é possibilidade de fraternidade global e que as amigadas atuantes são as fontes da água da vida, vida em abundância.

Paulo Freire e Ernani Maria Fiori refletirão que a palavra é silenciada e que ao calá-las a opressão se impõe, daí que aprender a dizer a sua/nossa palavra é libertação e humanização.

Humberto Calloni amorosamente filosofa sobre reconhecer a bondade como condição primeira da pessoa, somos verdadeiramente bons e por sermos bons, apesar de nossas circunstâncias, somos responsáveis para que a bondade humana não nos torne manipulável.

Carolina Maria de Jesus nos faz pensar que a voz negra não é sonora em uma sociedade que a despeja dia a dia. *Quarto de Despejo* configura-se como um grito de existência e sede de liberdade.

Franz Fanon nos diz que todos têm voz mesmo que calados por forças vorazes, mas um dia os condenados da terra arrancarão as máscaras brancas pastosas⁶¹ para libertar suas bocas com palavras genuinamente autorais.

Gomercindo Ghiggi tece a complexa trama da memória como possibilidade re-significante e re-significada na luta por um mundo verdadeiramente mais justo, em um caminhar para si carregado de sentido.

Leonardo Boff nos brinda em dizer que o universo consiste na voz de Gaia, a grande mãe terra, cujas fraternuras depende de cada um de nós.

Acosta vai nos desacomodar ao trazer a baila quantas vozes nativas foram tratadas como meros grunhidos pelo branco opressor. O bem viver consiste na convivência amorosa no/com o cosmos.

Celso Ilgo Henz vai nos convidar ao diálogo carregado de memórias, de sonhos e utopias para que o mundo seja um pouquinho mais gente-gentil.

Marie Christine Josso nos lembra que o caminhar para si é um constante diálogo em que nossas vozes interiores compartilham nosso ser com o e no mundo. Caminhar para si é necessariamente caminhar com os outros.

Boaventura de Sousa Santos dirá que o monstro de três cabeças, o patriarcado, o colonialismo e o neoliberalismo calaram forças diversas, pungentes cujas vozes precisam entoar seu canto. Urge ouvirmos as epistemologias do sul e as construções emergentes a partir das organizações e movimentos sociais.

Felipe Gustsack nos levará ao jardim em que um casulo marca a vinda da borboleta, casulo como possibilidades de re-nascimentos, casulo necessário para a poesia da transformação.

Rubem Alves nos faz emocionar quando diz que a escola calou nosso jeito de pensar diferente, tornando-nos “especialistas”, repetidores como ventríloquos. A poesia e a mística tem a magia de dizer o que as palavras repetidamente silenciam.

Carlos Drummond de Andrade poetisa que calamos, no processo de formação, o ser mágico que existia em nós. Educar(se) no ser poético abre horizontes para novas bonitezas.

⁶¹ Jean Paul Sartre no prefácio da obra “Os condenados da terra” (1961).

E, Celso Ilgo Henz, Dóris Pires Vargas Bolzan e Melissa Noal da Silveira se unem em vozes *ubuntu*, uma vez que eu sou... porque nós somos. Caminhando juntos e esperando-nos cada vez mais.

Assim, as vozes, palavras, nesta tese-formação foram não só ouvidas, mas antes poetizadas-sensibilizadas-problematizadas. Vozes, palavras, que se configuram em pé de igualdade, que se faz e refaz nas possibilidades dialógicas em busca do direito inalienável à humanidade de mulheres e homens do mundo...

...em reticentes borboletas...

Sim!⁶²

Posfácio

Que carta, minha gente! Sericamente, eu me impressionei demais. A letra é da Melissa, sim. Mas a carta, com os nomes: Gomercindo, Felipe, Celso, Humberto, Melissa... A carta revela tudo o que estava acontecendo nas sessões dialogadas, que vocês cinco inventaram juntos e realizaram ao longo de oito reuniões online. Confesso. Com a linguagem do coração que me liga muito a vocês. Aquelas sessões, digo muito sinceramente, que são uma invenção única. E me alegro de saber que pretendem continuar. A "Academia", com suas normas, seus protocolos, suas burocracias, não conseguiria imaginar, nem aturar que se discuta uma tese desse jeito. Mas digo mais, o círculo dialógico foi muito mais do que troca de ideias e referências bibliográficas para elaboração de uma tese de qualidade. Foi um reencontro de pessoas cujas distâncias geográficas e, sobretudo, burocráticas teriam isolado definitivamente. Em minha participação eu revivi intelectualmente, afetivamente e espiritualmente os nossos seminários de doutorado. Era academicamente em alto nível, mas com uma marca especial de linguagem afetiva, e de um clima de bom humor que nunca faltou. Não por mérito meu, mas por conquista de todos. (Balduino, 8º Círculo).

⁶² Esta tese-formação interrompe sua escrita para continuar dialogando nas instâncias que ela for convocada, justamente no dia 22 de setembro de 2021, anunciando a primavera do sul. Anunciando a floração, nas cores vivas e perfumadas do compromisso ético-fraterno por uma educação viva, transformadora, com brotos, flores e frutos altamente humanizadores.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, A. **O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo, Autonomia Literária, 2016.
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. Campinas, SP, Papirus, 2000.
- _____. **A alegria de ensinar**. Campinas, SP, Papirus, 2012.
- AMARANTE, A. H. Qualquerquasequando. In: KOHAN, W. O.; XAVIER, I. M. (Orgs.). **Abecedário de criação filosófica**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.
- ANDRADE, C. D. **A Educação do Ser Poético**. Zellacoracao Língua, Literatura e Redação. Disponível em: <https://zellacoracao.wordpress.com/2011/06/03/a-educacao-do-ser-poetico-carlos-drummond-de-andrade/>. Acesso em: 08 jul. 2016.
- ANDRADE, J. M. **Por uma docência institucional: professores(as)-formadores(as) dos cursos de licenciatura do Instituto Federal Farroupilha e seus processos auto(trans)formativos**. 2019. Tese. (Doutorado em Educação)– Universidade Federal de Santa Maria, 2019.
- ANDREOLA, B. A. Prefácio In: **Pedagogia da Indignação**. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- _____. **Emotividade versus razão: por uma Pedagogia do Coração**. 2019. 209 p. Tese (Pós-doutorado em Educação)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- ANDREOLA, B. A.; RIBEIRO, M. B. **Andarilho da esperança: Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas**. São Paulo. Aste, 2005.
- ANDRIOLI, A. L. **Religiosidade e mística no movimento de mulheres agricultoras de Santo Cristo/RS: um processo de constituição de identidades por meio da educação popular**. 2016. 163 p. Tese. (Doutorado em Educação nas Ciências)– Universidade Regional de Ijuí, 2016.
- ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre**. Imagens e auto-imagens. 3. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2001.
- BARRETO, V. **Paulo Freire para Educadores**. 1. ed. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.
- BENINCÁ, E. **O senso comum pedagógico: práxis e resistência**. Tese (Programa de Pós-graduação)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- BETTO, F. **Fidel e a religião**. Conversas com Frei Betto. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BETTO, F.; MENESES, A. B.; JENSEN, T. **Utopia Urgente: escritos em homenagem a Frei Carlos Josaphat nos seus 80 anos**. São Paulo: Educ, 2002.

BHABHA, H. **O lugar da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOAL, A. **Teatro do oprimido e outras poéticas públicas**. São Paulo: Editora 34, 2019.

BOFF, L. **A trindade, a sociedade e a libertação**. São Paulo: Vozes, 1986.

_____. **Saber cuidar: ética do humano – compromisso pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **Está confuso, mas eu sonho**. 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/581266-esta-confuso-mas-eu-sonho>. 2018. Acesso em: 20 set. 2021.

BOLZAN, D. **Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

BRANDÃO, C. R. **Educação popular e Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo. Brasiliense. 2013.

BREITENBACH, I. M. **A competitividade na docência do ensino superior: o trabalho coletivo em utopia?** Tese. (Doutorado em Educação)–Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

CHARDIN, J. T. **O fenômeno humano**. Porto: Livraria Tavares Martins. 1970.

CORDOVÉS, S. A. **Caminantes y caminos que se hacen al andar: trajetórias de professoras/es de ensino médio em Cuba**. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia Social)–Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

DEWEY, J. **Democracia e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DURÁN, M. Futebol de várzea (Potreiro). In: KOHAN, W. O.; XAVIER, I. M. (Orgs.). **Abecedário de criação filosófica**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora. Ed. UFJF. 3ª reimpressão, 1961.

_____. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, S. M. **Comissão pastoral da terra: agroecologia e simbologia político-religiosa no norte de Minas Gerais e no Rio Grande do Sul**. 2005. 291 p. Tese. (Doutorado em Ciência da Religião)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

FERRY, G. **Pedagogía de la formación**. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material didáctico, 2004.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FIORI, E. M. **Metafísica e História**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

_____. **Textos escolhidos: v. II.: Educação e Política**. Porto Alegre. L&PM, 1991.

FIORI, E. M. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011.

_____. Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2017.

FREIRE, L. C. Família. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZIKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FREIRE, N.; OLIVEIRA, W. F. **Pedagogia da Solidariedade**: América latina e educação popular. Indaiatuba, SP. Vila das Letras, 2009.

FREIRE, P. **Cartas a Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979a.

_____. **Conscientização**. Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Centauro, 1979b.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 15. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

_____. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994.

_____. **À sombra dessa mangueira**. São Paulo, SP, Paz e Terra, 1995.

_____. **A Educação na Cidade**. 2. ed. SP: Cortez, 1995b.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997.

_____. **El grito manso**. Buenos Aires. Siglo XXI Editores Argentina, 2008.

_____. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Professora, sim; tia, não. Cartas a quem ousa ensinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2017.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GADAMER, H.-G. A incapacidade para o diálogo. In: ALMEIDA, C. L. S.; FLICKINGER, H.; GADAMER, H. **Hermeneutica filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

_____. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad., Flávio Paulo Meurer. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

GALEANO, E. **As Veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro, Paz E Terra. 2010.

_____. **O livro dos abraços**. Porto Alegre. L&PM, 2019.

GALEFFI, D. A. Riso, risada. In: KOHAN, W. O.; XAVIER, I. M. (Orgs.). **Abecedário de criação filosófica**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

GARCIA, C. M. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Portugal: Porto Editora, 1999.

GARCIA, G. D. Bola de sabão. In: KOHAN, W. O.; XAVIER, I. M. (Orgs.). **Abecedário de criação filosófica**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

GORDON, L. R. Prefácio. In: **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HENZ, C. I. Na escola também se aprende a ser gente. In: HENZ, C. I.; ROSSATO, R. **Educação humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007.

HENZ, C. I.; FREITAS, L. M.; SILVEIRA, M. N. Círculos dialógicos investigativo-formativos: uma metodologia de pesquisa inspirada nos círculos de cultura freireanos. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v. 36, n. 3, p. 835-850, jul./set. 2018.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2011.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo, Ática, 1992.

JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo, Ed. Cortez, 2004.

_____. **Caminhar para si**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

JOSSO, M. C. Processo Autobiográfico do Conhecimento da Identidade Evolutiva Singular-Plural e o Conhecimento da Epistemologia Existencial. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; FRISON, L. M. B.; BARREIRO, C. B. (Orgs.). **A Aventura (Auto)Biográfica – Tomo I**, 458p. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016, p.59-89.

LARRAURI, C. P. Mística cristã e “condição moderna”. In: BETTO, F.; MENESES, A.B.; JENSEN, T. **Utopia Urgente**: escritos em homenagem a Frei Carlos Josaphat nos seus 80 anos. São Paulo: Educ, 2002.

LEAL, B. Janela. In: KOHAN, W. O.; XAVIER, I. M. (Orgs.). **Abecedário de criação filosófica**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2011.

MATOS, M. C. **Movimentos de (trans)formação na Amazônia legal: a educação em ciências e matemática**. 2015. 168 p. Tese (Tese em Educação em Ciências e Matemáticas)–Universidade Federal do Pará, 2015.

MEIÇON, J. Grão de areia. In: KOHAN, W. O.; XAVIER, I. M. (Orgs.). **Abecedário de criação filosófica**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

MESTERS, C. **A missão do povo que sofre**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981.

MORAES, M. C. **Poéticas de vidas e mortes: metáforas e cartografias bordadas no contorno de um currículo em curso**. 2015. 202 p. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

MOREIRA, G. L. **A luta pela terra em contexto de injustiça agrária: pedagogia de emancipação humana? Experiências de luta da CPT e do MST**. 2017. Tese. (Programa de pós-graduação em Educação)–Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2017.

MOUNIER, E. **O Personalismo**. São Paulo: Centauro, 2004.

NASCIMENTO, A. L. **Ciência do sagrado na Amazônia. Encontros entre a tradição e modernidade nas práticas de pajelanças e religiões afro-brasileiras**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido)–Universidade Federal do Pará, Pará, 2018.

NETO, J. C. **Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando FalsBorda**. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Federal do Pará, Pará, 2015.

NETTO, M. C. Último. In: KOHAN, W. O.; XAVIER, I. M. (Orgs.). **Abecedário de criação filosófica**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

NEVES, J. G. **O sujeito da educação: possibilidades formativas da racionalidade (auto)biográfica**. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

NÓVOA, A. A. **Carta a um jovem investigador em Educação**. Historia y Memoria de la Educación1 Sociedad Española de Historia de la Educación. 2014. p. 113-129. Disponível em: <http://www.revistas.uned.es/index.php/HMe/article/download/14111/12822>. Acesso em: 10 ago. 2016.

PANOSSO, C. E. **Relato etnográfico sobre o BuenVivir do Equador e do Slow Movement na Itália: “Movimentos de Resistência” e “Utopias Concretas” como alternativas ao desenvolvimento**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional)–Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PEREIRA, D. P. **Educação artística como possibilidade de experimentação utópica: o caso da Mindelo Escola Internacional de Arte em Cabo Verde**. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

PREISWERK, M. **Educação popular e Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

QUIJANO, A. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Acesso em 11 ago. 2021. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso em: 10 ago. 2016.

RICOUER, P. **Compreensão de si e história**. In: Colóquio Internacional Paul Ricoeur. Granada. 1987a. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/autocomprehension_et_histoire. Acesso em: 10 ago. 2016.

_____. **O símbolo dá que pensar**. Esprit. [S.l.]. 1987b. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/o_simbolo_da_qu_e_pensar. Acesso em 10 ago. 2021.

_____. **A ideologia e a utopia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

ROMERO, O. **Voz dos sem voz**. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

ROSA, J. G. **A terceira margem do rio**. Ficção completa: volume II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409-413.

ROSA, M. P. **Processos de aprendizagem e auto(trans)formação docente em ambiente digital imersivo (ADI): convergência e novas coreografias no ensino superior**. Tese. (Doutorado em Educação)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

SANTOS, B. S. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. **Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática**. São Paulo: Cortez, v. 1, 2011.

_____. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. **O futuro começa agora: da pandemia à utopia**. São Paulo. Boitempo, 2021.

SEGUNDO, J. L. **Teologia aberta para o leigo adulto**. São Paulo: Loyola, 1976.

SILVA FILHO, C. C. **Educação para paz na formação em saúde: diálogos e utopias em Paulo Freire**. Tese (Doutorado em Enfermagem)–Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2017.

SILVEIRA, M. N. **Diálogos auto(trans)formativos com professores do ensino médio noturno**: uma proposta de uma nova práxis educativa em uma escola estadual de ensino médio. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Gestão Educacional)–Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

SOUZA, H. J. **Estreitos nós**: lembranças de um semeador de utopias. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

VIEIRA, C. M. **A práxis do viver como epistemologia**: o saber sentido da/na escola como forma de emancipação da condição humana no viver na terra. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

XAVIER, I. M. Jardim. In: KOHAN, W. O.; XAVIER, I. M. (Orgs.). **Abecedário de criação filosófica**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2009.

ZITKOSKI, J. J. **Horizontes da refundamentação em educação popular**. Frederico Westphalen, Ed. URI, 2000.

ZITKOSKI, J. J. Ser mais. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZIKOSKI, J. J. (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE/UFSM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE-UFSM
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da tese: **UMA TESE-FORMAÇÃO? MÍSTICA, FRATERNURAS E UTOPIAS DA HUMANA DOCÊNCIA FREIREANA**

Pesquisadora responsável: Melissa Noal da Silveira

Orientador responsável: Celso Ilgo Henz

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/ Programa de Pós-Graduação em Educação

Telefone para contato: (55) 91096860

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Centro de Educação (CE) Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE)

Eu, Melissa Noal da Silveira, Professora, Especialista em Educação Profissional Integrada a Educação de Jovens e Adultos - PROEJA e Mestra em Políticas Públicas e Gestão Educacional, orientada pelo Prof. Dr. Celso Ilgo Henz, dirijo-me por meio deste, para convidá-lo a participar da pesquisa intitulada: **UMA TESE-FORMAÇÃO? MÍSTICA, FRATERNURAS E UTOPIAS DA HUMANA DOCÊNCIA FREIREANA**

A pesquisa insere-se na Linha de Pesquisa Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria/RS. Pretendemos, com esta investigação, compreender e re-significar com os professores de outros professores, co-auto(trans)formação, quais as suas manifestações ao reconhecerem a mística, as utopias e as fraternuras da humana docência freireana com uma tese-formação. Para tanto, buscamos responder ao seguinte problema de pesquisa: **PROBLEMA: quais as manifestações dos professores coauto(trans)formadores ao reconhecerem a mística, as utopias e as fraternuras da humana docência freireana com uma tese-formação?**

Metodologicamente este estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa do tipo pesquisa-auto(trans)formação, em que os coautores serão sujeitos da e na pesquisa, constituindo-se, assim a ruptura da dicotomia sujeito-objeto. A abordagem político-metodológica estará inserida em três dimensões, a primeira a “não coisificação” tanto da pesquisa como das pessoas; segunda dimensão confere a palavra como promotora de possibilidades; e terceira, a interpretação hermenêutica em que o diálogo-problematizador instaura novas perspectivas interpretativas.

O constructo da pesquisa se dará por meio dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos, que serão propostos de forma virtual. Realizaremos, o prof Celso e eu, oito (8) encontros com os coautores; o professor Balduino Antonio Andreola e três (3) de seus ex-orientandos de doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professores que atualmente orientam outros professores nos programas de pós-graduação nas instituições em que atuam, ou que se encontram aposentados. Os encontros se darão a fim de dialogar acerca de suas trajetórias formativas e a possível influência da mística e da utopia como potencializadoras de suas práxis. Os Círculos de Cultura (FREIRE, 2017) e a pesquisa-formação (JOSSO 2004, 2010) são os inspiradores dos Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos, proposta em que o grupo *Dialogus: educação, formação e humanização com Paulo Freire* busca uma reinvenção político-metodológica. As epistemologias desta pesquisa terão como aporte central as reflexões de Paulo Freire em diálogo com outros autores a fim de se aprofundar nas temáticas de educação, docência, práxis, mística e utopia. O resgate conceitual se dará com Freire e outros autores e autoras cujo diálogo se faz não só possível como profícuo; Boal (2014), Gadamer (2000, 2015), Josso (2004, 2010), Henz e Freitas (2015), Santos (2019), Andreola (2005, 2014, 2019), Boff (1999), Jesus (1992), Silveira (2017) e outros. A relevância acadêmica desta pesquisa se insere na perspectiva do diálogo que pode problematizar a práxis, os fenômenos que atuam na formação docente de professores co-auto(trans)formadores e as, possíveis, influências potencializadoras da utopia e da mística nesta construção. Pessoalmente esta investigação suscita um sentir-pensar-agir em que a própria pesquisa instaura rupturas na sua própria feitura. A relevância social se dá na perspectiva de pensar uma nova educação e um novo mundo possíveis em que as pessoas se constituem em permanente processo de humanização.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, com ou sem a identificação dos voluntários a depender de suas expressas manifestações, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação, o que poderá ser acordado entre os sujeitos caso se configure a necessidade em expor suas identidades fato que só poderá ser consolidado na

perspectiva unânime. Os Círculos Dialógicos serão gravados e também poderão ser utilizadas imagens, porém para fins exclusivamente acadêmicos.

Os resultados da pesquisa, que serão observados apenas pelos pesquisadores supramencionados, serão mantidas na UFSM - Avenida Roraima, 1000, 97105-900 - Santa Maria - RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade do Prof. Pesquisador Celso Ilgo Henz (orientador da pesquisa). Após este período, os dados serão destruídos.

Quaisquer dúvidas ou questionamentos que os participantes venham a ter no momento da pesquisa, ou posteriormente, poderão esclarecer junto aos pesquisadores ou através do Comitê de Ética.

Eu, _____, ciente do que foi exposto, acredito ter sido informado de maneira satisfatória a respeito da pesquisa, tendo ficado esclarecido os propósitos do estudo, assim como os procedimentos, seus riscos e benefícios, a garantia de confidencialidade e demais informações.

Concordo em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem acarretar qualquer dano e/ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

() Sim () Não

Em caso positivo: Concordo com a utilização das minhas falas, com ou sem identificação do meu nome a depender das manifestações durante a processualidade dos Círculos Dialógicos, que deverão ser unânimes.

() Sim () Não

Declaro que recebi cópia do termo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .

Santa Maria, RS, _____ de _____ de _____.

Nome do colaborador de pesquisa: _____

Assinatura do colaborador da pesquisa: _____

RG _____

Nós, pesquisadora Melissa Noal da Silveira e pesquisador orientador Celso Ilgo Henz, declaramos que obtivemos de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste colaborador.

Santa Maria / RS _____ / _____ /2021.

Profª Ms. Melissa Noal da Silveira

Pesquisadora

Prof. Dr. Celso IlgoHenz

Orientador